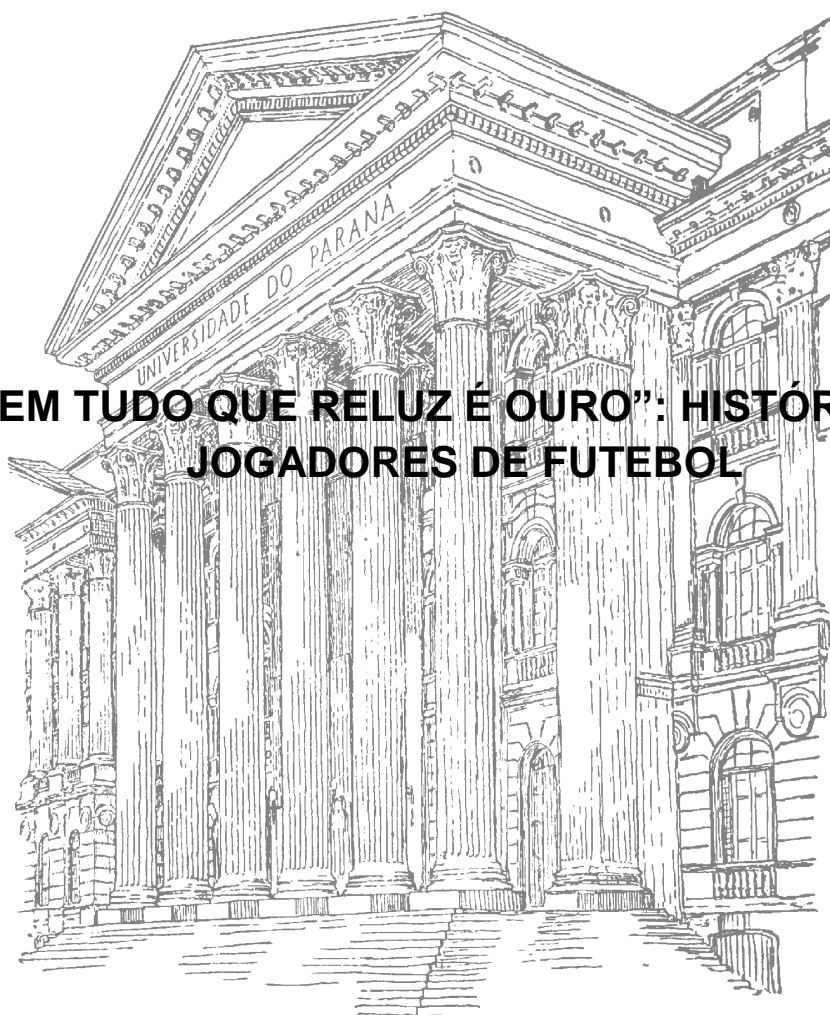


**EVERTON DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI**

**“NEM TUDO QUE RELUZ É OURO”: HISTÓRIAS DE  
JOGADORES DE FUTEBOL**



**EVERTON DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI**

**“NEM TUDO QUE RELUZ É OURO”: HISTÓRIAS DE  
JOGADORES DE FUTEBOL**

**Tese apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do Título de Doutor em  
Educação Física do Programa de Pós-  
Graduação em Educação Física, do Setor  
de Ciências Biológicas da Universidade  
Federal do Paraná.**

**ORIENTADOR: DR. ANDRÉ MENDES CAPRARO**

Universidade Federal do Paraná  
Sistema de Bibliotecas

Cavalcanti, Everton de Albuquerque

“Nem tudo que reluz é ouro”: histórias de jogadores de futebol. / Everton de Albuquerque Cavalcanti. – Curitiba, 2017.

287 f.: il. ; 30cm.

Orientador: André Mendes Capraro

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Futebol. 2. Narrativas pessoais. 3. Memória. I. Título. II. Capraro, André Mendes. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.334



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO FÍSICA

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **EVERTON DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI** intitulada: "**Nem tudo que reluz é ouro**": histórias de jogadores de futebol, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Julho de 2017.

ANDRÉ MENDES CAPRARO

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MIGUEL ARCHANJO DE FREITAS JUNIOR

Avaliador Externo (UEPG)

FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI

Avaliador Interno (UFPR)

JULIANO DE SOUZA

Avaliador Externo (UEM)

FERNANDO MARINHO MEZZADRI

Avaliador Interno (UFPR)

*A minha mãe (Marcia) e a minha filha (Maitê).*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por sua infinita bondade e por me capacitar a chegar até aqui.

Agradeço a minha mãe Marcia e a minha filha Maitê por serem a minha inspiração e por me apoiarem incondicionalmente, cada qual a sua maneira. Eu as amo, sem medidas!

Agradeço ao meu pai Valdir por me fazer corintiano e estar cada dia mais presente, mostrando que é possível melhorar sempre.

Agradeço aos meus irmãos Daniel e Marcos pela amizade e pela parceria de vida.

Agradeço a minha companheira Heloisa pelo carinho e por dividir a vida comigo.

Agradeço as minhas avós Ana Bete e Zélia pelo amor sem tamanho com o qual me abraçam. São exemplos de vida para mim!

Agradeço ao meu avô Rubens, por todo o apoio, interesse e preocupação com as coisas da minha vida.

Agradeço meu avó Jairo (em memória) por suas palavras de fé e encorajamento na minha infância.

Agradeço ao meu primo Guilherme pela amizade verdadeira, que comprova o significado da palavra “família”.

Agradeço a minha prima Larissa pelo carinho e preocupação que sempre teve comigo.

Agradeço ao meu primo Henrique (em memória) pelos bons momentos vividos.

Agradeço aos meus tios Rodrigo e Rogério pela amizade e consideração.

Agradeço a minha madrinha, tia Jaqueline, por todas as palavras de afeto e apoio.

Agradeço a tia Ângela e o tio Pedro pela forma acolhedora que sempre me trataram.

Agradeço a tia Elda pelo apoio e pelas conversas sobre a pós-graduação.

Agradeço ao meu irmão Manoel, pois mesmo distantes, nossa amizade perdura.

Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. André Mendes Capraro pela amizade, pela oportunidade de trabalharmos durante todos esses anos e por ser meu pai acadêmico.

Agradeço ao prof. Dr. Juliano de Souza por sua contribuição na banca, pela parceria nos artigos e pela amizade de anos que inclui boas conversas sobre ciência, futebol, treinamento e dieta.

Agradeço aos professores: Dr. Fernando Renato Cavichioli, Dr. Fernando Marinho Mezzadri e Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior pela participação na banca e pelas diversas conversas nos corredores das universidades.

Agradeço aos professores: Dr. Fernando Starepravo e Dr. Marcelo por colaborarem como suplentes.

Agradeço a minha médica psiquiatra Dra. Ana Carolina Guedes por cuidar da minha saúde e me ajudar a perceber que a vida é boa demais.

Agradeço a minha psicóloga Sonali Lippmann por me mostrar como a terapia é importante para buscarmos uma melhora constante de vida.

Agradeço ao meu amigo e treinador prof. Carlos Henrique Garon por compartilhar seu conhecimento e me ajudar a alcançar um estilo de vida saudável.

Agradeço ao prof. Carlos Augusto Garon pela amizade e por todas as dicas que me fazem gostar cada vez mais desse estilo de vida saudável.

Agradeço a minha amiga Grazi Higino pela amizade duradoura, que supera toda e qualquer distância.

Agradeço ao prof. Ronaldo Castro e ao prof. Sandro Orlandelli, com os quais aprendi muito sobre o futebol.

Agradeço a minha amiga Adriane Stocco pelas incontáveis risadas nessa boa amizade.

Agradeço ao meu amigo da pós-graduação Rafael Orlando de Oliveira pelas conversas sobre ciência e vida.

Agradeço a prof. Dra. Letícia Godoy pela amizade e pelos conselhos ao longo desses anos na UFPR.

Agradeço a minha revisora de texto (e agora amiga) Camila Cavalheiro pela disponibilidade e pela dedicação com que revisou meu trabalho.

Agradeço a todos os colaboradores que dispuseram suas histórias para que pudéssemos compreender o futebol pela ótica de quem atuou profissionalmente.

Agradeço ao secretário da pós-graduação e amigo Rodrigo Waki pela paciência, disponibilidade, atenção e parceria em todos esses anos na UFPR.

Agradeço a CAPES pela bolsa de estudos que permitiu com que eu me dedicasse as atividades do doutorado.

Agradeço a todos que direta e indiretamente participaram desse período de crescimento e amadurecimento.



***“Está tudo na cabeça.  
É a força do pensamento”  
(Jairo Cavalcanti).***

## RESUMO

Partindo das contribuições de trabalhos de referência nas ciências humanas, compreendemos uma tentativa pouco usual de abordagem do futebol e da carreira futebolística através das fontes orais. Pensando que os trabalhos já existentes promovem uma leitura a partir das fontes oficiais<sup>1</sup>, entendemos que a oralidade se constitui em uma nova perspectiva de tentar entender as relações estabelecidas a partir da subjetividade dos atletas profissionais, bem como da influência social que sofrem pela estrutura, promovendo um espaço dinâmico onde se notabilizam uma série de questões que abordamos tanto pela perspectiva micro-histórica – a partir das singularidades de cada narrativa – quanto macro-histórica – na concepção de uma memória compartilhada pela coletividade, enfatizando possíveis reincidências que denotem a relevância de determinados temas para essa comunidade. Dessa forma, nosso objetivo geral é analisar e discutir sobre o futebol e a carreira futebolística a partir das fontes orais. Como objetivos específicos pretendemos: refletir acerca da inserção, dificuldades e perspectivas desses indivíduos na carreira; analisar as relações estabelecidas com empresários, técnicos, dirigentes, colegas de profissão, familiares, amigos e mídias; compreender as questões obscuras, tais como o assédio sexual e o preconceito racial sofrido pelos atletas, os problemas na vida pessoal oriundos de uma carreira representativa, os atrasos de salários e outras questões trabalhistas; pensar as ações dos sujeitos que compõem esse meio, partindo das narrativas de atletas e ex-atletas que viveram essa realidade; analisar os discursos, rupturas e silêncios nas narrativas e; refletir sobre o futebol moderno. Embasamo-nos metodologicamente os preceitos da história oral, obedecendo os princípios para a elaboração de uma pesquisa que prevê o diálogo constante entre entrevistador e entrevistado, bem como a elaboração de um roteiro semiestruturado, em que a transcrição foi feita de forma a eliminar os principais vícios de linguagem, havendo retornado aos colaboradores para sua apreciação e posterior utilização nas análises propostas pela temática. As análises se basearam na compreensão das fontes orais a partir da memória individual e coletiva, reiterando que a reflexão das oralidades compreenderam a subjetividade no âmbito dos conteúdos, do contexto e das condições de produção do discurso, ampliando as discussões para o entendimento da representatividade que cada sujeito atribuiu à própria história, perspectivando sentimentos que denotaram memórias positivas e negativas, compreendidas a partir da reinterpretação do passado no presente. Nossa hipótese se confirmou, evidenciando que a carreira do atleta de futebol se notabiliza pela dupla verdade entre subjetividade e estrutura, em que a primeira denota as particularidades inerentes à compreensão de cada sujeito a respeito de sua história e a estrutura influencia socialmente nas decisões subjetivas do indivíduo, além de propor uma discussão acerca do compartilhamento social das memórias, visto que mesmo acontecendo em tempos e espaços distintos, refletem essencialmente a mesma discussão, através de fatos singulares.

**Palavras-chave:** Memória; Oralidade; Subjetividade; Atleta; Narrativa.

---

<sup>1</sup> São fontes disponibilizadas por órgãos públicos e empresas privadas, com o intuito de disseminar informações referentes a determinados assuntos.

## ABSTRACT

Starting from the contributions of reference works in the human sciences, we understand an unusual attempt to approach football and soccer career through oral sources. Thinking that the existing works promote a reading from the official sources, we understand that orality is a new perspective of trying to understand the relations established from the subjectivity of the professional athletes, as well as from the social influence that they suffer by the structure, promoting A dynamic space in which a series of issues that we approach both the microhistorical perspective - from the singularities of each narrative - and macro-historical - in the conception of a memory shared by the collective, are emphasized, emphasizing possible recurrences that denote the relevance of certain Themes for this community. In this way, our general objective is to analyze and discuss soccer and soccer career from oral sources. As specific objectives we intend to: reflect on the insertion, difficulties and perspectives of these individuals in the career; Analyze the relations established with businessmen, technicians, managers, colleagues in the profession, family, friends and media; Understand the obscure issues such as sexual harassment and racial prejudice suffered by athletes, problems in personal life from a representative career, wage arrears and other labor issues; To think about the actions of the subjects that compose this medium, starting from the narratives of athletes and ex-athletes who lived this reality; Analyze the discourses, ruptures and silences in the narratives and; Reflect on modern football. We are methodologically based on the precepts of oral history, obeying the principles for the elaboration of a research that foresees the constant dialogue between interviewer and interviewee, as well as the elaboration of a semistructured script, in which the transcription was done in order to eliminate the main Vices of language, having returned to the employees for their appreciation and later use in the analyzes proposed by the thematic. The analyzes were based on the understanding of the oral sources from the individual and collective memory, reiterating that the reflection of the orities understood the subjectivity within the scope of the contents, the context and the conditions of the discourse production, broadening the discussions for the understanding of the representativity that Each subject attributed to the history itself, perspectivating feelings that denoted positive and negative memories, understood from the reinterpretation of the past in the present. Our hypothesis was confirmed, evidencing that the soccer athlete's career is notable for the twofold truth between subjectivity and structure, in which the first one denotes the particularities inherent in each subject's understanding of their history and the structure influences socially in the subjective decisions of the As well as to propose a discussion about the social sharing of memories, since even in different times and spaces, they reflect essentially the same discussion, through singular facts.

**Keywords:** Memory; Orality; Subjectivity; Athlete; Narrative.

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO.....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
1. O submundo do futebol: relatos de um contexto desconhecido.....	49
1.1 A vida pessoal e as influências de um sujeito visado.....	49
1.2 A ausência de gestão, organização e planejamento no futebol.....	77
1.3 Experiências indesejáveis: assédio sexual e preconceito racial.....	97
1.4 O que a mídia não conta: histórias polêmicas no futebol.....	107
2. Futebol sem fronteiras: histórias de jogadores brasileiros na Europa.....	121
2.1 O ingresso no futebol europeu.....	121
2.2 Os percalços na Europa.....	127
2.3 Os aspectos positivos de atuar na Europa.....	135
2.4 Futebol brasileiro x futebol europeu.....	139
3. Relações interdependentes no futebol: as influências na carreira atlética.....	148
3.1 A influência familiar na carreira futebolística.....	148
3.2 A relação entre treinador e atleta.....	163
3.3 A relação entre atleta e empresário.....	175
4. Da formação ao profissional: a realidade dos atletas.....	193
4.1 A entrada no contexto de ação futebolístico.....	193
4.2 Os problemas na formação de atletas nas categorias de base.....	203
4.3 Aspectos positivos e negativos da carreira profissional.....	226
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>255</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>264</b>
<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>269</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>270</b>

## PRÓLOGO

Acerca do meu amor pelo Corinthians, seria redundante falar, já que fiz isso enfaticamente nos agradecimentos de minha dissertação de mestrado. Gostaria apenas de ressaltar que, o tempo passa e o amor só aumenta, mesmo agora com novas responsabilidades – como a grata missão de ser pai e descobrir um amor que me renova a cada dia – continuo acompanhando o Coringão diariamente e ele continua sim, mexendo comigo! Dito isso, podemos começar essa história pela relação que estabeleço com o futebol. Não é só o Corinthians que me move nesse sentido, visto que o futebol tem um significado que transcende a sua simples prática em minha vida.

O futebol tem me acompanhado ao longo da vida e em cada fase eu atribuo um novo significado a essa prática, que para mim não é apenas um esporte. Quando criança, eu gostava de jogar bola até sozinho. Meu irmão mais novo Daniel se arriscava nas brincadeiras com bola que fazíamos em casa. Quando crianças, saíamos muito pouco para jogar na rua, já que Santo André, sendo parte da região metropolitana de São Paulo, não era uma cidade tão calma. Então em casa nós elaborávamos os jogos mais “mirabolantes”. Lembro-me que uma vez nossos pais compraram um par de “mini-traves” com rede e nós nos divertimos muito fazendo um gol a gol com bola de meia ou aquelas pequenas bolas de plástico, no estacionamento de casa. Era só tentativa de golaço, enquanto aguardávamos pelos jogos da Champions League, em que tínhamos o prazer de ver o Zidane pelo Real Madrid e o Rivaldo pelo Barcelona.

Com certa idade, eu e meu irmão Daniel iniciamos nossa trajetória em escolinhas e, da mesma forma, nos divertíamos muito, porque realmente gostávamos de jogar, nos sentíamos bem quando íamos para o campo fazer gols e sonhar com uma carreira profissional promissora. Iniciamos nossa trajetória no Pégasus com o professor Kuika e como eu era mais velho, as oportunidades começaram a surgir para mim. O professor Kuika conhecia os avaliadores do São Paulo, que foram fazer um teste lá em Santo André. Os primeiros dias de teste eram com o professor Kuika mesmo e eu fui sendo promovido, até chegar ao último e derradeiro dia, no qual os avaliadores do São Paulo estariam presentes. O campo era pura lama – havia chovido no dia anterior – e eu não parava em pé, acabei não passando. O tempo passou e eu

fui treinar na escolinha do Corinthians lá em Santo André, com os professores Ronaldo Castro e Valmir, duas pessoas pelas quais tenho um grande apreço, já que influenciaram na minha formação humana. Lá aprendi o que era o futebol de verdade, os conceitos necessários para ser um bom meia-armador, me inspirando no “cérebro” corintiano da época, que era o Ricardinho. Tive então a oportunidade de fazer um teste para ingressar na equipe B do Sport Club Corinthians Paulista, passei e lá fiquei pouco mais de um ano, sendo minha experiência mais significativa e próxima de realizar meu sonho. Treinei no tão conhecido e extinto “terrão do Parque São Jorge”, tendo acesso à parte das dependências do clube e às vezes acompanhando o treinamento dos profissionais.

No Corinthians tive a experiência de viajar para Vinhedo para a disputa de um campeonato internacional. Era reserva, mas não me importava, pois era o mais novo do time e como bem disse meu técnico, o professor Sandro Orlandeli Macedo, eu estava lá para ganhar experiência. Por sinal, o professor Sandro foi outra inspiração para que eu desse continuidade no futebol em outras áreas. Uma pessoa humilde, de caráter e que me ensinou muito sobre futebol, não é à toa que foi observador técnico do Arsenal no Brasil e passou a figurar em grandes clubes como o Santos e o Atlético-PR, além da seleção brasileira de base.

Quando vim para Curitiba, havia deixado para trás uma grande oportunidade de continuar no Corinthians, mas também estava exausto pela quantidade de treinamentos no clube e na escolinha e resolvi largar o futebol. Após um determinado tempo, recuperado, fiz um teste no infantil do Coritiba, na época treinado pelo professor Pachequinho. Joguei de primeiro volante, que não era a minha posição mas, graças aos insistentes ensinamentos do professor Ronaldo, me adaptei e fiz um primeiro treinamento quase irretocável no meio de campo. Enquanto alguns colegas “pipocavam” por vestir a camisa do coxa (ou se quiser deixar em maiúsculo, Coritiba), eu sabia que já tinha vestido a camisa do Corinthians, mesmo que na equipe B, tendo condições de jogar em qualquer outro clube. “Arrebentei” no coletivo e o professor Pachequinho perguntou meu nome três vezes na atividade, estava com moral. No outro dia, na escola, um colega que também estava em testes e, em um determinado momento estava fora do coletivo, chegou empolgado dizendo: “o Pachequinho falou que se você for 88 você fica”. Eu respondi: “sou 87 por três dias”. Ele ainda respondeu: “mesmo assim eu acho que você fica”! Após uma semana de testes fui mandado

embora, e a explicação que encontrei foi a de que o professor Pachequinho queria garotos nascidos em 88 e 89 para formar o infantil do ano seguinte (2002), já que o teste havia sido realizado em outubro. Porém, como eu sou 87, em 2002 eu já mudaria de categoria, passando a ser juvenil. Essa foi minha segunda chance significativa de conseguir alcançar meu maior sonho, mas não deu.

Após mais uma tentativa frustrada no Rio Branco de Americana, vi que não tinha jeito, precisava estudar para ter uma profissão, foi o que fiz! Mas na minha cabeça surgia um novo objetivo, ser técnico de futebol. Foi então que ingressei no curso de Educação Física da Universidade Positivo. Lá ainda tive uns lapsos de jogador, quando um pessoal da Universidade estava tentando montar um time de campo, mandei muito bem no teste, mas a tentativa de montarem o time não vingou. Conforme o tempo foi passando, conheci pessoas que me mostraram como o futebol era um esporte permeado por relações que extrapolavam o campo de jogo. Dentre essas pessoas, destaco o meu amigo Clóvis, que foi me incentivando a pensar o futebol por um viés que eu não conhecia. Ainda assim eu dava meus passos tentando assumir uma nova função nesse esporte. Fui preparador físico e técnico do projeto Futebol Total Unicenp, que depois se chamaria Futebol Total Universidade Positivo, no qual aprendi muito com os meus amigos Rafael e Sandro. Estivemos à frente de outro projeto que não vingou, mas no qual vivemos boas experiências ao disputar um torneio em Saudades-SC. Ainda tive a oportunidade de trabalhar em uma escola oficial do Coritiba, em que achei que minha carreira poderia decolar, o que não aconteceu.

Conforme o tempo foi passando, percebi que o futebol era um meio político de difícil acesso. Eu precisaria mais do que competência para adentrar nesse espaço. Era necessário paciência e contato, além de trabalho voluntário para mostrar minha capacidade, o que eu não podia fazer, já que eu precisava dar um jeito de começar a me virar financeiramente, pois a graduação já estava chegando ao fim! Nesse meio tempo, depois de muitas conversas com o meu amigo Clóvis, me interessei por iniciar pesquisas acadêmicas que versassem sobre o futebol e comecei a me deparar com várias possibilidades de me inserir dentro desse espaço. Nunca mais parei!

Minha primeira inserção efetiva foi no artigo da disciplina do professor André Capraro. Eu e uns colegas estávamos com o trabalho da disciplina atrasado e ele sugeriu que fizéssemos um estudo de caso, já que o recorte específico nos ajudaria

em uma análise pontual com o pouco tempo disponível para realizar o trabalho. Eu tomei a frente do artigo na divisão das tarefas e como sugeriu o professor André, escrevi sobre o caso de racismo envolvendo Grafite em um jogo da Taça Libertadores pelo São Paulo. Com uma boa complementada do professor e mesmo eu ainda estando na graduação, esse foi nosso primeiro trabalho publicado em conjunto, na Revista Motriz da Unesp de Rio Claro<sup>2</sup>. E era sobre futebol! Me encontrei profissionalmente na ciência, já que podia falar do que mais gosto de forma a tentar contribuir academicamente para as questões histórico-sociais inerentes a essa prática tão representativa em nossa sociedade. A partir daí me interessei por pesquisar a teoria filosófica do mito do herói em Campbell, discutindo acerca da carreira de Ronaldo, que culminou na minha dissertação de mestrado. Após isso, passei a debater com o professor André o que caberia em uma discussão relevante do futebol e identifiquei na carreira atlética e na história oral a combinação para lhes trazer uma perspectiva diferente do que geralmente observamos através das fontes oficiais. Assim, o termo “nem tudo que reluz é ouro” enfatiza que através da oralidade podemos identificar os problemas e dificuldades que o público desconhece e que a mídia não expõe, visto que o futebol se trata de um espaço de relações amplas no qual ficam em evidência apenas os clubes de destaque nacional e internacional.

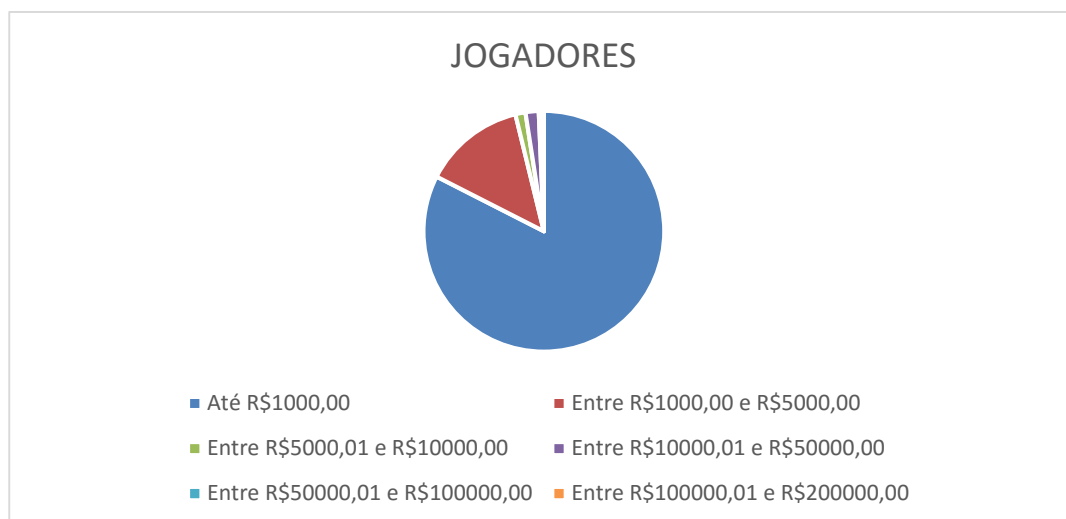
Dessa forma, alguns dados referentes a essa inserção inicial que fizemos no tema nos proporcionam uma ideia da perspectiva que temos da condição em que o futebol se encontra atualmente. O relatório apresentado pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) em 2016 aponta que 82,40% dos jogadores de futebol profissional recebem salários de até R\$1.000,00, enquanto 13,68% recebem entre R\$1.000,00 e R\$5.000,00, 1,35% ficam entre R\$5.000,01 e R\$10.000,00, 1,77% tem remuneração entre R\$10.000,01 e R\$50.000,00, 0,40% ganham entre R\$50.000,01 e R\$100.000,00, 0,28% tem remuneração entre R\$100.000,01 e R\$200.000,00, 0,12% ganham entre R\$200.000,01 e R\$500.000,00 e apenas um atleta tem remuneração superior a R\$500.000,01<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Referência do artigo: CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no Futebol Sul-Americano: o caso Grafite versus Desábato. Motriz: Revista de Educação Física (Online), v. 15, p. 741-748, 2009.

<sup>3</sup> Em relatório CBF aponta que 96% dos atletas ganham menos de R\$5 mil. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/02/em-relatorio-cbf-aponta-que-96-dos-atletas-ganham-menos-de-r-5-mil.html>. Acesso em: 20/04/2016.





**Gráfico acerca da distribuição salários dos jogadores de futebol profissionais.**

Esses números mostram uma contradição exposta no cenário de um dos esportes mais populares no Brasil. Entre o desejo de se tornar um jogador de futebol profissional, mudar de vida, *status* social, ajudar a família e viver uma carreira glamurosa, está a constante dificuldade de grande parcela desse segmento que vive à margem dos holofotes. Esses sujeitos que tentam ganhar a vida diariamente no futebol e convivem com o sonho de um dia tornar-se um dentre poucos a se destacar, começam a vida de responsabilidades cedo e são submetidos a treinamentos e à pressão da seletividade nas categorias de base.

Para alguns desses indivíduos, em princípio, jogar futebol seria a junção do fazer profissional, com a ideia de uma carreira bem sucedida, somada à alegria por realizar algo eminentemente prazeroso do ponto de vista humano, e da perspectiva cultural brasileira. No entanto, para conquistarem esse objetivo, se dedicam e abrem mão de estar com a família, já que as dificuldades pautadas pela distância e pela saudade são enumeradas como parte da carreira de quem quer chegar ao topo. É o idealismo de que todos devem passar por esses ritos, a fim de alcançar a vitória e se vangloriar das marcas de dor que caracterizam a chegada vencedora.

A distância dos amigos, a perda de fases importantes da infância e da adolescência, como as viagens em grupo, os passeios de escola, tudo revertido em prol do sonho de jogar futebol profissionalmente. Viajar para longe em busca de uma oportunidade, morar em alojamentos com pessoas desconhecidas, por vezes tentam aliar a rotina de treinos com os estudos, quando não desistem do segundo em

detrimento do primeiro. Enfim, abrir mão de aspectos importantes da vida, esperando por uma compensação que pode não acontecer.

Ao passar por uma longa jornada até a categoria profissional de um grande clube, percebem que as dificuldades para se manter no meio estão apenas começando. A grande maioria dos atletas das categorias de base não tem uma oportunidade no time principal, e outros, quando têm, por vezes não conseguem aproveitar a chance. De um elenco com 30 atletas na categoria sub-20, um ou dois são realmente aproveitados e ganham projeção profissional. Mas e os outros? Grande parte é absorvida pelos times de menor expressão e continuam tentando alavancar uma carreira de sucesso. Para muitos, a chegada ao futebol profissional, seja por qual time for, já se concretiza em uma vitória, à qual se apegam para seguir no meio esportivo. Outros tentam a sorte no exterior, jogam em equipes semiprofissionais, trabalham em outro segmento em paralelo, tudo pela perspectiva de que a história pode ter uma reviravolta a qualquer momento.

Mas seria então o futebol uma ilusão? Uma escolha de muitos, mas um espaço para poucos? De fato, como os dados apresentados pela CBF (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL), não há grandes ganhos financeiros para todos que adentram na profissão. Mesmo assim, muitos justificam que jogar futebol é a única coisa que sabem fazer e continuam a bater na porta dos clubes em busca de uma oportunidade. Até por isso, na maioria das vezes, aceitam remunerações inferiores às que esperavam quando idealizaram o sonho de se tornarem atletas profissionais.

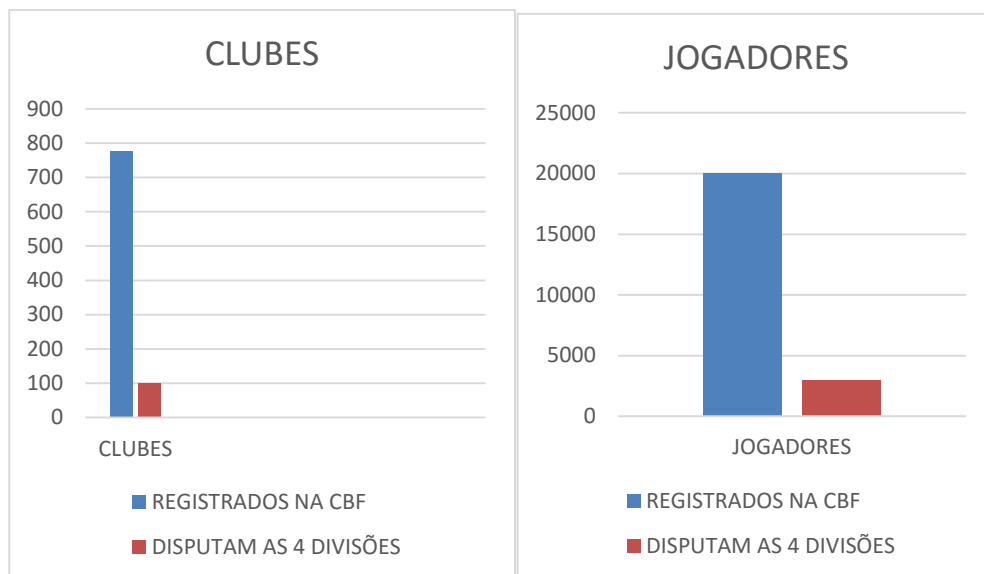
Mas quais seriam os requisitos para vir a ser um jogador de futebol profissional? Como o funil é estreito, pois a demanda é pequena e a concorrência é grande, o futebol não se trata apenas de competência (habilidade técnica, inteligência tática ou preparo físico), nele estão inseridos outros aspectos tão relevantes quanto, como a sorte, o poder da representação do empresário e a influência política. Por isso, nem sempre os melhores chegam, afinal, de quantas histórias ouvimos falar de jogadores talentosos que não alcançaram o profissionalismo? Nas categorias de base dos grandes clubes brasileiros temos alguns exemplos, como o caso emblemático de Kaká, que mesmo mais novo, era considerado reserva do meia Harison, então promessa das categorias de base do São Paulo. Se fosse para apostar em um dos dois, possivelmente Harison seria o escolhido e, nesse sentido, fica exposto como o

futebol não é um esporte permeado pela lógica. Outro exemplo lembrado é do meia Lulinha, revelação corintiana, camisa 10 das categorias de base da seleção brasileira, teve oportunidades e tinha uma atenção por parte de todos no clube para que não se perdesse no meio do caminho, porém, não correspondeu às expectativas ao chegar no profissional.

Mas mesmo esses atletas, sobre os quais existia uma expectativa grande, não desistem no primeiro fracasso. Buscam novas oportunidades de mudar sua trajetória, esperando que as circunstâncias virem a seu favor e que consigam mostrar seu potencial aparentemente perdido. Suas perspectivas apenas mudam de patamar, mas a vontade de se manter no meio e de voltar a idealizar sonhos maiores não se perdem. Então circulam por vários clubes, nos quais os ganhos não são fora da realidade, pelo contrário, como mostra a pesquisa que retratamos no início. Porém, não apresentam outras soluções profissionais para suas vidas, já que as mesmas estão reduzidas ao futebol, por não haver incentivo ao estudo em paralelo à prática esportiva de alto rendimento, por vezes impedindo que esses sujeitos busquem novos rumos profissionais, ou quando o façam, já estejam com a idade avançada.

Como nos mostra o documentário “Mata mata”, a carreira futebolística é imprevisível, justamente pela influência do social no processo de desenvolvimento do atleta. Logo, para ser um jogador de futebol profissional, não basta ser competente em campo, tem que aprender a lidar com as circunstâncias que o futebol propicia. Nessa perspectiva, um de nossos colaboradores define a profissão como “desgastante”, por toda essa concorrência e atenção que a modalidade causa e atrai.

Para termos uma ideia dessa concorrência, são 776 clubes registrados na CBF, dos quais apenas 100 disputam as quatro divisões do Campeonato Brasileiro. Durante os campeonatos estaduais, há empregos para a demanda dos mais de 20 mil jogadores registrados no BID (Boletim Informativo Diário), porém, quando os regionais terminam, muitos atletas ficam desempregados. Não há estabilidade para se trabalhar no futebol, seja por sua organização, ou pelo aspecto cultural de reconhecer apenas os vencedores. Além do que, essa discrepância entre as oportunidades oferecidas e a demanda de atletas causa uma série de articulações entre os agentes que compõe o meio futebolístico.



A fim de atender à necessidade dos atletas de continuarem trabalhando no futebol, empresários, treinadores e dirigentes se utilizam de seu capital simbólico para ultrapassar os limites éticos e articular acordos que sujeitam os jogadores a dispor em favor destes, parte dos seus vencimentos. Nesse contexto, o jogador de futebol é um objeto extremamente valioso e a organização do meio esportivo uma circunstância para que práticas abusivas aconteçam. Sabemos que o atleta não é inocente no estabelecimento desses vínculos morais, até porque age conscientemente, porém, por vezes não encontra saída fora do meio em que esse tipo de prática se estabelece. Lembrando também que o empresário é um agente regulamentado no futebol e tem direito por lei a 10% do salário de seus atletas agenciados, o que questionamos é o limite ético que ultrapassa a lei e que muitas vezes leva empresários a agir de forma incorreta com seus clientes.

No futebol, todas essas questões colaboram para a identificação da realidade estrutural do futebol moderno, definindo como o atleta se relaciona com os diversos agentes que compõem esse meio. Do esportista emerge uma série de questões paralelas, as quais são relevantes para compreendermos sua disposição na realidade em que vivemos. Já que, por vezes, acreditamos que a profissão de jogador de futebol apresenta mais prós do que contras, quando na verdade, percebemos sua intensidade enquanto um espaço social capaz de estimular a competição e a articulação para se chegar no objetivo. E é por isso que se torna um espaço instável e eminentemente político, uma vez que não podemos prever quem fica e quem sai, mesmo qualificando quem é melhor ou pior tecnicamente.

## INTRODUÇÃO<sup>4</sup>

Nesse momento trataremos de algumas questões estruturais a fim de permear a base de construção desse estudo. Com referência à utilização da história oral, buscamos analisar a carreira do esportista a partir de uma fonte pouco usual nos estudos sobre futebol, que nos permitiu uma visão acerca das especificidades que cada atleta entrevistado propõe em sua subjetividade, bem como alguns *insights* acerca de possíveis relações que suas histórias podem estabelecer como forma de pensarmos a estrutura futebolística.

Como meio de construção de uma referência inicial para pensarmos a ressignificação da análise futebolística pelo viés da história oral e para a consequente definição do problema desta pesquisa, trataremos inicialmente de apresentar alguns trabalhos que tomam o futebol como objeto de análise para pensarmos a modalidade através das ciências humanas que, de alguma forma se relacionem com nossa proposta de análise das oralidades. Tal inserção se faz necessária no sentido de entendermos como a história e a memória se inserem nesse universo, retratando o futebol por uma perspectiva pouco usual.

Negreiros (1998) em sua tese de cunho historiográfico, visou aprofundar o futebol nas décadas de 30 e 40 – período que coincide com o estado novo e que segundo o autor merecia ser melhor abordado. Tal pesquisa é pioneira no campo da história e para justificar isso, o autor aborda inicialmente algumas obras de caráter sociológico e antropológico – entre os autores citados se encontram Mário Filho e Roberto da Matta. Além do que, afirma que independentemente da abordagem, todos os trabalhos publicados que tiveram alcance em sua tese conseguiram retratar a representação social do futebol para a cultura brasileira.

O autor afirmou que se utilizou de alguns depoimentos orais, mas percebemos que com a diversidade de fontes trabalhadas, tal utilização se diferencia da proposta que temos para essa tese, sendo utilizados como uma fonte dentre outras, na tentativa de tratar uma análise globalizada acerca da temática no período em questão. Porém, ao retratar alguns princípios da história oral, o autor mostra que seu uso acompanhou cuidados em sua concepção como método e que o retrato que buscou não trata da verdade objetiva, mas da exposição das experiências contadas.

---

<sup>4</sup> Número do Parecer do Comitê de Ética: 1.469.110

Há ainda menção à utilização dos poucos trabalhos acadêmicos disponíveis na época, como forma de dialogar acerca do futebol em sua perspectiva histórico-social. De certa forma, o autor reforça a ideia de que o futebol nos ajuda a compreender a sociedade brasileira, demonstrando através de transformações estruturais, culturais, políticas e sociais essa representação que o esporte construiu no período de que a pesquisa trata.

O estudo de Proni (1998) trata da espetacularização esportiva e do futebol gerenciado como empresa. A pesquisa apresenta o esporte de forma geral e mais especificamente o futebol no que se refere a sua evolução e modernização a partir das modificações estruturais que pudessem promover um gerenciamento profissionalizado, potencializando o futebol em sua ótica econômica e publicitária.

Nossa pesquisa apresenta justamente o contraponto das ideias de Proni (1998), já que este retrata a totalidade do futebol como pertencente a esse processo de espetacularização, quando na verdade, compreendemos que isso é apenas um segmento que engloba os principais clubes do país. Nesse sentido, o retrato que analisamos mostra um viés sem essa inserção midiática e econômica, na qual a prática futebolística permanece desconhecida por parte do público que acompanha esse esporte.

Na tese de Toledo (2000) notamos um esforço intelectual para a compreensão do futebol pela concepção antropológica, na qual organizou seu modelo de análise em três grupos, a saber: profissionais, especialistas e torcedores. Em todos os níveis estudados pelo autor, identificamos sua imersão etnográfica a fim de compreender as especificidades de alguns agentes inseridos nos três contextos da pesquisa.

A busca por outros tipos de fontes permeiam a tentativa de contemplar uma análise totalizadora, mesmo sem pretender esgotar tais possibilidades analíticas. Mas a imersão ativa em universos multifacetados compreende esse esforço em conceber uma nova forma de percepção da prática futebolística por esses diferentes agentes observados e como a constituição dessa ampla estrutura colabora para o desenvolvimento e manutenção da organização desse esporte no Brasil.

O futebol vivenciado nos três níveis discutidos no estudo, apresentam o simbolismo de uma integralidade dinâmica, o que pode ser notado nas representações estabelecidas pelos integrantes de cada grupo. Além de determinar comportamentos distintos de acordo com a posição adotada na organização esportiva, seja no campo

dos profissionais (jogadores, comissão técnica e dirigentes), dos especialistas (cronistas) ou dos torcedores.

Nesse sentido, a tese de Toledo (2000) se aproxima de nossa proposta ao analisar a estrutura a partir das conjunturas sociais que se desenvolvem entre os diversos agentes desse meio. No entanto, apesar de permitir uma reflexão inicial de como a dinâmica do futebol se desenvolve em vários setores, compreende um modelo de análise da prática futebolística de forma a priorizar os aspectos estruturais, que se difere em partes da nossa ideia, que contempla uma análise mais voltada para as subjetividades das histórias que permeiam nossa pesquisa.

Em sua tese sobre o futebol, a partir da formação de atletas numa lógica espetacularizada, Damo (2005) faz um trabalho etnográfico singular na identificação dos sentidos e significados que atravessam a prática futebolística. A análise parte da trajetória de meninos que sonham com a carreira profissional e que se submetem precocemente a intensas rotinas de treinamento, tentando potencializar suas qualidades, a fim de não se perderem na margem do esporte, mas alcançar o profissionalismo.

O autor vai a fundo nas lacunas dessa formação atlética, buscando compreender as renúncias feitas em prol desse objetivo. Retrata o simbolismo subjacente à representação causada pela profissão de jogador de futebol, bem como de que modo os agentes paralelos aos jogadores aproveitam para inserir-se no campo, livres de uma fiscalização efetiva por parte da legislação, por vezes, explorando a força de trabalho de alguns atletas desprovidos de informação.

Identificados como “pés-de-obra”, esses atletas que sonham com a fama e o dinheiro, não encontram espaço no Brasil, já que dos 500 clubes brasileiros credenciados na FIFA, menos de 5% detém 90% da preferência torcedora, fenômeno denominado como clubismo, que estabilizado, não proporciona um crescimento de outras agremiações constituintes desse futebol espetacularizado. Por não haver oportunidades atrativas para a conquista da independência financeira, muitos jogadores acabam indo atuar no exterior, porém, a maioria não está nas primeiras divisões dos principais mercados estrangeiros, mostrando que os pés-de-obra se constituem como mercadorias de um mercado globalizado.

Nesse sentido, o autor realizou uma inserção etnográfica participante, em que acompanhou a rotina da categoria sub-17 do Sport Clube Internacional de Porto

Alegre e do sub-18 do Olympique de Marselha, além de fazer observações pontuais em outras agremiações brasileiras e europeias, retratando um perfil diferente dos atletas apresentados em nosso trabalho, já que como ainda estão nas categorias de base, aspiram chegar à equipe profissional de clubes renomados. Mesmo assim, a ideia se aproxima de nossa tese, no sentido de buscar analisar o futebol a partir da carreira atlética, bem como, nem todos os atletas conseguem espaço no futebol espetacularizado, permanecendo em condições diferentes daquelas expostas pela mídia.

Nos interessa expor que, algumas das preocupações dessas investigações, também são de nosso interesse, ao pensarmos em uma análise da carreira futebolística do atleta pouco midiática a partir da oralidade. Nessa premissa de que o futebol é um meio propício para pensarmos e discutirmos a sociedade de uma maneira ampla, compreendemos que as histórias contadas por vivências *in loco* podem contribuir para o entendimento de uma estrutura complexa, da qual emana novas perspectivas de análises para refletirmos a função e o funcionamento do futebol como um meio de disputas de poder.

Para além disso, nesse contexto, poderemos repensar as ocultações que somente a oralidade pode dar conta de mostrar, reiterando uma possibilidade crítica, de pensarmos o que está por detrás da modernização do futebol. Mais do que isso, a compreensão dos discursos nos traz uma versão que os documentos não podem oferecer, algo subjetivamente valoroso para entender como são estabelecidas a inserção e a manutenção dos sujeitos nesse espaço.

Compreendemos que as oralidades se apresentam como uma possibilidade de análise do objeto e é pelas subjetividades que refletimos sobre uma ideia coletiva da atual estrutura do futebol. É então, através da aproximação com um dos agentes instituídos no esporte – o atleta – que poderemos encontrar valiosas contribuições para repensarmos o futebol enquanto prática esportiva instituída em nosso meio.

Nesse sentido, nossa opção epistemológica parte da tentativa de observar o futebol por um viés interno, de certo modo, sem adentrar o meio, mas buscando na oralidade de quem viveu esse contexto, retratar uma perspectiva que pode ressignificar algumas questões, principalmente aquelas que expõem demasiadamente a carreira do atleta profissional como sendo desprovida de dificuldades.



Se outrora buscávamos periféricamente identificar tais dificuldades através de fontes como jornais e documentos, já é possível ampliarmos nossa perspectiva de reconhecimento do meio futebolístico pelas histórias de quem viveu e pode nos levar a fundo na centralidade dos problemas oriundos de uma prática representativa financeiramente e socialmente.

Essa concepção dialógica de que o futebol é um espaço de busca de ascensão social, contrapõe aos próprios dados que apresentamos no prólogo deste trabalho. Enquanto muitos aspiram se tornarem atletas reconhecidos, poucos conseguem se estabelecer nesse espaço e uma parcela insignificante consegue se manter e construir uma carreira profissional de destaque, evidenciando que a espetacularização é parcial e que existe um futebol periférico, no qual se insere a maior parte dos esportistas, como observamos no prólogo.

Nessa contradição, a oralidade pode retratar o espaço de forma singular, trazendo à tona algumas questões periféricas que o futebol “visto de cima” não contempla. Se a busca pela carreira profissional é permeada pelo exemplo de atletas bem sucedidos financeiramente e socialmente, as experiências aprofundadas acerca dessa carreira podem nos mostrar um viés diferente, como os próprios dados de referência salarial demonstraram no prólogo.

Nessa perspectiva, são inúmeros obstáculos a serem superados e esses aspectos se tornam relevantes para a compreensão da localização do atleta no espaço amplo de constantes disputas, sejam de caráter esportivo, ou simbólico, já que o meio é ocupado por sujeitos dotados de poder e que determinam as ações e os movimentos da estrutura.

Compreendemos que ao buscar nesses sujeitos histórias que nos permitam analisar o futebol, trataremos apenas de analisar um dos lados da estrutura. Porém, acreditamos que esse agente é o ponto de referência do qual emanam outras figuras, que ao nosso entender se caracterizam como secundárias no meio futebolístico, mesmo que por vezes, se estabeleçam dotados de maior poder que os próprios atletas.

Logo, buscamos analisar a carreira do atleta: como se deu sua inserção no futebol, desde as categorias de base até a chegada aos profissionais; como se estabeleceu na categoria profissional; suas dificuldades e perspectivas dentro da carreira futebolística; sua busca por oportunidades de crescimento profissional; as

relações que estabeleceu com outros agentes instituídos e que compõem o meio futebolístico; o crescimento social, cultural e político proporcionado pelas experiências vividas nesse esporte.

A singularidade dessa tese na análise das questões colocadas acima, diz respeito à utilização da oralidade na busca da compreensão de tais dilemas. E mais, refere-se ao entendimento de como as proposições são abordadas por nossos interlocutores. Como os esses atletas que abordam suas histórias as enxergam, como compreendem suas experiências e as ressignificam diante do pesquisador. O que lhes interessa mencionar e porque ocultam propositalmente determinados temas, quais os esquecimentos voluntários e propositais.

Todas essas questões demandam um esforço analítico que prepondere entender o discurso em suas mais diferentes perspectivas, seja no âmbito do conteúdo da história e da relevância da mesma para pensarmos o futebol de forma ampla, seja pelo contexto e pelas reações que o sujeito traz ao rememorar suas experiências positivas ou negativas. Além do que, é relevante ressaltar que nossa perspectiva acadêmica busca dar espaço para atletas pouco conhecidos no cenário midiático, haja vista se tratarem da maior parte dos sujeitos que compõem essa categoria profissional, como retratamos no prólogo anteriormente.

Nesse caminho, o objeto se torna tanto mais específico, quanto reduzido, já que trata de analisar um agente – o atleta – em condições específicas – fora do círculo midiático – o que ao nosso ver não se trata de um problema, mas de uma visão diferenciada na forma de pensar o futebol, tão pesquisado através de fontes convencionais e que como já dissemos, trata de possibilitar a compreensão do mundo social em que vivemos, haja vista sua magnitude enquanto prática esportiva.

A partir de uma perspectiva ampliada das diversas relações possíveis que o futebol propicia em nossa sociedade moderna, tomamos como ponto problemático a construção da carreira futebolística a partir do atleta pouco midiático, estabelecendo contato direto com os diversos agentes que participam do universo do futebol.

Dentre a heterogeneidade das propostas analíticas a que se preza o futebol, analisar a história de atletas e ex-atletas futebolísticos já se compreenderia pelo fato de que esses agentes influem diretamente em como o esporte é consumido pelos torcedores, gerido pelos dirigentes, conduzido pelas comissões técnicas, exposto pela mídia e atrelado à marca de produtos pelos publicitários.

Para além disso, refletir a história de futebolistas que viveram diversas experiências propiciadas a partir da singularidade de cada carreira, contemplada pela coletividade na convergência de possíveis problemas oriundos do submundo do futebol. Entender como se concretiza em um objeto de análise micro importante na condução de uma história diferente da apresentada pelos documentos ou pesquisas convencionais que buscam retratar o esporte a partir de um prisma objetivo. Assim, a contribuição dessa tese diz respeito a abordagem do tema pela perspectiva da história oral, visto que a memória desses atletas carrega experiências que agregam nas discussões referentes ao futebol, algo que ainda precisa ser melhor abordado.

E desde sua chegada ao Brasil o futebol contempla histórias que não são contadas, pois estão à margem do interesse da mídia especializada. Com as transformações históricas apresentadas inicialmente, nas quais o futebol se tornou profissionalizado, a carreira futebolística se tornou um meio de ascensão social e econômica, mas que ao contrário do que se pensa, não condiz com o que se apresenta midiaticamente. Nossa intenção é justamente expor a carreira do atleta de futebol que não se divulga publicamente, mas que pode tornar-se analiticamente um ponto de partida para repensarmos a estrutura do futebol de uma maneira geral. A partir disso, questionamos: como se constrói a percepção da carreira futebolística pelo atleta pouco midiático? Como hipótese, acreditamos que tal percepção se construa a partir de uma dupla verdade. De um lado está posta a subjetividade do atleta, no qual denota o ressentimento acerca das experiências vividas com os diversos agentes presentes no campo futebolístico, a frustração pelas oportunidades perdidas devido aos próprios erros durante sua trajetória no futebol e a culpabilidade, sentimento de que seus desvios de conduta os retiraram do rumo correto e que se tivessem uma nova oportunidade, tomariam decisões diferentes. No viés da estrutura, entendemos que todos esses sentimentos referentes a subjetividade não agem sozinhos na condução dos acontecimentos, pelo contrário, o contexto ao qual o atleta está exposto, influencia na construção do seu percurso e nas experiências vivenciadas ao longo de sua carreira.

O objetivo geral é analisar a carreira de futebolista a partir das memórias de jogadores e ex-jogadores profissionais pouco conhecidos. Como objetivos específicos, elencamos: a) refletir acerca da inserção, dificuldades e perspectivas dos atletas no futebol; b) analisar o estabelecimento de relações interdependentes com

empresários, técnicos, dirigentes, colegas de profissão, familiares, amigos e mídias, ao longo da carreira; c) compreender, através de tais relações, as obscuridades presentes no meio futebolístico; d) pensar as ações de diversos agentes do futebol a partir das narrativas de atletas e ex-atletas; e) analisar os discursos, rupturas e silêncios presentes nas narrativas de nossos colaboradores; f) refletir acerca do futebol moderno pela ótica de quem atuou ou atua profissionalmente.

Nos pautamos metodologicamente pela realização de cinco entrevistas variando de uma a três horas de duração cada, com atletas e ex-atletas de futebol, preservando o anonimato dos participantes, devido à abordagem de algumas temáticas polêmicas. A escolha do número de participantes se deu pelo esgotamento do tema, já que alguns assuntos se repetiam, além do que, a circularidade dos atletas impediram que realizássemos algumas entrevistas que estavam programadas. Já a escolha pelos atletas se deu de acordo com uma análise inicial de sua inserção no futebol, bem como de acordo com a indicação subsequente dos próprios entrevistados. Na passagem do oral para o escrito, optamos por trabalhar com a transcrição, eliminando vícios de linguagem, porém, preservando a originalidade da produção inicial (ALBERTI, 2003). Após realizar as entrevistas, retornamos a transcrição aos colaboradores para que fizessem uma conferência e assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido, nos comprometendo a uma nova devolutiva com o trabalho finalizado.

Segundo Portelli (2010a) os pesquisadores em história oral sabem dos problemas no processo de transcrição de entrevistas. A história oral transcrita transforma-se em texto, mas não podemos esquecer de sua origem na oralidade. Devido a isso, alguns pesquisadores conservam ao máximo a forma como as narrativas foram produzidas. Quando possível, reconhecem seus autores, incorporam a subjetividade de seus discursos, seus sentimentos, sua verbalização, observando para a eminente caracterização do texto enquanto diálogo, porém, atento para que a voz do entrevistador se concretize apenas como parte do processo de construção da narrativa.

Assim, estabelecemos alguns critérios de inclusão, a saber: atletas e ex-atletas que tenham atuado em campeonatos da segunda divisão ou inferiores em âmbito nacional e internacional. Além de critérios excludentes, quais sejam: atletas e ex-atletas de futebol que tenham atuado durante toda a carreira em clubes de primeira

divisão em nível nacional, esportistas que atualmente atuem em equipes da série A do Campeonato Brasileiro, além de atletas que atuaram na primeira divisão das principais ligas europeias<sup>5</sup>.

Como promulga Tonini (2010) atentamos também para a biografia dos entrevistados a fim de qualificar o roteiro e especificar as questões de acordo com a trajetória do colaborador, o que de certa forma permite instigar as lembranças dos atletas, possibilitando-os ampliar seu campo de recordações acerca da temática abordada. Além disso, traçamos o perfil socioeconômico do grupo entrevistado, porém, reiteramos que um dos cinco colaboradores não devolveu o questionário respondido. Observamos a tabela com os dados a seguir:

<b>PERFIL SOCIOECONÔMICO</b>	
<b>Onde mora atualmente</b>	
Em casa ou apartamento, com sua família.	[4]
<b>Quantas pessoas moram em sua casa?</b>	
Duas	[2]
Três	[1]
Quatro	[1]
<b>Qual principal meio de transporte?</b>	
Transporte próprio (carro/moto)	[3]
A pé/carona/bicicleta	[1]
<b>Qual a sua renda mensal?</b>	
Até 03 salários mínimos (até R\$1.530,00).	[1]
De 05 até 08 salários mínimos (de R\$2.550,00 até \$4.080,00).	[2]
Superior a 08 salários mínimos (superior a R\$4.080,00).	[1]
<b>Qual a renda mensal de sua família?</b>	
De 02 até 04 salários mínimos.	[1]
Superior a 05 salários mínimos.	[3]
<b>Sua casa é?</b>	
Emprestada ou cedida.	[1]
Própria em pagamento.	[1]
Alugada.	[1]
Própria já quitada.	[1]

<sup>5</sup> Excluiremos os atletas que atuaram na primeira divisão das 4 principais ligas europeias, a saber: Espanha, Alemanha, Inglaterra e Itália, segundo o ranking das competições de clubes da UEFA, disponível em: <http://pt.uefa.com/memberassociations/uefarankings/country/index.html> Acesso em: 10/02/2016

As questões do perfil socioeconômico tem como propósito apresentar novos subsídios para a compreensão daqueles que colaboraram com suas histórias para essa tese e embasar nossa perspectiva de que a pluralidade de atletas não permite traçar uma ideia genérica acerca do tema, mas transcorrer entre as especificidades de cada narrativa, a fim de entender a carreira do atleta de futebol. Por fim, na perspectiva de Thompson (1992) analisamos nossa coletânea de entrevistas de modo a interpretar a temática proposta a partir das experiências relatadas, agrupando discursos que venham satisfazer uma reflexão da problemática de pesquisa e, consequentemente, atingindo nossos objetivos.

O que buscamos nessa pesquisa é mais do que o retrato da história, é estimular em nossos colaboradores uma reflexão consciente acerca do que pensam a respeito do que viveram e qual o significado dessas experiências para o que analisamos em relação ao futebol e à carreira dos futebolistas. Portanto, assim como propõe Patai (2010), as histórias que tratamos nessa tese foram balizadas pelas experiências de vida reinterpretadas no momento da entrevista. Então, se faz relevante apresentar o contexto que conduziu a coleta das fontes, suas particularidades e limitações, além do papel do entrevistador nessa interação subjetiva entre sujeitos.

Na história oral, a narrativa não tem fim em si mesma. A entrevista que por vezes resulta de um diálogo bipolar, se trata de uma constante troca de olhares, resultado de uma conversa construída entre dois sujeitos face a face, onde não existe observador e observado, estão separados por um microfone, no qual o narrador tenta compreender o que o pesquisador busca, modelando seu discurso a partir de tais constatações (PORTELLI, 2010a).

Para Alberti (2005) a história oral é um método de pesquisa que se utiliza de entrevistas com sujeitos que vivenciaram experiências que de alguma forma podem servir para analisarmos um determinado objeto de estudo. Pois então, a história oral é responsável pela construção de suas fontes, que poderão ser agrupadas em um acervo a ser consultado. Possibilita o estudo de diferentes grupos a partir de relatos dos sujeitos que dele fizeram parte.

Portelli (2010a) apresenta algumas características do historiador oral, a saber: ser um especialista em ouvir e questionar, tendo bem delineado em sua consciência

a ideia de seu projeto, além de procurar iniciar o trabalho construindo um ambiente propício para que o colaborador conte sua história. Dessa forma, ao criar laços estreitos, a narrativa é exposta de modo que não o seria se o contexto e os envolvidos no projeto não fossem os mesmos. Portanto, cada narrativa transcrita estabelece-se a partir de uma relação mútua entre dois agentes, entrevistador e entrevistado, sendo que nesse processo não há engessamento da relação, mas flexibilidade em sua condução.

Ainda segundo o autor, mais importante do que estabelecer confiança mútua, é necessário estabelecer o diálogo para além das diferenças que caracterizam os sujeitos envolvidos. Por mais que exista uma fronteira social e cultural, deve haver esforço para que essa seja transposta, sendo que o modo de agir do entrevistador pode demarcar a entrevista como espaço singular nessa fronteira, onde as diferenças se equiparam e desaparecem, possibilitando satisfatória troca de experiências.

Compreendemos que tais princípios e procedimentos conduzem o trabalho em história oral por um viés sistemático, mas entendemos também que os percalços que circulam o meio do pesquisador tratam de suscitar adaptações na forma de conduzir o processo. No caso do ambiente, que por vezes é indicado pelo colaborador, nem sempre se concretiza como o local mais propício para o desenvolvimento da entrevista. Além do que, a presença de outros sujeitos não envolvidos no processo, também podem direcionar, silenciar ou estimular a ocultação de temas polêmicos e relevantes para o estudo.

Patai (2010) revela que a história oral se interpõe no entrecruzamento de subjetividades. São as percepções do entrevistador e do entrevistado, a influência cultural sofrida por ambos, as memórias de quem lembra em consonância com as questões de quem pergunta, os recuos conscientes de quem não sabe se deve falar sobre determinado assunto e os estímulos que demonstram interesse em ouvir. Logo, a história oral não está alheia às intervenções de quem dela participa, não trata apenas de enunciar e receptor discursos, mas relaciona-se à capacidade de se estabelecer uma relação humana que propicie sua efetivação. A relevância da interação humana em entrevistas decorre do fato que as histórias são projetadas de forma específica e em determinadas circunstâncias. Das diversas memórias arquivadas, o entrevistado escolhe as que se enquadram de acordo com a temática,

organizando-as dentro de uma estrutura narrativa. Em outro contexto, com outros sujeitos envolvidos, uma mesma história pode propiciar resultados diferentes.

Para que as entrevistas em história oral sejam bem sucedidas há de se buscar uma densidade no diálogo, fazendo com que o pesquisador consiga abandonar o convencionalismo, proporcionando informações que ajudarão na solução dos objetivos elencados no projeto, sendo que a singularidade de cada discurso é um ponto de partida para a confirmação, acréscimo ou refutação acerca das informações pré-estabelecidas sobre um determinado evento. É isso que diferencia o “Eu” entre todos os sujeitos da pesquisa, com os quais buscamos o sentido para uma dada formação narrativa no contexto em que se efetua. Isso nos leva a perceber que a ideologia é responsável por organizar o conjunto de ideias através das experiências vividas, dando significado a estruturação dos relacionamentos estabelecidos no tempo e espaço (SMITH, 2012). O autor acrescenta: “Para além dos detalhes biográficos e sociológicos, entrevistas oferecem pistas de como as práticas criativas medeiam subjetividade, exigências formais e disposições coletivas” (SMITH, 2012, p. 90).

Nessa mesma linha, Passerini (2011) nos alerta para as questões que afetam diretamente o resultado do produto finalizado. Em se tratando a entrevista de uma elaboração intersubjetiva, as características do pesquisador quanto ao gênero, idade, raça e cultura influenciam na construção e exposição da memória. O que a autora nos mostra é que a confiança, a compatibilidade e a afinidade entre os sujeitos que compõem a entrevista são decisivas nos resultados coletados.

Nesse sentido, entendemos que há uma mobilidade nos discursos de ambas as partes – entrevistador e entrevistado – que tensiona o diálogo constantemente e promove o redirecionamento das narrativas em uma negociação inconsciente e indireta. Por mais que os sujeitos estabeleçam afinidade e confiança mútua, suscitarão mecanismos de defesa automáticos em determinados momentos no desenvolvimento da entrevista. Ao mesmo tempo em que o entrevistado aceita colaborar com a exposição de sua história, tende a transmiti-la a partir de suas convicções, podendo ou não, estabelecer um parecer crítico acerca de suas ações em relação às experiências vividas.

Mesmo na busca regular por memórias que satisfaçam nosso objeto de análise, nos precavemos em perceber essa subjetividade instituída por todos esses aspectos que a história oral singulariza. E nesse ponto, entendemos que o desafio de



promover uma reflexão pela ótica da negociação constante com o interlocutor, pode possibilitar abordagens múltiplas para analisarmos tanto o conteúdo e suas particularidades, quanto o comportamento e a forma de expressão acerca da proposta em discussão.

A interface do diálogo e não a simples recepção do discurso, suas maneiras diferenciadas de reelaborar e pensar o passado, combinam simbolicamente com suas reflexões a respeito do objeto que discutem em sua maior amplitude, qual seja: passado, presente e futuro (SMITH, 2012). Logo, a história não se constitui como uma fonte de dados brutos. Elas se estabelecem como documentação interpretativa estruturalmente codificada e significada, portanto, subjetiva. Percebemos então que não conseguiremos nos debruçar positivamente em suas limitações e potencialidades críticas, sem antes estabelecer incisivamente um processo de entendimento com o narrador e a narrativa.

A história oral busca uma elaboração consciente do passado, a partir de uma reinterpretação realizada no presente, buscando na subjetividade os significados do objeto estudado. Uma metodologia que busca compreender os discursos a partir de experiências legítimas ou não, de sujeitos que se apresentam fidedignos, controversos, descontínuos e criativos, de acordo com o que o contexto permite lembrar (PORTELLI, 2008).

A história oral oferece novos horizontes quando se torna um diálogo sobre o passado que propicia novas interpretações. Não se trata mais de uma história isolada, mas de um conjunto de discursos, no qual narradores e pesquisadores tornam-se dinâmicos na construção da conversa, no rumo da entrevista e nas possibilidades de compreender e refletir o que o narrador viveu (SMITH, 2010).

Smith (2012) nos eleva ao fato de que a história oral permite pensar a narrativa para além de seu conteúdo (o que não deve ser ignorado), refletindo também a questão da estrutura do discurso, a linguagem e, consequentemente, a percepção do capital intelectual do narrador. Não menos importantes são os atos expressivos, que caracterizam, singularizam e rompem o limiar proposto por gênero, meio e linguagem. Ou seja, os gestos corporais devem ser considerados no processo de construção e análise das histórias orais, já que denotam particularidades nas narrativas que suscitam uma percepção na identificação de seus significados em relação ao que está

sendo narrado, colaborando assim para a compreensão dos detalhes que por vezes podem passar despercebidos nas histórias retratadas.

Compreendemos a complexidade em se incorporar as expressões corporais, reações e sentimentos da interlocução na análise, haja vista a transcrição não absorver na íntegra esse contexto atmosférico da entrevista. Entendemos também que alguns detalhes podem passar despercebidos, porém, recaímos no esforço de tentar interpretar tais ações periféricas, já que são dotadas de um significado que podem influenciar nos resultados de nossa análise.

A história oral é responsável pela criação de sua própria fonte. Contém expressões elaboradas e organizadas na forma de textos transcritos. Porém, não é a relação direta entre fala e texto que a define, pauta-se, como já citado, pela linguagem corporal e pela carga emotiva implícita no discurso. Além do que, as expressões vocais definem a perspectiva do que está sendo dito: a entonação, a utilização e repetição de combinações de expressões, a variabilidade em força e intensidade da voz indicam intenções que transmitem um sentido e não somente descrevem o que está sendo narrado (SMITH, 2012).

Porém, as palavras se constituem como um dos fatores preponderantes para a criação de fontes orais. A própria oralidade remete pensarmos na palavra expressa como a que nos permite acessar a trajetória histórica de maneira singular, pois a narrativa propicia o acesso dos sujeitos que viveram determinados acontecimentos. Mas também vale ressaltar que nessa ideia, inclui-se o discurso em si, a formação narrativa e a ligação expressiva do corpo com as experiências vividas. Logo, é um conjunto de fatores aos quais devemos estar atentos para entender o processo de constituição desse tipo de fonte.

Nessa perspectiva da construção da narrativa, os elementos que a entrevista nos oferece se constituem em uma maneira de reelaborar o passado representado a partir da identidade específica de um sujeito. Logo, cabe a nós, trazermos a experiência relatada para o contexto histórico que estamos a trabalhar, pois de certa forma, o “Eu” nos revela a história a partir de um código dentre tantos outros e busca entender como foi afetado em relação ao contexto social e cultural que permeia a narrativa. Além disso, devemos refletir o conteúdo das palavras expressas, pois as histórias orais pressupõe uma densidade que complexifica seu entendimento,

compreendê-la requer um esforço que ultrapasse sua aparência superficial, mesmo quando a entendemos no contexto em que se enquadra (PATAI, 2010).

A partir disso, Bruner (2014) nos faz refletir sobre a formação narrativa e nossa capacidade em entendê-la. O autor afirma que narrativas são carregadas de obscuridade, fingimento e malícia, pois factualmente, a perspectiva do narrador não baseia-se na inocência, seu discurso pode ser carregado de ficção. Provavelmente essa retórica seja válida ao analisarmos a história oral em seu contexto mais amplo. Nesse sentido, nos apresenta dois motivos para que atentemos ao conceito e funcionalidade da narrativa. Primeiramente porque devemos aprender a dominá-la e purificá-la (talvez no sentido de utilizar sua obscuridade/malícia). Por segundo, devemos entender a narrativa e sua ótica ilusória da realidade, já que seus precursores são prioritariamente do campo literário.

Portanto, existem diferentes formas de narrar uma história, sendo que cada enunciador segue suas convicções quando discursa acerca da temática que propomos e isso também deve ser compreendido como um ponto de partida para nossas análises. A colocação da sequência dos fatos, os detalhes com que encaminham o relato, as ironias, os silêncios, as tragédias, a superação e o heroísmo implícito nas conquistas, denotam as particularidades que cada discurso pode propiciar.

Uma narrativa então está ligada também à capacidade do narrador de nos fazer compreender o sentido que julga relevante que tenhamos sobre o que se está a dizer. Provavelmente seja por isso que quando alguns trabalhos que se utilizam da história oral retornam prontos a seus colaboradores, sofram críticas de que suas histórias foram distorcidas. Há um embate entre o que o narrador compreende sobre o que diz, o que quer que compreendamos e o que realmente compreendemos. E esse é o fascínio que causa a história oral, pois é na entrelinha do diálogo denso (PORTELLI, 1997) que estabelecemos sentido para as histórias que nos são contadas.

É fundamental, todavia, reconhecermos o valor da história oral e lembrarmos da razão pela qual os pesquisadores começaram a utilizá-la: a história oral nos permite ouvir as histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas (PATAI, 2010, p. 142).

Essa forma de fazer história permite tratar a fonte como única, já que cada sujeito apresenta singularidades a partir de suas vivências, tornando a história oral permeada por características pessoais que retratam os sentimentos do colaborador. Ou seja, trata-se de narrar a vida de sujeitos efetivamente presentes de alguma forma no contexto que se quer analisar (ALBERTI, 2003).

Além do que, a história oral se distingue também por esse caráter dialógico, em que o historiador influencia o processo de construção da pesquisa. Constrói seu próprio arquivo, o que é singular perante as pesquisas oriundas de fontes pré-existentes, sendo que o historiador oral se deixa surpreender pelas expectativas que a escrita poderá lhe proporcionar no percurso do estudo (PORTELLI, 2010a).

O que chama à atenção na história oral é a possibilidade de reviver a história a partir do relato do outro, tentando refletir sobre seu discurso de acordo com o contexto vivido. Porém, para conseguirmos interpretar o narrador, é necessário que como interlocutores, estejamos à altura de quem entrevistamos, conseguindo compreender a ideia do que está sendo relatado (ALBERTI, 2003).

Segundo Bosi (2003) a singularidade do discurso narrado está na experiência vivenciada pelos sujeitos contemporâneos, no compartilhamento efusivo de informações, das quais o mais relevante é saber interpretá-las. Nesse sentido, se o discurso vem pelas lembranças de quem as relata, cabe a nós entendermos a ideologia implícita na narrativa. E nesse ponto, o depoimento oral se diferencia da história oficial contada linearmente, haja vista a complexidade estar na subjetividade de quem narra, proporcionando pontos de vista diferentes, por vezes opostos.

Nesse sentido, nossa interferência como pesquisadores colabora na definição dos rumos que o estudo pode ter. A capacidade analítica, a ideologia e a forma como compreendemos aquilo que é narrado delineiam os caminhos pelos quais seguiremos com nossas convicções acerca da temática que expomos. Sendo que a complexidade está justamente na particularidade da trajetória que diferentes autores podem propiciar para um mesmo objeto de pesquisa.

Essa possibilidade metodológica necessita, no entanto, de cuidados excessivos, tanto na produção da fonte, como em sua interpretação, já que a maneira como o pesquisador lida com as variáveis da pesquisa, determinam a qualidade do relato. Além do que, as fontes orais podem ser modificadas com o tempo, já que essas tratam a respeito de uma memória do presente, logo, imediatista, influenciada pelo

ambiente, pelo interlocutor e pelos significados elaborados pelo narrador (PORTELLI, 2010a).

Porém, não existe pesquisa ideal em história oral. Sua variedade de formas possíveis e únicas derivam da interação humana e das análises que perspectivam-se por parte do pesquisador. Sabemos as limitações que a entrevista impõe, por mais que atentemos para sua condução da forma mais consciente possível. O que não podemos é nos iludir, desacreditando a respeito das imperfeições contempladas no tipo de trabalho que realizamos (PATAI, 2010).

Dentro da história oral, tanto narrador quanto pesquisador trabalham no sentido de construir um diálogo caracteristicamente totalizador – muito embora seja inviável – buscando novos significados para o passado retratado. Além do que, é através da história de vida, com base na experiência humana que ela se elabora (ALBERTI, 2003).

Nesse sentido, a história oral também apresenta limitações no que diz respeito à manutenção dos interesses dos participantes do projeto. Pesquisador e pesquisado, por vezes podem ter objetivos diferentes ao estabelecerem o vínculo para a realização da entrevista. Além do que, quando os resultados da pesquisa são expostos à comunidade, seus elementos não podem mais ser controlados, podendo ser interpretados de uma maneira diferente da idealizada pelo pesquisador e pelo colaborador (PATAI, 2010).

Na prática, os interesses dos participantes não são palpáveis como os dos pesquisadores. Ao colaborador se reserva a possibilidade de expor sua história, gerando satisfação interna, aflorando sentimentos oriundos das experiências que viveu. Porém, isso é subjetivo no que tange pensar em determinar benefícios concretos para quem se propõe a expor narrativas em prol de uma pesquisa. Para o pesquisador, se trata de uma relação direta entre o discurso que nos é proferido com o fato de que sem esse, seria inviável dar continuidade em nosso estudo.

Portelli (2010a) afirma que pessoas não podem ser pensadas, comparadas ou colocadas em livros, pois de fato existe uma subjetividade em seus relatos que singularizam suas histórias e os significados dessa complexidade se ligam à representação que realizamos em nossas relações com outros indivíduos, as histórias que nos revelam, ao que lemos e escrevemos. Portanto, a história oral que trata da mediação pela gravação entre entrevistado e entrevistador carrega uma

responsabilidade que emana da intelectualidade de todos os envolvidos e dos diversos rumos que esses podem dar ao processo.

A história oral então pode ser identificada pela narrativa e por sua interpretação. A narração diz respeito ao relato de uma experiência vivida no tempo e no espaço, e a interpretação retrata a forma como enxergamos a narrativa em consonância com um referencial teórico. Trata de um esforço intelectual do pesquisador, que deverá atribuir significados à leitura das fontes, decodificando o discurso e construindo o conhecimento a partir da própria subjetividade de quem pesquisa (COSTA, 2014).

Segundo Pollak (1989) a crítica que se destina ao uso de fontes deve ser aplicada em igual teor para qualquer tipo escolhido, haja vista não haver diferença entre a fonte escrita e oral (pela ótica valorativa). O autor acrescenta que a história oral se tornou uma alternativa interessante, abrindo novas possibilidades de campos de pesquisa.

Uma história se consolida na elocução com fins específicos: qual o objetivo do enunciador ao narrar de uma determinada maneira para um determinado ouvinte? Premeditaria o locutor a enganar, acalmar ou politizar em seu discurso? Isso nos revela que a história pode ser contada por diversos prismas e devido a isso não podemos recair no erro da busca pela verdade objetiva, pensando assim no conjunto de fatores que faz a especificidade da fala ser única em nosso contexto de análise e sobre o nosso objeto de estudo (BRUNER, 2014).

Portanto, não se trata apenas de captar e usar as palavras dos excluídos de forma a fazer com que se sintam importantes. É dimensionar seus discursos para um nível maior, que promova a análise que só pode ser proporcionada devido aos relatos que recebemos. A entrevista é então apenas a primeira parte, precisamos interpretá-la, conectá-la, analisá-la e devolvê-la como um saber social de volta as fontes (PORTELLI, 2010a).

Então, a história oral, ao contrário do que os conservadores pregam, pode ser tão confiável quanto qualquer outro tipo de fonte, desde que tratada de forma crítica. Porém, essa confiabilidade advém justamente da subjetividade. Inclui o engano, por vezes não proposital, a criatividade, o sentimento, ou seja, não se reporta apenas a história, mas ao significado desta, e é isto que singulariza as narrativas orais (PORTELLI, 2008).

Nesses pontos subjetivos estão os maiores cuidados que devemos ter ao retratar as fontes orais, pois devemos levar em consideração os aspectos inerentes à forma como as histórias são retratadas, além de tensionar os discursos proferidos, já que discrepâncias nos relatos são plausíveis de ocorrer. Os próprios colaboradores por vezes tratam de relativizar seus discursos, quando conscientemente entendem que suas lembranças não compreendem a totalidade da experiência que viveram. Nesse sentido, Thompson (1992, p. 44) afirmou:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alonga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história.

Isso reflete a ampla responsabilidade da história oral como transformadora da realidade de todos os envolvidos. Proporciona a oportunidade de compreender um outro lado da história, reinterpretando e questionando inclusive dados oficiais. Colabora na reflexão do individual e do coletivo de maneira singular, dando voz à experiência de vida de sujeitos que podem revelar com detalhes fatos obscuros à realidade pública.

Segundo Thompson (1992) a oralidade permite uma nova possibilidade de tratamento da história no que tange às discussões sociais. Trata da reflexão da vida e de que todas as histórias de vida são relevantes. Além do que, aborda a fala e não a escrita fechada e rígida, ou seja, a utilização da voz humana faz emergir a memória retratada de forma imediata, já que as palavras proferidas dão sentido à vida em sua perspectiva histórica.

Ao analisarmos entrevistas de atletas e ex-atletas de futebol, tratamos como referencial teórico o conceito de memória. Nesse sentido, a oralidade se estabelece no tempo, mas se sabe da inviabilidade que essa possui em repetir, conservar ou rememorar com exatidão. Possivelmente por isso, a oralidade se vale de conceitos

como memória, tradição e conservação, princípios que não se qualificam pela totalidade, mas que colaboram no controle do tempo (PORTELLI, 2010a).

Em seu estudo “O tempo vivo da memória”, Bosi (2003) afirma que a memória não se restringe a um ponto de vista único, por vezes é controversa e é nessa perspectiva que ela se aproxima dos estudos de relatos orais, demonstrando sua relevância. A memória se caracteriza como um mediador da cultura, preconiza a transmissão de valores e conteúdos que tenham significado.

Bosi (2003) segue o raciocínio, afirmando que a memória busca no presente retratar o passado, cujas lembranças não mais nos pertencem. Nesse sentido, cabe ao pesquisador dar conta de analisar essa memória, tanto a partir das lembranças, quanto dos esquecimentos.

Na ideia preconizada por Candau (2014) a memória é a reinterpretação atual do passado. Se constitui como um esforço repetitivo, incansável e possível, mas que não pode ser reconstruído em sua totalidade. O autor define a memória de alto nível como ligada às recordações, estímulos propositais ou não, que propiciam lembranças advindas de experiências pessoais. Essa memória é seletiva e contempla a ideia do esquecimento, devido à capacidade limite de registro dos acontecimentos. Ele trata ainda da metamemória ou o potencial do sujeito de significar sua própria memória, a capacidade de conhecer, dar sentido ao seu passado, construindo sua identidade. É portanto, uma reivindicação de suas próprias lembranças e esquecimentos.

Bergson (1999) denomina de memória espontânea, ou memória imaginada, a que está relacionada à lembrança-imagem e que passa por uma demanda intelectual maior, haja vista se localizar em um tempo e espaço e não poder se repetir. Logo, essa memória é o que o autor determina como natural e que será acessada através das imagens que obtemos do passado no presente. Essa é passível de representação e é inconstante em sua reconstrução, pois como se trata de uma nova percepção do que se passou, fragmentos se perderam no espaço temporal entre o momento vivido e o rememorado.

Segundo Pollak (1992) a memória é seletiva, já que não é possível registrar todos os fatos que vivenciamos. Essa memória sofre oscilações de acordo com o contexto em que é retratada, já que as preocupações influem no seu processo de estruturação. Isso demonstra como a memória se caracteriza enquanto um fenômeno construído consciente e inconscientemente, já que ela trata de um trabalho



organizativo que exclui, lembra, relembra e grava. O autor continua sua reflexão ao aproximar essa memória do conceito de identidade, pensando como o sujeito enxerga a representação do “eu” para si próprio e para seus pares.

A diferenciação entre memórias positivas e negativas dos diversos sujeitos que permeiam a história é um ponto instigante para entender o presente através do passado. As lembranças vão emergindo conforme o contexto, enfatizando um ou outro acontecimento. Ainda mais lembranças de grandes eventos, que serão exaustivamente lembrados, proporcionando novas interpretações. Há então, uma relação constante entre o que se vive e aprende, e entre o que se vive e transmite, aplicando-se a todo tipo de memória, seja individual, coletiva, familiar, nacional ou de grupos pequenos (POLLAK, 1989).

Já Silva (2009) entende que a memória pode colaborar na formulação de mitos, mas que de maneira dinâmica permite manter e transformar informações passadas no presente, além de proporcionar uma representação individual e coletiva a partir das experiências vividas, sobretudo no que tange à formulação de significados acerca da formação identitária.

Pollak (1992) nos faz compreender que a memória também pode ser herdada, o que de certo modo nos remete à ideia de compartilhamento de informações, ou seja, a memória não se reduz apenas à vida física do sujeito. A memória então oscila de acordo com as preocupações às quais o indivíduo está submetido, já que é construída, pois consciente ou inconscientemente, trata das lembranças e esquecimentos que o momento propicia, evidenciando seu processo de organização.

Portanto, a memória pode ser observada por vários prismas e assim deve ser pensada no sentido de sua utilização como pesquisa histórica. Mesmo os colaboradores implicitamente imersos na temática do estudo, podem retratar lapsos de suas experiências, haja vista não serem capazes de armazenar todas as informações acerca daquilo que viveram. Muito embora, em determinados momentos seja possível reparar os detalhes com que as histórias são expostas, não podemos nos abster da especificidade que cada narrativa tem, levando em consideração todos os aspectos contextuais em que é proferida.

A memória então é uma reconstrução social a partir das lembranças do indivíduo, as quais podem permanecer intactas ou se articular de forma dinâmica. Em um segundo momento, essa pode ser compreendida a partir do diálogo entre sujeitos

confrontando pontos de vista inerentes às experiências de cada indivíduo (SCHMIDT, MAHFOUD, 1993).

A memória é a representação do vivido, levada por sujeitos vivos, e por isso, está em constante transformação, remete à lembrança e ao esquecimento, além de ser manipulável, suscetível a ocultações e rememorações. É sempre atualizada, está interligada diretamente ao presente e se faz de lembranças que se entrecruzam (NORA, 1993).

Compreender a memória abre novas possibilidades de recordar ou reinventar o passado, como por exemplo, na análise de rememorações que nos são expostas. Portanto, a trajetória de um determinado sujeito, seja de ordem individual ou coletiva, pode ser refletida pelos diversos significados em suas interações. Acreditamos então, que a memória possa transpor o resgate e seja recriada, permitindo que nossos colaboradores sejam influenciados pelas perspectivas que seu tempo presente contempla, seja individualmente ou por meio dos grupos aos quais pertençam, já que em ambos os casos, a memória se situa em um dado contexto social. Daí a multiplicidade de memórias ser um ponto de referência relevante, ao contrário do que se pensa (GONDAR, 2008).

Segundo Thompson (1992) as memórias, tanto individuais, quanto coletivas, são um esforço de constituição social efetivo, que constroem a história dos sujeitos e de seus locais, procurando compreender seus modos de agir e pensar: “[...] exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo” (p. 185). As imagens construídas a partir dessas narrativas geram representações de uma veracidade simbólica, na qual o mais relevante é o significado atribuído ao fato e não o acontecimento em si.

Candau (2014) aprofunda a discussão afirmando que a função da memória afeta as categorias psicológicas do “eu” e do “tempo”. Estão ligadas à ideia mais simplista da memória do ser humano, compreendida como uma maneira de armazenar informações das experiências vividas, sendo função de quem as vivenciou ordenar, rememorar e ativar tais lembranças, de forma correta ou errônea, incutindo uma verdade, ou uma meia verdade. Ou seja, essas lembranças dependem da decodificação dessas experiências, as quais varia de acordo com o sujeito. A memória está relacionada diretamente à cognição humana, fazendo parte de um processo sistematizado de memória.

Bergson (1999) acrescenta que a memória se constitui da sobrevivência dos fatos passados, que serão reconstruídos a partir de nossas representações desses no presente, podendo até mesmo substituí-lo. Isso ocorre porque tais imagens são preservadas devido a sua utilidade, sendo que a todo momento elas podem se modificar a partir da trajetória vivida. E como essas transformações de imagens do passado são constantes, acabam por, além de substituir, submergir as anteriores. Logo, a essa lembrança do passado damos corpo, atualizamos, ressignificamos.

Thompson elucida: “O processo da memória depende, pois, não só da capacidade de compreensão do indivíduo mas também de seu interesse. Assim, é muito mais provável que uma lembrança seja precisa quando corresponde a um interesse e necessidade social” (1992, p. 153). É então importante que o colaborador esteja disposto a expor suas lembranças, já que é disso que trata a entrevista. Pois é compreendido, que a memória pode ser reprimida por vontade do entrevistado, seja conscientemente relutando a determinados fatos que não o agradem, ou mesmo por um bloqueio inconsciente de suas lembranças (THOMPSON, 1992).

A lembrança então deve ser entendida como um processo de troca entre os agentes envolvidos na entrevista, sendo que o historiador deve ter o cuidado de compreender a resposta a partir da perspectiva do narrador. Portanto, o entrevistador deve estar atento ao tipo de condução que toma ao realizar suas perguntas, pois nessa trajetória pode obter como resposta aquilo que estava buscando.

A essência da história oral se concretiza na transmissão das narrativas de sujeitos comuns e que podem colaborar efetivamente a partir da exposição de seus sentimentos. Por isso devemos estar atentos, pois apesar de procurarmos colaboradores com boa vontade, incorremos no risco de entrevistarmos apenas indivíduos seguros e articulados, de forma que não queiram se comprometer, manipulando o resgate de suas memórias e pouco acrescentando a nossos estudos (THOMPSON, 1992).

Discordamos em parte do autor, pois mesmo nessas entrevistas, acreditamos que uma série de questões podem ser suscitadas, principalmente no que concerne ao contexto da narração e às nuances pelas quais o discurso é desenvolvido. Cabe ao pesquisador captar as informações através das reações e fomentar o debate acerca dos ocultamentos propositais expostos nas ações do colaborador no momento do diálogo.

Joutard (2007) afirma que a memória se elabora de maneira afetiva, principalmente por retratar acerca de experiências vividas. Além do que, se caracteriza também pelo esquecimento, constituído em duas vertentes: o esquecimento daquilo que não conseguimos lembrar e o esquecimento das memórias as quais queremos ocultar. A memória é apta a transformar o passado de acordo com o presente, permitindo com que as lembranças sejam teatralizadas, simbolizadas e mitificadas, não deturpando sua veracidade, mas incutindo uma outra maneira de enxergar a realidade.

Concordamos com Passerini (2011) ao se referir à necessidade de compreensão da relação que se estabelece entre a memória individual e a coletiva. Esses dois pontos, apesar de retratados por alguns autores de forma separada, como perceberemos a seguir, interagem e influenciam um no outro, nos permitindo analisar o fenômeno narrativo por diferentes ângulos, tentando sem ao menos deixar escapar tais influências que a experiência individual proporciona para a formação discursiva de um grupo, bem como as preposições grupais podem contemplar implicações relevantes nas especificidades de cada narrativa.

Logo, ao mesmo tempo em que a memória permite a emissão de um ponto de vista, se constrói na similaridade no que diz respeito aos grandes eventos, o que caracteriza uma memória coletiva e até mesmo uma reflexão espontânea ou induzida acerca de temáticas relevantes aos eventos coletivos lembrados, mesmo que esses tenham sido vividos por sujeitos em realidades contextuais diferentes.

Nesse ponto, atentamos para o engessamento de alguns discursos referentes aos grandes temas, na qual em partes, alguns sujeitos tratam de dialogar criticamente e outros compõem uma lógica descritiva mais conservadora, haja vista sua posição no campo estudado e as perspectivas que ainda tem em relação a sua atuação nesse meio. Até por isso, é pertinente compreender de onde cada sujeito está falando e quais suas expectativas em relação ao futuro naquele espaço, pois isso pode influenciar em sua narrativa, muito embora a história oral preconize o anonimato.

Para Smith (2012) a memória se concretiza no processo de desempenho e estímulo, pois os fatos passados são arquivados em um local acessível no presente, o qual ignoramos, contendo lembranças espalhadas por conexões coletivas estabelecidas em algum momento, em determinados lugares e que se interligam com outros sujeitos no tempo e espaço em que nos encontramos. São nossas memórias

porque as dotamos de significado, para os outros são apenas arquivos que não são acessados. Logo, o que trazemos à tona tem a ver com nossa capacidade e vontade de disponibilizar dos arquivos as memórias que tomamos como nossas e que lutam para se manterem vivas em nossas histórias.

Cada narrativa individual dentro da prefiguração coletiva se legitima de forma mais ou menos contundente, logo, a ideologia se caracteriza como intrínseca tanto na concepção do “Eu”, como no estabelecimento das relações sociais entre pares. A aceitação das narrativas proporciona uma temporalidade na qual as experiências vividas podem continuar sendo compartilhadas, logo, elas fazem sentido para aquela comunidade e ajudam na formulação de hipóteses conclusivas (SMITH, 2012).

De certa forma, isso propicia uma abertura importante para a análise que pretendemos para o futebol, pois nos permite questionar a estrutura em partes pela construção coletiva consciente e desprovida de amarras políticas por parte da comunidade pesquisada e em contrapartida pelo estabelecimento crítico na percepção da diferenciação do que se constitui em tradição impetrada pela prefiguração, consequentemente estruturando narrativas que possam se embasar pelo exagero ou pelo engano. Mesmo que e apesar disso, tais constatações sejam relevantes para nossa reinterpretação acerca da carreira futebolística através da memória.

Entretanto, nem todos os sujeitos estão livres de uma ligação institucional na atualidade e incorremos no risco de encontrar discursos cautelosos, que devem ser pensados a partir da especificidade de cada caso, bem como comparativamente com os indivíduos que porventura já se constituem fora do campo e por conseguinte, estão desprovidos de laços políticos com o meio futebolístico. Nesse sentido, há uma complexidade em torno dos limites impostos pela inserção – ou não – dos sujeitos nesse espaço, o que acarreta riscos no determinante ao processo analítico.

Em seu trabalho com o acervo artístico, Smith (2012) nos revela como a relação entre a subjetividade do sujeito e o contexto em que habita nos retratam a convergência de contra resistências estéticas, psicológicas e sociais dentro de narrativas de história oral. Nessa perspectiva, tomamos tais impressões como de semelhante aparência para a comunidade dos atletas profissionais de futebol, já que esses formam uma categoria especificada por códigos simbólicos que os caracterizam intrinsecamente ao ambiente cotidiano de convivência, tornando sua percepção

coletiva extremamente viável, sem, porém, desconsiderar o sentido/significado com que cada entrevistado pode contribuir para refletirmos as diversas interações estabelecidas no campo estudado.

Nesse sentido, o fato de a história oral não buscar objetivamente uma verdade, revela a importância em perceber o “Eu” que o sujeito pretende apresentar para o mundo, ou seja, suas concepções, proposições e projeções de si mesmo na construção da narrativa. Portanto, as narrativas são representativas e identificam seu autor (PATAI, 2010).

A constituição do indivíduo tem origem em caracteres interiores e exteriores. Interiormente somos tomados por subjetividade, sentimentos, ideias, crenças e memórias que nos conduzem no tempo e espaço e fazem com que consigamos perceber a nós mesmos. A exterioridade está relacionada à cultura a que somos expostos e como a absorvemos diante das influências às quais vamos sendo submetidos. O “Eu” então é uma mistura do que estamos discutindo acerca do individual e do coletivo. Em tese, cada sujeito em suas singularidades pensa e narra a partir de suas convicções internas, porém, sem deixar de ser afetado pela cultura em que está emergido.

Ainda acerca da narrativa, Bruner (2014) nos ajuda a pensar que é nos momentos de mudança (aparentemente momentos de virada em uma narrativa) que transformamos nossas concepções da realidade. Logo, é nesses pontos de ruptura que o “Eu”, sempre em busca do equilíbrio, se reconstrói, levando em consideração os fatores internos e externos, comprovando a capacidade do ser humano de mudar de acordo com o contexto, o espaço e o tempo. É então através da narrativa que compreendemos as representações que os sujeitos nos retratam, além do que, devemos pensá-la a partir de sua relevância para aquilo que pretendemos, já que não se apresentam apenas como relatos simplificados, mas se constroem em uma estrutura, uma experiência vivida e um direcionamento ideológico. A narrativa se estabelece no tripé entre o que fazer, onde fazer e quando fazer, pois assim podemos compreender sua dinâmica, dominá-la em sua plenitude, conhecendo o caminho no qual nos conduz.

Toda essa perspectiva da consciência de si está ligada ao entendimento do “Eu” no tempo e no espaço, ou seja, se nossa consciência se esvazia das lembranças das experiências que vivemos, logo, nossa memória se torna vazia. É então através

da memória que somos capazes de compreender, analisar e refletir o mundo e seus acontecimentos, gerando significados (CANDAU, 2014).

Logo, a memória, suas falhas, as lembranças, bem como os esquecimentos, se relacionam a uma consciência que trabalha no presente. Nesse sentido, compreendemos ser a consciência a responsável pelas condutas de exposição das memórias, já que: “A lembrança não ‘contém a consciência, mas a evidencia e manifesta, é a consciência mesma que experimenta no presente a dimensão de seu passado” (CANDAU, 2014, p. 63). Ou seja, é a consciência do sujeito que permite a ele selecionar aquilo que acha importante relembrar e aquilo que por vezes deve ser ocultado, já que pode de alguma forma afetar sua própria imagem. A partir disso, entendemos que em todo processo de rememoração ao qual a consciência se sujeita, a lembrança não se constitui fielmente ao fato ocorrido, mas é transformada a partir da multiplicidade representativa do sujeito, bem como influenciada por seu percurso vivido. Isso ocorre devido ao intervalo entre o fato ocorrido e o rememorado oscilar, se estendendo ou se comprimindo, visando uma tentativa de aproximação no tempo, o que denota não sermos capazes de relembrar com exatidão a medida de duração, mas o fato do que aconteceu em si.

A partir de sua obra intitulada “A memória coletiva”, Halbwachs (2013) compreende que não necessariamente dependemos apenas de nossas lembranças vividas para evocar a memória, essas podem ser oriundas de relações estabelecidas em um determinado momento histórico, que ajudem a recordar um fato sobre algo que possamos ter vivido com um determinado grupo, em que as lembranças sob um prisma colaborem em reconstruir o passado a partir dos fragmentos de vários personagens. Ou seja, quando passamos por um determinado lugar, no qual estivemos, somos capazes de evocar experiências vividas com outros sujeitos que podem nos ajudar a reconstituir os fatos a partir das lembranças do grupo em que estamos imersos.

O autor explica que nossas lembranças são evocadas a partir da importância que imprimimos aos acontecimentos, porém, pode ser que em alguns casos damos relevância a fatos dos quais futuramente não conseguiremos nos recordar. Isso ocorre quando nos reportamos a vivenciar somente o que nos apresenta momentaneamente, perdendo o vínculo com grupos que outrora eram importantes, mas que por não se

entrecruzarem mais conosco, passam a ser desconhecidos, assim como as experiências que vivemos juntos.

As lembranças não reaparecem a partir de nossa própria vontade, é necessário que as circunstâncias favoreçam o esclarecimento de que estivemos em um tempo e lugar. Quando retornarmos a um determinado local, a memória reaparece como se pudéssemos reconstituir o momento em que ali estivemos anteriormente. Assim, quando olhamos o local ou os objetos, as lembranças reaparecem como se nunca tivessem saído da memória e pensamos que poderíamos relembrar aquilo mesmo não estando no lugar no qual tudo aconteceu e que na verdade nos faltou atenção para conseguir lembrar. É o que o autor define como reconhecimento por imagem. As lembranças estão guardadas em algum lugar em nossa memória, mas ao contrário do que pensamos, só conseguimos reativá-las a partir da identificação do local no qual vivenciamos tais experiências.

Le Goff (1996) nos leva a perceber que a memória se constitui como um sistema de organização que existe para manter ou reconstituir fatos memoráveis de nossa existência. Logo, se trata de cumprir uma função social de transmitir informações do passado a outros sujeitos.

A memória coletiva então se concretiza em uma nova possibilidade de estudo da historiografia, cujo fenômeno era passível de ser pensado apenas pela história tradicional. É então possível conjugar os documentos instituídos no passado com as narrativas orais propostas no presente, entendendo os modos de vida de uma comunidade, permitindo construir uma memória coletiva, que por vezes difere e questiona os acontecimentos retratados por seus fundadores, encontrando uma nova identificação para sua sociedade.



## **1. O SUBMUNDO DO FUTEBOL: RELATOS DE UM CONTEXTO DESCONHECIDO**

Nesse capítulo iremos abordar algumas questões polêmicas que influenciam diretamente na gestão e manutenção do futebol na atualidade. Partindo da perspectiva dos atletas entrevistados, vamos tentar entender tais questões, buscando analisar o contexto dos acontecimentos e como eles compreendem o fenômeno futebolístico.

### **1.1 A vida pessoal e as influências de um sujeito visado**

O futebol é um esporte representativo na sociedade brasileira, gerando emprego e renda para diversas áreas de atuação correlatas. A sua inserção como parte da cultura de entretenimento colaborou nessa difusão midiática, inflacionando os rendimentos financeiros em relação à média salarial da população, principalmente dos agentes interligados à categoria dos profissionais, quando pensamos na ideia do contexto de ação futebolístico (SOUZA, 2014). Além do que, a representação social atrai uma série de interesses de sujeitos que se aproximam devido ao capital simbólico implícito a esses indivíduos (re)conhecidos.

Mesmo nas divisões inferiores, esses esportistas são requisitados, haja vista geralmente jogarem em cidades interioranas, sendo a atração local da comunidade. Isso provavelmente acontece devido à distinção social causada pelo futebol após a transformação do esporte em espetáculo, já que historicamente, antes disso, conviver publicamente com futebolistas não era bem visto pela sociedade.

Portanto, com a eminente exposição social desses sujeitos e a necessidade dos mesmos manterem um equilíbrio entre a vida profissional e a pessoal, é relevante tratarmos dessa celeuma extracampo, visto que influencia no desempenho esportivo ao longo da carreira. Compreender as razões pelas quais a trajetória futebolística é influenciada pela vida privada, como os próprios atletas identificam as dificuldades de seu cotidiano e como lidam com esse assédio por parte daqueles que se aproximam devido a sua representatividade, possibilita ampliarmos a compreensão das relações estabelecidas no futebol. Nesse sentido, nossos colaboradores afirmaram:

Ah, é que assim, no futebol também o que acontece muito e isso a gente vê, é problema com álcool, você vai num lugar e estão os atletas bebendo, até

mesmo fumando, e isso ai vai te apresentando outros caminhos. É mulher, é churrasco [...] depois aqui no Brasil é uma coisa que é impressionante, por ser o futebol o esporte mais popular, os atletas são muito visados, você é bem requisitado [...] você só fica naquela roda, então te apresenta álcool, as mulheres que você, que é bom, que você, uma mais bonita que a outra e você vai cada dia querendo, aquilo ali vai te fazendo bem, mas vai te tirando o foco de outros, do principal que é o futebol (JOGADOR 2, 2016).

[...] a grande maioria, não só eu, busca o futebol por causa disso, de reconhecimento, mulherada e dinheiro [...]. Então, todo time tem muito jogador boêmio [...]. Então como eu buscava já algo mais assim, que nem, na Portuguesa Santista já dava as vezes autógrafinho na cidade, apesar de ser um time pequeno, a cidade também é pequena, então ia no bar da Brahma os caras davam as vezes cerveja de graça. Entrava no show do Exaltasamba toda quarta feira de graça [...]. Prejudicou [...] tinha dias que ia lá, bebia e no dia seguinte jogava melhor ainda, porque acontecia que estava confiante [...] então as vezes até ajudava. Mas tinha dia que no dia seguinte não tinha condição nem de ficar em pé, quanto mais treinar ou ir para um jogo (JOGADOR 3, 2016).

Hoje eu penso, escuto que se eu estivesse fazendo as coisas da maneira certa, hoje eu poderia estar em uma outra situação, mas enfim, quando você é novo você não pensa muito nisso, foi isso que aconteceu, coisa extracampo foi isso, bebida, balada, você deslumbra porque quando você é uma pessoa que não é conhecida ninguém te conhece, quando você é uma pessoa conhecida, você fica lindo, então mulher aparece de monte, você nem precisa ir atrás, você escolhe com quem você quer ficar. Quando o cara está novo po, o cara não vai curtir? Hoje não, hoje é outra coisa, tenho uma família, tenho dois filhos, tenho mais um que está chegando, estou correndo atrás da parada (risos), o leite tá caro (JOGADOR 5, 2016).

A formação da representação do estilo de vida de um atleta é determinada pelo estereótipo de baladeiro, consumidor de bebida alcoólica e que despende dinheiro em festas, churrascos e com mulheres. Com base em Smith (2012) entendemos que essa visão é compartilhada socialmente nas narrativas e demonstra a concepção de quem viveu esse contexto. A reinterpretação das memórias atualiza a compreensão acerca de suas experiências e promovem um entendimento dos fatos a partir dos significados que atribuem ao passado no presente (PORTELLI, 2010a).

As lembranças são reavaliadas de acordo com as experiências promovidas no lapso temporal entre o fato e a entrevista. No caso do jogador 2, como a carreira foi interrompida precocemente, compreende que esse estilo de vida afetou sua trajetória como atleta profissional. Se ainda estivesse em atividade, talvez sua reflexão fosse outra, o que demonstra que sua posição no tempo e no espaço (CANDAU, 2014) são tão relevantes quanto a sua narrativa.

O jogador 3 compreende que esse estilo de vida é prejudicial para a trajetória esportiva, mas como intencionalmente levava a carreira desordenadamente, não

apresentou ressentimentos por ter vivido dessa forma. Já o jogador 5 ainda se insere nesse contexto enquanto atleta profissional, evidenciando que as mudanças em sua representatividade social que detinha quando era do Atlético-PR refletem a transformação do pensamento sobre as condições que o sucesso proporciona e retira na medida em que o desempenho oscila ao longo do tempo.

Como base no que Portelli (2008; 2010a) manifesta acerca do significado representado pela subjetividade individual, percebemos como a narrativa do jogador 2 é carregada de frustração, visto que não compreende sua alienação quanto aos prejuízos desse estilo de vida na época, o que atualmente lhe parece notório. A partir de Thompson (1992), entendemos que a posição do sujeito no contexto e as condições de produção do discurso interferem na sua reflexão, já que está fora da estrutura e promove uma ideia distinta de quando estava imerso.

No caso do jogador 5, a frustração também se faz presente em seu discurso, porém, de forma distinta, já que ele ainda faz parte desse contexto. Entretanto, com a redução de seu capital simbólico devido a sua localização atual nesse espaço, passa a compreender a realidade vivida de forma diferente e a assumir os prejuízos que ele acredita serem causados por esse estilo de vida, tentando uma ruptura positiva que retome sua trajetória promissora.

Eles evidenciam que fazer parte desse espaço favorecia na forma como viviam, criando esse estereótipo com relação ao estilo de vida. A personificação dos atletas em heróis devido à natureza popular de sua atividade profissional somados em alguns casos aos ganhos financeiros, propiciavam um ambiente favorável para a desvirtuação do foco desses sujeitos.

A subjetividade promove condições particulares para a formação narrativa de cada indivíduo, além de ser influenciada pelo compartilhamento social, evidenciando a interferência que outras histórias têm no discurso. Na primeira narrativa, o colaborador justifica seus comportamentos atribuindo culpa exclusivamente a estrutura, mas que compreendemos se entrecruzar com sua subjetividade, visto que tinha poder de escolha em sua trajetória. O jogador 3 demonstra que compreende ser o autor de sua própria história e que por mais que o ambiente e os sujeitos ao redor influenciassem, ele determinava o caminho que devia seguir. Já o jogador 5 nos faz pensar que as escolhas atreladas a imaturidade compactuam com as condições da estrutura nas ações tomadas.

Com base em Halbwachs (2013) percebemos como essas histórias promovem também uma ideia de memória coletiva, já que aparentemente esse estilo de vida é exposto pelos colaboradores como característico de parte da categoria, apresentando semelhanças inclusive na formação narrativa, ao detalhar como a representatividade social facilita no relacionamento com as mulheres e como esse capital simbólico promove a sensação de bem estar e autoestima.

O próprio Halbwachs (2013) vai tratar dessa ideia ao compreender que a memória coletiva é a perspectiva semelhante, mas não igual, de cada sujeito integrante de uma comunidade. Nesse caso, por mais que os exemplos se repitam e possamos enquadrar tais histórias na representação de um estilo de vida de futebolistas, cada sujeito carrega particularidades que agregam nesse processo histórico. O jogador 3 continua:

Balada, eu até uma boa parte do tempo eu fui bem boêmio, então eu dava um jeitinho, sempre que eu estava em time do Brasil eu dava um jeito de ir para a balada. Mas perdia bastante, inclusive, questão de balada me atrapalhou bastante também em alguns times. Estava no juniores em Minas Gerais, no Tupi, e do Tupi eu estava no juniores e treinava no profissional, só que daí eu fui mandado embora por causa de balada, por causa que eu ia para a noite. Fui para a noite na véspera da final do campeonato do juniores, final do estadual. Ai eu fui mandado porque fui pra balada lá e cheguei no outro dia era a final do juniores, não era o Campeonato Mineiro, mas era um paralelo, e daí os caras descobriram, era o Alemão que era diretor lá, me mandou embora (JOGADOR 3, 2016).

Com base em Bruner (2014) a narrativa detalhista promove suas memórias através do sarcasmo de quem não se arrepende por ter sido mandado embora ao ir para a balada antes de uma final de campeonato, pelo contrário, já que evidencia o sentimento de nostalgia. Essa autorreflexão satisfatória ao reinterpretar suas experiências demonstra amadurecimento, uma vez que é o único dos sujeitos aqui apresentados que não atua direta ou indiretamente com a área esportiva – em razão de ser cabeleireiro – e não se demonstra frustrado por isso, determinando esse posicionamento quanto a sua vida após o fim de sua carreira.

A narrativa é permeada pela instabilidade entre ser um atleta boêmio – que foi – e os prejuízos que isso causou, visto que compreende esse código de conduta enquanto requisito para uma trajetória de sucesso, mesmo que sua história não se notabilizasse por isso, mas pela busca do reconhecimento social inerente ao esporte, independentemente do seu nível de atuação. Essa vida desregrada de quando atuava

no Brasil contradiz as suas experiências no exterior, já que as próprias reações acerca de suas experiências internacionais durante a entrevista exteriorizaram um sentimento de frustração, já que suas tentativas de consolidar sua carreira europeia foram frustradas. O discurso notabiliza que o desempenho e o investimento na carreira diferiram entre as experiências vividas no contexto brasileiro e europeu, demonstrando a relevância da subjetividade no processo de desenvolvimento de um atleta. Reiterando que a estrutura também influencia na permanência do sujeito nesse espaço, já que estabelece relações sociais que determinam sua representatividade no futebol.

Apoiados em Smith (2012) observamos como a formação narrativa influencia na análise das questões apresentadas, já que as reações do entrevistado acabam determinando sua postura em relação aos temas. Isso mostra como os comportamentos são relevantes no processo de compreensão das oralidades, já que atribuem sentido e significado às experiências, assim como promovem uma ideia de sua representatividade para o indivíduo que as reinterpreta no presente (PORTELLI, 2010a). Nesse sentido, o jogador 5 afirmou:

Aí isso começou a me atrapalhar, saia, perdia, saia, ganhava, saia e aí fiquei rotulado como baladeiro, foi isso que me atrapalho praticamente, depois tive outros problemas no Londrina, porque eu chegava às vezes, isso ainda no Atlético, ia treinar, jogava, ia treinar no outro dia, eu saia à noite, ia treinar as vezes até com o cheiro da bebida, sem dormir, e isso começou não só a torcida ver, não foi só a torcida que via, porque quem estava ali comigo no dia-a-dia via, diretor de futebol via, treinador via, então fiquei rotulado como baladeiro mesmo e não estava nem aí (JOGADOR 5, 2016).

Apesar da proximidade dos discursos do jogador 3 e do jogador 5, em que ambos compartilham o mesmo sentido quanto ao estilo de vida boêmio, percebemos as particularidades, em que o jogador 5 manifesta sua história pelo arrependimento da conduta que mantinha enquanto atleta do Atlético-PR, reinterpretando os fatos a partir de sua compreensão atualizada dessas experiências, que são influenciadas por sua posição no tempo e no espaço no momento da entrevista.

Essa discussão acerca da localização temporal e espacial proposta por Candau (2014) compreende as razões pelas quais expressa esse sentimento de frustração quanto as suas experiências passadas, já que no momento da entrevista se encontrava desempregado e buscava uma nova oportunidade profissional no futebol. Esse lapso temporal entre os fatos e o momento da narrativa, corresponde ao

período de amadurecimento do sujeito, que influencia diretamente na sua reinterpretação dos acontecimentos.

Ressaltamos, ainda a partir de Smith (2012), que as reações e a entonação da voz demonstravam esse abatimento condizente com a análise da transição entre a posição ocupada no passado rememorado e a em que se localiza atualmente, gerando uma narrativa na qual tenta conceber o momento de ruptura de sua história, identificando irregularidades em sua conduta que pudessem explicar o redirecionamento de sua trajetória. Isso ocorre quando ele afirma em seu discurso que suas ações extracampo passaram a atrapalhar seu rendimento, assimilando que as consequências de uma carreira remetida ao ostracismo está relacionada à sua postura no passado. Acerca disso, o jogador 3 afirmou:

Só que ali eu fechei contrato por mérito mesmo e briguei com ele, daí os caras me deixavam meio assim, as vezes jogava, as vezes não jogava, era banco, mas era novo pra caramba também e eu estava só na noite também, na Portuguesa Santista era balada direto e aí acho que era só esses dois times que eu tinha esquecido (JOGADOR 3, 2016).

Essa história se diferencia das demais apresentadas, principalmente por não se frustrar com o encerramento precoce de sua trajetória no futebol, já que a narrativa enfatiza que viveu suas experiências de acordo com suas convicções. Apoiados em Portelli (2008; 2010a) percebemos então que a memória tem essa dimensão de reinterpretar o passado no presente, mas nesse caso promove sentimentos positivos ao acessar as lembranças.

Nessa compreensão de que as relações no futebol são permeadas por polêmicas, ele afirma que ao assinar contrato com a Portuguesa Santista, o fez por mérito próprio, já que afirma implicitamente que em alguns casos os atletas são beneficiados por aceitarem condições impostas por diretores, que não estão relacionadas ao desempenho esportivo. Ao se negar a atender pedidos de dirigentes e levar uma vida boêmia, determinou essa instabilidade em sua posição nesse tempo e espaço.

Com base em Bruner (2014) entendemos que as especificidades do discurso o tornam único em nossa análise, já que a subjetividade do jogador 3 compreende essa perspectiva do código de conduta que o contexto vincula ao sucesso esportivo. Além disso, sua narrativa acrescenta que essas relações de poder entre os diversos

agentes que compõem o futebol também são determinantes nesse processo de constituição e desenvolvimento da estrutura.

O discurso esclarece que existem diversos fatores que influenciam a trajetória esportiva, já que a instabilidade que permeia o futebol caracteriza essa imprevisibilidade quanto às possibilidades que cada sujeito tem de alcançar seus objetivos em uma profissão de ampla concorrência e representativa socialmente e culturalmente. Nesse sentido, Candau (2014) idealiza que o tempo e o espaço são decisivos no rumo dos fatos e devem ser considerados, já que a subjetividade e as relações que estabelecem na estrutura contemplam a compreensão das experiências vividas. O momento e a posição no contexto determinam como os vínculos se iniciam e como podem desequilibrar as relações de poder que estabelecem nesses ambientes que transitam. A respeito disso, nosso colaborador afirmou:

Até mesmo vejo que não é só tirar o foco, porque eu conheço jogadores que disputaram Copa do Mundo e eu sei que bebe, fuma, usam drogas e chegaram a jogar Copa do Mundo, isso aí eu sei e estão disputando em alto nível e fazem os mesmos erros dos que não vão chegar. Mas que atrapalha, atrapalha e isso ele vai tomar conta de repente não é agora, mas lá pra frente, vai ver que errou, que errou, que errou e de repente aquela vida que ele estava levando ou ele muda ou vai acabar com ele próprio, com a família. Mas é difícil no futebol, o que eu vejo, é que assim é muita atração das mulheres, é demais, então depois junta mulher e bebida o negócio fica atrativo, você quer cada dia mais aquilo e depois você vai vivendo aquilo e você não vê o fim, porque até o momento você está jogando, está ganhando dinheiro, está tendo as mulheres, as pessoas que você queria do seu lado, carro e o negócio vai ficando, não é bom para o bem estar, mas você vai se sentindo, você vai tendo algo prazeroso e aquilo você se sente ao máximo, aquilo é um negócio que vai dando por dentro de você uma sensação que aqui no Brasil ainda eu achava demais, eu com 20 anos chegava num bar todo mundo me conhecia [...] (JOGADOR 2, 2016).

A partir dos acontecimentos vividos por tabela (POLLAK, 1992) percebemos que ele observa que não são apenas os atletas que fracassam que procuram esse estilo de vida, visto que afirma conhecer jogadores – dos quais não citou nomes – que viveram esse mesmo contexto e conseguiram sucesso. Suas histórias então atribuem maior representatividade do que as demais, pois sua narrativa evidencia o sentimento de frustração devido ao encerramento precoce de sua carreira. Portanto, mesmo sabendo que existem atletas vencedores sem manter determinada disciplina, ele acredita (atualmente olhando de fora) que essa vida boêmia é prejudicial a longo prazo.

Percebemos a frustração no discurso, o arrependimento por não ter conseguido compreender a estrutura quando estava imerso nela, o conformismo por acreditar que, de alguma forma essas experiências foram inevitáveis e que, quando se está na situação, só se consegue contemplar as necessidades efêmeras baseadas no consumismo, o que denota que as memórias mais profundas são aquelas que marcam a história pelos extremos positivos e negativos (PASSERINI, 2011).

Fica evidente a tentativa de vitimização da categoria ao pensar que o atleta está em um meio no qual é visado por diversos indivíduos e que essas influências são determinantes nos desvios de conduta. Em partes, esse estereótipo se consolida, já que existem sujeitos dispostos a facilitar a vida dos esportistas em troca de benefícios proporcionados pelo dinheiro e pela representatividade social desses atletas. O sujeito necessitar abdicar de parte da juventude para alcançar o sucesso almejado em uma profissão concorrida, gerando um extravasamento emocional devido a essas particularidades da carreira.

Entretanto, compreendemos que o esportista é o autor de sua própria história e sua subjetividade é tão decisiva quanto a influência da estrutura, já que as duas se entrecruzam na determinação das experiências vividas. Nesse sentido, entendemos que a representatividade social e o capital financeiro possibilitam a realização de suas aspirações e dos que estão à sua volta, enfatizando seu poder de escolha. O jogador 5 acrescentou:

E a questão de mulher, a mulher acha que o cara está rico né, acha que porque o cara está jogando no profissional ou está na seleção de base elas acham que o cara fica rico, então elas querem se aproveitar, elas querem estar perto né e querem status, então você vira galã, mulher que você nunca imaginava que um dia você ia conversar, está ali só te esperando para poder conversar com você, para poder sair com você, para poder te dar um beijo, para poder estar do seu lado para dizer: “oh [...] eu sai com tal pessoa, eu sai com ele tal dia”, só por status, só por status, coisas assim que o futebol proporciona que eu posso dizer que é ilusório, que é coisa passageira, que eu posso dizer que atrapalha, atrapalha muito porque você acha que pode tudo, porque onde você vai você é conhecido, onde você está a pessoa quer tirar foto, quer um autógrafo, as vezes você vai num lugar caro que você vai pra comer, as vezes você nem paga por ser jogador, por ser uma pessoa publicamente conhecida, então fica tudo muito fácil, fica tudo muito fácil, o que era às vezes, o que você imaginava impossível de acontecer, as coisas acontecem muito fáceis (JOGADOR 5, 2016).

A narrativa de um atleta que viveu a realidade de um grande clube e que, posteriormente, caiu no ostracismo, promove a ideia da representatividade social atribuída aos atletas devido ao reconhecimento público, a cobertura midiática e o



padrão de vida financeiro que levam. E os esportistas que adotam o estilo de vida baladeiro, acabam também se notabilizando por ostentar roupas e acessórios de alto valor econômico e que impressionam aqueles que estão à sua volta.

A popularidade atrai indivíduos pelo interesse de estarem ao lado de um sujeito conhecido e reconhecido, usufruindo de sua condição financeira. Enquanto está em destaque na estrutura não visualiza essas relações efêmeras, mas quando o ostracismo trata de uma nova realidade, reinterpreta seu passado no presente, reiterando que a memória é a representação do vivido em constante transformação (NORA, 1993).

O assédio das mulheres, retratado pelo senso comum e pela mídia como algo intrínseco à realidade do futebol, também é problematizado pelos colaboradores dessa pesquisa, promovendo uma perspectiva social que engloba, à semelhança das narrativas, a ideia da memória coletiva de Halbwachs (2013) e que se consolida em uma reflexão estrutural a partir das subjetividades que cada história particulariza, como pensa Portelli (1996).

A narrativa do jogador 5 se difere do jogador 2, já que ainda está em atividade, vislumbrando retomar o capital simbólico perdido ao deixar de ser uma referência pública em sua profissão. Até por isso ele identifica o interesse das mulheres em sua figura como ilusória, pois a condição em que se aproximam diz respeito ao interesse devido a sua representatividade social. Isso se notabiliza quando afirma que as mulheres estavam em sua companhia por *status*, já que ao deixar de ser representativo, adentrando ao ostracismo, perde o interesse de quem estava ao seu redor pelo capital simbólico que detinha.

Caso ele ainda estivesse na condição de atleta do Atlético-PR, poderia se manter naquela realidade, não reinterpretando tais relações como ilusórias, mas como parte do seu cotidiano como figura pública que detém poder e que atrai a presença daqueles que atribuem essa dimensão representativa de sua imagem. A narrativa se refere então à compreensão de Portelli (1996) acerca da representação que causa a subjetividade nesse tipo de discussão, bem como a noção de Candau (2014) a respeito do tempo e do espaço na determinação de como a narrativa vai ser elaborada e apresentada no momento da entrevista. Ele continua:

Ah você fica rodeado de amigos, fica rodeado de gente que é teu amigo, que é teu melhor amigo, que conhece você desde a infância, que jogou com você,

que estudou com você, então você fica sempre rodeado de muita gente, sempre tem um familiar aqui, um ali, gente que nunca apareceu, que nunca participou da sua vida, começa a querer participar e fazer parte. Eu lembro que quando eu voltava da seleção brasileira, que eu sempre ganhava os materiais dos torneios que eu ganhava, eu lembro que quando eu chegava em casa sempre tinha mais de 12, 13 pessoas dentro da minha casa me esperando, uma porque queria o material da seleção, bater foto para provar que era meu primo, para provar que era meu amigo, ou para levar alguma coisa minha lá de casa eu posso dizer assim, material, para pedir, para pegar alguma coisa, então eu lembro (JOGADOR 5, 2016).

Ele evidencia novamente a ideia da representatividade social do atleta de futebol, em que os indivíduos a sua volta, que não faziam parte do seu cotidiano, se aproximam em busca de recursos que comprovem uma ligação direta com ele, tentando notabilizar sua imagem ao lado de uma figura pública atrelada ao Atlético-PR e à seleção brasileira de base.

Ressaltamos ainda que a narrativa enfatiza que muito embora estivesse envolvido nessa dinâmica, acabava percebendo esse interesse de sujeitos querendo, associando-se a sua imagem, tornarem-se populares e reconhecidos por isso. A partir de Portelli (2010a; 2008), entendemos que a reinterpretação do passado no presente nem sempre contempla o sentimento de arrependimento e frustração, mas pode confirmar hipóteses do que silenciava quando estava imerso nesse tipo de situação.

Portanto, são memórias que retratam a realidade de alguém que sabia que o contexto do futebol profissional aproximava os sujeitos por interesse, mas que por conjuntura do momento também proporcionava benefícios dos quais se aproveitava, como no caso de sua popularidade com as mulheres. Entretanto, haviam constantes incômodos, como quando retornava da seleção e se deparava com desconhecidos em sua casa, buscando materiais que comprovassem uma ligação afetiva. É o que ele aborda na continuidade de sua narrativa:

Quando eu chegava em casa até que não tinha tanta mulher, tinha mais quando eu saía, eu gostava, eu era novo, eu era novo, eu aproveitava, dessa parte de mulher eu aproveitava da situação, eu aproveitava, algumas eu ficava, outras não. Agora em termos de amigos que apareciam demais, as vezes eu ficava feliz por estar em casa e por estar vendo minha família, as vezes muito amigo em casa me incomodava porque tinha gente que eu nem via, que eu nunca tinha visto e estava lá dentro da minha casa, as vezes eu até perguntava: “mãe, o que estão fazendo aqui? O que ele está fazendo aí? Quem convidou ele pra vir aqui?”. Daí ela falava: “não, ninguém convidou”, e ele estava lá, então, e as vezes a pessoa estava lá em casa, então uma coisa que, eu não podia chegar em casa e falar: “oh meu, o que você está fazendo aqui?”, a pessoa queria participar de tudo quanto é jeito, então a pessoa começa a ser prestativa, começa a fazer tudo quanto é tipo de favor, coisas que você precisa, começa a disponibilizar o tempo. Hoje em dia eu sei quem

realmente são meus amigos, eu sempre tive meus amigos que eu levei para dentro de casa e passavam o dia-a-dia comigo, mas teve gente que começou a aparecer do nada e sempre estava comigo também, tudo que eu ia fazer estava sempre do meu lado, hoje em dia são poucos os que estão comigo do meu lado por eu não estar tão bem no profissional, não estar na mídia aparecendo direto, hoje em dia também não tenho mais essa facilidade de ir nos lugares e, ainda sou bem conhecido, eu até me surpreendo, em alguns lugares as pessoas ainda lembram de mim: “nossa, você não [...] jogava no Atlético, po, legal cara, como é que você está?”, mas assim de muitos amigos não, ah isso não tem, hoje eu tenho no máximo uns 2, 3, posso contar na mão o que eu tenho de amigo de verdade mesmo, amigo de verdade mesmo eu posso contar na mão, porque os que eram meus amigos mesmo tudo sumiram, hoje eu não tenho ninguém que venha aqui e me ajude, que eu preciso de ajuda e venha aqui e pague uma conta para mim, me ajude com alguma coisa dentro de casa, isso eu posso dizer que é bem difícil (JOGADOR 5, 2016).

Por mais que ele sempre tenha reconhecido as amizades que faziam parte de sua vida antes mesmo de ser tornar atleta profissional, chega um determinado momento que não conseguia distinguir daqueles que se aproximavam por interesse, devido sua inserção e representatividade social nesse contexto. Nesse ponto, o trabalho com a memória mostra como a história é reinterpretada e repassada a partir do presente (PORTELLI, 2010a) e como essa perspectiva diz respeito a sua localização no tempo e no espaço (CANDAU, 2014), já que é isso que o condiciona a retratar o tema da forma como tratou.

O sujeito que não conseguia diferenciar os que estavam a sua volta, passa a fazê-lo devido à redução do seu capital simbólico na estrutura, compreendendo que alguns que estavam nos momentos positivos, não se fazem presentes nesse momento de dificuldades. As memórias então são subjetivamente esclarecedoras, já que possibilitam o retorno ao passado em uma nova perspectiva, acrescentando na discussão dos fatos e na compreensão dos sentidos atribuídos pelos colaboradores (PORTELLI, 2008; 2010a).

Portelli (1996) acrescenta que as subjetividades, por mais que determinem uma perspectiva individual da questão, já que se trata da formação narrativa e de como o indivíduo busca recursos para contar sua história, partem também de uma estrutura narrativa socialmente aceita, que no caso é como o colaborador quer transmitir sua história. Essa ideia é possível quando pensamos que todas essas questões são narradas a partir da conjuntura que o colaborador pretende expor e como ele identifica socialmente essas questões no meio do futebol.

Essa ideia dos indivíduos que se aproximam por interesse parte do compartilhamento social idealizado por Smith (2012), pensando que a conjuntura em

que ela é repassada demonstra a influência das relações sociais em que o narrador se insere e que afetam sua subjetividade ao contar sua versão da história. Nesse ponto, Portelli (2010a) entende que a subjetividade é enriquecedora nos trabalhos com a oralidade, já que nos apresentam recursos analíticos relevantes, tanto pelo conteúdo e pela estrutura, quanto pelas especificidades carregadas por cada narrativa. Dessa forma, o jogador 2 afirmou:

Fica um ciclo vicioso praticamente, porque o jogador de futebol fica muito fechado, o papo de jogador de futebol no vestiário, na concentração é mulher, balada e churrasco, se você for ver os três focos principais e futebol, os quatro, mas numa vida social totalmente diferente. Então, inclusive quando iniciei a faculdade que me distanciei praticamente do futebol, cara, o papo que você tem na universidade, na faculdade, que o meio do futebol é meio malicioso, cara você vê as conversas, fala: “nossa senhora”, daí eu via a conversa da universidade, dos alunos, dos colegas, totalmente diferente de um vestiário com 20, 30 homens só falando de mulher, só falando de balada, só falando de cerveja e isso não vem ao caso que vão falar: “ah você que escolheu isso”, mas são 3, 4 que ou vai para a igreja ou até tem uma vida social ou até se preocupa com o futuro, isso a gente vê na televisão reportagens que você pega de jogadores que jogaram em time grande, jogaram 10 anos e estão ferrados, estão sem clube, sem dinheiro, sem família, porque fica naquele ciclo, naquele meio e não dá oportunidade ou até pensa que não vai precisar, não abrange seu meio e fica difícil, cai nesses mesmos erros, acaba nesses mesmos erros (JOGADOR 2, 2016).

Ao destacar que esse processo é um ciclo vicioso, suas memórias denotam que ao adentrar esse grupo, estão sujeitos ao enquadramento nesse estilo de vida. Ele justifica que isso não é uma escolha, mas algo inerente à estrutura, que estabelece socialmente as regras de convívio nesse meio. A partir de Portelli (1996; 1997; 2010a) refletimos que sua narrativa recai novamente na vitimização da categoria, pois ao reinterpretar suas experiências não consegue entender a subjetividade como determinante nesse processo da carreira esportiva.

Ele até consegue compreender que atitudes diferentes das propostas por esse ciclo vicioso podem mudar uma trajetória, mas não acredita que isso seja possível se encontrando dentro do contexto de ação futebolístico (SOUZA, 2014). A partir disso, a frustração evidencia que o atleta está fadado a viver de acordo com a imposição dessas regras de convívio social impostas pela estrutura, posteriormente adentrando o ostracismo que retira sua representatividade social ao encerrar a carreira.

Ao comparar o ambiente do futebol com o da universidade, ele notabiliza que a influência do ambiente em que se localiza é decisiva nas experiências que vive. Isso

está ligado a sua inserção em um determinado grupo e como esse interfere na sua subjetividade, já que as memórias mais precisas são daquelas comunidades com as quais o sujeito mantém maior contato, compreendendo que a individualidade afeta o grupo, porém, a coletividade também afeta o individual (HALBWACHS, 2013).

Isso denota a constante interação entre subjetividade e estrutura, em que o grau da influência de cada uma é determinado pelo nível de compreensão das relações que cada sujeito estabelece em um determinado grupo. Na narrativa apresentada, percebemos que ao estar mais próximo do ambiente universitário, o sujeito consegue compreender o tipo de relação estabelecida em contrapartida com as suas experiências no futebol. Essa distinção é possível de acordo com a presença constante dessas duas coletividades no cotidiano do indivíduo, já que a vida universitária o acompanha atualmente, o futebol é relevante em sua história, e afirma ter escolhido o curso de Educação Física com o intuito de retornar ao meio na função de treinador. Ele continua:

E acho que isso acontece também, da pressão do estádio, de aliviar o estresse, você beber, você sair, eu acho que isso tudo faz parte, da pressão com certeza, porque a pressão que exige no futebol é muito grande. Claro que no alto nível é mais exigente e a pressão é bem maior, mas é o futebol inteiro, futebol se você pegar hoje da série D, os atletas da série D fazem a mesma coisa que os atletas da série A, claro que em proporção diferente, mas eles não vão, única coisa que vai mudar é o bar que é mais barato, a mulher que não é tão mais caro, não é tão no mesmo nível. Além de aliviar o estresse, uma coisa que o futebol tem dos treinamentos muito fortes, é treino muito forte, daí o cara: “agora eu vou aliviar”, daí chega também, além de aliviar tensão, quer aliviar outras coisas e daí você fala: “eu também tenho que aproveitar a vida”, porque você vai ter, você começa a ganhar dinheiro muito cedo, começa a trabalhar muito cedo, jogar futebol muito cedo e aquilo vai no caso, você vai dizer, o que eu ia falar, sobre as mulheres, as pessoas vão aproximando de você e aquilo acaba naquele ciclo (JOGADOR 2, 2016).

A narrativa enfatiza essa ideia de popularidade do futebol, que estabelece uma responsabilidade para os agentes que partilham desse meio. O atleta enquanto sujeito visado sofre constante pressão para crescimento e manutenção do desempenho, além de ser elevado à condição heroica devido a sua representação social em uma profissão de ampla concorrência (CAVALCANTI, 2013).

Nesse caso, o atleta buscou alternativas para diminuir a pressão e se encontrar enquanto ser humano que tem direito de aproveitar a vida como qualquer outro indivíduo, buscando satisfação pessoal naquilo que transponha os momentos difíceis inerentes ao futebol. Isso se consolida socialmente, já que as atitudes são as

mesmas nas diversas divisões, variando apenas a possibilidade de investimento que cada esportista tem para satisfazer suas aspirações.

Sua ideia de que o comportamento é uniforme, independentemente do nível em que se enquadra, demonstra a perspectiva de um ciclo vicioso nesse meio. Além da pressão emocional, isso é relacionado ao estresse dos treinamentos, ao fato de alguns esportistas receberem valores elevados em relação a outras camadas da sociedade, ao início precoce na profissão e à aproximação de indivíduos que teoricamente querem se aproveitar desse contexto.

Concordamos com Smith (2012) ao afirmar que a formação narrativa é influenciada pelas reações e sentimentos expressos pelo indivíduo no momento da entrevista, visto que a narrativa se consolida pela frustração do encerramento precoce da carreira, acarretando na falta de distanciamento desse meio em sua observação, pois ignora a influência da subjetividade na transformação dessa condição boêmia e não compreende que a satisfação pessoal não gera desconforto ao ponto de promover mudanças nos indivíduos inseridos nesse processo. Pensamos então que essa instabilidade do campo futebolístico é prejudicial, principalmente ao jovem, que carece de maturidade para distinguir suas reais necessidades enquanto sujeito. Acerca disso, o jogador 4 relatou:

Sim, com certeza, por isso que eu falo que eu entendo eles, porque muitas vezes eu tenho vontade de sumir no mundo e ficar quieto no meu canto e faço isso, vou e fico quieto no meu canto, minha válvula de escape é essa, é sair, sei lá, pegar um violão e tocar, pegar minha família e ir embora, ir para uma chácara. A válvula de escape deles é essa, festar, por isso que eu entendo eles, não admito que eles façam isso porque eu não gosto, e eles devem ficar bravos porque eu faço do meu jeito, não faço de outro jeito (risos), mas eu entendo eles, porque é um negócio desgastante pra caramba, principalmente psicologicamente (JOGADOR 4, 2016).

A narrativa do jogador 4 e do jogador 2 apresentam semelhanças e diferenças que nos fazem compreender o que pode ser classificado como de ordem subjetiva e o que pode ser enquadrado como parte da estrutura. Quanto às questões estruturais, ambos evidenciam que o futebol é um meio desgastante, em que a pressão por resultados é constante e os atletas sofrem com a necessidade de manter-se em alto nível devido à concorrência em uma profissão representativa socialmente e em alguns casos, financeiramente.

Quanto às particularidades de cada história, ambos retratam formas diferentes de lidar com a pressão. O jogador 4 busca refúgio na família, enquanto o jogador 2 extravasa emocionalmente através das festas, das mulheres e das bebidas alcóolicas. Mesmo sem se conhecerem pessoalmente, o primeiro faz ressalvas ao tipo de comportamento do segundo, compreendendo esse tipo de atitude, mesmo não compactuando com esses desvios de conduta.

A oralidade então compreende que as histórias compartilham mais do que significados, associam experiências vividas em tempos e espaços diferentes, mas que tratam de um processo social partilhado por integrantes de uma mesma comunidade, que no caso é a dos futebolistas profissionais. Nossos colaboradores afirmaram:

É, esse foi um momento assim, quando por exemplo, eu joguei no Cruzeiro, estrutura grande, Rio Branco, por mais que seja um clube do interior tinha uma estrutura fantástica ali, aí você chega jogar perto da sua casa, você pensa que, isso acontece com vários casos, eu entendo alguns jogadores que se perdem, que nem, é o seguinte, desde os quatorze, eu, sábado e domingo estava jogando e na época eu ia de férias assim, no sábado e domingo já para quinze, dezesseis era sair, sabadão vou sair e tal, e isso eu perdi muito tempo, viajando final de semana e sem curtir o sábado, sem a sexta, o sair com a galera. Daí quando eu joguei perto de casa na segunda divisão, eu meio que não estava nem ai pra concentração, então eu comecei a sair mais, já estava com vinte anos, eu queria, então acabei deixando um pouquinho, daí acabei exagerando várias vezes com bebida, chegava de madrugada e o treino era de manhã, várias vezes, chegava sem dormir, tanto que eu lesionei [...] (JOGADOR 1, 2016).

O colaborador evidencia a frustração por ter abdicado da juventude na busca pelo sucesso no futebol, sendo que quando sua carreira já não apresentava oportunidades como anteriormente, acabou extravasando na busca pela auto-realização. Suas memórias então promovem um contraponto em relação a esse código de conduta, já que atualmente, devido às suas experiências nesse contexto, compreende porque esportistas de destaque acabam se perdendo. O jogador 2 relatou:

[...] mas um cara que inicia a carreira praticamente com 7, 8 anos treinando sério, eu treinava praticamente quase todos os dias na AABB, quando não tinha AABB era campo, quando não tinha campo era na AABB, futebol de salão, então era muito intenso, muito intenso não, era muito tempo de treino e que a curto prazo isso ia dar problema, e se você não se cuidar hoje, a exigência no período foi evoluindo, a Educação Física foi evoluindo, hoje o atleta se não deu tempo de recuperação e não souber descansar não consegue jogar. [...] e isso para piorar ainda, que ai já tinha disso tudo, de ser uma semana longa de treinamento, eu ao invés de descansar, chegou em uma fase que eu queria juntar com a balada, então isso atrapalhou com

certeza no meu desempenho, foi cada vez encurtando mais a minha carreira (JOGADOR 2, 2016).

Nesse caso, aposentadoria precoce devido às lesões nos joelhos o fazem enfatizar a necessidade do cuidado com o corpo para manter-se apto às necessidades que essa carreira exige. A dinâmica do jogo e as exigências físicas fazem com que os atletas precisem estar descansados para o desempenho de suas funções em campo. Ele reitera ainda, que a falta de conhecimento de alguns profissionais que não controlam as variáveis de volume e intensidade adequadamente, além da especialização precoce, podem ter colaborado nesses problemas físicos. O jogador 3 afirmou:

Não aguentava forçar a noite e no outro dia de novo. [...] tanto que na Portuguesa Santista eu cai para o banco não só por causa de discussão, primeiro eu cai para o banco por causa disso, porque eu cheguei direto da noite, aí pensei: “é só um rachão, porque amanhã tem jogo né”, eu cuidava para ir para noite nos dias que não iam ter coletivos [...]. Aí eu descanso bem essa noite e amanhã estou bem, estou sarado. Aí o cara não fez rachão, fez um mini coletivo de uns vinte minutos e com jogadas ensaiadas e uma das jogadas ensaiadas era eu, que o cara do escanteio ao invés de cruzar, tocava a bola em mim, que eu saia lá da zaga e eu recebia quase que batendo para o gol [...]. Aí nessa, o cara tocou em mim, eu fui dominar a bola, a bola veio redonda, [...] no que eu dominei o atacante passou, me roubou a bola, contra ataque, tomamos o gol. Aí o cara mandou eu tirar o colete na hora e ainda falou assim para mim: “foi boa a noite ontem eim”. Ele já estava ligado, alguém já tinha contado! (JOGADOR 3, 2016).

Esse colaborador não demonstra ressentimento pela forma como as coisas ocorreram em sua história, até mesmo porque, ele buscava esse estilo de vida inerente ao futebol, mesmo que tentando controlar-se de forma a minimizar os prejuízos no seu desempenho. Entretanto, ele sabia que a combinação da vida boêmia com a esportiva promovia danos à condição física, impedindo um rendimento satisfatório, o fazendo perder a titularidade na Portuguesa Santista. O jogador 5 relatou:

Então desde os meus 16 eu saia, saia muito e em 2009 eu subi para o profissional, muita gente já me conhecia e até mesmo quando eu subi, algumas pessoas perguntavam para mim: “[...] como é que estava lá ontem?”, falavam o nome da balada, “estava bom?”, não sei o que, mas até então eu estava bem, ninguém me cobrava nada, foi quando o nosso time começou a ir mal no campeonato brasileiro e eu não me importava se o time tivesse perdido [...] a fase que estava o time, eu saia do mesmo jeito [...] os torcedores me viam na balada e começavam a me cobrar [...] e eu não estava nem aí [...] queria mais é curtir, e sempre achei que as coisas para mim iam dar certo, que eu ia sair do Atlético só para coisa melhor, eu nunca achei que fosse sair



do Atlético e dar passo para trás na minha vida, e não estava nem aí para nada, saia mesmo e não me importava (JOGADOR 5, 2016).

O jogador 5 expõe o sentimento de arrependimento, considerando que sua imaturidade o impedia de perceber que suas atitudes poderiam mudar sua trajetória no esporte. Ressaltamos nesse caso ainda, a constante associação de sua imagem com uma carreira promissora e a posição representativa socialmente e financeiramente que ocupava anteriormente, justificando a reação de abatimento no momento em que reinterpreta seu discurso acerca dessas experiências.

Um conceito importante retratado por Smith (2012) trata da memória popular, que em suma, representa uma ideia de linguagem similar por uma dada coletividade, na qual os sujeitos utilizam da mesma forma narrativa para exporem suas histórias de vida, recorrendo a desfechos coletivos, o que se deu em partes porque determinadas comunidades dialogavam sobre o passado, criando uma cultura fabricante de estereótipos prontos com memórias implicitamente arraigadas.

A partir dessa preposição, acreditamos que essa formação narrativa acrescida de uma construção cultural não se baseia apenas na interação entre sujeitos de um mesmo local, mas pode se originar entre indivíduos de uma mesma coletividade profissional, social, econômica ou política. O compartilhamento de ideias, a estruturação de uma linha de pensamento do que é culturalmente aceitável implica na formação de uma reflexão coletiva, como por exemplo, na conduta ético/profissional de um atleta de futebol, suas funções, suas obrigações para alcançar o auge em uma carreira aparentemente instável.

Logo, por mais que as atitudes apresentadas não sejam condizentes com o que se esperava, os entrevistados apresentam uma espécie de versão coletiva do que seria um atleta “exemplar”, capaz de promover uma carreira incerta para o sucesso. Essa construção coletiva de um código de conduta permite aos próprios colaboradores julgarem o que é certo e errado dentro de uma profissão visada publicamente. Isso, necessariamente, não se trataria de sua visão pessoal, pois mesmo se referindo ao “eu” que viveu diversas experiências, está contaminado pelo processo histórico-cultural pelo qual perpassa o futebol, daí a complexidade em assumir o individual e o coletivo como partes de uma possível análise do todo ou uma tentativa de observação da real influência do “eu” no grupo e da coletividade no indivíduo.

Já que esses entendimentos expressos através de regularidades na entrevista vêm à tona em atos comunicativos, a repetição de discursos com informantes diferentes oferece evidências de uma construção do passado compartilhada. Sejam narradas por variações individuais ou apresentadas de forma estereotipada, estruturas narrativas e simbólicas tendem a reaparecer em entrevistas diferentes conduzidas na mesma comunidade. Imagens recorrentes em mais de uma entrevista, revelam uma linguagem de narração que oferece um conjunto finito de formas expressivas preferenciais para a rememoração do passado. A análise de regularidades pode ajudar a definir as fronteiras de comunidades discursivamente definidas – isto é, de grupos de sujeitos que podem ou não conhecer uns aos outros, mas que estão conectados através de linguagens partilhadas (SMITH, 2012).

É o caso dos nossos colaboradores quando relatam esse código de conduta referente às ações que um atleta deve ou não realizar para ampliar suas chances de sucesso na carreira. A linguagem utilizada por parte deles é semelhante e a estrutura narrativa permite observar conexões que interligam suas histórias individuais. Percebemos em Halbwachs (2013) que os conteúdos em partes parecem remeter a uma memória coletiva, mesmo que os sujeitos não se conheçam. Isso nos direciona de certa forma a análises de fatos que se constituem historicamente relevantes à temática do futebol, nos direcionando no intuito de entender a carreira futebolística e seus percalços. Certas histórias remetem até a uma espécie de tradição oral, já que nos causam a impressão de que essas regularidades narrativas são incorporadas, compartilhadas e repassadas para outros agentes desse contexto.

Nos quatro casos apresentados, os colaboradores notabilizam que a vida desregrada prejudica o percurso para uma carreira de sucesso. Ser atleta profissional implica em responsabilidades que nem todos estão dispostos a assumir e, quando ocorre o desvio da conduta padrão em detrimento do extravasamento das emoções - caracterizadas pela pressão de um esporte representativo - causam problemas que levam ao regresso nessa constante tentativa de construção e desenvolvimento de uma trajetória vitoriosa no futebol.

A diferença na posição que ocupam nesse espaço evidencia que não é somente o nível de disputa e o capital financeiro que determinam a formação desse estilo de vida e o enquadramento nesse ciclo vicioso. A representatividade cultural e social dessa prática esportiva promove oportunidades que levam esses sujeitos a

comportamentos em desacordo com a conduta de uma figura pública, mesmo que pouco midiática.

Percebemos que os colaboradores compreendem essa problemática como decisiva no direcionamento de suas carreiras. Nas quatro histórias, destacou-se que o excesso de saídas à noite são incompatíveis com a vida atlética, podendo proporcionar problemas físicos, causando lesões e os mantendo inativos por um determinado tempo, embora bem propenso a juventude, idade em que se encontravam.

Devemos considerar que as narrativas tratam das histórias de ex-atletas profissionais, com exceção do jogador 5, que ao estarem atualmente fora do meio futebolístico conseguem reinterpretar suas experiências passadas com um certo distanciamento. No caso do jogador 5, apesar de ainda estar em atividade, sua análise se aproxima das demais devido à mudança de representatividade que sua carreira passou a ter ao sair do Atlético-PR e passar a circular por clubes de menor expressão.

Pensamos então que o fato de os três primeiros terem suas carreiras interrompidas precocemente e o jogador 5 ter alterado o *status* de sua trajetória de promissor para o ostracismo, os levam a compreender que suas atitudes em desacordo com a vida esportiva foram decisivas no rumo que suas carreiras tomaram.

As histórias retratadas compactuam com a ideia de Halbwachs (2013) no que concerne à memória coletiva, já que se notabilizam por esse cruzamento de informações que pertencem à coletividade, mas que são apresentados de forma singular em cada narrativa. As semelhanças nas histórias evidenciam as influências coletivas na individualidade e a subjetividade de cada entrevista denota o individual contemplado dentro dessa perspectiva comunitária. Acerca dos motivos que questionam em partes essa ideia do código de conduta, nosso colaborador afirmou:

Eu acho que, claro que se você tem o controle de você, com certeza teu desempenho ia só favorecer. É bem diferente de você ir pra balada e tomar cerveja e você só ir pra balada, claro que o desempenho, já sendo errado só indo pra balada, já ia alterar. Mas se você vai pra balada, bebe e fuma, claro que aquilo ali vai acarretar a um curto tempo mesmo, claro que vai te atrapalhar, vai te dar problemas. Mas como daí a gente sabe que a individualidade genética altera muito, porque eu conheço atletas que fizeram a mesma coisa e estão jogando até agora, e fizeram pior, já tive uns em festa que faziam até pior e estão jogando, mas com certeza se tivesse um controle disso tudo a evolução deles seria bem maior, até o rendimento deles dentro do treinamento e do jogo podia desempenhar mais positivamente (JOGADOR 2, 2016).

Compreendemos que o futebol se caracteriza pela imprevisibilidade, inexistindo fórmula de sucesso nesse processo. A partir disso, a narrativa colabora na compreensão de que mesmo esse código de conduta sendo relevante e de conhecimento dos diversos agentes ligados ao futebol, não garante uma trajetória positiva, haja vista que os acontecimentos vividos por tabela notabilizados por Pollak (1992) revelam que alguns atletas cometeram graves equívocos e continuam em atividade.

Ele reitera que esses mesmos atletas poderiam potencializar o desempenho caso se enquadrassem nessa perspectiva do código de conduta da profissão. Além disso, seu questionamento acerca das razões para que determinados atletas tenham sucesso cometendo desvios de comportamento, compreende a influência dos fatores genéticos, que variam de acordo com cada indivíduo e que, em alguns casos, pode ajudar na recuperação do uso de substâncias nocivas ao corpo.

Observamos que o lapso temporal entre o acontecimento e a entrevista ampliam as capacidades de discussão da temática. Suas experiências acrescentadas à formação acadêmica em andamento no curso de Educação Física na época da entrevista colaboraram na compreensão da influência dos fatores genéticos para a recuperação física em um curto espaço de tempo. Isso demonstra como a memória é dotada desse processo histórico-social, caracterizado pela aquisição de novas informações que ajudam o colaborador a repensar suas vivências. Acrescentamos a isso seu distanciamento da estrutura, que promove um discurso distinto do que propiciaria caso ainda estivesse ligado à vida de atleta profissional. Em concordância com essa narrativa, outro colaborador afirmou:

Em 2009 eu estava bem no profissional, mas eu saía direto e jogando e bem e seleção, estava bem, mas chega uma hora que o corpo não vai aguentar, chega uma hora que vai fazer falta, chega uma hora que o teu descanso, uma noite de sono, uma alimentação regulada, uma alimentação regrada vai fazer falta. Hoje em dia então eu acho muito difícil um jogador que saia e consiga render dentro de campo, porque o futebol está muito dinâmico, muita força, a parte física hoje é extremamente importante. Jogador hoje que não estiver bem fisicamente não joga, você pode ver aí no futebol brasileiro, série A e série B tem muito jogador que fisicamente é um monstro, tecnicamente nem tanto, e as vezes você vê que um cara técnico, muito técnico as vezes não joga no time [...] (JOGADOR 5, 2016).

Notamos a semelhança entre as narrativas a respeito da interferência da vida privada no futebol e como a memória coletiva (HALBWACHS, 2013) está presente em

questões norteadoras referentes à discussão da carreira futebolística, pensando inclusive na ingerência midiática quanto à divulgação desse código de conduta que colabora na consolidação dessa ideia no campo futebolístico e que, a partir das narrativas, nos apresentam uma perspectiva prática do problema, que pode prever exceções, mas que identifica esse estilo de vida e a influência que um determinado padrão de comportamento pode ter no rendimento atlético.

Como base em Halbwachs (2013), entendemos a oralidade como um meio de exposição das memórias positivas e negativas, que por vezes perspectiva a memória coletiva, nos ajudando a identificar os problemas que comumente atingem essa categoria, reiterando a relevância dessa abordagem quanto às discussões humanas do futebol. Esse debate contribui tanto para discutirmos a amplitude da celeuma que se estabelece na representatividade social do futebol, quanto para entendermos as particularidades de cada história, proporcionando o entendimento da estrutura e da subjetividade ao pensarmos essas questões.

A história do jogador 5 aborda a questão da representatividade social do atleta pelo viés de quem ainda se localiza nesse espaço, mas que não possui o mesmo *status* do início de carreira. O próprio discurso evidencia que enquanto estava jogando bem, seus comportamentos extracampo não influenciaram negativamente na sua condição no clube e não afetavam sua relação com outros agentes desse meio. Porém, quando há um desvio nessa trajetória fica evidente como as questões alheias ao campo podem prejudicar o trabalho, mas só nota isso quando é retirado desse espaço privilegiado. Com base em Thompson (1992) entendemos a reinterpretação de suas memórias, visto que o contexto determina como ele percebe e ressignifica seus comportamentos e como esses afetaram sua condição nesse meio.

A situação que apresenta reflete a sua condição dentro do Atlético-PR, já que se considera – e era considerado pelo senso comum – como um atleta diferenciado tecnicamente e, ao afirmar que a qualidade técnica não é o único aspecto para se manter nesse meio - já que atletas superiores tecnicamente acabam sendo preteridos em caso de mal preparo físico – reitera implicitamente a experiência de sua carreira, enfatizando que a memória é a representação do vivido que está em constante transformação (NORA, 1993).

Essa compreensão agrega um tópico relevante acerca dos estudos da oralidade que diz respeito à narrativa daquilo que efetivamente o sujeito viveu,

acrescentando a ideia de Pollak (1992) no que se refere aos acontecimentos vividos por tabela. Logo, por mais que ele tente abordar o tema através da literalidade, acaba utilizando sua história ou de algum conhecido como base para conceber seu ponto de vista acerca do assunto.

Dessa forma, concordamos com Candau (2014) ser relevante pensar a posição do sujeito no tempo e no espaço já que a dinâmica de sua localização pode acabar modificando sua forma de pensar, alterando o produto final da entrevista. Compreendemos então que a subjetividade é ponto essencial na discussão do jogador 5, já que sua transição do sucesso para o ostracismo o faz refletir essa condição de uma maneira, que poderia se consolidar de outra caso sua trajetória tivesse um rumo distinto.

Além disso, essa condição espaço temporal é refletida pela frustração demonstrada ao longo da narrativa, já que ao relembrar a transição de sua condição representativa no Atlético-PR para o atual contexto e pautar seu discurso comparando as duas realidades que viveu, demonstra a ideia de Smith (2012) quanto à análise sintagmática e a necessidade de localizar-se no tempo presente, mas tentando reviver o passado que não lhe pertence mais, tanto que sua continuidade no futebol profissional tem essa compreensão de retomar a condição anterior. O jogador 2 continuou:

Ah conheço, ah já vi jogadores beber, fumar, até mesmo usar droga e chegar no jogo e arrebentar, isso jogadores que estão jogando Campeonato Brasileiro, Campeonato Português, jogadores em seleção brasileira que eu já vi na minha frente fazer coisa pior e estão aí arrebentando até agora. Mas daí eu já não sei se é a mão de Deus, ou se é mesmo a individualidade genética que estão arrebentando mesmo e arrebenta, daí você fica pensando: “o que será?”. Nisso tudo uma hora claro que a pessoa aprende, vai bater o arrependimento disso tudo porque vai ver que a carreira do futebol é muito curta, e independente se ele fez isso e conseguiu o sucesso, é 10 anos que ele vai ter um fim, e ele vai ter que ter um percurso aí de mais uns 30 anos, 40 anos, porque a vida no futebol é muito curta, o cara encerra a carreira aí, vamos contar com 30 anos, mas hoje em dia até mais além disso, mas que você vai ter mais uns 20, 30, 40 anos pela frente, o qual você vai ter que arranjar um meio para sobreviver, porque você não vai poder ficar sem fazer nada, até mesmo quem ganhou dinheiro, porque vai ter que ter um meio e se você continuar naquele ritmo [...] (JOGADOR 2, 2016).

Nossa, pior que eu acho que dá conta ainda, porque eu conheço vários que são jogadores de alto nível mesmo, jogando em time grande, ganhando milhões, e estão a um certo tempo já nesse ritmo, diminui um pouco, mas continua fazendo a mesma coisa, daí chega naquela questão que eu não sei se não é a mão de Deus, que era pra ser mesmo jogador de alto nível ou até

mesmo a individualidade genética deles, que aguenta, que é mais forte, que tem uma estrutura melhor (JOGADOR 2, 2016).

Percebemos o ressentimento na narrativa do colaborador, que atualmente está fora deste ciclo e denota que mesmo aqueles que têm sucesso na carreira podem posteriormente se arrepender de determinadas atitudes, já que quando essa etapa profissional se encerra, acaba reinterpretando os fatos de sua trajetória. O sentimento reflete uma memória dolorosa, tentando alertar aqueles que cometem os mesmos erros e mesmo assim obtêm sucesso, visto que estão despreparados para o pós-carreira.

Para ele, os fatores divinos também esclarecem as razões pelas quais atletas desregrados alcançam o sucesso. Apoiados em Portelli (1996; 1997), entendemos que essa falta de explicação concreta é atribuída à imprevisibilidade do futebol, expondo a especificidade de cada trajetória quanto a essa questão de difícil percepção. A criticidade na narrativa também retrata que o sujeito precisa se compreender enquanto indivíduo, que vai se retirar desse ciclo e precisa dar continuidade a sua trajetória após encerrar a carreira esportiva. A imersão na estrutura impede o planejamento do pós-carreira, em que alguns permanecem em outras funções, tentando evitar o ostracismo. É o caso de nosso colaborador, que ao encerrar a vida atlética, adentrou o curso de Educação Física, justamente para retornar ao futebol na função de treinador.

Acreditamos que a saída da estrutura, o ingresso no ostracismo e a falta de planejamento após a carreira esportiva são alguns dos motivos que levam esportistas a terem problemas de saúde. Nesse sentido, a reinterpretação das experiências vividas ajuda a entender as especificidades da história apresentada, bem como, amplia as discussões referentes à carreira atlética, reiterando a ideia de que as individualidades contribuem na formação da memória coletiva (HALBWACHS, 2013). O colaborador continua:

[...] um dia um amigo meu falou, eu bebia e ele falou: “hoje é bonito, você é jogador, bebe e todo mundo vai falar ‘como você aguenta beber?’, mas você é jogador! Amanhã você não é mais jogador, você vai beber, todo mundo vai te chamar de cachaceiro”. Mas diferente, os caras vão ver você no bar e eu não quero isso pra minha vida, já começa a ficar feio. Porque antes as pessoas viam jogador bebendo, o meio que a gente vive, fala: “po, fera em, o cara bebe e aguenta, o cara bebe pra caramba”. Chega agora, você encerrou a carreira, continua bebendo, ninguém mais vai falar que você bebe pra caramba, vai falar: “você é cachaceiro, encerrou tua carreira, está ferrado”. E isso muitos enfrentam, mas acho que a mentalidade do futebol brasileiro quanto a isso, se não melhorar a sociedade e a educação vai acontecer,

porque a gente vê jogadores dando entrevista, sem preparação nenhuma, psicológica, até mesmo a parte de estudos, onde o Brasil não obriga, vê jogador de futebol é só dinheiro, pensa a primeira coisa: “ah, o cara é burro, mas está ganhando dinheiro, é o que vale”. Mas e depois disso tudo quando ele parar, o que ele vai fazer? E o Brasil, a população brasileira não vê isso a longo prazo, vê a curto prazo. Aproveita o momento e aquele momento é o que está correto, mas de atletas tem vários que se citar o nome iria encher a lista (JOGADOR 2, 2016).

O sujeito enfatiza aquilo que viveu, o que justifica a ênfase nos erros que ele acredita serem responsáveis pelo encerramento precoce da carreira. Suas vivências dentro e fora da estrutura dimensionam a questão do ostracismo, visto que internamente são superestimados por essa representação social, e externamente deixam de ser essa figura centralizada e passam a ser estereotipados por continuarem levando o mesmo estilo de vida da época de atleta.

A partir de Rúbio (2001) compreendemos que isso é reflexo do esporte de rendimento, que visa a vitória a qualquer custo, já que até os torcedores não se importam com o estilo de vida dos atletas, desde que apresentem resultados. É a lógica espetacularizada do esporte, que promove de forma efêmera a figura do esportista que supera seus adversários e demonstra virtudes que atestam esses desvios de comportamento. Essa perspectiva é mutável em duas ocasiões: 1) quando o atleta encerra a carreira e sai da estrutura e 2) quando os resultados são desfavoráveis.

O estereótipo criado de que o atleta de futebol é acrítico advém desses fatores referentes a sua inserção na estrutura e de outras questões já discutidas, como a falta de exigência de formação educacional por parte dos clubes, sendo que o imediatismo impede uma formação humana adequada, que não prioriza apenas os aspectos esportivos, mas a aquisição de capital cultural e social que permita uma mudança de postura do atleta, ampliando suas possibilidades após o encerramento da carreira. Ele continua:

Aqui na verdade era assim, no futebol brasileiro a gente concentrava, a gente saía durante semana, ia treinar muitas vezes direto, eu já fui treinar várias vezes direto, treinava direto e muitas vezes você olhava assim: “como que está treinando?” e conseguia treinar, corria mais do que os outros, mas depois descansava, geralmente tinha jogo no domingo, a gente concentrava no sábado aqui no Brasil, descansava, jogava e depois do jogo era certeza que ia sair, ia para os lugares que já tinham, muitas vezes já estava tudo encaminhado, as mulheres próprias, as mulheres não estou falando esposas, as mulheres no caso já preparavam com outros amigos no caso que ficam próximos, churrasco que já tinha em algum lugar, com as bebidas próprias, era só a gente chegar mesmo e aproveitar (JOGADOR 2, 2016).



Baseados em Smith (2012) e Bruner (2014) acerca da formação narrativa, percebemos a riqueza de detalhes nessa rotina pela visão do atleta. As experiências evidenciam que a posição do sujeito na estrutura colabora na inconsciência das consequências causadas por extrapolarem os limites entre os treinamentos da semana. Suas reações quanto à normalidade de suas ações, indicam que ele acreditava que esse tipo de comportamento era inerente ao estilo de vida que levava como futebolista. Além disso, a minuciosidade das informações revela que guarda lembranças significativas acerca desse período.

Ainda com base em Smith (2012) e Bruner (2014), as reações durante a entrevista dão indícios de que tais memórias apresentam um sentimento de nostalgia, que proporcionaram satisfação pessoal em um determinado período de sua vida, visto que reviveu seu passado como se pudesse modificá-lo, mas que as ressignifica como prejudiciais devido ao encerramento precoce de sua carreira. Trata ainda dessa representatividade social do esportista, que mesmo cometendo esses erros, conseguia um rendimento satisfatório nos treinos, demonstrando que tentava amenizar os malefícios da vida boêmia. Em um caso diferente, o jogador 1 relatou:

Então, que nem, na minha situação, tinha jogo no domingo, na sexta já tinha que chegar 11h, no sábado nem podia sair a partir das 2h (14h), não podia nem sair da casa, a gente ia no refeitório comer, quando o jogo era em casa, senão já viajava na sexta e domingo, por exemplo na cidade lá, como a cidade era pequena, o jogador não podia ir em determinados lugares, era proibido. Se você quer fazer festa ia fazer na casa de algum jogador da cidade ou na casa de alguém, mas não podia aparecer você tomando na frente de todo mundo, entendeu? Normal, você está andando normal na cidade, eu queria ir lá tomar uma cerveja no melhor lugar da cidade, não podia porque a diretoria proibia. Então era cheio de regra, pelo menos aonde eu joguei, isso em todo lugar. Maioria de cidade pequena quando jogador começa é assim, você fica muito enclausurado ali, então acontece umas situações fora daquele ambiente de uma cidade normal, porque você é o atleta, você não pode fazer várias situações ali, você é de fora, então acontece mais ou menos dessa forma (JOGADOR 1, 2016).

A narrativa promove que o estilo de vida boêmio é inerente aos atletas e a história também suscita que esses fatos dizem respeito às experiências compartilhadas por ele e seus companheiros, reiterando a ideia de Nora (1993) de que a memória é a representação do vivido que está em constante transformação.

A história então revela, com base na formação narrativa proposta por Smith (2012), o sentimento de frustração por ter sua liberdade privada, reiterando a

representatividade social e cultural desses sujeitos no futebol, mesmo em equipes de menor expressão e cidades interioranas. Esse cenário visibiliza o atleta anônimo, que não tem espaço midiático, semelhante aos esportistas dos grandes clubes, refutando essa perspectiva de total invisibilidade, visto que mesmo em menor proporção, acabam privados de determinadas situações, assim como os atletas reconhecidos nacionalmente e internacionalmente.

A história remete ainda às características especiais que constituem a trajetória do futebolista, já que a representação desse esporte influencia em todos os níveis de atuação e estabelece um controle dos clubes quanto à imagem da instituição e dos atletas. Demonstra ainda a frustração por prescindir da vida pessoal pela carreira, já que seu percurso foi interrompido precocemente devido à falta de oportunidades de progressão profissional.

Essa popularidade, característica da espetacularização esportiva que influi na vida privada dos atletas, pode ser uma das causas de externarem suas emoções de forma inconsequente. Além disso, a necessidade de aprimoramento em uma prática de alto rendimento interfere na estrutura e nos agentes, estabelecendo comportamentos que promovam a manutenção da posição nesse contexto. Acerca dessa compreensão, o jogador 4 relata:

Eu era solteiro, mas eu nunca fui muito de festa, eu graças a Deus, também, comecei a namorar cedo, casei com 23, já estava namorando desde os 18. Eu tive um deslumbramentinho assim, no começo eu fiquei meio mala pra caramba, quando eu comecei a ganhar dinheiro, lembro que eu ganhava 400 “pila”, aí subi para o profissional para ganhar 2 mil, meu Deus do céu, tinha muito dinheiro, eu achei que era o cara, aí: “po, ganho mais que muita gente aqui, não faço nada”, pensava assim, porque eu só treinava, não jogava, para mim era tranquilo, porque eu ganhava bem para a época, com 19 anos, pra mim que não fazia nada, não pagava nada, morava com meu pai, só gastava comigo, não jogava, porque a parte complicada, ao mesmo tempo que é muito boa, que sem o jogo não tem graça nenhuma, mas a parte complicada é o jogo, que é o momento mais tenso, momento que você vê que o que você recebe vale a pena mesmo, porque é complicado estar lá dentro. Então eu não jogava, para mim era tranquilo, só treinava, então eu tive um deslumbramentinho assim, eu fui, eu fiquei meio mala, dei umas mancadas, fiz umas bobagens, mas nada assim, coisa de jovem. Então pra mim eu acho que foi tranquilo, eu fui um menino bom, fui um cara tranquilo, fui assim um jogador tranquilo deles, deles que eu falo, do treinador, de me manter tranquilo, me manter focado, mas tem cara que não aguenta. O cara vem para cá, mora sozinho em Curitiba, vem aí do interior, não conhece nada, vem para cá, mora sozinho em Curitiba, conhece duas, três meninas, ganhando dez mil reais por mês, não tendo o que gastar, só paga água e luz, tem mais nove mil e oitocentos reais para gastar no mês, é pra comprar carro, cerveja, whisky. Eu falo, tem vezes que eu não gostaria e nem admito que aconteça, o que esses caras, o que esse jogadores, que se acham jogadores fazem de estragar a carreira, mas tem horas que eu entendo eles, de eles se

acharem o cara e ter dinheiro para gastar, e eu entendo eles de fazer burrada, mas não admito que faça, porque, não tem porque sabe, uma carreira tão curta e ainda mais em momentos que eles fazem que eu fico meio bravo assim, meio doido, os caras querem se achar os caras, eu fico meio bravo (JOGADOR 4, 2016).

Essa narrativa contrapõe o que tratamos até agora acerca do tema, justamente por não se enquadrar nesse estilo de vida que a maioria acredita ser inerente aos atletas. Apoiados em Thompson (1992) observamos que a experiência do jogador 4 se difere devido ao contexto em que está inserido, visto que ele enfatiza sua formação religiosa e humana, refletindo como a estrutura do futebol pode ser benéfica para sua carreira, se controlar a pressão característica dessa profissão.

A narrativa compreende que o contexto em que está inserido colabora no autocontrole de sua trajetória profissional. Demonstrando que, apesar do futebol ser caracterizado pela imprevisibilidade, há exceções que, conscientemente, entendem que as privações são parte de uma carreira representativa socialmente. Entretanto, notamos também que ao contrário dos demais, evidencia a falta de necessidade de experimentar um estilo de vida desregrado e que seu percurso é distinto devido a esse autodomínio das variáveis desse meio.

Como ainda se encontra imerso na estrutura enquanto atleta, compreende também a necessidade que alguns esportistas de extravasar as emoções cometendo desvios de conduta. Dessa forma, com base em Bosi (2003) refletimos que ao retratar suas memórias, as reinterpreta de dentro da estrutura, pois ainda vivencia esse espaço, circulando entre a compreensão daqueles que vivem o estilo de vida boêmio e os que seguem um caminho diferente.

Mesmo demonstrando essa consciência quanto à postura profissional, ele relatou que no início da carreira teve um deslumbramento devido à modificação de sua realidade financeira. Reinterpretando suas experiências, caracterizou esse comportamento como desvio de conduta, sendo que o lapso temporal entre os fatos e a entrevista proporcionam novas vivências que amadureceram um sujeito que ainda se encontra na estrutura. A representatividade altera a realidade financeira e social de atletas em transição da categoria de base para o profissional. Percebemos então como essas mudanças interferem no comportamento de atletas jovens, estabelecendo as normas de funcionamento da estrutura do futebol, através dos diversos agentes inseridos nesse contexto.

Por ter essa percepção distinta da carreira e do estilo de vida regrado que permite estar em atividade em uma profissão de curta duração e rendimento físico, repudia as atitudes de colegas que fogem ao seu padrão de comportamento. Ele notabiliza o sentimento de indignação, visto que alguns não conseguem ter a mesma compreensão das necessidades de uma trajetória esportiva. A partir disso, o jogador 5 acrescentou:

Sim, isso aconteceu quando eu era mais novo, eu comecei a sair mesmo com 15, 16 anos, com 15 anos eu já fiquei conhecido aqui em Curitiba, pelo fato de ser uma promessa dentro do Coritiba, na época junto com um amigo meu, o Choco que também era uma promessa [...]. Então a gente ficou conhecido cara, já desde 2005 porque saiu na rádio, saiu em jornal, saiu matérias na TV coisas na época, então a gente ficou muito conhecido, até tivemos ameaça de torcedor do Coritiba que iam pegar a gente, que iam quebrar a gente na época. Enfim, aí comecei a sair, comecei a sair na noite, balada, po era novo pra caramba, quem que não gosta?! Quem que não gosta de sair, curtir e conhecer gente nova, enfim, até aí tudo bem, saia bastante, conheci bastante gente, só que daí eu comecei a beber também, bebia muito, mas enfim, normal, coisa de gente nova, quem que não faz? Você com 17 anos não saia com os seus amigos? Quem não sai? Só que a gente não sabia, a gente sabia que era conhecido, mas não imaginava o tanto que isso ia fazer diferença lá na frente (JOGADOR 5, 2016).

A reinterpretação da memória no tempo presente possibilita contar com o desfecho da história, promovendo sua compreensão acerca da trajetória vivida (PORTELLI, 2010a; BOSI, 2003). A narrativa justifica a juventude como a razão para sua retirada de uma condição privilegiada para o ostracismo. Porém, no lapso temporal entre os fatos e a entrevista, reconhece que sua postura como atleta promissor do Atlético-PR deveria levar em consideração sua representatividade social, já que identifica sua imaturidade como um dos principais motivos para que sua carreira tivesse um destino diferente do que o que havia planejado.

A frustração quanto a sua história é perceptível quando Smith (2012) retrata acerca das características da oralidade e do contexto de sua produção, como no caso da entonação da voz, das reações indignadas consigo mesmo e das reflexões de que gostaria de voltar no tempo para viver esses momentos de maneira diferente. As memórias são dolorosas devido a sua posição atual na estrutura, contrastando com sua condição representativa socialmente e financeiramente quando atuava pelo Atlético-PR.

Ele reitera que o desvirtuamento de sua carreira se consolidou por vários fatores que relacionam a subjetividade e a estrutura. Sua exposição precoce na mídia

e a representatividade social inerente à sua condição promissora, o tornaram um possível adepto desse estilo de vida boêmio, se aproveitando das facilidades que sua posição social proporcionava e se deslumbrando com essas circunstâncias. Com base e Portelli (2010a), entendemos que a compreensão da memória no presente promove a capacidade de reinterpretação dos fatos, se referindo a uma autorreflexão dos erros cometidos e da incapacidade na época de perceber a notabilidade que tinha nesse meio.

Ele compara sua condição com a de outro indivíduo qualquer, reiterando que os jovens têm suas necessidades e que seus comportamentos eram normais para a idade. Entretanto, ao se expor demasiadamente em uma trajetória repercutida constantemente pela condição promissora em um esporte popularmente reconhecido, não tinha a noção de que atualmente seria identificado pelo estereótipo de baladeiro. Ele não tinha noção de que sua representação afetava a comunidade em que estava inserido e que, por ser uma figura pública, necessitava associar sua imagem a bons exemplos, visto que o esporte não condiz com desvios de conduta. Consequentemente, ao ser considerado um modelo de representação que não reflete socialmente a postura de um atleta, acaba sendo retirado desse espaço por não corresponder às expectativas técnicas que tinham sobre ele.

## **1.2 A ausência de gestão, organização e planejamento no futebol**

O futebol brasileiro é constantemente comparado ao modelo europeu no que diz respeito ao processo de planejamento e organização das instituições para o seu desenvolvimento e funcionamento. As críticas advindas da mídia e que colaboram na formação de opinião do senso comum, propiciam a ideia de que esse esporte é desorganizado e que a estrutura não progride devido a essa gestão inadequada dos recursos mobilizados por essa prática representativa culturalmente e socialmente.

A ideia então é refletirmos tais questões a partir da concepção daqueles que viveram nesse ambiente e que podem embasar nossa discussão, já que temos uma noção parcial do problema, que se refere as fontes oficiais. Entendemos que as histórias retratam determinados acontecimentos específicos, mas acreditamos na retórica de que as individualidades ajudam a explicar uma determinada comunidade, assim como a coletividade influencia no individual (HALBWACHS, 2013).

Entendemos também que não existe uma busca pela verdade absoluta e que a versão que nos é exposta atende a perspectiva de um dos agentes que integram esse contexto de ação futebolístico (SOUZA, 2014). Logo, tratamos de analisar e pensar o planejamento e a organização do esporte a partir das histórias desses atletas, que de certa forma, refletem parte do que essa comunidade pensa a respeito do tema, principalmente quando os discursos passam a ser repetitivos entre colaboradores diferentes. Acerca dos problemas com salários atrasados e essa gestão amadora, o jogador 4 relatou:

Então, aqui no próprio Paraná Clube eu fiquei treze meses sem receber, sem receber os direitos de imagem, que salário de jogador é dividido entre direito de imagem e salário que vem na carteira como trabalhista. No São Bento de Sorocaba, quando foi 2009 eu também fiquei sem receber, nos outros times não fiquei, mas lá no Luverdense é um lugar que eles pagam, mas as vezes demora um pouco, acabam não pagando, acabam pagando, pelo menos esse ano pagaram tudo, ano passado eu acabei ficando dois meses sem receber e aí depois foi pagando, aí fiz um acordo para sair e foram me pagar só esse ano, mas pagaram. Mas para clubes é meio tranquilo para eles, porque eles acabam pagando e deixam e depois faz um acordo, não consegue, consegue, faz um acordo judicial, uma coisa assim, mas têm amigos meus que ficaram sem receber por algum tempo esse ano, conversei com alguns amigos meus que estão sem receber desde agosto, setembro, próprio Avaí, próprio Náutico que ficaram sem receber e têm alguns, sim, até série A. Esse ano na série A o Avaí deve ter sido o único que não pagou, que teve algum atraso, o restante acho que, mas time de série B, série C, é complicado, porque o time começa a ir um pouco mal e começa a gastar mais, trazer mais jogadores, aí o time começa a ir bem quer contratar mais, quer gastar, dar dinheiro de premiação e quando vê passou das contas e não tem dinheiro para pagar (JOGADOR 4, 2016).

A partir de Portelli (1996; 2010a) entendemos que, como ainda faz parte da estrutura futebolística, suas memórias reinterpretem seus acontecimentos passados relacionando com o seu contexto atual e dos colegas que porventura passam por isso. Ele demonstra que esses problemas são comuns e que não existe uma perspectiva de mudança para esse cenário, sendo que os acordos judiciais são cotidianos na resolução dessas adversidades, visto que os clubes estão despreocupados quanto a essa questão, justamente porque não existe uma fiscalização efetiva por parte de sindicatos, federações e confederações.

O discurso evidencia essa irracionalidade com que o futebol é conduzido, já que não existem critérios profissionais que determinem quanto e como utilizar os recursos financeiros. A administração é aparentemente baseada na emoção, visto que os resultados determinam o descontrole no processo de organização, planejamento e

gestão. Esse desequilíbrio orçamentário prejudica os clubes, já que a inadimplência gera desconforto, desmotivação e queda de rendimento dos atletas.

A narrativa denota a relação entre a estrutura dos clubes com o nível de gestão de suas administrações, já que somente o Avaí deixou de honrar seus compromissos na série A, enquanto nas séries B e C esses fatos são mais recorrentes. Esses dados apresentados compreendem sua perspectiva quanto à questão da gestão, reiterando que o trabalho com fontes orais não busca a verdade absoluta, mas compreende o significado que o sujeito propicia ao tema, visto que a memória é a representação das experiências vividas que estão em constante transformação (BOSI, 2003; NORA, 1993).

Buscamos refletir o problema através da compreensão do atleta, mas entendemos que existem outras questões que determinam a gestão nesse meio. Além disso, existem exceções que exemplificam uma organização satisfatória de clubes de menor expressão, já que o orçamento é restrito, reiterando que sua capacidade de gerir recursos e se manter em atividade podem demonstrar suas qualidades administrativas. Acerca de como os gestores lidam com essa questão, nosso colaborador afirma:

Olha, também, mas tem muita sem vergonhice no meio também, porque tem muita, você vê que normalmente os times que não pagam são os times que não estão tendo resultados. Então, diretoria, essas coisas, eles levam muito salário de jogador como premiação, eles te premiam com o seu salário se você estiver bem, uma coisa que não existe no futebol. Você não é contratado, você tem a premiação por resultado, você tem lá os seus, que a gente recebe “bicho” por jogo ou “bicho” por alguma coisa conquistada, ou alguma coisa assim, mas eles levam muito isso, de: “oh se não ganhar não recebe” e tem muito isso entre nós: “oh, precisamos ganhar esse jogo, porque sabe como é que é, porque senão o homem não paga”, tem todo essa, futebol tem muito isso. Eu atribuo muito a isso, de ser, de o futebol ser muito resultado, eles acabar levando o salário como premiação, atribuo muito a sem vergonhice mesmo e atribuo também dar passo maior que a perna, que eu acho que questão de gerência nesse ponto é complicado porque o futebol brasileiro entrou em cifras muito altas também, é muito dinheiro em alguns lugares e acaba sendo complicado de gerenciar coisas assim (JOGADOR 4, 2016).

Baseados em Smith (2012) compreendemos que a formação narrativa pressupõe os sentimentos, as reações e as ações corporais como partes de nossa análise na compreensão do discurso. Dessa forma, é notória a indignação do atleta quanto ao potencial de poder inerente aos dirigentes, principalmente em clubes menores, nos quais o esportista não tem a quem recorrer e nem visibilidade suficiente

para modificar o contexto. Esse cenário fica ainda mais evidente pela existência de “pés-de-obra” em excesso nesse meio, fazendo com que os futebolistas cumpram seus compromissos contratuais, esperando por outras oportunidades que não passem pelos mesmos problemas.

Compreendemos então que ele estabelece uma relação direta entre o rendimento do clube e sua gestão financeira, revelando que alguns clubes tratam a questão salarial como premiação por rendimento. Isso demonstra as irregularidades que contextualizam o meio, já que mesmo o futebol mobilizando recursos, a administração é frustrada pelo descompromisso dos dirigentes.

Apoiados em Bruner (2014) quanto à influência dos sentimentos na formação narrativa, entendemos que apesar da indignação com o contexto da estrutura, principalmente nos níveis inferiores, ele tenta relativizar o discurso, compreendendo que os gestores acabam se empolgando e ultrapassando os limites orçamentários devido à passionalidade. Retrata então a necessidade de equilíbrio emocional, transparência, ética e profissionalismo pelos dirigentes, promovendo o espetáculo esportivo no padrão europeu como idealizam a mídia e o senso comum. Ele continua:

Mas também tem os times pequenos que não tem cifras altas e que dão passo maior que a perna mesmo assim. E no futebol tem muito pouca gente ajudando também, é complicado essa questão, não sei se está valendo muito a pena investir em futebol para quem tem dinheiro, não sei se no momento vale tanto a pena. Eu não investiria (risos), pode ser que venha trabalhar com, mas não sei se investiria dinheiro, pode ser que investir tempo, alguma coisa assim tudo bem, mas não sei se eu investiria meu dinheiro no futebol, eu penso em outras coisas para ganhar dinheiro. Porque para você ganhar dinheiro no futebol sendo um empresário, só se você conseguir uma negociação boa e aí eu penso como o presidente do meu time, que já colocou tanto dinheiro no time dele, já gastou muito dinheiro no time e o que ele ganha? Nada! O que ele recebe de patrocínio, ele não pega para ele, ele investe no time, ele perde só dinheiro, entendeu? Não sei se, aí tem vezes que eu até entendo ele não pagar a gente quando não tem dinheiro, po ele vai tirar dinheiro dele, tudo bem que ele tem dinheiro pra caramba, mas eu não colocaria pelo menos, eu não mexeria (JOGADOR 4, 2016).

Reiterando a perspectiva de Nora (1993) de que a memória é a representação do vivido em constante transformação, consideramos que as experiências em clubes pequenos atribuem representatividade a sua narrativa. O jogador 4 acrescenta que, mesmo com poucos recursos, alguns clubes inexpressivos também estabelecem administrações deficientes, nos levando a perceber que o financeiro não é o único fator que determina uma gestão. Nesse sentido, a questão emocional é determinante



para entendermos a condução de instituições menores, que não possuem tantos recursos e fracassam administrativamente.

Compreendendo a formação narrativa em Bruner (2014), percebemos que a tensão do discurso muda na medida em que as experiências relatadas demonstram esse lado cômico e amador que permeia a estrutura futebolística. Por todas as vivências que tem, nosso colaborador afirmou que não aplicaria seu dinheiro no futebol, já que se constitui um ambiente no qual os investimentos não são rentáveis. Entretanto, as empresas que atrelam suas marcas a clubes de futebol tem retorno publicitário, se diferenciando dos clubes pela administração pautada no profissionalismo, visando o retorno financeiro.

Esse amadorismo em partes é concebido pela caracterização do esporte como atividade de lazer, já que alguns agentes ainda não compreenderam o futebol em sua amplitude comercial, financeira, social e cultural, direcionando os dirigentes no sentido dessa administração passional, impedindo uma melhor absorção e aproveitamento dos recursos produzidos por essa prática espetacularizada.

Essa inserção na estrutura e as experiências retratadas nas memórias determinam sua posição de não investir seu dinheiro em futebol, não identificando possibilidades de retorno. Esse pensamento racionalista é característico de um sujeito imerso há dez anos nesse contexto, que acrescentando a imprevisibilidade dos acontecimentos, e a obscuridade das relações estabelecidas, desacredita que poderia obter retorno financeiro nesse meio.

A memória aponta então para ações intrínsecas ao meio, denotando questões relevantes que, pela perspectiva oficial, não obteríamos. A reinterpretação do passado atribui à responsabilidade de atualizar sua compreensão através do processo histórico-social característico do lapso temporal entre fato e entrevista (PORTELLI, 2010a). Demonstrando que sem as experiências relacionadas ao tema, seria inviável a análise desse entrevistado da forma que a conduziu. Logo, a estrutura e a subjetividade emaranham-se nesse processo de condução do que lembrar, de que maneira contar e como reinterpretar as vivências de acordo com sua convicção na atualidade.

Mesmo afirmando que não pretende envolver seu dinheiro no futebol, ele cogita disponibilizar tempo para continuar em outra função ao se aposentar da carreira de atleta. Isso repercute de forma a compreendermos que apesar dessa obscuridade

no estabelecimento das relações, o envolvimento passional colabora ao pensar nas possibilidades que sua vida pode ter após o fim de sua trajetória como futebolista profissional.

Percebemos então como o futebol é permeado pelo equilíbrio entre racionalidade e passionalidade, já que as duas se encontram presentes na história do atleta e determinam sua posição atual e suas possibilidades futuras de mudança de função nesse espaço. É o que circula na transição da carreira de atleta, na qual alguns se enquadram na imprensa esportiva, enquanto outros se tornam dirigentes ou treinadores.

O entrevistado consegue identificar o “eu” no tempo e no espaço (CANDAU, 2014), o que determina esse equilíbrio entre a racionalidade e a passionalidade, propiciando uma análise de certa forma distanciada, mesmo ainda sendo parte atuante desse contexto. A narrativa ultrapassa o caráter descritivo, tendo em vista que existe uma série de variáveis para que a estrutura se constitua de uma determinada forma e para que a subjetividade venha influenciar nesse processo, sendo determinante especificamente na sua história. Ele continua:

Outra coisa no futebol que é bem complicado de se trabalhar, lá no Luverdense eu não recebo décimo terceiro, nem férias, no Red Bull a gente recebe tudo. Mas é que assim, é uma exceção à regra, o Red Bull é uma exceção à regra. São poucos times que fazem, que são clubes/empresas que fazem essas coisas. Ai nos outros times o que acontece normalmente é pagar o décimo terceiro e férias, pagam somente a parte que você recebe na carteira, para pagar menos, daí consegue receber. Fundo de garantia é uma briga na maioria dos times, mas agora tem um, a maioria dos times paga porque se não pagar, com três meses você consegue pegar o, você consegue rescindir o contrato sem ter nenhum problema. Lá no Luverdense eles também não estavam pagando o fundo de garantia, essas coisas, não tinha. Em time pequeno é bem complicada essa situação de décimo terceiro, férias, fundo de garantia, é bem complicado de você receber, mas é o que eu falo, tem times e times, empresas e empresas, é meio assim, varia muito de um time para outro, mas normalmente no futebol não se paga. Ai é só se entrar na justiça depois, negócio é esse. Normalmente, o que acontece é jogador passar quatro, cinco meses num time e depois muda, então passa um ano e aí muda. E ai normalmente o que acontece é acabar o ano e aí é a hora de você receber o décimo terceiro e férias, aí eles acabam o contrato e fazem: “oh a gente tem tanto pra te pagar”, a gente faz um acerto e ai pagam, normalmente acontece isso, ai pagam esse acerto (JOGADOR 4, 2016).

A narrativa estabelece essa ideia de gestão ultrapassada no futebol. Ao revelar sua experiência acerca das dificuldades que passou para receber os valores referentes ao décimo terceiro salário, férias e fundo de garantia, demonstrou ressentimento com o tratamento a que foi submetido. Ao tratar do Red Bull evidencia

essa instituição enquanto uma exceção nesse meio, creditando isso ao fato do clube trabalhar como empresa, na qual os atletas são contratados como se fossem funcionários com carteira de trabalho.

A narrativa promove uma comparação, em que a gestão profissionalizada de uma multinacional compreende a carreira do atleta como outra qualquer, respeitando as leis trabalhistas que determinam o cumprimento de suas obrigações. Isso, em alguns casos, não se consolida em clubes regidos por estatuto, nos quais não há necessidade de lucratividade e a atividade de dirigente é predominantemente exercida por conselheiros, que por vezes, não possuem formação ou experiência na área administrativa, retratando o amadorismo nessa questão.

Ao retratar que o Red Bull é exceção nesse contexto, suas experiências evidenciam essa irresponsabilidade administrativa que predomina no futebol brasileiro, tornando esse espaço imprevisível para aqueles que buscam uma carreira estável. Nesse sentido, entendemos que os clubes tentam reduzir os gastos com a manobra de divisão do salário na carteira de trabalho e nos direitos de imagem, o que os isenta de parte dos encargos trabalhistas e da necessidade de desembolsar parte dos benefícios de férias, décimo terceiro e fundo de garantia.

Baseados em Smith (2012) entendemos que, em sua formação narrativa retrata um sentimento de impotência quanto à resolução dessa questão, visto que revela que tal falta de profissionalismo não tende a se modificar na maioria dos clubes. Isso ocorre devido à posição inicial das instituições nas relações de poder, se utilizando da demanda dos “pés-de-obra” para tratar os atletas de forma irresponsável e antiética, principalmente nos clubes inexpressivos, que não possuem visibilidade midiática suficiente para serem cobrados publicamente.

Baseados em Bosi (2003) e Bruner (2014) compreendemos que as memórias propiciam algumas lembranças desagradáveis e descrevem detalhadamente como esse processo é resolvido. Além do que, mesmo que perpassse o ressentimento em seu discurso, narra os fatos com certa naturalidade, demonstrando que sua história em específico permite ampliar as discussões, imaginando como uma celeuma referente a outros esportistas.

Ao apresentar essa ideia de compartilhamento social inerente à compreensão de Smith (2012) revela que os atletas, ao buscarem acordo em um primeiro momento, evidenciam sua fragilidade na estrutura, não conseguindo equilibrar as relações de

poder com seus empregadores. Entretanto, ao decidirem mudar essa realidade, perceberam que têm os mesmos direitos de recorrer à justiça que qualquer trabalhador de outra profissão, passando a equiparar essas disputas de poder, exigindo profissionalismo e responsabilidade das instituições.

A memória então trata de expor esse processo histórico-social que incute tais modificações na forma de pensar e lidar com as próprias experiências (PASSERINI, 2011). Ele indica que os atletas saíram de uma condição desvantajosa e conseguiram equilibrar as relações de poder, reivindicando seus direitos. Esclarecendo ainda que essas dificuldades não acontecem em todas as instituições, comprovando a desorganização do campo futebolístico e dos órgãos responsáveis pela fiscalização. Portanto, podemos pensar a instabilidade nesse espaço a partir da especificidade de cada história, bem como compreendê-la a partir da heterogeneidade da estrutura, dependendo dos agentes que integram os clubes e de suas intenções nesse contexto. Os colaboradores continuam:

Então que acontece muito no futebol até pelo jogador saber que não vai receber, eles acabam fazendo um acerto por menos um pouco ou coisa assim, para poder receber dos caras, mas as ações trabalhistas estão aumentando bastante, (risos) [...]. Demora, mas recebe, e recebe muito mais, vai juro por juro, eu vou ganhar mais de dez vezes, é muita coisa assim [...] eles não tiveram que pagar para mim, mas agora eles vão ter que vender a Kennedy para pagar todo mundo, não para pagar eu, claro, eu é pouquinho (risos), isso que os caras tem pra receber. No Paraná se você pegar a lista dos jogadores de 2009 e 2010, mais de 50% entrou, tem muito muito muito. [...] eu encontrei o advogado que era do Paraná, ele também era advogado da Federação aqui na época, o Juliano Teto, ele me falou que chegava uma ou duas por dia, ação trabalhista contra o Paraná [...]. Teve uma época complicada ali, aí disse que fizeram uns acordos lá, mas ainda tem muita coisa (JOGADOR 4, 2016).

[...] passei quando eu fui para o Paulista, que até hoje eu tenho uma causa com eles na justiça, estou brigando com eles na justiça para receber porque eu fui para lá, recebi um mês e trabalhei quatro, não recebi até hoje. Deixa eu ver onde mais, também tive problema no Marcílio Dias, mas aí foi só no último mês e a gente negociou e eu acabei recebendo e acho que foi só isso, tive atrasos de um mês, dois, mas sempre foram pagos nos clubes em que eu passei, mas no Paulista e no Marcílio foi os únicos clubes que eu sai sem receber, que eu estou na justiça. O Marcílio teve um acordo e recebi e o único que eu acho que tive problema mesmo foi no Paulista, que eu não recebi e vou receber só daqui uns 6 anos porque está na justiça né, é um direito meu, uma hora eles vão ter que me pagar. Aí é problema deles né, não cumpriram com o acordo que estava feito, o contrato (JOGADOR 5, 2016).

No caso do jogador 4, a narrativa sarcástica compreende esse equilíbrio nas relações de poder quando o atleta passou a buscar seus direitos na justiça. O discurso

lúdico traduz esse amadorismo administrativo pelo qual passa o futebol e as memórias são apresentadas com satisfação, já que ao relembrar as dificuldades do passado, ressignifica a temática no presente, demonstrando como o lapso temporal contribui para o amadurecimento do indivíduo, permitindo colaborar na compreensão da estrutura (PORTELLI, 2010a).

Baseados em Smith (2012) e Bruner (2014) quanto à formação narrativa, percebemos que a angústia por não receber os salários no Paraná Clube, se transformou em um discurso sarcástico, já que a partir da posição que ocupa atualmente, reinterpreta o passado enfatizando que pela justiça receberá os valores com juros. Portanto, a partir de Portelli (2010a) compreendemos que o lapso temporal entre o momento do fato e a entrevista carrega um processo histórico que permite pensar tanto a memória enquanto um processo doloroso, quanto uma experiência positiva. A primeira devido à os atletas ficarem sem seus direitos por um período até optarem por entrar na justiça e a segunda porque a justiça do trabalho é tendenciosa ao trabalhador, ainda mais quando há razões evidentes para isso.

No caso do jogador 5, a semelhança fica por conta de sua inserção na justiça em vista de receber aquilo que o Paulista de Jundiaí lhe deve, porém, seu discurso é notabilizado pelo sentimento de frustração, já que no momento da narrativa se encontrava desempregado – ao contrário do jogador 4, que estava de férias e de contrato renovado com a Luverdense – e os valores referentes ao não cumprimento do contrato faziam falta no que diz respeito às suas responsabilidades. Ressaltando a perspectiva de Smith (2012) quanto à transcendência da análise do conteúdo das fontes orais, reforçando a necessidade de compreender as ações corporais, a entonação da voz e o sentimentalismo implícito no momento da narrativa.

Nos dois casos percebemos como a estrutura é permeada por conflitos de interesse entre os atletas e as instituições, algo perceptível a nível social em outras comunidades, mas que não é discutido com a relevância necessária no futebol, visto que a sociedade não compreende o esporte pelas relações de trabalho, permeadas por direitos e deveres, como em outras profissões.

Como propõe a narrativa do jogador 4, apesar de alguns ainda se sujeitarem aos acordos propostos pelas instituições, está aumentando o número de processos judiciais, já que determinados clubes pensam de forma imediatista e acabam prejudicados pela administração de dirigentes despreparados. Reiteramos também

que a condição de produção da narrativa pelo sarcasmo, não se fundamenta apenas nas suas experiências, mas ao acesso a informações do ex-advogado do departamento jurídico do Paraná Clube, que propiciou uma ideia da situação dessa instituição, nos fazendo refletir sobre como as histórias individuais permeiam a memória coletiva, já que as especificidades da experiência narrada notabilizam situações semelhantes na mesma comunidade (HALBWACHS, 2013), como no caso do jogador 5.

Eu tinha mais um ano e tinha mais um de opção, então foi, quando eu falo de rescisão é que foi um processo, foi um acordo, eles não pagaram, foi para a justiça, isso demorou três, quatro anos para eles acertarem, entendeu? Mas o processo foi bem complicado, eu fiz um acordo com eles, eles ficaram de pagar essa parte que eu tinha que receber, não pagaram, porque daí eles só pagavam a carteira, não pagavam o direito de imagem. Na verdade não pagaram o acordo que a gente tinha combinado, depois eu entrei na justiça e saí vitorioso no processo, daí recebi o dinheiro. Isso foi direto, não ficou muito tempo, até porque eu fiquei seis meses no Coritiba, então eles, um mês pagavam carteira, daí eles iam pagar a imagem daqui dois meses, depois pagava o outro carteira e pagava a imagem três meses, mas recebi, isso aí sempre foi certo, não teve problema. Teve problema foi mesmo no acordo, que a gente fez o acordo e na hora de pagar tudo que tinha que pagar, eles não pagaram e depois eu tive que entrar na justiça, entrei em contato várias vezes com eles, não me deram resposta, daí coloquei na justiça e ganhei (JOGADOR 2, 2016).

Com base em Halbwachs (2013) compreendemos que ao apresentar sua história, ele corrobora com a concepção de uma memória coletiva acerca do problema, já que apesar de sua narrativa apresentar singularidades em relação às experiências do jogador 4 e do jogador 5, indica a mesma questão central referente à necessidade de litígio judicial em busca dos seus direitos. Nesse sentido, percebemos que mesmo em tempos e espaços diferentes, algumas situações são compartilhadas por parte de uma determinada comunidade.

Ao refletirmos acerca dessa temática, notamos que a reincidência da questão indica essa perspectiva desorganizada e desestruturada do futebol. Na concepção do atleta, fica nítido o sentimento de descaso ao qual foi submetido pela instituição, já que ele tinha contrato em vigência, o clube quis romper o mesmo, não cumprindo o combinado no acordo e tornando necessário que o esportista entrasse na justiça para conseguir receber seu dinheiro.

Assim como nas narrativas do jogador 4 e do jogador 5, sua história é descrita com naturalidade, já que o discurso é de que essa realidade é recorrente no futebol, assim como a vitória na justiça é praticamente certa. Nesse caso, o lapso temporal

entre o fato e o momento da entrevista inclui a resolução do caso, que também é manifesta de forma natural com o sucesso judicial. Acrescentando a ideia de memória social, na qual as diferentes histórias apresentam, mesmo que parcialmente, a dimensão do problema (SMITH, 2012).

O discurso ainda expressa essa normalidade na forma de lidar com a irresponsabilidade dos clubes quanto ao pagamento de parte de suas obrigações financeiras, já que ao atrasarem os direitos de imagem, tentam evitar problemas com relação aos proventos relacionados à carteira de trabalho. Como alguns atletas ainda não compreendem a fundo a resolução dos contratos de imagem, acabam por vezes aceitando as condições impostas pela instituição sem questionamentos.

Apoiados em Smith (2012), acerca da formação narrativa, entendemos que a passividade demonstrada no discurso evidencia essa perspectiva administrativa amadora dos clubes, que não conseguem acompanhar o crescimento da modalidade. As memórias passam um sentimento de despreocupação, demonstrando que esses atletas compreenderam a dinâmica da estrutura, buscando mudar essa realidade de acordo com o contexto e a subjetividade implícita a cada indivíduo.

Nos casos apresentados, as instituições se manifestam pelo imediatismo, indicando essa discrepância do profissionalismo entre a categoria dos dirigentes e as demais áreas do futebol. As questões são resolvidas de forma efêmera, sem medir as consequências que uma decisão equivocada pode causar ao clube futuramente. Como a maioria dessas agremiações são regimentadas por estatutos, implicam na permanência dos dirigentes por tempo determinado, causando o repasse dos problemas de uma gestão para outra, sem uma resolução efetiva dos mesmos.

As semelhanças nas histórias esclarecem ainda que apesar da posição distinta no espaço, a questão recorre da mesma forma, tratando apenas de diferenciar o nível em que se encontra cada atleta e o valor referente a cada ação judicial impetrada. Portanto, o problema atinge ambientes distintos de uma mesma comunidade, mesmo que seja mais propenso a afetar os integrantes de instituições menores, já que disponibilizam de menos recursos financeiros e humanos.

As memórias do jogador 2 compreendem que, em instituições renomadas, os recursos são administrados por sujeitos que permeiam suas ações pela passionalidade, acreditando que o clube se sustenta por sua tradição. Essa ideia é expressa pela passividade nos discursos apresentados, que tornam o futebol

brasileiro um espaço recorrente de problemas administrativos e que não acompanha sua representatividade social e cultural conquistada ao longo da história. Acerca de outros problemas estruturais, o colaborador afirmou:

Então pegava, ia mal, mandava embora, pegava, ia mal, ia embora. Isso era questão de 2, 3 jogos, não era mandado embora, afastava, aconteceu isso em 2006, afastou um monte de atletas. Acho que foi o momento mais delicado que eu vi no futebol em termos de pressão e não ver uma estrutura assim tão preparada para aquele momento que o clube enfrentava, para poder ter uma base e falar: “são esses atletas”, a diretoria não dava garantia disso, pegava, qualquer problema era multa, era afastado. Uma coisa que eu acho também que é muito diferente do futebol brasileiro, eles contratam várias pessoas, daí o contrato e o tal do contrato de imagem com 40 atletas, joga 11, 20, 18 vão para o banco, os outros 20 eles só pagam a carteira, que é o mínimo, ou dispensam ou afastam, coisa diferente que acontece lá em Portugal (JOGADOR 2, 2016).

Ele apresenta outros problemas que evidenciam a desorganização no futebol. A falta de estrutura no espaço de trabalho e a constante instabilidade proporcionada por essas falhas administrativas resultam na comparação entre o futebol brasileiro e o europeu. O discurso crítico demonstra como a representatividade e efemeridade da modalidade influenciam negativamente no processo de constituição e manutenção de uma equipe. Visto que o modelo de gestão gera uma instabilidade profissional, já que notabiliza a intranquilidade no desenvolvimento do trabalho. O contexto demonstra como as questões exteriores à prática são influentes no rendimento e como as variáveis são extensas na tentativa de entendermos a estrutura.

Nesse caso, consideramos o que Candau (2014) retrata acerca da posição do sujeito no tempo e no espaço, já que isso é determinante para que suas memórias sejam retratadas da forma que foram. Sendo assim, um atleta que foi afastado do elenco do Coritiba após alguns acontecimentos, tende a criticar esse imediatismo característico do futebol brasileiro, inclusive, comparando com outra experiência que teve em Portugal, que pelo teor do discurso se concretizava distintamente do que viveu no Brasil.

Compreendemos também que se a posição do sujeito dentro da instituição ou o tempo em que se localizou no clube fossem diferentes, seu discurso poderia ser afetado e, conseqüentemente, sua análise seria outra. Apesar de entendermos que essas duas categorias não são as únicas variáveis a afetarem a narrativa - já que as memórias são permeadas por outros fatores como a relevância e o nível do trauma



ou do entusiasmo da experiência - pensando a partir do viés da oralidade, o tempo e o espaço são decisivos na determinação de um discurso (LE GOFF, 1996).

No discurso comparativo com sua experiência em Portugal, ele novamente enfatiza a questão da divisão dos salários na carteira de trabalho e nos direitos de imagem, além de implicitamente afirmar que os clubes utilizam estratégias para definir aqueles esportistas que receberão todo o valor devido e quais terão algum tipo de atraso. Apesar de consolidar um discurso polêmico, sabemos que sua posição enquanto atleta afastado da equipe, colabora nesse julgamento da divisão que a instituição estabeleceu ao pagar os salários. Porém, não podemos desconsiderar tal afirmação, já que a recorrência dessa temática tanto a nível das oralidades aqui apresentadas, quanto a partir do senso comum, são perceptíveis em se tratando da estrutura do futebol brasileiro.

O colaborador inclusive não cita a comissão técnica na narrativa, associando o problema como de responsabilidade dos dirigentes do clube, que tomam as decisões de maneira passional, transferindo o sentimento de insegurança aos atletas quanto às próximas ações às quais serão submetidos dependendo dos resultados. Notamos assim, como o futebol é permeado pela efemeridade quando retrata a euforia na vitória e o ostracismo no fracasso (CAVALCANTI, 2013).

O futebol está aliado à necessidade da vitória, já que a passionalidade não está relacionada apenas aos torcedores, mas é repercutida nessa instabilidade causada pelas decisões precipitadas dos dirigentes. É por isso que mesmo não buscando a verdade absoluta na oralidade, devemos considerar tudo o que foi relatado, tanto pelas condições do contexto, da subjetividade e da estrutura, quanto por seu conteúdo, que aprofunda as especificidades que as fontes oficiais não proporcionam. O jogador 1 continua:

Aí quando começa a rodar um pouquinho o interior você vê que é lamentável, ah daí tem uma passagem no Beltrão também, que até agora parece que os jogadores desistiram do campeonato porque não tinham o que comer. Mas é muita desorganização, muita falta de planejamento, isso que me deixava mais, porque você vê a coisa, um time da cidade de Andradas, 30 mil habitantes, organizado, dando uma condição para o cara morar, levar sua família, pagava em dia, ter um material esportivo pra treinar, alimentação. Nos demais, um papo furado, tudo desorganizado, você não sabe o que vai acontecer, daí um dia tem, no outro dia não tem. A própria comissão técnica totalmente. Essa parte de planejamento e organização, isso, sei lá, eu já tinha uma noção um pouco mais do que era, então quando chegava num clube desse era lamentável. Com certeza recorri para meus pais várias vezes, senão não tinha como. No Ituiutaba, quatro meses sem receber, só que não

gastava muito, porque você tinha alimentação, tinha onde morar, não era casado na época, mas não tem condições, o cara tem que ser muito guerreiro para continuar na bola ou não ter opção mesmo, pra ficar nesses times, o cara vai aguentando, achando que vai dar só que daí quando você chega depois dos 25 você viu que não dá, você vai porque tem que ir, aí se você não tem algo melhor (JOGADOR 1, 2016).

Compreendemos através da narrativa de esportistas pouco midiáticos como o futebol promove uma reversão nessa ideia preconizada pelas fontes oficiais, que dão espaço para a perspectiva da vida de atletas consagrados, que recebem altos valores financeiros e jogam nas melhores ligas nacionais e internacionais. O que está à margem desse contexto exposto pela mídia, é o que determina a realidade de uma coletividade extensa, que almeja uma oportunidade melhor, mesmo que essa nunca seja alcançada e a idade acabe tirando outras chances de seguir por um caminho distinto do esporte profissional.

De certa forma, a ideia de Halbwachs (2013) acerca da memória coletiva se encaixa no sentido de que tal história preconiza e representa possivelmente a história de tantos outros indivíduos que circulam pelos vários clubes profissionais espalhados pelo Brasil, nos quais, como já comentamos, nem sempre o critério técnico é o mais relevante para definir o mérito daqueles que conseguem chegar aos principais clubes, daqueles que permanecem no ostracismo durante toda a carreira.

Além disso, a localização do sujeito no tempo e no espaço, como preconiza Candau (2014), determina muito sobre suas percepções acerca dessa questão da organização e do planejamento da prática esportiva e como essa interfere na carreira dos atletas. O próprio colaborador trata de esclarecer que suas experiências lhe proporcionaram essa visão atualizada de que o futebol profissional é baseado em um contexto de desorganização e amadorismo em parte dos locais nos quais viveu.

Porém, como a memória é preconizada pelos extremos entre as experiências positivas e negativas (POLLAK, 1989), ele estabelece um comparativo entre todas as suas vivências ruins com a experiência que teve ao atuar pelo Rio Branco de Andradas, no interior de Minas Gerais. Os detalhes com que descreve essa distinção entre um clube organizado e os desorganizados, evidencia que as lembranças dispostas nesses dois extremos o capacitam a reinterpretar a realidade que viveu, compreendendo o meio de acordo com suas vivências. Os colaboradores continuam:

[...] Minas Gerais é muito grande, muito complicado, é um tempo curto, na época jogava quarta e domingo, fazia viagem de 1000km, 800km, 600 [...] daí

algumas equipes tem estrutura, outras nem tanto, a segunda divisão então é lamentável, eu no meu padrão, depois que eu vim de uma quinta divisão da Itália, eu estou comparando a quinta, sexta divisão da Itália, chega a ser mais organizado no todo. Fora as equipes grandes que vão jogar no interior e levam muito público, mas senão no mais é muito precário as condições dos clubes, de organização, de venda, de marketing mesmo. Eu vejo que falta muito, muita coisa, o campeonato é muito curto [...]. No Brasil devia ser mais estruturado por regiões, equipes grandes não poderiam jogar com as pequenas, mas isso é uma outra ideia (JOGADOR 1, 2016).

[...] estou esperando acertar alguma coisa, ainda não acertei e é muito jogador para pouco time né cara [...] porque no estadual está todo mundo empregado porque vários times jogam os estaduais, mas dos 12 times que disputam os estaduais [...] você pega ali, 10 times da série A do Paulistão tem calendário, os outros 10 não tem, aí já fica 10 times sem ter o que fazer o resto do ano e [...] cada um tem uns 25, 26 jogadores, que estão aí esperando uma oportunidade para jogar uma série B, série C ou série D, então é muito jogador para pouco espaço, é um mercado difícil [...] ou você arrebenta no paranaense e tem um contato bom com um empresário bom que te coloque num lugar para você estar empregado o ano inteiro ou você espera uma oportunidade para você trabalhar e conseguir o teu espaço de novo no mercado [...] (JOGADOR 5, 2016).

Percebemos a desorganização em diversos aspectos no futebol. Essa ideia de organizar a modalidade por regiões – a qual tratamos no capítulo 2 – não parece ser a mais fácil de ser compreendida e realizada, já que o Brasil se caracteriza como um país de vasta extensão territorial, com inúmeros clubes associados ao quadro da CBF, o que limita a tentativa de copiar o modelo italiano para o contexto brasileiro.

As memórias do jogador 1 refletem as necessidades de mudança do contexto brasileiro e como ele passou por experiências no futebol italiano, acaba associando tais mudanças a essa realidade vivida. Com base em Nora (1993) perspectivamos que a memória é a representação do vivido e está em constante transformação, visto que o indivíduo confronta o passado e o presente, analisando o segundo a partir do primeiro e pensando o primeiro com a compreensão do segundo.

Essa relevância da memória do ponto de vista da abordagem temática a partir da subjetividade do indivíduo, revela as particularidades da fonte oral em relação às análises possíveis com outras fontes de estudo (PORTELLI, 1996; 1997). Denotando novamente o caráter das oralidades na busca por significados acerca da realidade organizacional do futebol brasileiro.

A narrativa do jogador 5 aproxima então novamente os dois discursos no sentido de problematizar a questão do calendário, reiterando a realidade de uma parcela considerável de indivíduos que se enquadram nessa perspectiva de atuar o primeiro semestre nos campeonatos estaduais, mas que ficam sem emprego quando

a modalidade afunila para as competições nacionais. Essa aproximação reitera novamente a perspectiva da memória coletiva e sua função de colaborar na identificação de questões problema que devem ser pensadas para a compreensão desse espaço por um viés diferente do proposto em outras fontes históricas (HALBWACHS, 2013).

Apoiados na subjetividade de Portelli (1996; 1997), observa-se sua história apresenta algumas particularidades que devemos considerar nessa discussão referente ao calendário, mas que não exclui essa problematização de questões macro-históricas que afetam uma parcela considerável da comunidade, por mais que não alcancemos essa maioria com a fonte oral. A partir de Thompson (1992) concebemos também o contexto em que o jogador 5 está inserido, já que no momento da entrevista estava desempregado, tendo disputado o Campeonato Paulista da Série A2, não obtendo oportunidades em clubes que disputariam as quatro divisões do campeonato nacional. Essa análise é da perspectiva de quem sente as necessidades que não sentia quando era atleta do Atlético-PR e se enquadrava na estrutura de forma a não compreender o lado de profissionais em condições precárias de trabalho.

Essa localização espaço-temporal promovida pela leitura de Candau (2014), evidencia que cada indivíduo entende os problemas no espaço que ocupa de forma diferente. Os problemas de gestão que o jogador 5 porventura identificou no período em que esteve no Atlético-PR se tratavam da gestão da equipe e do controle das questões que desviassem o grupo dos objetivos esportivos do clube. Quando o narrador passa a integrar outra realidade, dificuldades como a convivência coletiva se tornam superficiais perante a sua colocação no mercado de trabalho e necessidade de discutir o calendário que privilegia a minoria da classe.

Nesse ponto as narrativas se aproximam, já que ambos passaram por clubes de pequena expressão que não tinham calendário suficiente para sustentar o futebol para além do primeiro semestre. Se diferenciam pelo modo como concebem a tentativa de mudança no calendário, visto que o jogador 1 propõe o modelo italiano, enquanto o jogador 5 não aborda uma solução do mesmo nível, pois suas experiências se consolidaram no Brasil, não havendo passagens significativas na Europa que pudessem construir uma perspectiva a esse respeito. Demonstrando novamente, como a memória representa as experiências vividas, reinterpretadas com base na compreensão da atualidade (NORA, 1993).

As duas narrativas refletem acerca do calendário restrito da maioria dos clubes brasileiros, desestimulando a prática regional do futebol e afasta os investidores dessas instituições de menor expressão, que acabam sem condições de se auto-sustentar e manter suas atividades por longos períodos. Além disso, a falta de apoio dos sindicatos determina essa condição na qual a modalidade está imersa, pois a distribuição dos recursos é desigual e as oportunidades são restritas. Ainda acerca de tais questões, o jogador 5 continua:

[...] tem clube que fica sem pagar três meses, o cara sem dinheiro, porque normalmente esses caras que jogam em clube menor, em clube de menor expressão é o que eu te falei, o cara trabalha quatro meses e as vezes fica mais uns seis meses sem trabalhar, fica três meses sem trabalhar. [...] então o cara conta com aquele dinheiro ali para pagar as contas do cara, pagar a escola de uma criança, pôr a comida na mesa, é uma trabalhador normal e aí você vai trabalhar e fica três meses sem receber, imagina? Imagina a falta que faz na casa da pessoa isso daí [...] no futebol acontece e você só vai receber se você entrar na justiça e só assim porque outra empresa nenhuma acontece isso [...]. Futebol hoje em dia, a realidade do futebol é bem diferente do que a gente vê na TV, de time de série A e série B, isso aí, se for 10% dos jogadores que tem essa facilidade que jogador de série A e B tem é muito, 10% acho que ainda é muito (JOGADOR 5, 2016).

Ele aborda o problema com profundidade, pois viveu essa realidade, acrescentando o fato de ter estado do outro lado, e denomina os clubes das séries A e B como a minoria dentro desse contexto. Além disso, compreende o que sua comunidade sofre com essa desorganização, pensando no atleta como um trabalhador comum que precisa suprir suas necessidades básicas enquanto ser humano. Essa identificação da própria situação e de seus semelhantes é evidenciada por suas experiências, se tornando uma referência ao discursar sobre essa polêmica.

A subjetividade na concepção de Portelli (1996) possibilita a interpretação e a influência do indivíduo no julgamento da estrutura e na forma como entende a constituição e a dinâmica desse espaço em que ainda vive. Nesse ponto, o sentimento de indignação evidencia as necessidades de intervenção legal para modificar e resolver esses problemas, inclusive citando que deveria haver punição para os clubes que mantiverem essas questões de ordem financeira em suas atividades.

Além do que, o ressentimento percebido ao longo da entrevista, que visou problematizar a carreira desse atleta outrora promissor no Atlético-PR, é oriunda da evocação de memórias cuja identificação dos problemas estruturais causa repúdio, já que se encontrava desempregado no momento da narrativa. Logo, o contexto em que

o discurso ocorre era propício para que as críticas à estrutura fossem estabelecidas pela subjetividade de alguém que viveu diferentes perspectivas dentro do meio futebolístico.

Nesse sentido, mesmo entendendo que a realidade de tal questão enquadra os diferentes níveis de atuação, compreendemos como a realidade dos atletas que não fazem parte da elite do futebol brasileiro é diferente, já que a ausência de recursos acaba suprimindo suas necessidades básicas como ser humano, ao contrário dos atletas de grandes clubes que possuem rendimentos elevados e consequentemente conseguem ter um planejamento para suprir eventuais desfalques financeiros referentes aos atrasos nos vencimentos.

Salário baixo, por exemplo na Portuguesa Santista meu salário era R\$800,00 para jogar no profissional, disputar o Paulista e daí tinha o Axel que, como ele tinha mais experiência ganhava 12 mil, então a diferença era muito grande para a gente ocupar o mesmo espaço e ter as mesmas funções, por causa querendo ou não de currículo, de história. E uma grande maioria atrasa, é aquele negócio, time está ganhando vai pagar direitinho, o time começou a perder muito começa a atrasar, começa a trocar diretor, manda jogador embora, é muito instável (JOGADOR 3, 2016).

A narrativa se refere a essa perspectiva do clube de menor expressão, em que por vezes, a organização e o planejamento não atendem as necessidades básicas dos atletas. Recaímos então no compartilhamento das ideias entre as histórias apresentadas, nas quais as fontes orais indicam a falta de profissionalismo no trato com as questões contratuais e na instabilidade financeira causada por essa desorganização, principalmente nos clubes que disputam apenas as competições regionais e as séries inferiores do campeonato nacional.

O discurso é permeado pela singularidade de cada história, na qual o colaborador forma sua narrativa a partir da compreensão que tem do objeto no tempo presente. Porém, isso não afeta nosso entendimento de que apesar das particularidades de cada enredo, esses possam nos apresentar indícios do compartilhamento de fatos semelhantes, que nos conduzem a pensar os problemas do contexto futebolístico de forma a conceber essa preposição individual e coletiva que as memórias de cada indivíduo propõe.

O narrador então entrecruza subjetividade e estrutura, quando em um primeiro momento trata acerca das diferenças salariais entre ele e Axel – atleta de renome com passagens por clubes tradicionais – e reitera que isso afeta na forma como cada

indivíduo ocupa o espaço a partir do capital simbólico e da representatividade que tem para a equipe. Na segunda parte, ao generalizar na discussão a respeito dos atrasos salariais, ele evidencia o problema, que acrescentado aos outros discursos, nos permite conceber o tema a partir de um processo social em que compartilham as irregularidades na modalidade, por vezes sem atender as especificidades daquilo que viveram ou ouviram falar, mas entendendo que a problemática está consolidada no meio futebolístico.

Sim, a gente fazia reuniões, marcava reuniões no vestiário para perguntar quando ia sair o salário, eles diziam que estava difícil de conseguir o dinheiro porque eles também tem muita dívida né, fizeram muita dívida ao longo dos anos. É difícil a gente ver um clube que nem foi o Paulista que foi um time lá do interior que foi campeão da Copa do Brasil não foi? Eles recebem uma cota mensal lá eu acho, do campeonato, que é 2 milhões, mas metade já fica preso na dívida que eles tem, então estava difícil de quem comandava mesmo fazer pagamento [...] mas a gente não tinha culpa disso, a gente estava ali trabalhando, precisava receber [...] depois que eu sai de lá meu advogado me ligou [...] e falou para mim que se eu quisesse a gente podia entrar com uma ação para eu poder receber isso que eles estavam me devendo, eu não pensei duas vezes né, porque é um trabalho meu, precisava do dinheiro, precisava do dinheiro porque eu estava, porque eu trabalhei para estar lá, eu trabalhei todos os dias, eu acordava de manhã, treinava de manhã e de tarde, se os resultados não vieram, não é sempre, a gente é contratado para jogar para ganhar, mas infelizmente as coisas não aconteceram [...] (JOGADOR 5, 2016).

Como observa Bosi (2003), a memória é efetivamente parte de experiências significativas que proporcionam a abordagem das diversas temáticas ao longo da entrevista. O domínio dos assuntos abordados ao longo da colaboração parte das vivências que marcaram a vida desses sujeitos e que afetam sua condição atual, seja especificamente no campo de atuação profissional ou nas influências que tais acontecimentos promoveram em sua vida privada.

Além disso, Portelli (1996) compreende que a subjetividade nas fontes orais colabora na percepção de que seus benefícios estão relacionados com as especificidades de cada narrativa, ao contrário do que pensam os críticos da utilização da memória como recurso para entender uma comunidade. Dessa forma, a continuação da narrativa do jogador 5 quanto a sua perspectiva dos atrasos salariais promove novamente a reflexão do descompromisso dos clubes com o planejamento financeiro.

A princípio notamos que o atleta estava na justiça em busca de seus direitos. Porém, ressaltamos que essa discussão está relacionada a outros agentes que

interagem na dinâmica de funcionamento do futebol. Pensar o problema então reitera a necessidade de compreender o início dessas dificuldades econômicas que levaram o clube a essa situação, recaindo no acúmulo de dívidas do passado e do presente e acarretando na falta de recursos para cumprir os contratos com os atletas do elenco em questão.

Vale ressaltar também que a maturidade no entendimento do futebol como profissão, promove essa reflexão de que seus direitos trabalhistas precisam ser respeitados como em qualquer outra atividade profissional. Essa relação do futebol como trabalho é silenciada pelos clubes ao apresentarem problemas de planejamento na gestão dos recursos financeiros que sustentam uma instituição esportiva em nível profissional.

O contraponto que o jogador 5 faz colabora no entendimento da dualidade nessa relação entre clube e atleta. Ele consegue se colocar na posição da instituição, reiterando suas dificuldades, porém, compreende a postura como um desrespeito aos seus direitos como trabalhador, notabilizando a relação de trabalho estabelecida a partir da obrigatoriedade de realização das atividades que dizem respeito a sua atuação profissional.

O seu discurso vai em contraponto à dimensão das discussões do futebol como lazer e trabalho – que não pretendemos aprofundar nessa tese. Em suma, o senso comum acredita que o futebol profissional é permeado pela lógica do lazer, já que se trata do entretenimento dos torcedores e é constantemente ligado às relações com o tempo livre dos indivíduos (FREITAS, 2005), sendo que os próprios diretores que desrespeitam esses atletas – ao atrasar o pagamento – tratam o esporte por um viés que prejudica a representatividade da modalidade e a credibilidade perante o mercado publicitário, que se interesse em investir em um clube. O jogador 1 continua:

Ah é, que nem, no clube que eu estava lá, clube que tinha aquela ajuda semanal assim: “essa semana a gente conseguiu alimentação” (risos), não tem planejamento sabe, parece que, estava lá e não tinha nem calção: “não, vamos arrumar um calção pra você”, tudo é no improviso, a viagem é no improviso, sabe, não tem uma estrutura [...] teve jogo que você chega em cima no lugar e você não sabe onde vai comer. Imagina? Seu jogo é 8h30 da noite, você chega 5h numa cidade e vai pedir para a panificadora fazer misto quente?! (Risos). Umas coisas absurdas assim, daí a viagem: “ah hoje não temos dinheiro para o hotel”. Isso na sexta: “não vamos ter dinheiro para o hotel, vamos viajar no dia mesmo, vamos sair 10h da manhã de domingo”, 200, 300km de estrada de chão, quarenta graus quase. Primeira divisão, num campeonato estadual, o Mato Grosso uma potência que é. Algumas equipes sim, umas equipes que se destacavam, mas tinham empresarial de vender



atleta depois, fizeram parcerias com empresas, senão os demais são meros participantes e ficam naquela de pintar um jogador para vender ou pra vim um time grande fazer um dia que vai dar um grande público. Eu não sei o que acontece, qual o objetivo de algumas equipes (JOGADOR 1, 2016).

As histórias retratadas apresentam particularidades que evidenciam a subjetividade, mas em algumas, também notamos a representação dos problemas crônicos pela ideia da memória coletiva (HALBWACHS, 2013), visto que as questões sobre gestão podem ser ramificadas em diversos problemas de menor amplitude que afetam o meio futebolístico. O caso do jogador 1 é um dos mais emblemáticos da pesquisa, visto que viveu experiências nessa realidade de clubes sem estrutura profissional, o que gerou uma discussão extensa sobre as condições da prática em regiões nas quais o futebol não é tão desenvolvido, como em sua passagem pelo Mato Grosso.

Com base em Bruner (2014) acerca da formação narrativa, entendemos que essa é permeada pela ironia, já que ao relembrar e reinterpretar suas experiências, compreende como o amadorismo permeava o futebol na época em que era atleta. Com base em Thompson (1992) percebemos que esse discurso cômico é referente à sua posição atualmente, já que não é mais atleta profissional e reflete essa realidade de forma diferente do que se ainda estivesse imerso nesse meio. O contexto em que está inserido envolve sua formação narrativa, contemplando sua carreira de formas distintas. Nesse caso, as lembranças proporcionaram um misto de sentimentos de nostalgia e indignação, já que concebe a relevância das experiências para sua formação humana, mas que ao ressignificá-las, não escolheria vivê-las novamente.

É uma linha tênue entre os sentimentos que determinam se as experiências foram boas ou ruins, mas que nos ajudam a analisar esse contexto, demonstrando como a amplitude dos espaços e das relações estabelecidas no futebol dificultam seu entendimento de maneira macro-histórica. As memórias então proporcionam essa visão específica da história de um sujeito, mas também possibilitam uma reflexão ampliada ao compreendermos que a realidade pode pertencer a outros indivíduos (HALBWACHS, 2013).

### **1.3 Experiências indesejáveis: assédio sexual e preconceito racial**

Nesse subtítulo, pretendemos abordar histórias de esportistas que tiveram experiências referentes a assédio sexual e preconceito racial. Tais questões surgem como problemáticas a partir do momento em que a mídia e o senso comum reconhecem veladamente casos pontuais de racismo e de assédio sexual, sem comprovação e punição dos responsáveis, tornando histórias literárias que precisam ser discutidas pelo ponto de vista dos atletas.

Compreendemos que as memórias aqui retratadas não dizem respeito à totalidade de relações que são estabelecidas nesse meio. Porém, como propõe Halbwachs (2013), pensamos que essas histórias e suas recorrências ajudam-nos a entender a estrutura do futebol de forma ampla e específica ao mesmo tempo, já que tais experiências contemplam a perspectiva da comunidade de atletas de futebol, assim como cada história tem suas particularidades que ajudam a definir as problemáticas nesse ambiente. Acerca de tal perspectiva nosso colaborador afirmou:

Ai eu fui, na verdade para o Guarani, até sai do campeonato e fui direto com o ônibus do Guarani mesmo, já nem voltei pra casa, fui direto com eles. Cheguei lá, treinei bem uma semana, super bem, treinei bem a segunda semana, estava pronto para assinar, ai a gente perdeu um amistoso, daí o clima já não ficou tão bom, mas ainda assim estava pronto para assinar, beleza, estava até de titular já. Ai o diretor da categoria de base lá, ele na verdade, essa é uma história bem complicadinha porque o diretor da categoria de base ele era, na verdade ele assediava os atletas, daí assim, eu estava no meu quarto e tal, ai ele chegou, bateu na porta, eu estranhei porque já era de noite, ai ele falou: “vamos lá, quero te mostrar a banheira do profissional”, não sei o que e tal. Daí eu fiquei meio assim, falei: “como assim?!” Eu acho que eu tinha uns 15, 14, para 15, uns 15 anos eu já tinha. Aí fiquei meio assim, fui meio que lá só pra ver, mas já meio que estranhando a intenção dele, daí ele falou: “entra ai tomar um banho”, eu falei: “não, capaz, tranquilo”. Ai nisso ele viu que eu recusei e fui voltando para o meu quarto, daí ele jogou a real, falou assim: “olhe, tal e tal jogador aqui do profissional só estão lá porque eu coloquei. Se você quiser eu trago o contrato profissional para você assinar aqui agora e ai você já assina o contrato de profissional, já profissionaliza, vai jogar para o juvenil, infantil, juvenil, mas é uma questão de dois anos para estar no profissional, já estar com o contrato feito”, mas né, lógico que ele queria alguma coisa. Ai eu falei que não, peguei minha mala, já estava de noitão assim, arrumei toda a minha mala, não era nem 6h da manhã eu estava saindo de lá, nem contei para ninguém, sai de lá, arrumei um ônibus e vim embora. Aí vim embora, mas na verdade eu deveria ter falado para outros diretores, mas não tinha ainda a noção do que eu podia fazer ou não (JOGADOR 3, 2016).

Essa experiência retratada pelo jogador 3, ex-atleta que, dentre os participantes dessa pesquisa, se mostrou o mais conformado com o encerramento precoce da carreira, se mostrou também corajoso ao levantar essa realidade que viveu quando era adolescente. Essa perspectiva apresentada mostra como as fontes

orais proporcionam novos dados que nos permitem analisar com profundidade os espaços nos quais as fontes oficiais, por vezes, não conseguem chegar.

Nesse sentido, as memórias se mostram um caminho alternativo para a compreensão dessas obscuridades que assolam o esporte e que são deixadas de lado, sem a devida atenção dos responsáveis. Pela perspectiva da subjetividade em Portelli (1996; 1997), a experiência retrata a realidade vivida através de um caso ocorrido com ele e da suposição de outros, já que o próprio abusador afirmou ter feito o mesmo em mais de uma oportunidade.

A partir de Smith (2012) buscamos então as razões para a sua formação narrativa, se mostrando despreocupado quanto à polêmica, como em outros momentos retratados nesse trabalho. Ele evidencia o sentimento de indignação para com essas estratégias dos dirigentes, compreendendo que o futebol não é permeado somente pela meritocracia técnica, mas por essas transgressões pouco desveladas por aqueles que deveriam fiscalizar essas ações.

Ele ainda nos esclarece a ideia de Portelli (2010a), que compactua com a perspectiva de que o lapso temporal entre os fatos e o momento da entrevista proporciona uma reinterpretação das experiências, promovendo esclarecimentos de como a história poderia ser diferente. Isso fica evidente quando expõe que deveria ter informado o fato a outros dirigentes do Guarani, mas que compreendia as razões por não tê-lo feito, haja vista sua imaturidade quando estava imerso nesse contexto. Acerca dessa questão, ele acrescenta:

Nisso que mandam embora, eu fui para a Portuguesa Santista, daí ali eu assinei contrato e disputei um Paulista, daí estava o Axel – profissional – daí ali eu disputei um paulista profissional antes de fechar o contrato para fora. Daí estava o Axel, Marcelo Passos, que tinha sido campeão no Santos, Axel pelo São Paulo. Só que ali também tinha outro cara que dava em cima de jogador, entendeu? Daí o cara começou a me queimar porque eu mandei ele ir a merda e falei que não ia fazer nada, entendeu? E era outro cara que fechava contrato com uns mais novinhos por esquema, sabe? (JOGADOR 3, 2016).

Acreditamos que as experiências do jogador 3 nos aproximam do entendimento dessa conjuntura, já que seu discurso evidencia a localização de quem não estabelece relações no futebol que pudessem prejudicá-lo nesse contexto. Portanto, ele transmite a relevância de Candau (2014) quanto a sua posição temporal e espacial no momento em que retrata sua história, que fora do campo futebolístico,

permitiu esse caráter despreocupado quanto à repercussão que sua narrativa poderia alcançar.

Ao estabelecer uma relação de confronto com o dirigente em questão, ele demonstrou como as relações de poder são determinantes na busca por espaço em um contexto concorrido, no qual quem não se enquadra, acaba sendo preterido por quem aceita essas condições. Como a própria narrativa preconiza, esse processo de exclusão é implícito e velado, no qual as ações dos abusadores tratam de tornar tais medidas imperceptíveis para quem circula nesse meio, o que dificulta medidas de divulgação e exposição desses problemas.

A narrativa trata ainda a questão como cíclica no futebol, visto que apesar de alguns recusarem essas propostas de assédio, outros acabam cedendo e ocupando os espaços disponibilizados por esses dirigentes. Esse discurso externo ao contexto esportivo demonstra como a constituição desses crimes é oportunizada pela posição desses indivíduos, que se aproveitam da representatividade do futebol para agir de acordo com sua convencionalidade.

Ao citar os exemplos de jogadores consagrados que já passaram por clubes representativos no futebol brasileiro, ele notabiliza essa ideia de que o capital simbólico é relevante no processo de quem se mantém nesse espaço, já que os indivíduos reconhecidos os dirigentes não assediavam. Enquanto isso, o jogador 3, um atleta jovem, passava por determinadas situações por não ter o mesmo potencial de poder de seus colegas.

A estrutura e a subjetividade estão relacionadas, já que é possível identificar esses problemas pela perspectiva dos atletas anônimos, sem espaço midiático para contrapor publicamente essa realidade estrutural, enquanto que no mesmo espaço circulam indivíduos capazes de mudar essa perspectiva, mas que não são afetados por ela, justamente pela capacidade de alterar o cenário com a representatividade construída no esporte. Ele continua sua narrativa esclarecendo:

Eu vi assim, comigo foi em duas situações, no Guarani, que eu peguei minhas coisas e fui embora e essa vez, esse cara da Portuguesa Santista ele tentava, mas ele não ameaçava sabe? Mas ele tentava com todos que eram mais jovens, inclusive dos juniores também, oferecia contrato pra ir lá no apartamento dele. Do Guarani eu tive que me virar porque eu estava no alojamento do clube, então ele ia ficar me enchendo o saco o resto da vida se eu ficasse ali. Na Portuguesa foi mais fácil porque eu tinha o meu apartamento e ele tinha o dele, então ele não ia lá no meu apartamento encher o saco e já era mais velho, então tinha como me defender bem mais fácil. Agora uma que eu vi que era bem complicada, inclusive o cara foi preso

até, era numa escolinha que quando eu estava sem time eu ia ali treinar e ele aliciava meninos de 11, 12 anos, 10 anos. Inclusive um, ele chegou a namorar com a mãe e ficava com o menino e pegava o menino. Ai o menino depois de 16 anos, 17 anos de idade teve coragem de contar, daí o rapaz foi preso, daí que o cara foi preso. Então ele passou uns três, quatro anos da vida que o cara abusava dele, então bem complicado. E assim, todo mundo sabia, entendeu? Se ele tinha 10, 11 anos, eu tinha meus 14, só que eu ele respeitava porque ele conhecia meu pai, entendeu? Os dois eram do meio do futebol e ele conhecia meu pai. Então meu pai não tinha ideia disso, eu sabia, mas eu era criança também, nem pensava em denunciar na época, nem nada e daí depois acabou sendo preso e eu nem sei se não está até hoje (JOGADOR 3, 2016).

Ele esclarece acerca das mudanças que o tempo proporciona, acrescentando maturidade, reinterpretando as experiências passadas e compreendendo como lidar com fatos semelhantes no futuro. Pensando na ideia de que as memórias dolorosas são reconhecidas (POLLAK, 1989), ele detalha como foram suas experiências no Guarani e na Portuguesa Santista, fazendo um paralelo das diferenças dos acontecimentos nos dois clubes. No primeiro, enquanto era adolescente não tinha discernimento suficiente para contrapor a situação, já no segundo, evidencia que sua formação humana e a chegada da fase adulta propiciaram a chance de se defender com mais facilidade.

Essas situações revelam como esse meio, independentemente do nível de atuação, contempla essas obscuridades que afetam a sociedade de um modo geral, já que nesses casos, o futebol é apenas o espaço no qual determinados sujeitos se inserem para cometer esses desvios de conduta. Compreendendo a formação da narrativa em Smith (2012) identificamos que nesse momento da entrevista, o colaborador estava tenso, demonstrando como essas lembranças negativas ocupam espaço e permanecem detalhadamente na memória, colaborando na reconstrução e reinterpretação dessas histórias passadas no presente (PORTELLI, 2010a). Ele continua:

E lá no Guarani quando eu disse não, teve um menino que foi levado junto, lembra que eu fui num campeonato e do campeonato que eu fui pra lá? fui escolhido e fui para lá, foi eu e mais um escolhido e esse outro menino ele era de muito boa aparência, inclusive ele era modelo também e esse menino aceitou a proposta do cara e ficou lá uns três, quatro anos (JOGADOR 3, 2016).

Percebemos como esses sujeitos se valem da posição que ocupam no clube, recorrendo ao capital simbólico para se aproveitar de meninos menores de idade que

tem o objetivo de se tornar atletas profissionais. Na narrativa fica evidente novamente que o abuso sexual contra menores no meio futebolístico é recorrente, visto que por mais que ele não tenha aceitado as condições do aliciador, outro sujeito se submeteu a isso, demonstrando que essa demanda se renova com o interesse de novos garotos da base de integrarem a categoria principal.

A instituição fica refém desses dirigentes que se aproveitam do contexto em que estão inseridos para cometerem esses crimes, prejudicando o clube, tanto judicialmente quanto pela constituição de critérios duvidosos no momento de escolher os atletas que devem integrar as categorias de base e o elenco profissional.

As narrativas de nosso colaborador são polêmicas, mas o discurso trata das questões de forma direta, e por mais que não haja ressentimento no relato, nos mostra como as memórias que retrata são as que marcaram sua vida (PORTELLI, 2010a). Nesse sentido, essas obscuridades retratadas de forma velada pela mídia e o senso comum, tomam outra proporção quando a refletimos a partir das histórias de quem participou efetivamente desse contexto. Acerca disso, o jogador 4 relatou:

Olha, eu trabalhava, eu acho que meu nome vai ter que ficar, vai ter que ficar (oculto no trabalho), vai ter que (risos). Quando eu jogava futebol de salão aqui no Paraná Clube, tinha um treinador que ele era conhecido por isso sim, só com a molecada assim. (Pensando) Ele trazia meninos de fora e tal e ele tentou uma vez, mas foi, ele não tentou nem uma coisa assim, foi só uma coisa que ele chegou em mim e falou: “você sabe que as coisas podem ficar mais fáceis para você” e não sei o que e foi e pegou no meu pinto assim e aí depois disso eu parei de jogar salão. Eu ficava entre o salão e o campo, salão e o campo e aí depois dessa época que eu sai do salão, eu fui para o campo de vez, eu falei: “ah, não dá isso aí”. Mas tinha muito cara que não saia da casa dele assim [...]. Eu lembro que uma época eu cheguei, fui viajar com ele, ele não fez nada comigo na viagem assim, acho que ele ainda estava me ganhando. Aí ele me deu agasalho, me deu tênis, me deu um monte de coisa assim e volta e meia os caras sempre chegavam assim cheio de presentes assim do cara lá, a molecadinha. Daí tinha um cara que também ajudava ele lá e diz que os dois gostavam de molecadinha [...] Mas tem no meio do futebol, principalmente na categoria de base, muito, tem uns cara que trabalham com essas coisas. (JOGADOR 4, 2016).

As ideias de Candau (2014) acerca da localização no tempo e no espaço são ainda mais evidentes, já que notabiliza a diferença dos discursos nas duas narrativas. O jogador 4 inicia reiterando que será necessário ocultar seu nome na pesquisa, já que ainda é um atleta em atividade e esse tipo de polêmica pode trazer prejuízos públicos para o seu nome. Ao contrário, o jogador 3 fora desse contexto, retratou sua

história de forma explícita e sem receio de que suas experiências passadas pudessem lhe prejudicar.

No caso do jogador 4, a precaução é válida, porque mesmo se tratando de uma história do passado, ainda pode afetar o seu presente, criando uma polêmica desnecessária para a carreira que ainda está em andamento. Nesse sentido, a formação narrativa é representada pela subjetividade do sujeito em consonância com sua localização dentro da estrutura no momento em que discursa (SMITH, 2012).

O atleta não se negou a relatar suas experiências acerca do tema, o que demonstrou seu comprometimento para com as expectativas dessa tese, que visa desvelar a respeito dessas obscuridades que permanecem veladas pelas fontes oficiais. Sua necessidade de se manter em sigilo, compreende que esse discurso tem fundamento, evidenciando sua forma de pensar o problema. Ele nos aponta para o fato de que a inserção de sujeitos com capital simbólico nessas instituições, permite a permanente ação criminosa contra menores de idade, que buscam no futebol a realização de seus objetivos esportivos, sendo ludibriados em troca de presentes e favores. O jogador 1 continuou:

Olha, comigo não aconteceu, sei de alguns casos de técnicos, que tinha que te pagar, ou uma situação outra pra entrar num clube: “ah se eu te colocar você, determinada situação”, empresário, a gente fica sabendo, mundo da bola, moleque chega lá, sonho é jogar, daí faz o que for né, as vezes pra conquistar o sonho de ser atleta. Mas assim, eu não presenciei nada, a gente fica sabendo de casos assim. Então, a gente fica sabendo através de outros que poderiam ser, mas eu nunca presenciei sabe. Técnico, ou empresário de futebol ter uma conduta com meninos e tal, a gente ficava sabendo: “ah tem empresário, aquele lá não sei o que”. Mas nunca tive uma, eu não presenciei nada, então não posso falar. Sim, sim, de técnicos e empresários (aliciamento sexual), mas que nem eu te falei, da minha parte eu não presenciei, pode ter acontecido com outros meninos? Pode. Aquela coisa: “ah, vou te mandar para a Europa, vou te colocar num time grande”. Histórias da bola, confirmado que algum amigo meu me falou, que aconteceu, falava sempre dos outros: “ah, acho que é, acho que não é, então melhor não ir com esse cara”, não ter relação empresarial com o cara. “Ah, esse técnico não sei o que”, técnico de equipes menores (JOGADOR 1, 2016).

A narrativa evidencia a ideia de Pollak (1992) a respeito dos acontecimentos vividos por tabela, repassando histórias que ouviu falar, mesmo sem ter vivido essa experiência. Nesse caso, como se trata de uma polêmica, atentamos quanto às causas dessa memória ser exposta de forma retraída. O primeiro indicativo foi sua entrevista ter sido acompanhada por uma série de outros indivíduos que não faziam parte da pesquisa, o que pode ter causado um constrangimento em relação ao

assunto e uma necessidade de ocultar detalhes que pudessem comprometer a si e a outros sujeitos que porventura fossem citados nessa discussão. Em segundo, destacamos a formação narrativa proposta por Smith (2012) e Bruner (2014) quanto à reação causada pela temática, em que o sujeito se mostrou incomodado com a questão, tentando silenciar a história.

Essa polêmica abordada com diferentes colaboradores em contextos distintos, proporcionam respostas diversas, as quais devem ser pensadas a partir de suas particularidades. Porém, é relevante pensarmos também que os discursos retratados, nos mostram que mesmo em momentos diferentes e situações específicas, o problema do assédio sexual é compartilhado por uma visão da coletividade, reiterando essa perspectiva da memória coletiva nesse cenário (HALBWACHS, 2013).

Nesse caso, colaborador enfatiza por diversas vezes que não viveu aquela situação, notabilizando que apenas ficou sabendo de determinadas histórias, tentando não deixar de responder a pergunta, mas desvinculando qualquer perspectiva de relacionar sua imagem com esse tipo de fato. Mesmo de forma silenciada, sua narrativa entende que esse problema está presente no futebol e que esses indícios propostos pelas histórias que ouviu de outros indivíduos devem ser compreendidos como parte desse espaço, mesmo que seu discurso não estivesse disposto a colaborar para esse entendimento.

Não cara, assim de treinador, de dirigente, aonde eu passei não teve nem no Coritiba, nem no Atlético com jogadores da minha idade, eu nunca presenciei isso aí. Eu soube de histórias de outras pessoas e tal, mas eu vivenciar isso com os amigos da minha idade nunca vivi. Ah, já soube, já soube sim, de caras dentro do Coritiba na época que tinha o diretor, não sei se era diretor ou presidente [...] que falavam que ele às vezes chegava no cara de conversinha fiada: “aí como você é bonito e tal, vamos jantar comigo”, acabava dando uma roupa para o cara, um tênis, coisas do tipo, em troca de uma relação ou alguma coisa assim com ele (JOGADOR 5, 2016).

Apoiados em Smith (2012) a respeito da formação narrativa, percebemos o silêncio ao retratar esse tema, já que precisamos insistir para ele se posicionar a respeito. Identificamos então que temáticas que polemizam o contexto do futebol se caracterizam por serem algumas das discussões mais interessantes de abordarmos por meio das fontes orais, principalmente porque constituem como a memória é controversa (BOSI, 2003).



Ao enfatizarmos que essa questão não precisava ter acontecido com ele necessariamente, passamos a ter uma resposta mais concreta, mesmo que ainda com certa ressalva, pelo fato de ser um atleta em atividade atualmente e por compreender que sua inserção no futebol poderia prejudicá-lo. Portanto, a posição do sujeito no tempo e no espaço (CANDAU, 2014) dão indícios de que o trabalho com a história oral favorece a reflexão do contexto, problematizando as hipóteses que fizeram o atleta não se aprofundar no tema.

Com base em Thompson (1992) percebemos como o contexto e as condições de produção do discurso influenciam na construção da narrativa. Percebemos isso ao comparar os discursos do jogador 3 e do jogador 5, em que o primeiro, ao contrário do segundo, não está mais inserido no futebol, notabilizando suas experiências e as de indivíduos com os quais conviveu.

Por isso as fontes orais passam a contemplar mais do que apenas o conteúdo das transcrições. Tratam de uma busca constante pela subjetividade, que é afetada pelas condições de produção que acabam externando os problemas de acordo com a posição na estrutura. Percebemos então, que apesar dos dois indivíduos afirmarem conhecer casos de assédio sexual nas categorias de base, enfatizando o problema como de ordem social e coletiva, apenas um tratou a questão com maior profundidade. O jogador 5 continuou:

Ah isso acontece muito né, isso acontece muito, as vezes você chegar em algum lugar e ser chamado de macaco, ou por você ser pobre e os outros te olharem diferente, por você ser pobre e não estar ali bem vestido, você ser visto as vezes até pela cor da pele, ser visto como um cara que seja um ladrão ou algo assim. Muitas pessoas hoje julgam pelo que ela vê antes de conhecer a pessoa né, então assim, eu graças a Deus cara não passei por isso, conheço amigos que passaram e que tiveram esse problema, por jogar e acabaram sendo xingados e é triste, é triste você ver isso nos dias de hoje ainda, saber que ainda existem pessoas que cometem esse crime, porque isso aí para mim é crime, você julgar uma pessoa pela cor da pele dela, você achar que pode discriminar uma pessoa pela cor da pele que ela tem, sendo que essa pessoa sendo negra, branca, amarela, seja o que for, ela tem os mesmos direitos que você, ela pode fazer as mesmas coisas que você faz e as vezes até melhor, então eu acho isso de um, como eu posso dizer, ah, eu não sei nem o que dizer, só acho que isso ainda me indigna muito, racismo, essas coisas me indignam demais porque eu não vejo razão para isso (JOGADOR 5, 2016).

Quando o atleta utiliza o pronome “você”, retrata a ideia de Portelli (2010a) de que está a falar sobre algo que não lhe aconteceu, mas que ouviu falar ou presenciou em um determinado momento, atentando para um problema estrutural que atinge

parte da coletividade dessa comunidade. Ele evidencia então, a necessidade de pensar a questão do racismo como algo que permeia negativamente as relações estabelecidas no meio futebolístico.

Essa inserção subjetiva sobre esse fato no esporte profissional, demonstra através do contexto de vida do atleta e de suas experiências a indignação com o que aconteceu com seu colega de trabalho. Entretanto, ao pensarmos na formação narrativa a partir de Smith (2012), percebemos que ele não evidencia emoções, gestos ou alteração do comportamento capazes de expor sua inserção efetiva em algum caso a respeito desse tipo de problema.

Ao não presenciar efetivamente essa questão em sua vida, enfatiza como as memórias mais presentes são aquelas correspondentes às experiências que o colaborador viveu e às quais atrela significado suficiente para demonstrar seus sentimentos e sua formação narrativa, proporcionando uma ideia de sua realidade e da de outros esportistas com os quais conviveu, reiterando a ideia de Nora (1993) de que a memória é a representação do vivido e está em constante transformação. Ele continuou:

Não, ah, tenho, tenho, na época que eu estava no Atlético-PR o Manoel passou por isso aqui no Brasil, não sei se foi na Copa do Brasil ou na Copa Sul-americana no estádio do Palmeiras com o Danilo, zagueiro na época que a gente foi, que nós fomos jogar com eles lá, e em um lance dentro da área acabou que eles se chocaram e o Danilo saiu xingando ele de macaco e falando que, denegrindo a imagem do atleta, e o Manoel, eu lembro que na época ele ficou puto e com razão, ficou muito nervoso com todo o xingamento, conversou com, nessa época ainda era o Antônio Lopes o treinador, o delegado, falou que devia entrar na justiça contra ele e acabou que entrou, não sei depois o que deu, só lembro que na época o Manoel ficou bem abatido e abalado com o que aconteceu e surpreso por estar jogando contra um cara que ele até certo ponto admirava por ter jogado no Atlético e achava um cara legal, as vezes que ia treinar tratava bem e depois encontrar com o cara no profissional e o cara ter uma atitude dessa, ele ficou até surpreso, acho até que ele lidou bem com a história depois porque ele acabou que perdendo o cara, não foi pra frente com a ação que ele colocou no Danilo, acabou esquecendo, deixaram de lado, entraram em acordo e ficou tudo bem, mas na época eu lembro que ele ficou bem abatido e ficou muito chateado com o que aconteceu (JOGADOR 5, 2016).

Nesse sentido, a discussão sobre preconceito racial que não teve repercussão em outras entrevistas, acaba sendo mencionada em um caso que teve a cobertura midiática por se tratar de um colega conhecido que atuava com ele no Atlético-PR. Ao comentar que não sofreu preconceito racial, pensamos que talvez essa situação não tenha acontecido de forma explícita como no caso de seu companheiro de equipe, ou

que ele deseja passar sua imagem como de alguém que compreende a questão, mas que está relativamente alheio a ela por não ter passado por experiências semelhantes – com repercussão pública – em sua vida.

Ele destaca sua posição contrária ao preconceito, acrescentando a ideia da igualdade entre as raças e ressaltando que as capacidades são desenvolvidas de acordo com diversos fatores que não incluem a cor da pele. É um discurso humanitário de quem está dentro da estrutura e compreende que tais ações tratam de uma prática condenada por parte considerável da sociedade de modo geral.

#### **1.4 O que a mídia não conta: histórias polêmicas no futebol**

Nesse trecho pretendemos abordar algumas questões obscuras que permeiam o futebol. Retrutando, a partir das memórias daqueles que viveram experiências nesse cenário e que podem nos passar a realidade que presenciaram, a partir do contexto em que estavam inseridos e das condições de produção da narrativa a que foram submetidos (THOMPSON, 1992).

As polêmicas são relevantes para compreendermos o futebol em sua amplitude macro-histórica, pensando que as relações estabelecidas promovem o esporte positivamente ou negativamente, dependendo de como essas ligações são conduzidas. Nesse sentido, a formação narrativa pensada por Smith (2012) pode nos ajudar a compreender porque determinadas memórias são retratadas de um jeito e não de outro, bem como nossos colaboradores abordam esses temas que envolvem comportamentos inadequados de alguns agentes envolvidos direta ou indiretamente nessa prática esportiva.

É que assim, na última rodada nosso time não tinha mais chance lá no campeonato mato-grossense e a gente jogou contra o Operário em casa, só que a outra equipe dependia do nosso resultado, se a gente empatasse o Operário ficava de fora. Aí jogando, estava com um no banco só, um a zero pra gente até os 43 do segundo tempo, se empatasse eles classificavam, é, a gente tinha que ganhar, a gente ia ganhar 10 mil reais pra ganhar esse jogo, mala branca que fala, aí o cara cobrou o lateral a bola quicou na área e o juiz marcou pênalti, ninguém encostou em ninguém. Daí o cara bateu, empatou e no final das contas não deu nada e o Tangará ainda foi punido por invasão do campo (JOGADOR 1, 2016).

No Ituiutaba a gente ia ganhar também certa quantia, pra ganhar o último jogo que a gente não tinha mais chance, que daí subia outra equipe. Só que acabou perdendo. Mas sempre acontece, nas últimas rodadas, um time que

não tem pretensão nenhuma pra pagar salário, os dirigentes já, a coisa não está boa, então acontece. Mas acontece assim, eu recebi não pra perder, nunca aconteceu: “ah vamos entregar o jogo”. Não, era pra ganhar o jogo, só que a gente não tinha mais chance, daí um estava dando certo e o juizão inventou um pênalti e no outro a gente perdeu mesmo (JOGADOR 1, 2016).

Agora de saber: “ah foi comprado, não foi comprado”, isso não soube. O que já aconteceu foi de oferecerem dinheiro para nós para ganhar de outro time, como incentivo porque aquele time estava disputando vaga com o outro, entendeu? Mala branca, que digamos, vai lá e oferece dinheiro para você se esforçar mais. Isso já, isso já. Chegou, ganhamos, deu “milão” a mais para cada um ali. Mais do que meu salário era na verdade (JOGADOR 3, 2016).

Ah, mala branca bastante, mala branca tem em todo, agora no final da série B teve, mas manipulação de resultado eu nunca, eu já ouvi falar de gente que recebeu ligação, essas coisas de mala preta, essas coisas, mas comigo não aconteceu. Já ouvi falar de contarem, já sim, de comprar goleiro, essas coisas assim, do goleiro chegar na hora e fazer pênalti, de comprar juiz, mas nunca vi acontecer, mas já ouvi comentário sobre (JOGADOR 4, 2016).

As narrativas podem ser compreendidas a partir dos conceitos de memória social de Smith (2012) e de memória coletiva de Halbwachs (2013), já que permitem pensarmos no compartilhamento que promovem ao retratar um assunto polêmico e que diz respeito à forma como as relações são conduzidas, independentemente do contexto temporal e espacial. Essas histórias remetem a uma discussão antiga do senso comum, que envolve a compreensão do que se estabelece como regular e irregular no oferecimento de incentivos financeiros para ganhar e perder.

A memória coletiva de Halbwachs (2013) perpassa ainda a ideia de que essa transcendência no tempo, é o que mantém em evidência esse tipo de prática, que é tomada de exemplo por diferentes colaboradores em contextos distintos, mas com a mesma essência e compreensão de que receber incentivos financeiros para vencer não interferem no código de conduta construído implicitamente pelos agentes que compõem esse meio.

Portelli (1996) identifica que as memórias não oferecem um campo de experiências em comum, mas um espaço de possibilidades compartilhadas, no qual os sujeitos de um determinado grupo social, de uma mesma atividade profissional, escolhem o percurso dentre tantas trajetórias possíveis nesse meio. Cada indivíduo vai identificar as possibilidades a partir da compreensão subjetiva que elabora nas diversas situações que se propõem, ocasionando o entendimento de que cada sujeito é diferente do outro, mesmo que apresente semelhanças em determinados pontos.

Essa discussão entre as perspectivas coletivas e individuais não nos parecem excludentes, já que promovem uma ampliação das possibilidades analíticas através das fontes orais. Nesse sentido, pensamos que os aspectos coletivos referentes à discussão da mala branca no futebol promovem uma reflexão inerente à estrutura, compreendendo a questão como conflituosa dentro das relações estabelecidas nesse meio. Já as particularidades inerentes a cada história, evidenciam a singularidade atribuída a cada colaborador e remetem para o outro lado da discussão das fontes orais, características aos indícios que cada narrativa pode promover ante a esse compartilhamento social.

A narrativa do jogador 1 apresenta particularidades, como o fato do campeonato ser o mato-grossense, em que o futebol não tem a mesma representatividade e apelo midiático que em outros lugares. Nesse sentido, as histórias são acessíveis através das fontes orais e, nesse caso, a compreensão do esportista de que receberiam incentivo financeiro para vencer um jogo sem relevância para as pretensões de seu clube evidencia a naturalidade com que entende a recorrência dessa prática no meio futebolístico. Ele reitera mais acerca da dúvida que o caso promoveu, quando aparentemente o árbitro assinalou um pênalti inexistente - deixando na entrelinha a possibilidade de que o time adversário subornou o juiz - do que ampliou as discussões acerca da mala branca oferecida a seu clube.

Essa perspectiva fica mais evidente no segundo trecho, quando ele manifesta que essa prática é normal, ainda mais em clubes de menor expressão que precisam achar fontes de renda alternativas para pagar os salários dos atletas. Entretanto, ele ressalta que a prática sempre foi considerada em situação de incentivo para a vitória e não o contrário. Isso nos remete à como a subjetividade do indivíduo compreende o limiar do que é regular e irregular nesse tipo de relação, assumindo que se socialmente a prática é aceita nesse meio, então ela é correta.

A narrativa do jogador 3 compartilha da mesma naturalidade quanto a essa prática, tanto que não atribui muita representatividade a essa questão, já que em sua compreensão o tema não promove conflito e consequentemente, não gera interesse no selecionamento das memórias referentes a sua trajetória no futebol. Assim como o jogador 4, que elabora seu discurso compartilhando que a reincidência dessa prática é normal e que, em seu entendimento, não vê problemas nisso. O cenário muda quando ele aborda a respeito da mala preta, em que o limiar de transição entre uma

coisa e outra fica evidente, mesmo não apresentando casos concretos de uma prática que considera irregular.

Bosi (2003) afirma que a memória é controversa e nesse sentido, compreendemos que o simbolismo implícito nas narrativas apresentam espaços conflituosos a respeito da representação e do entendimento do passado. O colaborador e sua comunidade por vezes não encontram uma maneira positiva de relatar os fatos contraditórios e dolorosos, buscando alternativas que o condicionem ao desvio das questões (SMITH, 2012). Táticas simbólicas de evasão apresentam fatos controversos e confusos, que a própria comunidade evita, pois não conseguiram a resolução através do discurso.

Nesse sentido, ao estabelecer o limiar entre a mala branca, que considera regular, e a mala preta, que considera irregular, o jogador 4 apresenta indícios de que a segunda também acontece, porém, não aprofunda no assunto. Isso nos leva a refletir que o discurso referente às polêmicas geram essa tentativa de evasão, em que a compreensão do sujeito a respeito dos fatos aparenta ser confusa. Entendemos também, que a subjetividade influencia na representatividade que o atleta atribui a essa questão e que nesse caso, poderia se constituir em um debate de pouco interesse para o colaborador.

Assim, a entrevista se trata de uma relação entre interlocutores, na qual a narrativa vai ser direcionada de acordo com aquilo que o colaborador quer falar. Em suma, os três entrevistados demonstraram pouco interesse em desenvolver o tema e isso promove um sentido que consta no embate entre a tentativa de silenciar acerca de temáticas conflituosas e o significado que atribuem para o assunto. Os colaboradores continuam:

Acontecia na época, bem quando eu comecei, na época do gato que faziam identidade falsificada, teve vários casos que pegaram na época, isso já acontecia lá no Paraná, porque eu cheguei de Pato Branco e era um dos maiores ali né, vamos dizer que tinha o mesmo tamanho, mas tinha muito cara muito mais forte na época, não só fisicamente, o cara tinha uma maturação diferente, muitos meninos que no quatorze, no quinze: “nossa, parece que ele já chega conversar com o técnico” sabe, tinha um social, se dava muito bem com todo mundo, com a diretoria, com os técnicos: “esse menino é mais velho”. Então aconteceu vários casos, descobriram um ou outro ali de gato no futebol, foram vários na época de 96 à 2000, 94 [...] (JOGADOR 1, 2016).

É, agora fica mais difícil eu acho, hoje todo mundo registrado, muito difícil, assim certinho, no período certo ou a falsificação do documento é mais difícil,

mais complexa, fazer um passaporte, não sei e tem outra, cientificamente já é mais fácil detectar, mas antigamente ninguém fazia teste de nada, então chegou lá, a gente já falava, meio que dá pra perceber: “esse cara não tem idade”. E ia indo, ia indo e teve cara que se deu bem, está parando com trinta e dois né, trinta anos está se arrastando já, daí você meio que pensa: “ah mas por que isso?” (JOGADOR 1, 2016).

De gato teve no Paraná que teve aqui, Cléber ele se chama, ele conta para nós, jogou depois no Criciúma, jogou no São Caetano, ele veio acho que do Vitória da Conquista da Bahia se eu não me engano, é lá da Bahia e ele foi para o São Paulo e lá no São Paulo ele era Paulo Rossi, ele foi como, lembro que era uns 5 anos de diferença e aí fizeram lá os exames que fazem os médicos fizeram para ver e deu que ele tinha a idade de 87 mesmo, não ele era 82 e veio como 87, um negócio assim, 5 anos de diferença e aqui ele contava dando risada para nós. Tem muito isso (JOGADOR 4, 2016).

A partir de Patai (2010), compreendemos que as memórias e as reações evocadas no momento da entrevista, elucidam esse caráter subjetivo que se atribui na história oral, já que os indivíduos vão selecionar e organizar as lembranças de acordo com a compreensão no tempo presente. Dessa forma, quando o jogador 1 subentende que no período em que atuou nas categorias de base do Paraná Clube essa prática era moda, ele reflete que o contexto temporal influencia na constituição do problema, visto que na sequência, afirma que atualmente essa prática ficou mais restrita, devido à tecnologia disponível para detectar tais irregularidades.

Esse ex-atleta consegue ter uma compreensão ampla acerca dessa problemática, já que pela reinterpretação de suas memórias entende as mudanças estruturais causadas pelo lapso temporal entre os fatos e a atualidade (PORTELLI, 2010a). Percebemos então que as vivências desse sujeito perspectivaram uma época em que o futebol não apresentava os mesmos recursos que hoje, impossibilitando uma fiscalização rigorosa desse processo de adulteração da idade dos atletas.

Nesse sentido, pensamos que adentrar o futebol por meios ilícitos era viável e que as chances poderiam aumentar, já que as categorias de base se consolidavam como o espaço que definia quem seguia adiante na carreira. Em alguns casos, os clubes que não tinham bases científicas para compreender a importância do processo de desenvolvimento dos atletas jovens, optavam pelo rendimento desde as categorias menores, devido à pressão dessa prática representativa socialmente, optando assim por atletas maturados precocemente, deixando as qualidades do jogo em segundo plano, já que a força física é determinante para a modalidade.

O jogador 1 enfatiza isso quando afirma que era possível identificar as diferenças físicas inerentes à maturação biológica, assim como as características do

desenvolvimento psicossocial desses indivíduos, que compartilhavam uma experiência que não condizia com a idade e que chamava a atenção.

Segundo Portelli (2010b) a subjetividade trata de tentar expor aquilo que o narrador compreende do tema, o que nos direciona para que atentemos aquilo que Smith (2012) determina como formação narrativa, na qual o indivíduo vai direcionar seu discurso de acordo com suas convicções no tempo presente. É assim que o jogador 1 expõe suas impressões a respeito dos indivíduos que desconfiava a respeito da adulteração da idade.

Pensando a partir de Portelli (1997) que define a memória como um processo individual, socialmente compartilhada, percebemos que a narrativa do jogador 4 reitera uma história específica, da qual ele partilha detalhes que dão indícios de sua compreensão acerca dessa prática, expondo abertamente o caso de seu companheiro de equipe. Trata também da proximidade com que conviveu com esse problema e a reincidência que aparentemente permeia esse espaço, já que inclusive evidencia que o colega tratava a questão ironicamente no ambiente do clube. Acerca disso, o jogador 1 relatou:

Sim, amigos que tentaram na bola, fizeram identidade diferente, viraram. É assim, eles chegavam a passar em grandes clubes pela diferença de força e experiência, mas quando chegavam no júnior eram excluídos de novo, e tentavam fazer outras (risos), teve casos que eu vi no Paraná de oito anos de diferença. O cara jogava ali, sub-20 passava, ia fazer uma peneira com meninos de dezessete anos vamos dizer assim, passava. Mas depois ele não melhora tecnicamente e os outros vão evoluindo um pouco mais, melhora, não melhora, vai ser dispensado igual no final das contas, aconteceu casos bem próximos, fazer identidade com 5 anos de diferença e ir pra fora ainda e não dar certo, cinco anos de diferença e não dar certo ainda (JOGADOR 1, 2016).

Apoiados em Bosi (2003) compreendemos que a memória é controversa, visto que afirma que existe essa prática e que de certa forma tem atletas que conseguem chegar ao profissional sem serem descobertos. Porém, retrata em outro momento que por mais que o sujeito se sobressaia fisicamente e emocionalmente sobre os companheiros que são mais jovens, em um determinado instante as aptidões físicas se equivalem e esses indivíduos acabam sendo excluídos, pois a qualidade técnica passa a ser fator decisivo na transição entre a categoria de base e o profissional.

Dessa forma, o jogador 1 que compreendia essa prática irregular como um meio facilitador para alcançar a carreira profissional, em outro momento reitera que



esses indivíduos que adulteram a idade chegam em um determinado momento e são excluídos novamente, já que não apresentam condições técnicas para ir adiante. Essas contradições e conflitos dizem respeito também ao fato de que temas polêmicos causam confusões por parte do narrador, que acaba se contradizendo em determinados momentos da entrevista (SMITH, 2012). Acerca disso, o jogador 3 afirmou:

Não, eu acho assim, fora os times bem grandes, a grande maioria tem um investidor e esse investidor, ele como muitas vezes não é do meio, ele desiste fácil ou como ele vê que tem diretores querendo se aproveitar do dinheiro dele, ele começa a travar e às vezes muito investidor é só por paixão, então se está perdendo demais ele já perde o tesão de investir e começa a atrasar também e acredito que algumas coisas é proposital sim, pode ser que seja, dependendo do momento pode ser que seja. Eu já vi casos de atrasar salário de jogador, só de um em específico para ver, pra pedir para mandar para sair. Tipo, quando a pessoa quer rescindir contrato, tem multa no contrato, multa grande para rescindir. “Eu não vou deixar ele treinar com o grupo, vou colocar ele para treinar com jogador de avaliação ou juniores, ou treinar a parte sozinho, vou atrasar o salário dele, uma hora ele não vai aguentar e vai pedir para rescindir sem ter multa nenhuma”. Então isso, sempre tem algo assim e o pessoal acaba fazendo (JOGADOR 3, 2016).

As experiências inerentes a cada colaborador tornam-se singulares e sua compreensão dá indícios de que a organização e seleção de memórias é um ato pessoal, mesmo que possa ser compartilhado socialmente. Nesse sentido, a narrativa do jogador 3 é significativa, pois busca argumentos que deem conta de auxiliá-lo na explicação de sua compreensão acerca dessa prática, que considera ilícita dos clubes para com os atletas. Para isso, ele não elenca uma história em específico que desse conta de exemplificar sua ideia, ele transmite em nível coletivo uma história literária que explique seu entendimento do caso a partir da possibilidade que qualquer indivíduo tem de passar por isso se estiver inserido nesse meio.

Parte dessa ideia é de que as subjetividades são dotadas de pessoalidade, porém, tratam de histórias que podem ser socializadas, e do nosso ponto de vista enquadradas no que Halbwachs (2013) compreende como memória coletiva, já que o sujeito reitera que práticas assim são comuns no meio do futebol, no qual o clube tenta ilicitamente forçar o atleta a rescindir o contrato, por meio de boicote e ações que tornem sua permanência em atividade insustentáveis, a ponto de pedir o desligamento sem ônus para a instituição.

Porém, pensamos que a memória coletiva de Halbwachs (2013) não tem pretensão de agrupar experiências conectadas pela repetição exata, mas diz respeito

às possibilidades de enquadramento dessas memórias dentro da compreensão coletiva, que não exclui as especificidades inerentes ao fato de que a coletividade é baseada nas aproximações e afastamentos entre as narrativas, portanto é compreendida como a influência dos indivíduos nas conjunturas estruturais, já que as experiências são determinadas por um processo dinâmico. O jogador 4 continuou:

Foi, joguei, joguei, cheguei para o começo da série B, fiquei três meses lá, foram os três meses mais desgastantes da minha vida, da minha esposa foram os três meses mais desgastantes, todo esse tempo. É um lugar bem complicado de você lidar, time de dono e o time que eu jogo agora também é ainda, é dono, ainda é time de dono assim [...] porque quando é time de torcida, os caras não são donos, então, mas quando é time que o cara é o cara que colocou dinheiro, é o cara que fez. São os três irmãos lá [...]. Foram lá, fizeram um time, deu certo e eles acham que na loucura que eles fazem é o certo do futebol assim. [...] os caras passavam na frente da sua casa de noite para ver se você estava em casa, é bem desgastante. Do cara concentrar dois, três dias antes do jogo e um dia depois do jogo assim. Aí eu levei até minha vó para lá na época, para ficar com a minha esposa, porque eu não ficava em casa e tudo que fazia dava problema assim [...] aí perde um jogo, meu Deus do céu, lá você tomava um gol, sempre a culpa é de alguém e você vivia assim na pressão [...] você tomava um gol, culpa do goleiro, tanto que eu fui mandado embora de lá porque eu tomei um gol no meu canto numa falta [...] (JOGADOR 4, 2016).

Essa história é dotada de representatividade, haja vista ele apresentá-la com detalhes que demonstram uma experiência dolorosa em sua carreira. Uma entrevista em que o indivíduo está bem humorado e de repente muda o semblante, demonstra como a formação narrativa perspectivada por Smith (2012) influencia na construção do discurso pelas reações, ações corporais e pela emotividade transmitida através da entonação da voz.

Dessa forma, o jogador 4 evidencia a frustração quanto a esse período em que permaneceu no Boa Esporte. A subjetividade na escolha das memórias em que permaneceu mais tempo falando, promovem uma discussão de que o tempo é primordial para compreender a representatividade do discurso, já que em determinados momentos os acontecimentos são curtos e as narrativas, detalhistas, e em outros os fatos ocorrem em um lapso temporal maior, enquanto a descrição desses é superficial.

É então a representatividade que ele atribui ao fato doloroso de ter que permanecer longe da família devido ao excesso de concentrações, além do ambiente de trabalho tumultuado e da pressão psicológica incomum até o momento em que viveu tais experiências. Reiterando a ideia de que o extremo entre as memórias

positivas e negativas colaboram na construção do discurso por parte do colaborador, nos fazendo refletir que as lembranças marcantes são aquelas que alteram o estado emocional, promovem o interesse em expor a trajetória e compreender o passado atualmente (POLLAK, 1989). A respeito disso, acrescentou:

Eu tinha contrato de mais um ano lá. Não, aí é outra parte, agora não pode, mas lá eles faziam o que, para você assinar o contrato, você já assina sua rescisão junto, se acredita nisso? Que eles fazem isso? “Se não quiser assim, a gente não faz, a gente tem que fazer assim”. Então já tem a sua rescisão assinada, no momento que eles querem te mandar embora, eles já tem a rescisão assinada, eles só colocam a data lá, então você não tem, você só recebe seus dias trabalhados, entendeu? Lá é, (sujeira) puríssima. Então eu só recebi os dias que eu trabalhei, eu tinha mais um ano de contrato, mas, eu tinha mais um ano de contrato com eles, mas eles não tinham nenhum dia mais de contrato comigo se eles quisessem, eles colocam a data e rescindem o contrato, recebi só os dias que eu trabalhei, mas eles me pagaram, os dias que eu trabalhei, pagaram tudo, pelo menos isso, mas agora estão pagando lá, não sei agora que estavam caindo parece que pararam de pagar porque não tinha resultado, aí pararam de pagar também (JOGADOR 4, 2016).

A partir de Bosi (2003) compreendemos que as fontes orais dizem respeito ao conteúdo de suas experiências, enquanto rememora, revive o passado no presente com uma nova intensidade. É dessa emotividade que trata a narrativa do jogador 4, que ao reinterpretar suas vivências, demonstra em suas reações o ressentimento com que conduziu a época dessa trajetória e como as recordações dão sentido à formação narrativa e à consequente exposição dos sentimentos.

Além disso, a história se trata de um conflito de interesses do qual ainda não tínhamos conhecimento e que remete a ideia de Portelli (1996) quanto a teoria das possibilidades, em que o sentido compartilhado pelo colaborador pode ser remetido em um outro contexto, a outros indivíduos que eventualmente possam estar sujeitos a esse tipo de irregularidade. Mesmo ao reiterar que essa prática se tornou ilegal, pensamos que a dinâmica complexa de uma estrutura com tantas instituições esportivas pode apresentar fatos semelhantes em algum momento da história.

Sua história apresenta também como esses indivíduos se submetem a propostas subversivas de trabalho, na qual a relação de poder pende para a instituição que devido a quantidade de “pés de obra” disponíveis se acha no direito de cometer irregularidades em benefício próprio. Os atletas que porventura passam por esse contexto, não possuem capital simbólico suficiente para se localizar em posição de conflito com o clube, já que necessitam do emprego e o fato do Boa Esporte estar na

série B do Campeonato Brasileiro, possuía um atrativo a mais nesse mercado restrito de oportunidades. Ele continua:

Aí tem outras histórias para contar. Não, de jogadores, isso aí é complicado, de jogador que está lá e o departamento médico do clube ser precário e jogador ficar sem receber porque machucou, daí ficar sem receber, acontece. Tem times que você se machuca, aí eles dão entrada no INSS e param de pagar seu salário, você recebia, sei lá, dez, vinte mil, vai entrar no INSS ganhando dois mil reais e os caras deixam porque está no INSS e esquecem de você. Então coisas assim, que acontecem, em times pequenos tem muito, acontece demais e aí os caras param de pagar direito de imagem, coisas que eram para ter pago (JOGADOR 4, 2016).

Quando ele remete esse fato aos clubes de menor expressão, traz consigo uma conotação de que tais acontecimentos não são de domínio público, reiterando o caráter conflituoso dos discursos mais relevantes de sua trajetória no futebol. As polêmicas dão sentido à história, pois causam o interesse de compreender porque a realidade se conduz de uma determinada forma. Em relação a isso, são também os trechos com mais conteúdo para pensarmos nas conjunturas que o futebol propicia fora do alcance público.

A subjetividade e a estrutura se entrecruzam de maneira a propiciar a condição social dinâmica que se institui nesse meio. Existe então indivíduos que se relacionam e que definem como o coletivo será influenciado por essas conjunturas sociais. Nesse sentido, o jogador 4 não revela algo inerente a sua história, mas apresenta um fato hipotético que devido a não estar destinado a descrever alguém específico, pode remeter a qualquer um que esteja inserido nesse contexto.

Isso remete ainda aquilo que Pollak (1992) pressupõe a respeito dos acontecimentos vividos por tabela, já que essa característica hipotética do discurso, pode estar relacionada a diversas histórias que ouviu falar e que por não achar representativo ou polêmico preferiu não selecionar dentre as memórias que organizou para expor sua trajetória. Acrescenta-se a isso o ressentimento de quem se demonstra contrário as ações movidas pelas instituições em detrimento da categoria que faz parte e que acaba defendendo. O jogador 5 afirmou:

[...] nisso o Ocimar me chamou e aí eu fui lá conversar com eles e ele me falou assim: “[...] a gente, o treinador quer que você fique, porque você é uma pessoa importante para o time [...]”. Daí eu até falei: “pô professor, com todo o respeito que eu tenho ao senhor, e agora aqui eu sei o quanto o clube é importante para mim, mas é uma convocação antes do mundial, eu quero muito disputar o mundial [...]”. Meu primeiro ano no profissional, não posso me

queimar agora aqui no profissional [...]. Mas não queria ficar porque né, mundial, seleção brasileira. Fiquei, fiquei e os moleques se apresentaram na segunda feira [...] aí o foguinho na época, bem parceiro meu, chegou no coordenador [...] e perguntou: [...] Ele vem amanhã?" [...] e nisso o cara da seleção falou: "[...] não vem mais, jogador que não está com a cabeça na seleção a gente não quer aqui". Daí ele me falou assim: "[...] pelo que ele me falou aqui, pelo jeito ninguém conversou com ele, ele não tá sabendo de nada". Aí eu falei: Pô, sacanagem cara. Pô Foguinho, não pode ter acontecido isso, os caras estavam conversando comigo na minha frente, o professor, o treinador, o presidente e o diretor de futebol" [...] não fui para o mundial [...] acabei não jogando mais no Atlético [...] (JOGADOR 5, 2016).

A narrativa apresenta uma perspectiva generalizada de como podemos pensar as relações conturbadas no futebol, sendo que esse panorama coletivo só é possível de ser vislumbrado a partir da subjetividade que norteia as particularidades de sua história enquanto era atleta do Atlético-PR. Como propõe Portelli (1997) as fontes orais não podem ser pensadas apenas como um depósito de fatos, mas como um espaço dotado de significado e que remete a compreensão do indivíduo acerca daquilo que está sendo discutido.

Nesse sentido, o ressentimento do jogador 5 e suas reações quanto ao decorrer de sua narrativa dão conta do significado que atribui a essa memória dolorosa e que se refere aos detalhes que a instituem como representativa em sua trajetória, a ponto de ser selecionada para determinar a condução de uma história marcada por uma carreira promissora que recaiu no ostracismo. Os fatos que seleciona para construir sua narrativa dão conta desse processo de compreensão entre estar em evidência e, de repente, se enxergar fora desse espaço, sendo que é através dessas memórias significativas que ele encontra explicação para sua condição no tempo presente.

É por isso que Portelli (1997) afirma que a história oral não é aquela que se apresenta a partir dos fatos, mas o sentido e o significado que as fontes orais nos proporcionam. É disso que tratamos na entrevista do jogador 5, compreender sua trajetória a partir da seleção e organização dos acontecimentos em que ele pretende se fazer entender, atribuindo representatividade a partir da emotividade, do ressentimento e das reações referentes a esse período retratado. Ele continua:

[...] o Grêmio quis me comprar e o Atlético não quis vender [...] e em 2010 antes de ser afastado, também houve o interesse de uma troca por empréstimo com o próprio Grêmio [...] tudo certo, combinado [...] me apresentei no CT e fui falar com o Ocimar e perguntar: "e aí Ocimar, eu viajo quando?", ele: "cara, não deu certo mais lá o seu negócio com o Grêmio [...] daí tiveram mais várias propostas em 2010, mas infelizmente não pude ir

porque estava machucado [...] 2011 voltei [...] fiquei ali treinando afastado praticamente até a metade do ano, com propostas de alguns times da série B querendo por empréstimo e por algum motivo o Atlético não emprestava, o porque eu não sei [...] tive uma oportunidade na época de ir para o Joinville que disputava a série C, mas eu não quis ir, pois tinha vários clubes da série B querendo que eu fosse para a série B e acabei não indo, e acho que esse foi o empecilho maior que me atrapalhou em 2011 [...] (JOGADOR 5, 2016).

Segundo Smith (2012) o discurso trata de organizar e ordenar os eventos que dão sentido à tentativa do colaborador de se fazer entender e o que determina a formação narrativa condiz com o início, término e os possíveis marcos no interior da história. Isso é compreendido quando o jogador 5 elenca uma série de eventos que o ajudam na construção do roteiro referente aos problemas que passou no Atlético-PR, no que diz respeito às transferências frustradas.

Nesse lapso temporal, ele indica alguns marcos que, na sua compreensão, seriam os instantes de ruptura em que sua história poderia ter sido outra, caso tivesse uma nova oportunidade no Grêmio ou em algum clube da série B que lhe procurou. Essas mudanças frustradas conduzem as memórias dolorosas e dão sentido ao ressentimento que ele transmite no momento da entrevista, já que ele revive essas oportunidades não concretizadas, justamente no momento em que se encontra desempregado.

É então a reinterpretação do passado no presente proposta por Portelli (2010a) que indica que a memória é construída no momento da entrevista e que sua constituição trata do contexto atualizado em que o sujeito está inserido. Isso nos leva a entender que a conjuntura do momento colaborou para que o discurso fosse carregado de ressentimento. Provavelmente se o atleta estivesse empregado e em melhores condições na carreira profissional, seu discurso poderia ter sido outro, já que o ambiente influencia nas percepções a respeito do que está sendo discutido. Acerca disso, continuou:

[...] na época que eu ganhava bem no Atlético-PR, nos clubes que eu fui, ficou tudo nas baladas, gastava tudo, balada, roupa, nunca guardei [...]. Felizmente agora eu tive uma causa ganha até contra o Atlético [...] de um direito de imagem que eu tinha e que eu não sabia [...] e eu acabei ganhando deles agora [...] então hoje está tranquilo, mas várias vezes de eu ter que, a minha mulher ter que fazer bolo para a gente vender [...] então hoje graças a Deus eu tenho esse dinheiro do Atlético [...] graças a Deus o apartamento que eu moro a gente conseguiu comprar com esse dinheiro [...]. Mas assim, esse ano, porque os outros anos para mim, 2014, 2015, os clubes que eu fui até guardei, mas o que eu guardei deu para dois, três meses [...] depois [...] eu tive que trabalhar, foi por isso que em 2014 eu fui jogar amador, porque eu

precisava de dinheiro para me manter [...] trabalhei em mecânica já em 2014, 2015 não precisou [...] (JOGADOR 5, 2016).

Bruner (2014) afirma que a narrativa é a exposição de fatos que deram errado, de expectativas que não se concretizaram, de planos frustrados. Ela é convencionalizada em diferentes tipos de gênero. No caso do jogador 5, identificado pela tragédia, que rememora sua transição entre a carreira promissora e o ostracismo, evidenciando as dificuldades que uma trajetória fora do apelo midiático propicia. Notabilizado pela instabilidade ao não conseguir contratos longos, pela falta de oportunidades, por jogar o campeonato amador de Curitiba para obter alguma renda e pela necessidade de trabalhar em outras áreas, como a mecânica.

Todas essas dificuldades são retratadas pelo ressentimento de quem entende que sua trajetória poderia ser diferente e essa percepção é que evidencia como as fontes orais tratam da reinterpretação dos fatos passados de acordo com as conjunturas do presente (PORTELLI, 2010a). Essa interação entre a seleção dos acontecimentos passíveis de construir a história com a possibilidades de revivê-los pela ótica atual condicionam a representatividade que os discursos apresentam através das reações, das expressões corporais e dos sentimentos (SMITH, 2012).

Entre o sentimento de tristeza e abatimento que circula a narrativa, existem rupturas que propiciam memórias positivas de um passado que deixou marcas dolorosas quanto à trajetória profissional. Ele lembra o fato de que apesar de ter gasto todo o dinheiro que recebeu quando era atleta do Atlético-PR, conseguiu recentemente ganhar uma causa na justiça do clube que rendeu um dinheiro que ao menos por enquanto, trouxe uma certa estabilidade, além de permitir comprar o apartamento em que mora atualmente com a família, onde inclusive realizamos a entrevista nas dependências do condomínio.

Além disso, os detalhes de sua história e a formação narrativa que construiu para expor os fatos referentes à sua trajetória no futebol, estão relacionados ao significado que atribui a esses eventos positivos e negativos, encontrando na dramatização a forma de expor seus sentimentos quanto a sua posição atual na estrutura esportiva. Ressaltando também a relevância que a relação entre locutores, no caso entrevistador e entrevistado se estabeleceu de forma a favorecer com que a narrativa pudesse expressar a compreensão do indivíduo quanto às suas experiências no tempo e no espaço em que discursa.





## **2. FUTEBOL SEM FRONTEIRAS: HISTÓRIAS DE JOGADORES BRASILEIROS NA EUROPA**

Nesse capítulo pretendemos abordar as experiências de nossos colaboradores ao atuar na Europa, compreendendo os aspectos positivos e negativos em diferentes contextos espaciais e temporais. Apresentaremos os bastidores dessa realidade de forma a entender as subjetividades de cada narrativa e seu possível compartilhamento social.

### **2.1 O ingresso no futebol europeu**

Aparentemente, uma das profissões mais almejadas entre os brasileiros é a carreira futebolística, devido ao processo cultural construído historicamente que nos condicionou a ideia de país do futebol (HELAL, SOARES, 2001). Além da paixão tradicionalmente impetrada aos brasileiros, o futebol também passou a ser um meio de ascensão social, já que em alguns casos proporciona ganhos financeiros surreais, além de ser uma atividade que desperta interesse midiático e publicitário, mexendo com o sentimentalismo em uma cultura de entretenimento que desenvolve o consumo através do esporte (DAMO, 2008).

Assim como atuar profissionalmente, é de interesse dos atletas jogarem no futebol europeu. Essa vontade passa por aquilo que a mídia expõe acerca das oportunidades que isso pode proporcionar, visto que os futebolistas brasileiros são reconhecidos internacionalmente por sua cultura futebolística, bem como a chance de receber valores financeiros maiores do que os praticados no Brasil, que em euro, dependendo da variação cambial, pode render até quatro vezes mais na moeda brasileira.

Porém, assim como grande parte dos atletas profissionais não se enquadra na perspectiva financeira apresentada pela mídia, parte dos atletas que imigra para a Europa também não o faz para receber valores elevados ou para atuar em grandes clubes europeus. É o que percebemos nas falas do jogador 1 e do jogador 3, que apresentamos a seguir:

Aí fiquei um ano aqui, fiz federal um ano, e aí pintou de ir para a Itália, fui por conta, numa situação de trabalhar lá. Fui através de um grupo que ia estudar

na Itália um mês, pagava um pacote e aí eu falei: “não, agora vou me aventurar”. Peguei os documentos e falei: “vou jogar na Itália, está louco, os piás jogavam comigo em Pato Branco e tão aí, como é que eu não vou jogar?”. Daí cheguei na Itália, sozinho, com esse grupo, cultura italiana que tinha em Curitiba e aí, e estava almoçando lá, correndo todo dia e pintou de fazer um treino em um clube da Itália. Daí fui treinar, me destaquei, e era um clube que achei meio estranho, treinava no barro, não sei porque, deve ser por causa da neve. “Não é possível que paga, que é profissional”, e disputava a quinta divisão da Itália, aí os caras né, brasileiro no time: “vamos fazer tudo pra você, vamos arrumar pra você ficar” e resumindo bem, porque várias coisas aconteceram, me arrumaram um emprego, e me ajudaram a fazer a dupla cidadania e aí não voltei mais, fiquei dois anos na Itália (JOGADOR 1, 2016).

Ai me apareceu um, nessa época meu pai já tinha viajado para a Itália, feito passaporte italiano para mim e para o meu irmão, cidadania. Aí o que aconteceu? Teve um amistoso de um empresário que ia fazer com o Paraná Clube e ele ia só arrumar jogadores que já tinham passaporte italiano para um outro empresário lá de fora ver. E eu falei: “vou, não tem problema nenhum, não assinei lá ainda, vou fazer esse amistoso pra ver o que dá”. Aí era o mais jovem do pessoal, eu tinha 17 anos e todo mundo que estava ali e tinha passaporte italiano já era profissional, que estava sem time ou algo assim. Eu fui bem no amistoso e o empresário acabou que quis levar só eu pra fora. Tá, eu fui para a Espanha (JOGADOR 3, 2016).

Através de Bruner (2014), notamos que a sequência das narrativas apresentam detalhes das experiências de ambos os colaboradores, retratando a partir de Thompson (1992), a representatividade de suas vivências na reinterpretação do passado, bem como na idealização da formação narrativa de suas histórias.

O jogador 1 nos mostra que a imigração ao futebol italiano está banalizada, já que vários jogadores de sua cidade tentaram uma oportunidade semelhante. Ele já estava para abandonar a carreira e notou a possibilidade de trabalhar e jogar profissionalmente na Europa. Portanto, sua inserção não ocorreu devido a sua trajetória esportiva, mas a uma oportunidade combinou trabalho e futebol. Inclusive fica evidente na narrativa que o futebol, mesmo profissional, não se caracterizava como sua atividade principal na Itália, por mais que esse fosse seu objetivo inicial. Mesmo em um contexto semiprofissional, percebemos como sua identificação como brasileiro oportuniza estar naquele espaço e ser destacado pelo fato de ser brasileiro.

O jogador 3 ingressou no futebol espanhol de forma oficializada, já que após sua aprovação em um processo seletivo no Brasil, teve a oportunidade de realizar testes – como veremos mais adiante – no exterior. Ressaltamos que a busca pela cidadania europeia é uma prática comum, já que a maioria dos campeonatos regulamenta um limite de estrangeiros por clube e com a cidadania italiana no caso, sua trajetória como atleta profissional acabou facilitada. As ligas europeias queriam

limitar o acesso de estrangeiros, mas com a possibilidade da dupla cidadania, oportunizou que esportistas tentassem se inserir nesse contexto, como podemos observar na seguinte fala:

Aí foram atrás de apartamento para mim, alugaram apartamento com três quartos, daí já tinha um jogador lá, brasileiro, que jogou na primeira divisão no Juventude, Rio Grande do Sul, na época era primeira divisão o Juventude, do Brasileiro. E estava lá já a um mês e meio, e aí ele ia alugar um apartamento para mim e para ele, e o atacante não tinha passado no teste, mas ia ficar ali até arrumar outra coisa (JOGADOR 3, 2016).

A história do jogador 3 nos ajuda a compreender a amplitude do meio futebolístico no que diz respeito à inserção de atletas nos diversos níveis de atuação. A narrativa compactua com a ideia do senso comum acerca da quantidade de esportistas que se transferem para o mercado internacional, em busca de oportunidades de ascensão financeira e social.

Partindo de Bruner (2014) entendemos que a sequência detalhista dos fatos nos permite analisar como o futebol é um espaço ocupado universalmente nas diversas divisões organizadas pelas ligas de países tradicionais ou emergentes na modalidade. Logo, ao mesmo tempo que nos deparamos com atletas como Neymar, Casemiro e Marcelo na primeira divisão espanhola, temos o caso de esportistas em busca de uma oportunidade na terceira divisão do mesmo país.

Nosso segundo colaborador tem uma história diferente, o que de certa forma nos apresenta uma outra faceta das diversas possibilidades para inserção de brasileiros no futebol europeu. Vejamos o seguinte trecho:

[...] eu já fui para o Porto de Portugal, eu já fui transferido, daí até eu já fui de menor [sic], eles tiveram, estava aquele problema que estava muita gente se transferindo de menor, que tinha que ser maior de idade, daí acho que tiveram que esperar mais quatro ou cinco meses para me registrar, para eu completar os 18 anos (JOGADOR 2, 2016).

Esse atleta assinou contrato com um grande clube do futebol português, porém, para integrar a equipe B do Porto, almejando oportunidades na equipe principal, então comandada por José Mourinho. No que tange a sua chegada ainda menor de idade, a perspectiva de Pollak (1992) acerca da memória seletiva compreende as falhas na sequência narrativa dos fatos, já que não lembra ao certo como se deu o processo de espera entre a assinatura do contrato e o registro no clube. É possível que o clube

tenha aguardado a maioridade para registrá-lo, mas não esclarece se foi necessária uma manobra política para isso, já que na época a fiscalização da FIFA não atendia a perspectiva atual, na qual os clubes são punidos por irregularidades na contratação de menores de idade.

A subjetividade em Portelli (1996), Smith (2012) e Thompson (1992) nos ajuda a pensar como as particularidades de sua história podem ser compartilhadas socialmente com a coletividade de atletas que porventura passem por situações semelhantes, já que as transferências carecem de transparência e manifestam pontos de desconfiança na forma como a estrutura se organiza quanto a tais questões extracampo.

Nesse sentido, a ideia de Smith (2012) quanto à formação narrativa, demonstra como o discurso não é representativo para o sujeito, seja pela falta de interesse em abordar o assunto, ou pelos esquecimentos que suas memórias traduzem nesse roteiro sem profundidade. No que compreende o processo de sua segunda transferência, o jogador 2 revelou:

A única coisa que aconteceu, que eu tive um problema, quando eu saí no caso do J. Malucelli para o Acadêmica, ele queria que eu ficasse no J. Malucelli, então foi quando acabou o meu contrato e eu fui com outro empresário português, aí foi um momento difícil também, na qual eu já tinha os documentos tudo assinado, mas foi uma briga, foi realmente uma briga que ele ficou muito bravo por ter ido com outro empresário, ele não ter participado da negociação. Mas eu tinha recebido uma proposta de um clube da Romênia, do Vaslui, e apresentei pra ele que era de um empresário amigo meu português, apresentei a proposta, ele apresentou para o J. Malucelli, eu tinha mostrado todos os documentos, fax do clube, ele chegou e pensou em ganhar algo a mais, pensou em favorecer também o J. Malucelli, e nisso, tudo os valores subiram, atrapalhou o meu contrato no caso que ia ser bom e essa negociação no caso meio que atrapalhou, eu fiquei meio bravo com ele e nisso tudo acabou o Paranaense, e ele falou ainda pra eu ficar no clube e eu peguei, esqueci o contrato que eu tinha com ele, até vejo que fiz realmente errado, de repente com a cabeça que eu tenho hoje, com a experiência que eu tenho hoje podia ter agido de forma diferente, mas tinha 22 anos, então ainda era jovem, peguei, não queria mais saber de ficar no Brasil, recebi uma proposta do Acadêmica e eu não estava com medo de apresentar e de repente ele não subir os valores e a negociação não dar certo, então eu peguei e fui e foi uma briga, brigou com meu pai, rasgou os contratos na frente do meu pai e foi um momento meio turbulento nessa fase de negociação com empresários (JOGADOR 2, 2016).

Passerini (2011) nos revela como a memória se concretiza em uma ferramenta importante de transformações da percepção do “Eu”. As lembranças positivas e negativas tratam de incorporar experiências que fazem o indivíduo perceber o contexto de sua realidade de forma diferente. Essa observação nos oferece um dado

relevante para a utilização da memória como forma de compreensão do futebol, já que além de possibilitar analisarmos o esporte por uma vertente diferenciada, nos permite refletir os julgamentos realizados por nossos colaboradores no que se refere ao antes e depois das experiências vividas.

No caso de sua transferência para a Acadêmica de Portugal, compreendemos que sua percepção atual o leva a imaginar um desfecho diferente no litígio com seu empresário, perspectivando a ideia de Portelli (2010a) de que as fontes orais podem ser modificadas com o tempo, já que dizem respeito à memória no tempo presente. Isso é possível devido ao lapso temporal entre o acontecimento e a rememoração ser dotado de experiências que modificam sua maneira de pensar e reinterpretar o passado.

O discurso também nos alerta para uma discussão que pretendemos abordar em um outro momento da tese, a saber: a influência dos empresários nas decisões de uma carreira futebolística. Nesse caso, pensamos nas disputas de poder que se estabeleceram, dentre elas, a vontade do jogador de voltar ao futebol europeu, o desejo do clube em negociá-lo por um valor maior e a intermediação do empresário que também visava algum lucro a mais, além daquele que porventura tivesse direito nos valores oferecidos pelo clube romeno.

Quando o atleta agiu corretamente, informando os envolvidos na negociação sobre a proposta, teve seu pedido de transferência negado pelo J. Malucelli, então detentor dos direitos econômicos. Já ao final do contrato com o clube, pende a “balança” de poder para o esportista – pois passa a ser o detentor dos direitos econômicos – se transferindo para a Associação Acadêmica de Coimbra, quebrando o código de ética que, teoricamente existe nesse meio, e se transferir com a mediação de outro empresário, sem comunicar ou permitir que seu representante legal participasse do processo.

Ao afirmar que hoje agiria diferente em relação à postura adotada na época, ele reitera a concepção de Nora (1993) de que a memória é a representação do vivido e está em constante transformação. Demonstrando como o lapso temporal entre o fato e a entrevista carrega experiências que modificam sua postura perante a abordagem do tema em questão. No caso do jogador 3, antes de se estabelecer em um clube da terceira divisão espanhola, passou por um teste no Celta de Vigo, não

sendo aprovado e retornando ao Brasil, para, em um segundo momento regressar a Europa:

Aí surgiu uns empresários em São Paulo, aliás, no Rio de Janeiro, uns empresários italianos, fui lá, passei dois meses no centro de treinamento, que era para eles me mandarem para a Itália. Fui para a Itália, passei dois meses treinando lá, time bom, muito bom e cada pouco eles mandavam um. Fui para a Itália, essa da Itália até hoje eu não entendo, porque nessa era para eu ter me dado bem mesmo. Cheguei lá, num time, o time era de quarta divisão, só que o time era bom cara, era organizado, pagava direitinho, numa cidade boa. Aí fiz um amistoso, nesse amistoso dei passe para gol, fiz gol, fiz o “escambau” no negócio, arrebentei no amistoso. Beleza, vamos treinar mais essa semana, não assinaram ainda, negociando salário. Chegou no final da semana meu empresário falou: “não, eles não quiseram você, dispensaram”. Eu fui muito inocente, falei: “não, beleza”. Peguei minhas coisas para ir embora, aí depois que eu estava pra ir embora o técnico falou assim: “ué, onde que você vai? Como assim? Como que você está indo embora com a sua mala?” E eu na hora estava puto: “ué, você me dispensou porra”, virei as costas e saí, entendeu? Só que na verdade ele não tinha me dispensado, os caras não tinham acertado o valor do passe, que o cara queria me vender por um valor maior, entendeu? (JOGADOR 3, 2016).

O jogador 3 é uma referência para analisarmos as idas e vindas que o futebol apresenta, visto que sua carreira é permeada pela influência de empresários, que prometem e não cumprem ou que ignoram o desejo do esportista, que mesmo detendo o menor poder de decisão, é o “produto” comercializado nesse meio e que rende o capital para diversos agentes enquadrados nesse contexto. Teoricamente o empresário, que seria o mediador, torna as regras do jogo a seu favor, já que ele mantém o contato entre clube e atleta. Esses dois últimos se interdependem mutuamente para que a estrutura do futebol se consolide, mas como não estabelecem uma relação direta, dependem do empresário para concretizar a negociação, além de ludibriarem seus representados quanto a valores ou motivos para o fracasso em uma negociação.

Sua narrativa apresenta a perspectiva da análise sintagmática de Smith (2014) em que os discursos sofrem rupturas que mudam a direção da história, oscilando entre acontecimentos positivos e negativos. Construindo uma formação narrativa que Bruner (2014) compreende, através da sequência detalhada dos fatos e do sentimento expresso pelo enredo, trágico. Dessa forma, o jogador 3 demonstra a representatividade que atribui a sua história, compreendendo a visão de Thompson (1992) de que as fontes orais transmitidas dizem respeito ao que o narrador quer passar sobre sua trajetória. Em sua última tentativa, revelou que:

Aí eu fui mais uma vez para lá com esse mesmo cara, num outro time de terceira divisão e nesse outro time o técnico me conhecia, que era o técnico desse time de anteriormente, o cara falava assim pra mim: “eu te vi jogar uma semana e meia, mas é um dos melhores jogadores que eu vi jogar, inteligente, já sabe o que vai fazer com a bola antes de receber”. O cara me elogiou um monte, entendeu? Então dessa vez eu fui para lá certo, mas cheguei lá mal fisicamente, cheguei lá falando para ele: “oh estou mal fisicamente, voltando de lesão” (JOGADOR 3, 2016).

Sua narrativa evidencia a insistência em tentar a carreira na Europa. Mas em um determinado momento, sua inserção é facilitada devido ao capital simbólico adquirido após uma de suas passagens pela Espanha em que foi destaque no período de treinamentos antes de se lesionar. A subjetividade indicada por Portelli (1996) propicia a compreensão das particularidades da história do jogador 3, bem como as influências que relações estabelecidas entre indivíduos na estrutura oportunizam a inserção nesse contexto.

A partir de Thompson (1992) compreendemos que o interesse no relato dessas memórias, diz respeito à representatividade que atribui a sua história, resignificando seu passado de forma a construir um enredo detalhado que faça compreender as rupturas de sua trajetória esportiva. A subjetividade e a estrutura se entrecruzam nas relações que o sujeito estabelece com outros agentes e com o ambiente, já que depende de suas ações e dos demais envolvidos para que seu percurso se efetivasse nesse espaço.

O sentimento de nostalgia transmite lembranças positivas, já que permeia as características expostas por Smith (2012) quanto à compreensão da influência das reações, das ações corporais e da entonação da voz como parte da reflexão da dimensão estabelecida na entrevista, que promove a formação narrativa e manifesta a reinterpretação de seu passado no tempo presente.

## **2.2 Os percalços na Europa**

Jogar no futebol europeu requer uma mudança de vida, na qual o sujeito deverá se adaptar a uma nova forma de organização social, cultural, política e esportiva. Muitas vezes, os atletas brasileiros que imigram para a Europa o fazem sozinhos, o que também pode dificultar sua adaptação e seu desempenho futebolístico. Portanto, dependendo da forma como ingressaram nos países europeus, seus percalços podem

ter sido mais ou menos dificultosos nessa caminhada. Analisemos alguns exemplos a seguir:

Cheguei lá, eles não tinham nem arrumado o time ainda, não tinham nem ido atrás de time. Tá, mas o cara tinha uma certa moral lá, me arrumou um teste no Celta de Vigo. Aí bacana, time bom da Espanha, teste no Celta de Vigo com 17 anos. Aí no dia do treino, o empresário que tinha muito dinheiro, mas ele não era do futebol, então ele conhecia um, que era do futebol, empresário de jogadores muito bons, até do profissional do Real Madrid, aí que ele estava começando a entrar. Então não tinha muita noção, tipo, a viagem era de 500km, daí era um jogo treino lá e ele quis fazer, no mesmo dia, a viagem de 500km para fazer o teste. Aí tá, nunca vi alguém fazer uma viagem tão rápida, ele fez 500km em três horas e meia com uma Mercedes, ele não baixava de 200km/h na rua, que era de 4 vias. Aí chegamos em Vigo, o campo de treinamento deles é na montanha e começamos a subir a montanha e neblina daqui e dali e eu comecei a pensar: “como é que vai jogar desse jeito?”. Aí troquei, fui para o campo. Cara, você não enxergava um jogador a 5 metros longe de tanta neblina que estava aquele dia, não enxergava nada, e assim, eles já estavam meio acostumados. Fui super bem na parte de marcação, fui bem pra caramba, só que dei três lançamentos para o, lá eles chamam de média punta, que seria o antigo ponteiro aqui ou um meia um pouquinho mais para as laterais. Eu dei três lançamentos para os médias punta, um foi um pouco forte, o outro foi cortado de cabeça e o outro foi certinho mas o ponteiro não dominou. Foi só um jogo treino o teste e eles falaram: “não, ele é bom de marcação, é rápido, só que ele não acertou os passes longos, então não dá”. E eles já queriam eu para o profissional, na verdade e eu não sabia. Eles falaram: “não, precisamos de um volante para o profissional” e eu cheguei lá com 17 anos para fazer o teste nessas condições (JOGADOR 3, 2016).

A narrativa compreende a perspectiva de Bosi (2003) quanto à reinterpretação do passado no presente, já que apesar das dificuldades que a história promove, o contexto atualizado do indivíduo ressignifica de acordo com o sentido que atribui aos fatos no momento da entrevista.

Os detalhes com que promove a narrativa aproximam a ideia de Bruner (2014) quanto à formação narrativa a partir da exposição de sentimentos na oralidade e da sequência dos fatos de forma coerente, buscando a melhor forma de se fazer compreender. A fonte oral então resgata as memórias solicitadas pelo pesquisador, as quais o narrador estrutura e aborda de acordo com o contexto (PATAI, 2010; THOMPSON, 1992)

A narrativa manifesta a angústia ao ter que lidar com o desconhecido, tornando a estrutura relevante na determinação da trajetória do sujeito nesse espaço. Sendo que a soma de fatores, tais como, viajar e treinar no mesmo dia e a não adaptação ao clima, influenciaram em sua reprovação nesse processo. Por não esperar que fosse um teste – já que havia sido prometido pelo empresário de que chegaria a Europa



para assinar contrato – talvez não tenha se preocupado em obter informações que propiciassem uma melhor adaptação imediata ao contexto que se apresentava.

Para o jogador 1 as dificuldades se deram de forma um pouco diferente, já que buscou uma oportunidade no futebol europeu por conta própria, sem intermédio de empresários. Vejamos o trecho a seguir:

Aí não saia a dupla cidadania, fui trabalhar numa fábrica de roupa e treinava de noite, trabalhava o dia inteiro e treinava a noite. Lá o treino era a noite, toda noite. Tinha contrato, foi transferido do Brasil, profissional para a Itália, lá é até a décima divisão, são todos profissionais, tem que ter o contrato profissional e aí fiquei nesse clube, só que eu pensei, “não, vou jogar aqui, vai dar dois, três meses, eu vou, está louco, aqui muito fraco o nível”, e é fraco o nível, só que eu não conseguia jogar, porque o nível era fraco, só que eu sozinho, não era aquele cara habilidoso, dependia de outros pra jogar, não era um brasileiro habilidoso que driblava todo mundo e vai e aparece, não, eu era volante, volante vai aparecer como? Lá eu jogava de meia, quase meia atacante e aí fui jogando, só que daí trabalhava o dia inteiro, e foi, vou sobreviver e vou começar a juntar dinheiro, aí nisso, no primeiro ano ainda tentei um monte, gravava os jogos, mandava DVD, tentei ir pra Inglaterra, tentei contato no planeta terra, pra sair de lá e o que eu consegui foi uma terceira divisão e depois uma quarta divisão. Cheguei a fazer teste lá, daí na quarta divisão só podia tantos jogadores acima de 21 anos, tinha regra, aí fui, joguei uma quarta divisão lá, não fui tão bem, lá perto de Verona, nisso meu primo já tinha vindo pra cá para morar também e aí ele com a esposa: “ah vamos ficar lá que a gente divide a situação”. Voltei para o time que eu estava, acertei um salário melhor lá na época e aí fiquei dois anos na Itália jogando, até que chegou uma hora que eu não podia mais trancar a faculdade e não estava ganhando tão bem assim, estava começando a juntar uma grana boa, só que eu não via, tinha que trabalhar oito, nove horas por dia e treinar três horas à noite. E lá, três horas sem parar, muito tempo, o treino começava 7h20 e parava 11h da noite, eles paravam muito o treino, técnico parava demais, ficava dez minutos conversando, aí não dava, aí jogava final de semana (JOGADOR 1, 2016).

Sua narrativa evidencia que, por mais que o futebol se caracterize como profissional através de um contrato, se concretizava como uma atividade secundária, já que ele não a relatava como trabalho. Percepção semelhante da que obtivemos no discurso do jogador 3, que após um insucesso na negociação com um time Italiano da quarta divisão, o empresário que o levava ao exterior lhe oferecera um time de sexta divisão, o qual rechaçou justificando estar na Europa para “jogar bola” e não para trabalhar.

Tais relatos retratam como o futebol é compreendido pelos atletas, que mesmo reivindicando por melhores condições de trabalho, se desconsideram enquanto classe trabalhadora. Como na Europa o futebol é estruturado em vários níveis, é comum sujeitos dividirem seu tempo exercendo duas profissões distintas, dentre elas, a de

futebolista profissional. Essa falta de conscientização exposta particularmente nas subjetividades de cada indivíduo (PORTELLI, 1996; 1997) denotam um compartilhamento social de ideias que nos permite pensar em uma memória coletiva (HALBWACHS, 2013).

A subjetividade proposta por Portelli (1996), Smith (2012) e Thompson (1992) reitera ainda as dificuldades que o jogador 1 passou nessa época, como a necessidade de manter duas atividades profissionais distintas que tomavam excessivamente seu tempo. Compreendia não ter habilidade suficiente para se sobressair sobre os demais, dependendo do coletivo para que suas qualidades aparecessem. Sua experiência sem um empresário manifesta a dificuldade em estabelecer contatos com outros clubes que viessem a ter interesse em sua contratação.

Logo, o futebol se concretiza em um espaço previamente construído com um mecanismo de funcionamento pré-determinado, ou seja, quem disponibiliza de um agente altamente instituído simbolicamente para mediar o contato com os clubes, teoricamente tem maiores possibilidades de sucesso nesse contexto. Ainda assim, mesmo sem perspectiva de crescer em sua carreira futebolística, conseguiu juntar dinheiro, mas não o suficiente para continuar jogando, nos mostrando que o “sonho” de jogar na Europa se torna uma ilusão quando entendemos que a maior parcela dos esportistas que se arriscam a atuar no exterior, o fazem em condições semelhantes, ou até piores do que as citadas, reiterando a concepção de Smith (2012) acerca da memória social e o compartilhamento das histórias, promovendo a compreensão do espaço ocupado pela comunidade.

O jogador 3 proporciona argumentos para refletirmos acerca das dificuldades encontradas na busca pelo êxito no futebol europeu. Ele revela que após o fracasso no Celta de Vigo, foi socorrido por Dênis, irmão de Denílson, que na época atuava pelo Real Bétis da Espanha. Porém, não contava com os percalços que passou em Madrid, sobre os quais afirma:

Nisso o cara foi lá me buscar, era um chileno que era amigo do irmão do Denílson, aí ele falou: “vamos arrumar um hotel para você ficar”. Só que o chileno era bem malandro, entendeu? O Chileno já tinha jogado bola, mas era malandrão. Aí ele chegou lá e falou assim para mim: “Ao invés de você pegar um hotel, vamos pegar uma pensão mais em conta, aí você não precisa almoçar em restaurante, minha tia mora aqui, você almoça com a minha tia sempre, aí você me paga o valor do almoço, porque eu pago para minha tia, mas ela faz mais barato”. Falei: “beleza”, acostumado a ficar nos alojamentos

bem pior. Chegamos lá, era uma pensão assim em Tendranvia, que é uma das maiores vias de Madrid e três quadras para trás tem como se fosse um bairro que é só de estrangeiro, mas muitos ilegais. Nas ruas era só travesti, prostituta, as pensões todas de árabes, tudo os caras assim, malandros. Falei: “beleza”, não percebi, resolvi ficar numa pensão lá. Aí era um quarto de dois por dois, com um guarda roupa, não tinha televisão, não tinha nada. Aí eu fui descobrir que quem morava na pensão junto comigo era um cara que tocava trompete no metrô para ganhar umas moedas, uma prostituta, um cara que veio, um árabe que veio ilegal e saía para assaltar de madrugada. No início não estava ligando muito, estou em Madrid, está massa, não importa (JOGADOR 3, 2016).

A partir de Bruner (2014) e Smith (2012) compreendemos o estabelecimento da formação narrativa através da sequência detalhada dos fatos, acompanhada de um enredo trágico, que atribui sentido ao discurso expondo a representatividade através da reação assustada e do sentimento de preocupação, como se estivesse retornando ao passado e revivendo o momento.

Essa representatividade atribuída aos detalhes com que narra sua história suscitam algumas observações inerentes às fontes orais. O discurso do jogador 3 é significativo ao ponto de lembrar minuciosamente esse evento. Thompson (1992) discute acerca do interesse do sujeito em narrar seus acontecimentos, sendo que o valor atribuído pode ser compreendido nessa imersão que faz sobre o passado vivido.

A história retrata as dificuldades extracampo que o sujeito viveu e que podem ser compartilhadas por outros não contemplados nessa pesquisa, quando pensamos pela ótica das possibilidades de reincidência (PORTELLI, 1996). O contexto expõe os riscos de se encontrar sozinho em Madrid, nos fazendo refletir uma realidade que não conhecíamos. Inicialmente alojado no que definiu como “melhor” do que certos lugares pelos quais passou, principalmente nas categorias de base de alguns clubes brasileiros, acabou deslumbrado pela oportunidade de conhecer a capital espanhola, não atentando para os riscos que corria com os sujeitos que se estabeleciam no mesmo espaço em que ocupava. Ele segue:

Aí fiquei ali, nisso já estava ali por novembro, aí é foda arrumar time nessa época sabe? Ai o, só que o Dênis não me falou né, o Dênis falou assim: “Semana que vem eu te arrumo”. E assim foi indo, foi passando um mês e meio, dois meses. No início eu ia correr sozinho numa praça, depois já parei de correr. Só que eu sabia que ele só ia arrumar time para mim em janeiro. Nisso, eu naquele quarto, sem televisão, sem porra nenhuma, não conhecia ninguém. Primeiro, não sabia falar espanhol, comecei a me virar pra falar espanhol sozinho. Aí começou aquele negócio assim, tipo, acordava tarde, não conseguia dormir, ficava até as duas horas da manhã caminhando pelas ruas do centro porque não tinha o que fazer, não tinha televisão pra ficar no quarto, não tinha nada. Mas tá, a princípio o Denílson me mandava dinheiro,

estava comendo direitinho, estava fazendo as coisas tranquilo, só que eu estava comendo na tia do cara lá (JOGADOR 3, 2016).

Segundo Portelli (2008) a subjetividade inclui a criatividade e o sentimento, gerando significados que singularizam a narrativa. O jogador 3 elabora um enredo que identifica sua história a partir de sua compreensão da mesma. Ele então recorre ao drama, à tragédia, à ironia e à frustração para fazer entender seu discurso. Além disso, essa formação narrativa transmite sua perspectiva a respeito das dificuldades no futebol, sendo que essa emotividade se trata de sua inserção direta em memórias dolorosas que é capaz de acessar devido a representatividade que atribui a elas em sua vida.

As dificuldades dizem respeito a como classifica as memórias nesse processo de seleção de fatos memoráveis. Sem clube, vivendo sozinho em um país estrangeiro e sem maiores perspectivas para o momento, passa na entrevista um ressentimento quanto a essas experiências, se desmotivando a continuar tentando. Sem uma nova chance, sozinho em um lugar desconhecido e hostil, a narrativa nos revela que a motivação acabou se perdendo, já que além de se preocupar com seu futuro no futebol, devia se atentar com sua sobrevivência. Prosseguindo:

Nisso, esse árabe ficava num quarto do lado, tipo, era no térreo e a mulher que limpava deixou a janela aberta, eu fechei a janela, saí e a mulher que entrou para limpar deixou a janela aberta. O cara do outro quarto entrou pela janela e roubou todo o dinheiro que estava lá guardado, porque eu saia com pouco dinheiro no bolso e ele levou mais um monte de coisa minha, levou embora. Daí eu liguei para o Denílson, falei que o cara entrou, roubou todo o dinheiro, ele ficou meio assim, demorou uns dois, três dias, na verdade demorou quase uma semana para mandar dinheiro de novo, talvez ele deve ter pensado, não me conhecia pessoalmente, pensou: “o cara está com o dinheiro e está mentindo para mim”. Cara, minha semana foi foda, porque daí, uma semana e eu tinha trinta euros no bolso. Ai só comendo coisa assim, ia lá comprava aqueles purê de batata pronto, vou comer purê de batata até chegar dinheiro. Aí não queria falar muito para o meu pai o que tinha acontecido e fui enrolando. Nisso, aliás, antes de eu ir lá comprar comida, eu fui lá na casa da tia do cara, que ele falou que era para eu comer lá. Eu imaginando que ele estava dando o dinheiro para a mulher. “Não, estou vindo comer aqui todo dia, me tratam bem, o cara está pagando a tia dele pra eu estar comendo aqui todos os dias”. Nisso eu estou indo para a casa dela, ela pergunta: “e aí já almoçou hoje? Eu falei assim: “ainda não”. Daí ela: “então tá, não vai lá em casa não, porque lá também não tem nada para você tá?”. Daí eu fiquei assim: “ué, o que está acontecendo?”. Aí que eu descobri que ele não estava pagando ela, que na verdade ele estava me levando lá como um amigo para comer todo dia na casa dela, a mulher se encheu o saco também né, e ele estava ficando com o dinheiro. Nisso eu estava sem dinheiro, sem nada, e comecei a comer purê de batata puro até uma hora que não deu mais, liguei para o Dênis e falei: “olha o negócio é o seguinte, estou sem dinheiro, não sei se está acreditando ou não, mas estou sem dinheiro” e

contei toda a situação: “ou você resolve ou estou marcando minha passagem para amanhã. Estou comendo purê de batata aqui, não estou correndo, não estou fazendo nada, vai arrumar teste para mim pra que? Vou fazer teste de que jeito?” (JOGADOR 3, 2016).

Essa história chama à atenção pelo que Joutard (2007) denomina de teatralização, representada através do drama e da tragédia, reiterando a ideia de Bruner (2014) e Smith (2012) de que a formação narrativa desenvolvida a partir dos sentimentos e das reações durante a entrevista atribuem significado para suas memórias. Seu objetivo de jogar futebol se transformou em um discurso de superação, no qual os problemas se sobressaiam a sua capacidade de resolvê-los. O momento de ruptura ocorreu quando percebeu que as dificuldades impostas pela estrutura o impediam de continuar tentando alcançar a carreira almejada.

No caso do jogador 2, como teve a oportunidade de atuar em uma equipe de maior expressão, mesmo não compondo o elenco principal, tinha estruturalmente maiores condições do que nossos outros dois entrevistados. Portanto, não nos relatou problemas técnicos, de logística ou de impacto cultural, até porque morando em Portugal, as dificuldades com a língua praticamente inexistiram, o que, aparentemente facilitou em sua adaptação. Nesse caso, os percalços que se sucederam se originaram por outro viés, o qual segue:

Lá a gente jogava no caso domingo, a gente folgava, muitas vezes treinava na segunda, folgava na terça e ia treinar só na quarta, daí você treinava quarta, quinta e sexta e no sábado já tinha jogo, daí muitas vezes descansava no domingo, na segunda, então dava tempo, você recuperava, você treinava, à tarde você descansava, à noite você ia fazer o que? Era churrasco, era mulher, a não ser os casados, que nesse tempo da Acadêmica eu não estava casado mais. Pegava, fazia churrasco em casa, sozinho, juntava com outros atletas que eram solteiros, churrasco e mulher: “vamos”, segunda, quarta, sexta e ia treinar normal, chegava ao jogo e jogava também e daí só que os atletas e nisso que eu já venho pensando, com a experiência que eu tenho hoje que isso o atleta não vai sentir a curto prazo, é um processo que vai atrapalhar a longo prazo, o cara vai aguentar fazer isso 2, 3, 4 anos, mas vai chegando a idade e isso vai atrapalhar (JOGADOR 2, 2016).

A narrativa influenciada pelo lapso temporal entre os fatos e o tempo presente, propicia uma reinterpretação de forma a reconsiderar suas ações passadas. Essa tentativa de reorganizar as ideias acerca do que viveu, contemplam o contexto atual em que está fora desse meio e implicitamente manifesta não ter percebido os prejuízos que essa vida desregrada lhe traria, justificando que isso só é perceptível a longo prazo, quando já não tem condições de mudar essa situação.

Percebemos o que Thompson (1992) compreende como a influência do contexto e das condições de elaboração do discurso colaboram com a formação narrativa, visto que se ainda ocupasse uma posição privilegiada como atleta profissional, não tendo encerrado a carreira devido às lesões, sua narrativa poderia se concretizar de maneira distinta.

Por mais que o desempenho atlético seja resultado de um conjunto de fatores, dentre eles físico, técnico, tático e emocional – bem como, as especificidades que cada um desses fatores carrega – o discurso nos mostra como a estrutura influencia o cotidiano do atleta. Ao chegar em um lugar desconhecido e sem a presença da família, ele passa a se sociabilizar com os sujeitos que se aproximam devido à convivência habitual – como no caso dos companheiros de equipe – ou com indivíduos que se achegam por determinados interesses – como no caso das mulheres que ele cita – já que se trata de um sujeito com visibilidade e reconhecimento social no espaço em que atuava.

Entretanto, a falta de maturidade devido à pouca idade com que se transferiu, acrescenta à necessidade do ser humano na busca pelo bem estar, além do mal aproveitamento do tempo ocioso que inicialmente deveria ser dedicado para a recuperação dos treinamentos, em seu entendimento, afetaram o rendimento, causando lesões e encerrando precocemente sua carreira, já que dependia do corpo para o desempenho de sua atividade profissional. É o que percebemos na continuidade da narrativa:

Eu vejo pelo meu caso do joelho, eu operei o joelho, quando eu estava no Porto com 19 anos eu operei meu joelho no ligamento cruzado, eu estava sozinho, passei a recuperação sozinho, operei sozinho. Claro que o Porto me deu toda a estrutura possível, mas em termos de hospital você ia dormir, não ia ficar ninguém, eles ficaram na hora da cirurgia, ia uma outra pessoa de manhã me ver, mas a parte da noite eu ficava lá com as enfermeiras. E aquilo era uma coisa que ficava por dentro, que te magoa, que te magoa não, que deixa: “não, estou passando por isso, eu vou aliviar”, como você falou: “vou desestressar”, chegava, passou uma semana que estava fazendo tratamento, já fui para o pagode de muleta, isso muitos atletas fazem, de ir curtir mesmo em recuperação e manter o mesmo ritmo, porque o cara, você é forte, você é atleta você é forte, você aguenta bem mais que outras pessoas normais. Vai pra balada, eu ia pra balada. Na segunda cirurgia que eu fiz na Acadêmica, passou nem uma semana, eu estava no pagode também com muleta e dançando, só que com 18 anos eu não sentia nada, com 19 anos, nunca deu problema nenhum no meu joelho direito, já o esquerdo eu não consegui recuperar, mas já tinha 25 anos, 26, mesmo sendo novo ainda, mas um cara que inicia a carreira praticamente com 7, 8 anos treinando sério, eu treinava praticamente quase todos os dias na AABB, quando não tinha AABB era campo, quando não tinha campo era na AABB, futebol de salão, então

era muito intenso, muito intenso não, era muito tempo de treino e que a curto prazo isso ia dar problema e se você não se cuidar hoje, a exigência no período foi evoluindo, a Educação Física foi evoluindo, hoje o atleta se não deu tempo de recuperação e não souber descansar não consegue jogar (JOGADOR 2, 2016).

O colaborador compreende o encerramento precoce de sua trajetória a partir das lesões, dotando de representatividade tais percalços no futebol europeu. Como propõe Passerini (2011) a visão atual em relação ao passado mostra como o lapso temporal afeta a análise das lembranças. O fato de não dar o tempo adequado para sua recuperação identifica a imaturidade de quando se lesionou, já que estava imerso ao contexto futebolístico e apenas refletiu acerca da questão após sua retirada desse meio, entendendo a partir de Thompson (1992) que o contexto em que se enquadra propiciam essa análise de que agiria diferente, acreditando que poderia estender seu período como atleta profissional.

Em paralelo a isso, manifesta a frustração ao lembrar de fatos dolorosos e reinterpreta-los no presente com arrependimento por ter agido de tal forma. Por mais que o clube oferecesse toda a estrutura necessária para sua recuperação clínica, a distância da família e as relações efêmeras que estabeleceria com os sujeitos que se aproximaram por interesse, são problemas que certificam esse sentimentalismo na narrativa. Dificuldades estas que a partir de Thompson (1992) identificam nas memórias uma constituição social efetiva, visto que não era um problema exclusivamente seu, mas afetava outros esportistas que acabavam não aguentando a pressão, se perdendo após uma grave lesão.

### **2.3 Os aspectos positivos de atuar na Europa**

Atuar profissionalmente em outro país requer cuidados com alguns percalços retratados na seção anterior e que poderemos identificar nesse subcapítulo. Porém, proporciona oportunidades de crescimento pessoal e profissional quando se tem maturidade suficiente para absorver as experiências que uma cultura diferente pode propiciar. É o que percebemos nas narrativas expostas abaixo:

Daí voltei a jogar, tive um tempo muito bom lá, uma experiência gostosa da gente viver, até porque sai cedo e aí a gente vê a metodologia de treinamento diferente, viver um outro campeonato, atingir outra cultura, perceber, viver, então isso foi uma experiência muito grande para mim, que eu vivi (JOGADOR 2, 2016).

[...] depois fui para a Acadêmica, foi aonde eu fiquei 4 anos, e acho que foi o melhor momento da minha carreira, que eu conheci, trabalhei com o André Vilas Boas que hoje está no Zenit, tive momentos felizes, onde que eu consegui mesmo ter o meu momento profissional de melhor na carreira, mas cometi os mesmos erros. Era saída muitas vezes à noite, não dava tempo para a recuperação depois dos jogos, era muita mulherada em cima e a gente não sabe como agir e isso, muita gente acha, eu lembro como hoje, meu pai, minha mãe falando: “ô você está aí em Portugal, aproveita para estudar”, e uma coisa que eu não fiz foi isso e hoje eu me arrependo, tive que iniciar os estudos com 27 anos, depois das lesões em que eu tive que encerrar minha carreira. Mas eu vejo que foi uma experiência enorme o que eu passei, mas hoje eu aconselho as pessoas que são próximas a mim, meus atletas no caso, que hoje eu dou treino, procuro auxiliar eles e falar o que eu passei nesse tempo (JOGADOR 2, 2016).

Segundo Bruner (2014) algumas narrativas apontam acontecimentos que não se concretizaram de maneira satisfatória, tornando convencional o retrato do sujeito através da tragédia, do romance, da comédia, da ironia ou de outro gênero que ajude a expor o problema. Em suma, parte das narrativas se efetiva na exposição de erros (culturalmente determinados) em e qual o sentido atribuído pelo entrevistado em relação à insatisfação com os fatos, suas maneiras de conviver com tais memórias e as tentativas de resolução dos desvios em sua história.

O colaborador se utiliza de sua trajetória como referência para aqueles que pretendem seguir no futebol. Compreendemos que ele nos apresenta diversas perspectivas para aqueles que querem ter uma oportunidade no futebol europeu, evidenciando as metodologias de treinamento do futebol português, país no qual é possível conciliar a carreira com os estudos. Manifesta ainda, como o convívio em um país diferente, com costumes distintos e uma cultura desconhecida, proporcionam uma nova visão de mundo capaz de transformar a realidade do sujeito.

A frustração por não ter aproveitado melhor o tempo vivido na Europa, não exclui sua perspectiva positiva de ter aprendido com as experiências que viveu, demonstrando assim como o lapso temporal entre os acontecimentos e a entrevista permeiam uma transformação em suas memórias, que reiteram o que fomos no passado e como nos constituímos atualmente, processando a reconstrução de um “eu” que não existe mais.

Percebemos como o futebol é um espaço no qual o atleta oscila frequentemente entre o sucesso e o fracasso (CAVALCANTI, CAPRARO, SOUZA, 2011). As memórias nos levam a compreender que, em meio às lembranças positivas, passavam por dificuldades, as quais proporcionaram uma experiência de vida



significativa que pode ser percebida em sua formação narrativa acerca de sua história (SMITH, 2012). Ainda acerca disso:

Até porque eu achava legal isso lá em Portugal, ou na Europa, que eles treinam um período só, dá tempo de você recuperar dos treinamentos e aqui é uma coisa que a gente ficava meio assim até hoje: “porque treinar dois períodos?” [...] Mas é isso, daí no Porto eu fiquei dos 17 aos 20, foram três anos, tive aquele problema de lesão no joelho, mas foi bom, disputei um campeonato no Vietnã, conheci, jogou comigo o Rubens Júnior [...], Thiago Silva [...]. Tive contato também, cheguei a treinar na equipe principal, e isso aí foi um momento muito especial na minha carreira, porque com 15 anos eu assistia o Vitor Baía, e passou dois, três anos eu estava se trocando do lado dele, então pra mim aquilo era um orgulho muito grande, mas também algo que eu me achava não superior, mas que eu ao invés de pensar manter ou poder estar próximo deles jogando, eu levava para outro lado, queria saber era de noite, de balada e de curtir, mas a experiência de estar próximo, trabalhar com José Mourinho, ver os trabalhos dele, ver que ele era mesmo diferenciado [...]. No Acadêmica de Coimbra eu peguei, acho que era 7 treinadores, foi o Domingos Paciência que me levou pra lá, pra Acadêmica, ele já tinha me trabalhado no Porto, já são diferenciados mesmo, dá pra ver a mentalidade deles, o André Vilas Boas fazia também um trabalho excelente, dava pra ver o pensamento deles, a metodologia de treinamento deles e ele juntava com o saber lidar com o grupo, então os 30 que estavam ali no grupo, estavam felizes porque ele conseguia fazer o rodízio e mesmo quando não jogava ele conseguia te dá valor, te valorizar [...] (JOGADOR 2, 2016).

As memórias expostas nos revelam a visão dicotômica entre certo e errado construída no momento em que relembra seu passado, como se o colaborador pudesse reinterpretar suas atitudes e conceituá-las a partir de uma realidade vista de fora dos fatos (PORTELLI, 2010a; SMITH, 2012). Ele nos revela sua felicidade após treinar na equipe principal do Porto, ao mesmo tempo em que confessa que a imaturidade na época não permitiu que se mantivesse naquele espaço ocupado por algumas de suas referências no futebol.

O colaborador preconiza o cruzamento de trajetórias com outros atletas que tiveram maior projeção midiática e que em sua memória representam uma experiência de convivência significativa em sua história no futebol. Ao mesmo tempo em que também significam uma frustração pela distância que tomaram ao percorrem caminhos opostos, sendo que nosso colaborador ocupou o ostracismo, enquanto outros brasileiros com que jogou permanecem em evidência até hoje.

O cruzamento com treinadores profissionais que permanecem em evidência no futebol mundial também retratam a representatividade que tenta atribuir a sua narrativa, compreendendo que as memórias dependem do interesse e do significado que o colaborador confere a sua história (THOMPSON, 1992). Ele relembra tais

relações de forma positivamente, já que possibilitaram novas experiências acerca dos conhecimentos a respeito do jogo. Percebendo que o esporte é influenciado não só por aspectos técnicos, mas pela capacidade de gerenciamento de grupo.

Suas particularidades manifestam que o futebol é um espaço de disputas de poder intensificadas pela vaidade e pelo egocentrismo, no qual os responsáveis pela gestão dos jogadores precisam refletir as necessidades do clube, compreendendo o caráter humano desses indivíduos, potencializando as virtudes e minimizando os erros, a fim de que possam alcançar os objetivos propostos.

Ele compreende ainda, que essa capacidade de entender o futebol em seus diferentes aspectos, é o que singulariza a forma de trabalho dos treinadores com os quais teve a oportunidade de conviver. Através de Pollak (1989) o colaborador nos mostra que as memórias mais significativas são aquelas que se encontram nas extremidades positivas e negativas. A partir de outra realidade, notamos que:

Que nem é na Itália, por exemplo, a gente era da sexta divisão, só jogava num raio de 150km, só que a sexta divisão para aquelas cidades era o que tinha, então todos os estádios tinham pessoas assistindo e as empresas conseguiam ali permanecer bancando a equipe regionalizada, porque ela tem um calendário de nove meses, dez meses, de preparação, aí óh sexta divisão: álbum de figurinha, aí eles pegaram as mulheres dos jogadores para fazer um calendário, aí vendiam as placas publicitárias certinho, material inteiro da adidas, completo, você ganhava a bolsa, vinha todo o material, coisa básica, time do interior se bobear você tem que, nem sei como vai viajar. Então, umas coisas bem básicas assim, bem organizadinhas sabe. Planejamento, as equipes tinham planejamento anual pra te pagar: “óh a gente vai fechar por isso”, porque eles pagam anual, eles pensam anual, nem pensam mensal: “óh você custa anual”. Chegava teu contrato, é anual: “óh você vai custar tantos mil euros anual” (JOGADOR 1, 2016).

Compreendemos, a partir de Nora (1993), que a memória é a representação do vivido e está em constante transformação, visto que os significados atribuídos aos acontecimentos são inerentes às experiências que respaldam os argumentos do indivíduo. O colaborador então narra sobre aquilo que tem conhecimento de causa e propicia uma visão de seu entendimento a respeito das questões discutidas na entrevista. Portanto, trata-se da sua perspectiva subjetiva quanto as suas atitudes e à influência da estrutura na sua história e na sua reinterpretação dessa.

A narrativa poderia se enquadrar em uma descrição da organização das principais divisões de alguns países, mas destoa pelo fato de tratar acerca de divisões inferiores que se estabelecem de modo a se manter no cenário futebolístico italiano. Ele notabiliza a representatividade da modalidade na Itália, já que a gestão promove

o futebol em todos os níveis de atuação. Portanto, é possível pensarmos que essa regionalização constrói um laço afetivo entre clube e cidade, chamando a atenção para o processo organizacional que afeta positivamente o contexto de ação futebolístico, envolvendo os profissionais, especialistas e torcedores (SOUZA, 2014).

O colaborador justifica suas ideias, ao relatar que o calendário anual em todos os níveis de atuação mantém os sujeitos envolvidos, já que existe uma estabilidade devido à previsão de manutenção do clube em atividade durante toda a temporada. Isso aumenta o interesse dos investidores locais, mantendo seu produto em exposição próximo as regiões nas quais se encontram, causando um impacto comercial pela alienação de sua marca ao futebol regionalizado. Além do que, o cumprimento das obrigações contratuais com os atletas, que sabem que estarão em atividade durante todo o ano, permite uma maior motivação desses em busca das metas estabelecidas por suas equipes.

A organização do futebol se relaciona com o contexto em que se estabelece, e deve ser pensado a partir do envolvimento dos diversos segmentos profissionais. Essa coesão no gerenciamento do esporte, proporciona a credibilidade necessária para sua manutenção nos níveis inferiores, revelando que o sucesso do futebol não está exclusivamente ligado ao nível técnico das equipes, mas é influenciado pela estrutura, que permite explorar o potencial de todos os setores que o constituem.

## **2.4 Futebol brasileiro x futebol europeu**

Percebemos que o futebol proporciona diversas experiências em relação à realidade vivida pelos atletas. Além do que, se concretiza em um esporte universal, nos revelando seu caráter relevante no que concerne as singularidades retratadas por nossos entrevistados, que através de suas memórias, nos apresentam fatos no que se refere às diferenças entre o futebol brasileiro e o europeu, pensando especificamente o contexto de ação futebolístico estabelecido por profissionais, especialistas e torcedores em ambos os casos (SOUZA, 2014).

A compreensão acerca de algumas diferenças apontadas por nossos colaboradores nos proporcionarão uma noção em relação às críticas que o senso comum toma como verdade, sem o aprofundamento para que se tenha uma análise fundamentada. Acerca de tais singularidades, observamos o trecho a seguir:

Isso que acontece na Itália, o Milan nunca pode jogar contra o time do estado, sei lá o que né, ele vai jogar série A ou Copa da Itália, que daí sim, começa com as outras divisões até chegar, mas é mata-mata, senão fica aquela, o time monta quatro, cinco meses, pra jogar dois jogos, porque só contra os grandes conta, um ou outro pequeno que enche o estádio, mas se for mal também não enche mais. Então é essa organização, a estrutura, eles têm uma visão completamente diferente (JOGADOR 1, 2016).

A narrativa novamente promove a ideia de Nora (1993) quanto à compreensão de que as memórias são a representação do vivido, já que o indivíduo faz um comparativo entre duas realidades das quais participou e apresenta suas percepções de acordo com seu entendimento do passado no presente. Porém, ele negligencia a complexidade de transferência da estrutura do futebol italiano para o contexto brasileiro, já que constituem características territoriais e populacionais distintas.

As singularidades promovem a percepção de um problema macro-histórico, tentando encontrar soluções através da compreensão que tem do tempo e do espaço em que se posiciona no presente (CANDAU, 2014). A reinterpretação das memórias apresentam as diferenças entre o futebol brasileiro e o europeu, porém desconsidera essas especificidades características do contexto de cada realidade, na qual a relação entre profissionais, especialistas e torcedores se constroem de forma diferente (SOUZA, 2014).

A narrativa manifesta o futebol italiano como referência de organização, que como abordamos no subcapítulo anterior, se consolida pela harmonia na relação entre os agentes que compõem essa prática esportiva. Além do que, a Itália é historicamente um dos locais identificados pela paixão futebolística, colaborando para que o contexto seja rentável para os profissionais e especialistas e atrativo para os torcedores.

Ele atribuiu o êxito desse sistema à ideia de que as equipes menores não atuam diretamente contra os grandes clubes, já que o futebol é dividido até a décima divisão. A diferença que se estabelece com o futebol brasileiro seria de organização, visto que os clubes menores disputam apenas os campeonatos estaduais, sem um calendário anual, tornando o futebol pouco rentável para investidores e sem atrativos para os torcedores.

Seria preciso uma reformulação na estrutura do futebol brasileiro, pensando em suas particularidades em relação ao modelo italiano. Pensando pela lógica do entretenimento, a narrativa estimula uma análise imaginativa das modificações que

transformariam a organização nas divisões inferiores do meio futebolístico brasileiro. O colaborador relata alguns indícios dessas mudanças a seguir:

Não é profissional, deveria ter várias divisões em que o pessoal trabalhava e ainda tentasse, ou desse mais oportunidade, porque o calendário anual lá faz com que vários jogadores fiquem em várias divisões, mesmo aquele que parou, ele fica: “parei, não vai dar mais certo no Paraná, mas eu fico jogando ali no Rio Branco por exemplo, eu tenho meu trabalho na cidade e jogo no Rio Branco. Beleza, ganho um extra”. Na verdade o cara dobrava o salário, e ainda mais lá, em que o nível salarial é mais ou menos, o poder de compra, então se você tinha um pouquinho a mais com o futebol você podia, “po, beleza”, e acontecia isso, o cara fechava um contrato anual e pra família era show, e aqui fica nessa, pedalando, tem as equipes amadoras que ganham, mas um ou outro ganha, eu joguei amador aqui também, mas vou nem falar amador né, se profissional é difícil (JOGADOR 1, 2016).

A história reitera a ideia de Smith (2012) quanto à formação narrativa e a representatividade que atribui as suas experiências no contexto em que se insere, sendo influenciada pela subjetividade, nas quais as memórias se manifestam acerca do passado, no tempo presente, perspectivando o futuro. Portanto, suas vivências acerca da questão são significativas ao ponto de idealizar um sistema organizativo para o futebol brasileiro, baseado no modelo italiano.

Essa ideia, de manter duas profissões simultaneamente, parece ser um retrocesso, mas a longo prazo poderia ser o início para uma reestruturação do futebol brasileiro, já que nas divisões inferiores os ganhos financeiros são menores. Porém, pensando na estrutura, mesmo mantendo outra profissão em paralelo, a estabilidade empregatícia gerada por um calendário anual motivaria os atletas, aumentando a competitividade, e gerando interesse de investidores locais, que sustentariam o esporte em nível regional, obtendo retorno a partir de um maior acompanhamento da comunidade. Porém, o colaborador revela aquilo que Smith (2012) compreende como contradição, ao afirmar:

Vida na Itália, eu tinha por exemplo, quem jogava nesses times, jogava e trabalha. Não existia, era semiprofissional. Não, nessa divisão não, tinha grandes salários, mas a maioria trabalhava e jogava, ou já tinha jogado em outras divisões maiores e agora já está com uns 37, jogava ali e tal. Só que o brasileiro trabalhava no que pintava ali, então eu trabalhava mesmo, trabalhei em metalmecânica, fábrica de roupa, então eu chegava pra treinar, já estava, e a maioria ali deles trabalhavam em escritórios, tinham outras profissões que poderiam fisicamente render mais. Então era essa minha situação, eu trabalhava pesado e treinava mais três horas à noite, isso era muito desgastante. A rotina era muito grande, isso chegou uma hora que eu falei: “não quero mais”. A hora que estava engrenando financeiramente vamos dizer assim, estava guardando uma grana boa, mas não dava mais

conta. Cheguei muito abaixo do peso aqui, porque daí não tem essa estrutura de clube, não precisava concentrar, não tinha concentração, chegava pra jogar, a gente tinha uma janta semanal, mas cada um se virava por conta, não tinha alojamento, não tinha essa situação, de alimentação junto, só quando ia viajar, mas as viagens todas pertos, porque a divisão era perto (JOGADOR 1, 2016).

A contradição na discussão pode ser pensada sob dois aspectos: (1) o futebol italiano em seus diversos níveis se organiza de forma a se tornar atrativo para o público que o acompanha em regiões não privilegiadas por clubes de expressão. Paga salários em dia, possui calendário anual, enfim, se estrutura de forma a se manter. (2) Entretanto, não permite se estabelecer apenas como atleta, necessitando de uma segunda profissão, que dependendo da atividade poderia interferir no desempenho atlético.

Segundo Bruner (2014) as especificidades do discurso denotam a singularidade que tem para nossas análises, já que tratam do entrecruzamento da subjetividade com a estrutura e, por mais que compartilhe sentidos sociais, representa a compreensão dos fatos da história a partir de quem vivenciou. O conhecimento de causa tornam as memórias representativas de acordo com sua capacidade e interesse em acessar tais lembranças. Assim, ele manifesta as dificuldades de promover o futebol regionalizado, sem que o atleta necessite desempenhar outras atividades profissionais paralelamente. Acerca dessas diferenças entre o futebol brasileiro e o europeu, outro colaborador relatou:

Daí eu fui para o Porto e começou uma outra ideia, eu tinha uma ideia, que era um pensamento do que era o futebol brasileiro, cheguei lá, tive que mudar a minha mentalidade, antes aqui, 2002 eu era juvenil, já jogava no juniores a gente treinava: “ah, moleza”, treinava até sério, mas não era aquela parte física, aquele profissionalismo e quando eu cheguei lá em Portugal eu vi que tinha que mudar essa mentalidade (JOGADOR 2, 2016).

Cara, quando eu cheguei lá em Portugal, como eles são tão profissionais e são tão diferentes, hoje você manda um atleta aqui correr, juvenil ou infantil, vai correr, mas se você não ficar gritando, cobrando deles, eles não vão correr. Mas a mentalidade lá em Portugal, isso aí que eu achei uma diferença enorme, se você mandar eles correrem, o treinador podia estar sentado no banco, quietinho, o cara vai lá e corre. Então é mentalidade bem diferente, do Brasil para a de Portugal, se você falar para um atleta português: “vamos correr aqui, vamos treinar uma hora”, o meu treinador vai ficar quieto, ele vai correr uma hora. Claro que acontece também lá, mas a diferença de mentalidade, se você pegar 30 aqui, 29 vai fazer errado, lá, 2, 3 fazem errado, porque eles sabem que tem que ser profissional, senão não vai chegar, e aqui acontece muito disso: “amanhã eu vou ficar craque, ah eu fiz o gol no sábado então eu não vou treinar a semana” e a gente mudar isso, mas está mudando, aos poucos está mudando, porque se chegar no jogo e não tiver essa

mudança não rende, porque o futebol hoje está uma exigência física muito grande (JOGADOR 2, 2016).

As particularidades da história são compreendidas no tempo presente, bem como as relações sociais que estabeleceu influem no discurso. A narrativa nos remete a discussão do inato x adquirido, na qual suas experiências no futebol brasileiro e europeu são entendidas de formas distintas, já que no Brasil se construiu a necessidade de notabilizar o talento, ignorando o treinamento, enquanto na Europa se enfatiza a responsabilidade e o profissionalismo para se manter em nível competitivo.

Nessa discussão entre o inato e o adquirido, Cavichioli et al (2011) aborda que apesar do Brasil ser notabilizado por essa ideia do talento esportivo, isso tem sido modificado conforme a preparação e o desenvolvimento técnico e tático dos jovens se evidencia de acordo com a competitividade na busca pela carreira profissional. Por mais que exista essa mitificação do atleta brasileiro a partir do dom, fica explícito que sem um planejamento adequado, esses esportistas não respeitam todas as etapas da formação, e conseqüentemente não alcançam a profissionalização.

As especificidades que apresenta se entrecruzam com o contexto e as condições do discurso pensadas por Thompson (1992), já que no momento da entrevista não tinha vínculo no futebol profissional, discursando sem interferências desse ambiente, mas demonstrando o sentimento de frustração pelo encerramento precoce de sua trajetória e inserção no ostracismo. Ele então constitui as diferenças de mentalidade dos atletas de ambos os contextos, por já ter vivido ambas as realidades, sendo que no Brasil compreende que os esportistas acreditam que a “malandragem” faz parte dessa forma brasileira de jogar, enquanto os europeus tratam a modalidade como uma profissão que requer responsabilidades como qualquer outra.

Helal (2003) reflete a questão ao discutir as diferenças entre o sucesso adquirido através da “malandragem” na figura de Romário e da disciplina pela figura de Zico. No primeiro caso, se configura o sujeito que não leva uma vida atlética, mas que joga devido ao talento que lhe é atribuído. No segundo caso acontece o contrário, já que a trajetória do indivíduo é caracterizada por sua vontade de se tornar um atleta profissional, se destacando pelo empenho nos treinamentos, nos quais o inato é o ponto inicial para adquirir e desenvolver novas habilidades.

A reflexão de Helal e a experiência do colaborador, nos mostram como a realidade entre o contexto de ação futebolístico (SOUZA, 2014) brasileiro e europeu se concretizam de maneiras diferentes, visto que desde as categorias de base o brasileiro tenta se destacar com o menor esforço possível, se identificando pela aparente superioridade técnica, enquanto os europeus se notabilizam por sua conduta profissional.

Mesmo identificando que essa ideia tem se alterado devido às mudanças no comportamento profissional dos brasileiros, haja vista a necessidade de aproximação ao padrão de referência europeu, que vem obtendo resultados satisfatórios em nível mundial, questionando a falsa hegemonia brasileira na formação de atletas talentosos. Além de não haver espaço para quem acredita na construção de uma carreira baseada somente nas características inatas. Essa mudança tem relação com a abordagem da temática pelos especialistas, bem como pelos resultados conquistados por aqueles que agregam o inato e o adquirido e pela competitividade em um meio celetista.

Além disso, Cavichioli et al (2011) e Szeremeta et al (2015) nos revelam como essa ideia do talento é mítica e vem se modificando com o tempo, já que mesmo no futebol brasileiro a formação de jovens futebolistas passa pela preparação e desenvolvimento com base nas ciências do esporte, respeitando não só o processo de detecção, mas de seleção e promoção desses indivíduos. Continuando:

Uma coisa que eu acho também que é muito diferente do futebol brasileiro, eles contratam várias pessoas, daí o contrato e o tal do contrato de imagem com 40 atletas, joga 11, 20, 18 vão para o banco, os outros 20 eles só pagam a carteira, que é o mínimo, ou dispensam, ou afastam, coisa diferente que acontece lá em Portugal. Fora as trocas de treinador, que aqui acontece direto, claro que hoje em dia o futebol exige resultado, mas você vê o campeonato português eles começam com o mesmo treinador, os 25 atletas, entra um ou outro e vai até o final, chegou no mercado de transferência, daí que eles organizam, mas aqui não, eles só pensam no resultado, e isso vem daí que a gente conversou na categoria de base visando resultado e chega no profissional é a mesma coisa. Mas a diferença do futebol português para o futebol brasileiro dos dirigentes com certeza é a postura, e acreditar no trabalho do começo ao fim, independente se perdeu 2 ou 3 jogos, mas que a gente vai ter um início e um final com aquele mesmo plantel (JOGADOR 2, 2016).

As particularidades da história promovem uma análise das percepções que tem acerca das condições de trabalho no futebol brasileiro e europeu, visto que sua



abordagem detalhista manifesta as diferenças entre ambos e o ressentimento demonstra o sentido dramático que confere as suas memórias.

Segundo Bruner (2014) essas especificidades do discurso o tornam único em nossa análise, possibilitando discussões no entrecruzamento de subjetividade e estrutura. O colaborador compara a organização dos clubes brasileiros e portugueses, em que o profissionalismo europeu influencia no desempenho dos atletas. A narrativa notabiliza o conhecimento de causa de quem viveu essa realidade, viabilizando o compartilhamento social através de casos semelhantes não comportados nessa pesquisa.

Sabemos que o futebol se notabiliza pela imprevisibilidade, entretanto ele justifica seu discurso a partir dessa efemeridade que permeia a cultura brasileira, visto que o esporte de alto rendimento visa resultado. As fontes orais identificam que as diferenças estabelecidas na organização partem de uma questão estrutural, que afeta o meio futebolístico devido essa gestão amadora, em comparação com o profissionalismo que ele atribui ao europeus.

A partir de Thompson (1992) pensamos a narrativa a partir da posição do sujeito na atualidade, compreendendo o contexto em que está inserido, considerando as condições para a produção do discurso. Quando trata a respeito dos comparativos entre o futebol brasileiro e europeu, evidencia que o seu melhor momento foi atuando no exterior, propiciando indícios para entendermos porque elogia excessivamente as condições de trabalho europeias em detrimento da estrutura brasileira.

Suas memórias reiteram como pensa atualmente, compreendendo que suas experiências negativas, como no caso do afastamento no Coritiba, proporcionam uma interpretação crítica quanto à forma de gestão do futebol no Brasil. Enquanto na Europa, sua trajetória prioriza lembranças positivas, demonstrando como as extremidades entre as memórias boas e ruins podem afetar a reinterpretação das experiências vividas (POLLAK, 1989). O colaborador continua:

Já em Portugal é diferente, lá em Portugal pelo tempo que tem, eles pensam também muito no teu descanso, aí que eu vejo, e eu tenho essa mentalidade até hoje, que lá a gente treina uma hora, mas uma hora tão intenso que você fica mais cansado que se você treinar os dois períodos aqui, daí você fala: “po, uma hora de treino, nossa”. É tudo muito pouco tempo, mas tudo muito intenso, muito pouco tempo de recuperação, muito intenso, e chega a fazer muitas vezes, você cansa do mesmo jeito. Daí recuperava e lá a gente jogava no, lá é menos jogos que aqui. Aqui é jogo domingo e quarta, sábado e quarta, lá a gente jogava final de semana, treinava a semana e ia jogar só no outro final de semana, um ou outro jogo que tinha no meio da semana, que era de

Taça, mas era bem tranquilo e eles conseguiam organizar, planejar bem o calendário (JOGADOR 2, 2016).

A narrativa evidencia o futebol europeu através da metodologia de trabalho, já que propiciava um tempo adequado para a recuperação dos atletas, além de enfatizar a organização do calendário, que se adequava aos princípios de treinamento propostos. Na realidade brasileira destaca o calendário excessivo – referindo-se à realidade vivida no Coritiba – não havendo tempo suficiente para a recuperação, além de discordar da metodologia pautada pelo volume de treinamento, valorizando novamente a estrutura europeia em detrimento da brasileira.

Essa aproximação entre a reinterpretação das experiências vividas pelo colaborador e a forma como as críticas ao futebol brasileiro são expostas na mídia, reiteram a premissa de que nossos discursos são influenciados pelos grupos em que circulamos e se enquadram na lógica da formação de uma memória coletiva (HALBWACHS, 2013).

A formação da narrativa denota que a representatividade atribuída aos fatos desencadeia uma série de reações no indivíduo de acordo com o contexto dos acontecimentos e do momento da entrevista (SMITH, 2012). Essas memórias são singularmente caracterizadas a partir do imaginário do narrador, propiciando um sentido a nível pessoal e social, visto que a reconstrução dessas memórias estão relacionadas as experiências vividas por quem as evoca, de acordo com sua subjetividade e atrelada ao seu inconsciente (MONTENEGRO, 2013). Em um outro contexto, o jogador 3 relatou:

Assim, diferença em quase tudo, a alimentação, hoje em dia o Brasil já está muito parecido do que quando eu vivi na Espanha naquela época, sabe? De se importar muito com o estudo, da cultura bem mais liberal também que era lá fora na época, hoje já está aqui também. A cultura é bem diferente assim em vários aspectos, horários por exemplo, lá o almoço era 3h da tarde. As pessoas lá trabalhavam, mas assim, abria o negócio dele as 9h da manhã, fechava 1h30 da tarde para o almoço, eles fechavam da 1h30 até as 5h30 da tarde, porque eles tinham que almoçar e dormir um pouquinho para descansar, aí abriam as 5h30, fechavam as 7h, fechou, entendeu? Então a cultura era bem diferente nesse aspecto também. Comida totalmente, comida aqui a gente pega, vai num buffet e coloca tudo aquilo que a gente quer no prato. Lá tem o prato de entrada, o prato principal e a saída ou a sobremesa no caso. Então a cultura era bastante diferente assim, nesse aspecto, que hoje em dia muita gente já conhece também e acho que era mais isso a parte de cultura (JOGADOR 3, 2016).

A narrativa apresenta as particularidades da história ao relatar as questões de adaptação à cultura e os modos de vida europeu. Percebemos que tais aspectos representam o contexto em que esses indivíduos estavam inseridos quando viveram a experiência de atuar no exterior. A identificação desse indivíduo, enquanto ser humano que tem sentimentos, vontades e dificuldades, demonstra o outro lado de um cenário representativo socialmente.

Compreendemos que mesmo a globalização aproximando culturas distantes, algumas diferenças influenciam na forma de identificação do espaço desconhecido (GIULIANOTTI, 2003). Nesse caso, a organização social espanhola, a dinâmica do comércio, a rigidez no compromisso com os horários e a comida local, por mais que sejam aspectos marginais no contexto do futebol, levam a refletirmos para além do desempenho esportivo, outras dificuldades na adaptação a um contexto diferente do que se está acostumado a viver.

### **3. RELAÇÕES INTERDEPENDENTES NO FUTEBOL: AS INFLUÊNCIAS NA CARREIRA ATLÉTICA**

Nesse capítulo iremos retratar as diversas relações que os atletas estabelecem ao longo de sua carreira. A influência de familiares, de empresários, comissão técnica, entre outros. Agentes esses que acabam sendo decisivos na trajetória de futebolistas profissionais.

#### **3.1 A influência familiar na carreira futebolística**

Estabelecemos diversas relações humanas ao longo da vida e somos influenciados pelos agentes aos quais nos vinculamos. A carreira futebolística se notabiliza como uma profissão em que a exigência é elevada, percebendo a família como uma referência para que os atletas desenvolvam seu potencial e consigam se manter com notoriedade nessa dinâmica competitiva durante sua trajetória no futebol. Nesse sentido, pretendemos analisar como os atletas anônimos estabelecem a relação com a família e como tais relações interdependentes influenciam nas decisões referentes à carreira atlética. A partir disso, nosso colaborador afirmou:

Então, minha mãe é professora, e sempre, tanto meu pai como mãe fizeram sempre com eu tivesse o pensamento de estudar e jogar. Nunca abdicar do estudo, tanto que quando eu vim pra cá, pra Curitiba na época, eles foram atrás de dar um jeito de me colocar em uma escola boa. Pra continuar, um dos requisitos para eu ficar em Curitiba era continuar a estudar, não reprovar de ano e sempre em cima dos estudos, tanto que eu só ia sair fora de Curitiba ou profissionalizar se eu terminasse o ensino médio. E na época consegui terminar bem certinho de dezesseis para dezessete, que eu faço final do ano, e aí tanto que eu encerrei o ensino médio certinho e aí fui pra Minas Gerais, me profissionalizei e parei de estudar, fiquei um período sem estudar (JOGADOR 1, 2016).

Percebemos que a mídia especializada notabiliza histórias de atletas que alcançaram o sucesso, mas que em contrapartida não tiveram o incentivo para continuar os estudos, depositando no futebol a única alternativa para uma vida profissional bem sucedida. Porém, essas histórias, que passam uma ideia homogênea do percurso para se tornar um futebolista de destaque, ocultam as que denotam uma ideia contrária à formação atlética exclusivamente pelo talento esportivo.

A narrativa do colaborador retrata a perspectiva do atleta que teve o apoio dos pais (até pelo nível de instrução dos mesmos) e que percorreu um caminho diferente daqueles que, na maioria das vezes se apoiavam no talento, mas desconsideravam outros aspectos importantes na formação humana. Portanto, suas memórias buscam no passado o significado de seu estado presente (PORTELLI, 2010a), já que ao encerrar sua trajetória como atleta profissional, demonstra que seu caminho foi facilitado pela orientação de seus familiares e que isso foi determinante para que tivesse outra perspectiva de vida.

Como tratamos no terceiro capítulo, notamos como os responsáveis influenciam na formação do atleta e como são relevantes no contexto apresentado por esses na busca por uma carreira difícil de ser alcançada. Já nas categorias de base, esses esportistas levam uma vida de responsabilidades e perdem parte da infância devido a isso, sendo a família o alicerce que pode influenciar positivamente ou negativamente na formação humana. Acerca disso, o jogador 2 afirmou:

Então você pegar e ficar muito tempo, hoje eu vi, quando eu iniciei de novo na faculdade, eu vi a dificuldade que foi para mim, de ter se ausentado esse tempo, e hoje em dia se a pessoa não estudar, as portas ficam muito fechadas, a sociedade hoje em que vivemos, a gente se obriga a estudar, senão a gente vai se afastando e vai ficando atrás. Mas isso que meu pai fez, eu ter terminado o ensino médio claro que me ajudou muito, apesar de eu ter a dificuldade desses 10 anos, ainda eu tive um caminho acadêmico a ser seguido, comecei a fazer faculdade e estou estudando. Agora tive a experiência de atletas que jogaram comigo que não estudaram, inclusive nem sabem o que fazer agora, e a gente fica no meio, a gente fala: “estuda”, porque não tem outra saída, já está com praticamente 30 anos, sem clube. Eu tenho amigos meus com 33, 35, muitos nem tem ensino médio e tão sem clube e com esperança: “vou me empregar, vou para o clube, vou para algum clube”, fica muito tempo assim e a gente deixa a vida, daqui a pouco a gente vê, não tem nada e chegou no ciclo, a gente está numa idade que era para estar estabilizado e está desestabilizado (JOGADOR 2, 2016).

A partir de Thompson (1992) compreendemos que, o contexto em que o indivíduo se insere atualmente e as condições para a produção do seu discurso, evidenciam sua reflexão a respeito da relevância que os estudos em paralelo a prática futebolística tem para o esportista. Essa percepção advém do encerramento precoce de sua carreira. Já havia concluído o ensino médio devido influência dos familiares, o que lhe possibilitou ingressar no ensino superior, em que cursava Educação Física na época da entrevista.

A narrativa compartilha sentido semelhante ao do colaborador anterior, já que demonstram a influência da família na busca de alternativas para caso o futebol não

se concretizasse enquanto uma carreira profissional consolidada. O compartilhamento social que aproxima os discursos manifesta a memória coletiva em Halbwachs (2013) na qual a coletividade interfere nas especificidades, assim como a individualidade constrói as pressuposições do grupo. O compartilhamento evidencia também o que Smith (2012) entende como memória social, na qual ambos compreendem o futebol pela instabilidade, já que a representatividade da categoria não está nos dados apresentados pela mídia oficial, que oculta as histórias que não correspondem as trajetórias de sucesso.

Em sua reinterpretação do passado, o jogador 2 reconhece que a influência familiar proporcionou uma nova oportunidade quando encerrou a carreira precocemente. Apresentando a contrapartida de alguns colegas que não estudaram e não tiveram base familiar para auxiliar na busca alternativas profissionais, vivem incertezas pela idade avançada e por não consolidarem suas carreiras no futebol, reiterando a ideia de Pollak (1992) quanto aos acontecimentos vividos por tabela.

As narrativas compartilham o mesmo sentido quanto à representatividade da família enquanto base para superação de obstáculos esportivos e para a formação humana. Mas concordamos com Thompson (1992) quanto à influência do contexto e das condições de produção do discurso, visto que ambos os atletas já haviam encerrado a carreira, vivendo a realidade acadêmica que outros não tiveram.

Mesmo sem ter a experiência específica inerente ao futebol, a família vai tentar exercer uma influência no sentido de direcionar o comportamento do atleta para que esse não se perca em sua trajetória. É o que nosso colaborador apresenta no trecho a seguir:

[...] e o meio que eu vivia eu ficava com quem eu quisesse, então era uma facilidade que o futebol te dava e você com dinheiro é muito difícil você ouvir, porque a família avisava, a família te mostrava o caminho certo, mas quando você está no meio de pessoas e até de atletas que eu falo, não é por mal, mas o meio que os atletas vivem é esse, daí já chegava lá, seu melhor amigo, de repente eu ia até sozinho, mas eu já estava envolvido naquilo e pra você sair é difícil (JOGADOR 2, 2016).

O meio futebolístico proporciona situações em que os jovens atletas podem se desvirtuar. Nesse caso, compreendida pelos sentimentos manifestados através das memórias, nas quais o sujeito se culpabiliza por se deixar envolver nesse estilo de vida inerente ao futebol. O discurso apresenta ainda, o sentimento de frustração por não ter ouvido os conselhos da família, atribuindo a essa instituição a segurança,

estabilidade e os recursos emocionais capazes de proporcionar uma visão ampla dos problemas advindos da visibilidade do futebol profissional.

Portanto, reitera-se a ideia de Portelli (2010a) de que as fontes orais podem ser modificadas com o tempo, já que tratam de uma memória do presente. Esse ressentimento demonstra como compreende seu passado a partir de sua ideologia atual, identificando que a posição do indivíduo na estrutura influencia na sua forma de pensar e agir, já que atualmente ele se encontra fora desse campo de atuação profissional, tentando retornar em uma nova função.

Desde cedo eu sempre gostei de jogar futebol, é claro que o pai e a mãe sempre incentivaram com a bola, só que desde criança o que eu tinha prazer era jogar futebol. Eu fui jogando bola nos jogos de amigos e daí um dia um treinador me viu e me chamou para jogar na AABB e aí iniciou minha carreira praticamente, de viagens, de campeonatos (JOGADOR 2, 2016).

O futebol, historicamente, se tornou uma prática consolidada na cultura brasileira, passando a ser uma forma de distinção social (HELAL, SOARES, 2001). As memórias indicam que o incentivo familiar para iniciar a prática, aliado à própria vontade, permitiu realizar o objetivo de ser um atleta profissional.

Portanto, a instituição familiar contextualiza a perspectiva de confiança e apoio, facilitando a trajetória esportiva em estrutura que demanda preparação para o alto rendimento. Além disso, essa percepção de poder contar com sujeitos que defendem seus interesses, colabora nessa constituição da subjetividade do esportista, o que contribui na determinação de suas atitudes conforme o contexto apresentado. Ele continua:

Um caso que a gente vê, fica muita gente próxima de você, aproxima muita gente do seu interesse, do interesse dos outros, o futebol hoje chama muita a atenção, então eu gastava, saía muito para a noite, as pessoas avisam, mas quando você está com o dinheiro, você não começa a dar ouvido para essas pessoas. Família te cobra, mas você com dinheiro quer o seu bem estar, pensa em si próprio, então isso foi um erro que eu vi na minha carreira, ter ganhado dinheiro cedo e não saber administrar. Acho que isso também é um erro que acontece não só comigo, mas no futebol até hoje, de não ter uma preparação, alguém que te auxilie para o que você investir, o que você fazer e a gente acaba errando mesmo nesse fato (JOGADOR 2, 2016).

O discurso permite uma discussão em que as individualidades atribuem sentido à narrativa através dos sentimentos expressos nos relatos orais (PORTELLI, 2008; BRUNER, 2014). A frustração determina a forma como compreende suas

experiências, evidenciando o arrependimento por suas ações passadas, visto que a reinterpretação suscita novos significados, reprovando suas atitudes da época em que era atleta profissional.

A memória como representação do vivido observada em Nora (1993) reitera a compreensão do sujeito de que a distinção social promovida pela inserção em uma prática representativa expõe demasiadamente o atleta, que devido a imaturidade se deslumbra com as facilidades que o futebol proporciona. Corroborando com o sentimento de culpabilidade por desconsiderar os conselhos familiares, que poderiam evitar as transgressões que ele acredita que contribuíram para o encerramento precoce de sua carreira.

O discurso compreende que o ressentimento não recai apenas sobre a necessidade de ter na família o apoio necessário para o sucesso no futebol, mas que essa base se constitui como um relevante mecanismo interdependente na tentativa de cercar-se por influências positivas em um contexto caracterizado pela concorrência com outros indivíduos que buscam ocupar o mesmo espaço.

Ao deixar outros agentes entrarem nessa relação, permitem que influências externas pouco confiáveis interfiram na situação do atleta, que passa a ter novas referências de como lidar no contexto em que está inserido. O que as memórias expõem através da formação narrativa idealizada por Bruner (2014) quanto à sequência detalhada dos fatos e o ressentimento expresso ao longo dessa discussão.

Mesmo que a subjetividade seja influenciada pelas interações sociais, ela trata acerca de sua própria vontade e de como sua forma de pensar define suas ações no contexto em que está inserido (PORTELLI, 1996). O sujeito entende que é responsável pelas ações de sua história e suas memórias enunciam esse sentimento de frustração para consigo mesmo.

A partir de Bosi (2003) entendemos que por ter essa característica de ressignificar o passado no presente, a memória permite que o sujeito repense sua trajetória, buscando nas transgressões a razão para o rompimento do percurso. Nesse caso, verificamos que se os fatos se concretizassem atualmente, as ações do sujeito teriam sido diferentes, já que sua reinterpretação assimila que apesar das influências externas e do contexto estrutural, a história se constitui como de sua responsabilidade. Ele continua:



Vivia daquele mesmo jeito, saindo, gastando dinheiro na balada, ganhava bem, muita gente em cima de mim, muita pressão e não sabia lidar, depois levei um choque, que ganhava “x” e me levaram para o J. Malucelli, para o Malutrom, ganhar bem menos, disputar a série C, já não estava mais disputando a série B, isso foi um momento difícil na minha carreira, mas graças a Deus no J. Malucelli as coisas correram bem, eu já encontrei uma pessoa que estava do meu lado e as coisas foram melhorando (JOGADOR 2, 2016).

A vida do atleta de futebol profissional é permeada por oportunidades procedentes da representação social, que é identificada pela relação dos consumidores com o espetáculo esportivo. O discurso estabelece a diferenciação entre estar solteiro e ter alguém, visto que atribui ao primeiro fato a ideia de frequentar baladas, gastar dinheiro e deixar desconhecidos se aproveitarem de sua situação e no segundo momento, determina uma mudança de postura ao iniciar um relacionamento afetivo. Essa narrativa corrobora com a ideia de Smith (2012) quanto à análise sintagmática, que se refere às rupturas que o sujeito estabelece na história a fim de propiciar um redirecionamento do percurso, concedendo um novo significado a sua trajetória.

A narrativa trata de transferir a responsabilidade do controle das próprias ações para terceiros, dotando a parceira de representatividade em sua história e refletindo as influências da família na estrutura na qual estabelece suas relações. Porém, entendemos que a subjetividade contribui nesse processo, já que alia os interesses do indivíduo com as interferências sociais as quais se sujeita (PORTELLI, 1996).

Notamos então como a reconstituição das memórias se concretiza em um processo de construção de sentidos que tem a influência do meio e dos interlocutores (PORTELLI, 2010a). Isso fica evidente, pois quando o colaborador atribuiu essa condição de mudança de postura em sua trajetória devido à interferência de outra pessoa, ele destaca o valor da instituição familiar no desenvolvimento da carreira futebolística profissional. Por isso a memória é uma reconstrução das experiências vividas, já que não se pode reproduzi-las rigorosamente de acordo com os fatos e significá-las como na época dos acontecimentos.

É necessário compreender que esse lapso temporal entre os fatos e a entrevista é influenciado pelas experiências ao longo desse período, proporcionando que as lembranças retratadas sejam distintas devido à temporalidade em que são expostas, mesmo que a temática seja a mesma. É por isso que, por mais que as

memórias sejam descritas detalhadamente, permitem que os discursos em diferentes momentos sejam distintos e contraditórios, causando instabilidade e mutabilidade, que são positivas para aqueles que trabalham com a oralidade (PORTELLI, 2010a). Nessa linha de raciocínio, o jogador 5 afirmou:

Eu vivi a minha vida jogando futebol, eu acho que a única maneira de eu ser feliz se eu não jogar futebol é trabalhando com isso, porque se eu não estiver no meio eu acho que eu fico mal, fico louco em casa, minha mulher não vai me aguentar, meus filhos vão querer me chutar de dentro de casa, porque eu sou chato cara, meu Deus do céu, eu quando estou em casa eu brinco com meus filhos, nossa, a melhor coisa que tem, eles me distraem, hoje eu tenho meus filhos, eles me dão força para correr atrás, porque sem eles, sem a minha mulher eu não sei o que eu estaria fazendo hoje desempregado (JOGADOR 5, 2016).

Uma história requer um roteiro, com personagens que podem guiar seus relatos sobre a temática. Cada agente irá identificar os fatos de acordo com sua concepção de mundo, mesmo que sua proposta seja um tanto quanto complexa de ser compreendida. Além disso, a história é o ponto de partida para o rompimento no curso natural dos acontecimentos. Alguma falha acontece, pois caso contrário, não há o que falar. Então se concretiza uma dedicação em compreender o rompimento e suas consequências, para em outro momento partir para a conclusão, a solução encontrada para a ruptura da ordem (BRUNER, 2014).

É o que percebemos na história do jogador 5, retratada ao longo dessa tese. Ele descreve detalhadamente os fatos que fizeram sua trajetória mudar de rumo e relata como perpassou uma carreira promissora ao ostracismo, chegando ao ponto de estar desempregado e sem maiores perspectivas em sua vida profissional. Entretanto, sua conclusão é de que a base familiar lhe motiva a não desistir e seguir em frente tentando retomar a representatividade social que tinha outrora.

Nesse caso, a abordagem da família como o elo afetivo que mantém e proporciona condições do sujeito seguir sua vida dentro da realidade em que se enquadra atualmente no futebol, denota a ideia do código de conduta da profissão, visto que os indivíduos que assumem uma postura do politicamente correto têm maiores chances de sucesso no esporte.

Essa visão é compartilhada pelo jogador 5 principalmente por sua história tomar o rumo de quem tem a aprovação popular e midiática para se tornar um esportista de destaque, mas que pela postura profissional inadequada, acabou se

perdendo, sendo retirado do espaço de visibilidade e adentrando ao ostracismo que preconiza parte das trajetórias de atletas de futebol profissional. Nesse sentido, o posicionamento do sujeito conduz para a reprodução dessa lógica social que atrela o sucesso e a performance atlética ao apoio familiar. Acerca da questão, o jogador 3 relatou:

Vim embora pra cá, fiquei umas duas semanas sem querer saber de bola, sem querer voltar jogar. Aí meu pai conversando daqui, dali, foi me convencendo de novo, foi lá e convenceu (JOGADOR 3, 2016).

Ai eu vim para cá, fiquei um ano querendo fazer faculdade, meu pai não deixava porque ele achava que ia voltar a jogar bola. “Não, vou arrumar um emprego”, “não, você não vai”. Sabe? Um ano, ele não me deixava arrumar emprego, não deixava eu fazer nada, aí eu comecei a cair na noite: “não vai me deixar fazer nada e ainda tenho um dinheiro guardado dos euros que eu ganhava”, “quebrei” à noite, chegava de boinha me achando o espanhol e foda-se. Falando em espanhol com os amigos para tirar uma “onda” e “quebrei” os pagode de Curitiba inteiro. Aí “quebrei” à noite, gastei quase tudo o dinheiro, com o que sobrou eu comprei um carrinho velho e daí meu pai falou: “porra, está virando vagabundo, então não, agora você vai estudar e vai arrumar um emprego”. Daí foi, fui estudar, fiz faculdade (JOGADOR 3, 2016).

As experiências que passou na Europa contribuem para esse desejo de abandonar a carreira esportiva, já que suas idas e vindas demonstram o seu constante esforço para alcançar uma carreira profissional internacional. Porém, a partir de Bruner (2014) entendemos que suas memórias dolorosas justificam essa vontade de encerrar sua trajetória precocemente, já que passou por dificuldades que ameaçaram até mesmo sua integridade física, não recorrendo aos pais por achar que dava conta de determinadas situações.

Baseados em Portelli (2010a), acreditamos que a narrativa de suas memórias atribuem significado ao pai como o maior incentivador no futebol, já que enquanto professor de Educação Física, encontrou no filho a oportunidade de realizar uma carreira promissora financeiramente e socialmente. Apesar de seu discurso retratar o respeito à figura paterna, evidencia que suas escolhas foram influenciadas pelo pai e que se o mesmo não persistisse, provavelmente teria abandonado a carreira antes.

Já no primeiro trecho é notória essa relação de proximidade entre pai e filho, bem como a influência do primeiro nas decisões do segundo, ao menos no que se refere à carreira esportiva. A narrativa expõe essa persuasão paterna quanto à continuidade da carreira do sujeito, mesmo após diversas frustrações nesse contexto,

nos indicando como a família interfere nas decisões dos atletas. Nesse caso, fica evidente a necessidade do pai de transferir para o filho os seus objetivos quanto à trajetória profissional, já que não obteve sucesso como futebolista.

Percebemos então como a influência do pai acaba determinando a trajetória dos filhos. No caso do jogador 3 não havia interesse na continuidade da carreira esportiva, já que estava com uma idade que lhe proporcionava poder de escolha, que lhe permitia contrapor as ideias dos familiares. O segundo trecho evidencia essa disputa de poder entre os dois, na qual o pai insistia na carreira do filho, enquanto este desejava seguir outro rumo. Nesse debate é perceptível o domínio paterno, em que o desequilíbrio de poder não permite ao sujeito contrariar a família, o que nesse caso, resultou em desperdício de tempo, até o pai entender que não havia mais como sustentar aquela situação.

O jogador 3 não culpabiliza seu pai pela frustração de não ter conseguido mudar de área profissional com antecedência. A narrativa descontraída compreende que tais experiências colaboraram em sua formação humana, mas manifesta subjetivamente seus objetivos profissionais na época, mesmo que não tenha tido poder de escolha. Enquanto o pai enfocava na sua trajetória esportiva, ele pensava nos benefícios financeiros e sociais que a carreira proporcionaria, não se frustrando com o encerramento precoce de sua carreira.

Ao final da entrevista, ele reitera e agradece a oportunidade de compartilhar suas histórias no futebol, nos apresentando mais um indício dessa auto-realização pessoal com as experiências vividas, demonstrando como sua vida esportiva retrata suas convicções também no presente.

Pensando nas contradições da relação com o pai e na necessidade de expor suas convicções, entendemos que apesar da memória ser uma construção social dos acontecimentos nos grupos em que o sujeito circula (THOMPSON, 1992), nos quais existem elementos que não podem ser reproduzidos em sua totalidade. Idealizando o que Pollak (1992) entende por memória seletiva, compreende a necessidade de considerar também a formação ideológica do narrador, visto que suas escolhas serão determinadas por essa subjetividade de quem viveu tais experiências e que será capaz de selecionar aquilo que acha relevante em sua reinterpretação do passado vivido (BOSI, 2003). Ele continua:

Cara, acho que uns 80%, porque eu gostava de jogar bola, mas eu gostava de jogar bola assim, coletivo, mais final de semana e a gente sabe que o treino de futebol é quatro dias entre tático, físico, técnico, para daí um dia você fazer o coletivo. Então a influência dele foi bem grande, foi a principal assim na verdade, e que nem, eu sempre falava porque que eu não me arrependo de ter parado. Tem os dois lados, eu me arrependo pelo lado de que eu poderia ter ganho mais dinheiro e poderia ter estudado fora do Brasil, que eu não tive essa visão na época. Mas eu não me arrependo porque o meu sonho não era ser, fazer o gol mais bonito no maracanã, meu sonho era ter dinheiro para pegar a mulherada e ter fama, entendeu? Então não era ser jogador de futebol, meu sonho não era ser jogador de futebol, era ter dinheiro, mulherada e fama, era isso que eu queria, então por isso que eu não acho que eu fiz errado, entendeu? Por causa disso, mas a influência do meu pai foi total, porque senão eu já tinha abandonado bem antes, teria partido para outra coisa, cantava também com meu irmão em festival, teria talvez partido para a música que era algo que eu gostava pouco mais (JOGADOR 3, 2016).

A partir de Smith (2012) compreendemos que a construção da narrativa de forma naturalizada e sem expor demasiadamente suas emoções representa o sentido que propõe para sua história, permeada por memórias positivas, já que aceitou o encerramento precoce de sua trajetória. Apesar do percurso imprevisível, ele confessa que não aspirava ser o melhor esportivamente, mas ser reconhecido socialmente e financeiramente. Além disso, evidencia a influência do pai, que tem um significado essencial para o encaminhamento de sua história, reinterpretando os fatos com a mesma convicção da época em que viveu tais experiências.

Apesar disso, ele expressa o sentimento de frustração por não ter aproveitado o período na Europa para estudar, atribuindo isso à imaturidade na época. Ao retratar atualmente, deixa implícito que a responsabilidade de apoiar essa relação entre a prática esportiva e os estudos era do seu pai, demonstrando como a família poderia ter proporcionado influências positivas que colaborassem na formação humana, preparando para uma nova realidade após a carreira profissional no futebol.

Ressaltamos que ao tratar da formação humana, foi um dos poucos momentos em que a frustração ficou evidente na narrativa, característica afetivo-emocional disposta na formação narrativa pensada através das fontes orais (BRUNER, 2014) e frequente nos anseios esportivos apresentados nas histórias de outros colaboradores.

Através de suas reações percebemos uma análise consciente daquilo que viveu, de como pensava quando passou por tais experiências e como as rememora atualmente, demonstrando essa característica da memória como a necessidade de ir e vir no retrato dos fatos em um determinado contexto (MEIHY, 1994). Ele esclarece que aprecia a modalidade, mas de uma maneira recreativa e não competitiva, o que

reflete uma discussão a respeito da diferenciação da prática enquanto lazer e trabalho, além de reforçar as razões que o motivaram a praticar o futebol – reconhecimento social e financeiro – em contrapartida às obrigações que precisava cumprir enquanto atleta profissional.

Quando expõe o sentimento de frustração - não porque acredita que poderia ter sido melhor esportivamente durante sua trajetória, mas devido à possibilidade de obter melhores rendimentos financeiros - enfatiza essa contradição com as ideias de seu pai, além de retratar mais uma vez essa perspectiva de que nem sempre o lapso temporal entre o acontecimento e a entrevista gera arrependimento pelas atitudes tomadas. Acerca disso, o jogador 5 afirmou:

Ah cara, minha família sempre foi tudo para mim, desde que eu me conheço por gente, minha mãe fez tudo, o possível e o impossível para cuidar de mim, para me dar uma educação boa, para me preparar para o mundo eu posso dizer, porque hoje, como a gente tem filho, hoje eu sei que a gente prepara o filho para o mundo, não prepara para cuidar para gente, se a gente pudesse ficar com eles para sempre a gente ficaria, porque é uma coisa fora do normal, mas para mim a minha família é a minha base, minha base (JOGADOR 5, 2016).

Apesar de ser um atleta jovem, com uma carreira promissora e ter a aproximação de sujeitos devido sua representatividade social por atuar no Atlético-PR, ele demonstra que sua família era a base de convivência que deu suporte para transpor os obstáculos até chegar a carreira profissional e os responsabiliza também por sua maturidade e mudança de postura ao passar do sucesso ao ostracismo, com a intenção de retomar a primeira condição.

Quando fala de família a frustração deixa a centralidade da narrativa, passando ao sentimento de comoção e gratidão por esses estarem próximos em momentos positivos e negativos de sua vida. Em suma, retrata em conjunto com as outras histórias aqui expostas a ideia de uma memória social (SMITH, 2012) no sentido de que as lembranças acerca da influência familiar são incondicionais para chegarem onde poucos chegam e para superarem as eventuais quedas que sofreram nesse meio.

A narrativa dramática denota como as questões dessa temática se relacionam com a emoção, já que a família é o grupo social no qual esses sujeitos encontram segurança para dar continuidade a uma carreira instável e competitiva. Além disso, a

formação narrativa desse atleta apresenta particularidades que reforçam o estereótipo de supervalorização da família como forma de identificação social por parte do público.

A subjetividade leva em consideração as regras sociais que se apresentam no contexto em que se insere e atribui significado a essas ao enquadrar seu discurso de acordo com sua concepção em entrecruzamento com o que determina a estrutura. Essa ótica recai na teoria da memória coletiva de Halbwachs (2013) ao afirmar que as individualidades são influenciadas pelas concepções de grupo e a coletividade sofre interferências de cada indivíduo que dela faz parte. Ele continua:

Mas voltando a questão família, pra mim hoje é tudo, hoje eu penso duas vezes antes de fazer uma besteira, pela minha mãe e outra, agora eu tenho a minha família que é a minha mulher e os meus filhos, eu tenho que dar exemplo, não posso chegar em casa bêbado, não posso chegar em casa tendo sido mandado embora por um clube por indisciplina, por ter saído, até porque hoje eu vou para algum clube eu não levo minha mulher, como é que eu vou sair, vou ser mandado embora porque eu estava na balada? “Pô [...] você foi mandado embora porque estava bebendo na balada e estava fazendo festa” e a minha mulher aqui em casa cuidando dos meus filhos. Então não é nem justo com ela, com meus filhos, e nem comigo, que eu saio para poder dar o melhor para eles quando eu viajo. Então hoje minha família para mim é tudo cara, eu trabalho em prol da minha família, hoje eu faço tudo por eles [...] (JOGADOR 5, 2016).

Observamos como a instituição familiar promove aquilo que Smith (2012) define como ruptura na oralidade, promovendo um início, uma mudança no rumo da trajetória, e um fim, contemplando a história de forma completa e contextualizada para que os enunciatários compreendam a perspectiva que se quer passar acerca do tema abordado. Nesse sentido, a eminente mudança de rumo da trajetória do atleta é perspectivada a partir da família e das responsabilidades que a formação familiar propõe. No momento em que cometeu os erros que segundo ele lhe tiraram do percurso promissor, não era casado e nem tinha filhos, o que emocionalmente parece ter mudado sua maneira de pensar a vida e conseqüentemente a forma como lida com as questões profissionais.

A narrativa promove então o entrecruzamento entre a estrutura e a subjetividade, já que o contexto familiar propiciou novas perspectivas que particularmente alteraram sua forma de compreender a vida, modificando conceitos pessoais e proporcionando uma reinterpretação da história no tempo presente.

O discurso notabiliza a frustração pelos erros passados e atribui significado a família quando afirma que não quer decepcionar mãe, a mulher e os filhos com as

mesmas falhas de anteriormente. A emotividade com que permeia sua narrativa demonstra como as reações, os gestos e a entonação da voz identificam particularidades da oralidade na compreensão da história do sujeito e das relações que estabelece nesse meio, perspectivas que o documento escrito não permite observarmos (PORTELLI, 1997; SMITH, 2012). O jogador 4 relata:

É, mais foi a família mesmo, meu pai gosta muito de futebol, tentou jogar, não conseguiu, ruim de bola. E mais foram eles assim, meu pai gosta muito de esporte e como diz, não foi assim um incentivo, foi uma coisa que começou e eu vi que era aquilo que eu queria, foi coisa que, eu comecei a jogar, e é, foi natural, o negócio aconteceu assim, não foi assim um negócio que eu precisei de incentivo para continuar no esporte, foi uma coisa que era aquilo que parece que tinha que acontecer (JOGADOR 4, 2016).

Ao contrário da memória coletiva (HALBWACHS, 2013) que se construiu nas diversas histórias apresentadas acerca do significado da instituição familiar na inserção de jovens na carreira futebolística profissional, notamos um caso à parte, em que o jogador 4 reconhece o incentivo do pai quanto ao desejo de que se tornasse atleta, mas que em contrapartida aos outros casos, não foi uma influência decisiva para inserir ou manter o indivíduo no futebol. Ao contrário dos esportistas que adotaram o discurso de que a família foi essencial na escolha e na trajetória esportiva, ele atribui menor responsabilidade à interferência familiar, enquanto compreende que sua subjetividade foi determinante na escolha.

Daí a relevância em refletirmos as especificidades de cada narrativa dentro do contexto em que cada atleta está inserido no momento em que discursa, bem como representa essa temática a partir de sua reinterpretação do passado no presente, nos fazendo compreender como identifica, narra e quer que entendamos sua história (PORTELLI, 2010a; BRUNER, 2014; THOMPSON, 1992). Portanto, as diferenças na forma como cada agente concebe a própria carreira é determinante para pensar até que ponto a influência de outros indivíduos interferiu nas próprias escolhas.

Com base em Smith (2012) compreendemos a partir das reações do sujeito que, ao contrário dos demais, a família não apresenta ter significado relevante no início e na manutenção do atleta no meio esportivo, passando a ter maior representatividade quando ele casa e tem um filho e esse novo núcleo familiar passa a depender financeiramente de sua carreira no futebol. Mesmo assim, o atleta não recorre ao drama para identificar o surgimento de apoiadores em seu percurso, já que o discurso é racional e pontual, de forma que sua narrativa não apresenta



sentimentalismo exacerbado acerca do tema. É o que percebemos também no trecho a seguir:

Quatro anos (casado). É sempre junto. No começo que foi, quando casou, eu vim para o Operário, ela foi junto, aí quando eu sai, eu fiquei pouco tempo lá também. Aí sai, fui para o Atlético Sorocaba, daí ela não foi, porque foi contrato só de, era só o final da A2 lá, mas depois ela foi junto para todos os lugares. Ela vai junto, vai para tudo quanto é lugar, ainda mais agora com o filho, agora não deixo sem ficar com eles. Até porque é complicado para a gente ficar longe, sozinho assim. Não que seja ruim, você ter que ficar uma temporada longe, não que seja ruim, mas você ficar sozinho, é por isso que eu falo que eu entendo os caras quando eles fazem bobagens, fazem cagada, porque quando você está sozinho, não adianta, você vai querer fazer alguma coisa. Então por isso que eu levo sempre, mas eles vem sempre pra cá também, porque a família toda nossa está pra cá, então eles acabam voltando para cá, acabo ficando um tempo sozinho lá, sem ver eles, mas eles estão sempre junto comigo assim (JOGADOR 4, 2016).

Ressaltamos as particularidades da fonte oral, que nos permite identificar diferenças nas histórias retratadas que superam a análise de conteúdo simplista. A oralidade carrega consigo a ideologia, a posição do indivíduo, bem como suas experiências e a capacidade de ressignificação das memórias, compreendendo o passado a partir das concepções que elabora de sua história no presente (PORTELLI, 2010a). No caso do jogador 4, isso se evidencia primeiramente pelo fato de ainda estar em atividade, segundo porque sua manutenção nesse meio credencia seu discurso acerca do futebol e da família, apresentando um panorama de como compreende essa instituição na lógica futebolística profissional.

É diferente dos que não se encontram inseridos nesse contexto e tratam a influência familiar apenas pelo passado vivido, que não os afeta no tempo presente. E no caso do jogador 5 que permanece em atividade, se diferencia pela posição que ambos ocupam nesse espaço atualmente, já que ao contrário desse, o jogador 4 está estabilizado em um clube da Série B do Campeonato Brasileiro.

Sua narrativa pode ser pensada pela relação entre a subjetividade individual de Portelli (1996) e a memória coletiva de Halbwachs (2013) já que o atleta consegue pensar na sua história individual como parte de um processo social, no qual as suas particularidades se concretizam a partir da amplitude da temática perante a comunidade de atletas profissionais. Percebemos isso quando ele afirma que leva a família consigo para todos os clubes em que atua, com exceção do Atlético Sorocaba, e que pensa que dessa forma, evita e compreende os erros que alguns companheiros cometem por estarem distantes da família.

Em contrapartida a nossa tentativa de aproximar a subjetividade com as interferências estruturais a nível social, Portelli (2010b) afirma que a experiência não é compartilhada socialmente, apenas dá um sentido compartilhado às possíveis vivências que podem afetar a comunidade em questão, já que cada história tem um significado, que se difere dos sentidos atribuídos em narrativas semelhantes ou que tratem do mesmo tema com essa ideia de compartilhamento. Nesse caso, a história do jogador 4 se identifica como única e apenas indica possibilidades que podem afetar outros esportistas, mas que mesmo que compartilhem um sentido, serão singulares. Ele continua:

Psicologicamente para ela é bem mais complicado do que pra mim assim, porque ela só vive de fora, ela não tem o que fazer né, ela só vive pensando no que eu posso fazer, mas ela. É, meu filho tem 1 ano e 5 meses, ainda não viveu, não sabe como é o negócio ainda, mas para ela muitas vezes é complicado assim, de viver essa vida de vai e volta, não sabe. Igual, estava acabando meu contrato agora lá, a gente não sabia o que ia acontecer e mulher quer uma estabilidade, quer saber o que vai acontecer, quer saber: “e aí, vamos viajar fim do ano? Vamos para onde”. Eu falei: “po, não sei, meu contrato vai acabar em 15 dias e eu não sei o que vai acontecer”. Então tem muito essa coisa de ansiedade pelas coisas assim, é complicado de se trabalhar, principalmente com família, principalmente com mulher é complicado de viver essas coisas (JOGADOR 4, 2016).

A história apresenta algumas particularidades, como o fato de ainda estar em atividade e apresentar experiências que ainda fazem parte de sua realidade. A forma como expõe suas memórias evidenciam o contexto que caracteriza as especificidades de sua narrativa como propõe Portelli (1997), mas entendemos que essas dificuldades, por mais que não se repitam em outros discursos, podem ser pensadas a partir das possibilidades de reincidência em casos semelhantes (PORTELLI, 1996).

Pensamos também que os obstáculos enfrentados pela esposa do jogador 4, podem ser as dificuldades de outras famílias que são influenciadas pela rotina de uma profissão instável, que propicia uma dinâmica de mudanças constantes, em busca de novas oportunidades. Essa aproximação entre uma história dentre outras que não conhecemos, mas que perpassa as discussões do senso comum, podem acarretar em uma memória coletiva (HALBWACHS, 2013) que deve ser problematizada em relação à carreira de futebolistas profissionais.

O atleta então ressalta que a indefinição sobre o rumo de sua carreira ao final do contrato gera um desconforto familiar, que prejudica o planejamento a longo prazo de permanência em uma cidade, já que dependendo do rendimento, o sujeito recebe

proposta de outro clube e necessita se deslocar para uma nova realidade. Além do que, o sentimento de impotência e culpabilidade quanto a esse problema é evidente, já que a subjetividade inerente à vontade do jogador se entrecruza com as necessidades do clube de renovar – ou não – o vínculo do atleta.

Outro aspecto a ser ressaltado, se trata daquilo que Bruner (2014) afirma quanto às singularidades da fonte oral e a forma como os narradores a organizam, revelando a dedicação do sujeito na construção da narrativa, demonstrando o significado que atribui a sua história. Nesse caso, a maneira como o jogador 4 dá sentido à família, nos mostra a sua relação com aspectos extracampo que afetam seu desempenho esportivo.

### **3.2 A relação entre treinador e atleta**

No meio futebolístico, existem diversas relações que permeiam o sucesso ou o fracasso de uma equipe. Alguns agentes atribuem o sucesso no futebol à ideia de gestão de grupo, já que a estrutura do contexto de ação futebolístico na categoria dos profissionais é composta pelos atletas, integrantes da comissão técnica e dirigentes (SOUZA, 2014). Portanto, com um elenco numeroso de futebolistas, mais o *staff* da instituição, exige-se uma capacidade de gerenciamento de pessoas que proporcione relações satisfatórias na busca pelos objetivos.

A interação entre treinador e atleta se constitui como uma ligação relevante nesse meio, já que esses agentes são representativos no processo de elaboração, constituição e desenvolvimento de um projeto no futebol. Entendemos também, que tais indivíduos estabelecem relações de poder que inicialmente são controladas pelo comandante da equipe, mas que podem ser equilibradas pelos comandados.

O técnico se torna uma figura central na estrutura, compreendendo as necessidades individuais e coletivas do grupo, sendo ético e profissional na busca pelo melhor desempenho da equipe. Porém, os desequilíbrios nessa relação impedem tais agentes de alcançar os objetivos da instituição na qual se inserem, apresentando rupturas na estrutura passíveis de análises através da oralidade. Ao discutir tais questões, buscamos observar os problemas pela visão dos atletas, de como eles lidam com a figura do treinador e o que pensam sobre eles. Acerca disso, nossos colaboradores relataram:

É difícil o técnico, é um grupo, com trinta vamos dizer assim, você conseguir um máximo de todo mundo junto, porque sempre vai ter aquele que vai estar sentido porque não está jogando, aquele que nem vai para o banco. Às vezes, no Cruzeiro aconteceu uma situação mais religiosa por exemplo, o técnico é de determinada denominação religiosa e alguns jogadores faziam parte, e eles faziam cultos juntos, e quem não era, porque não estava ali, mas daí é meio complicado isso, essa aproximação. Eu que por exemplo não fazia parte do grupo não gostava, porque que o técnico, só aqueles dez jogadores, vamos dizer quinze, isso era meio complicado [...] E as vezes tem profissionais que conseguem fazer isso, você não vai ser 100%, mas você vai deixar mais ou menos claro porque que você está no banco, porque você não vai nem para o jogo, porque é um grupo, quando a coisa está mais redondinha a coisa acontece bem, quando não está bem certo, não bem claro, isso deixa dúvida, aí desanda a coisa (JOGADOR 1, 2016).

Fui, estava treinando, já gostou de mim de cara, já estava bem, já ia ser titular do time, mas estava formando o time. Ai passou umas três semanas e esse técnico já tinha sido técnico do meu irmão também lá no Atlético. Só que eles tinham tido alguma confusão, [...] e até meu irmão não sabia porque, só que o Orlandinho não gostava dele e eu terminei um treino coletivo de titular e aí o cara perguntou assim [...] “você é irmão do Gilson né?” E ele estava fazendo a convocação para um amistoso no final de semana, estava com o papel já pronto, quando o menino perguntou se eu era irmão do Gilson, na hora ele riscou meu nome do papel e eu nem para o jogo fui [...]. Daí, a partir dali já começou a me colocar para treinar com os testes novos que estavam chegando, passou um mês e meio me mandou embora (JOGADOR 3, 2016)

As reações do sujeito na primeira narrativa demonstram seu incômodo com a postura do técnico. A partir de Smith (2008; 2010) notamos que a forma como reinterpreta suas memórias no presente denotam um sentimento de injustiça quanto a experiência retratada. Ele demonstra, mesmo que tentando pormenorizar, que o fato de alguns colegas pertencerem à mesma religião do técnico, os beneficiava no processo de formação da equipe, o que contradiz as características que atualmente julga necessário para um treinador, pautadas pela ética e profissionalismo.

Na narrativa do jogador 3 notamos uma aproximação quanto a sua compreensão da postura do treinador, que não se utiliza apenas do critério técnico para definir os atletas de sua equipe. Portanto, ao aproximarmos as duas histórias, percebemos como a figura do comandante afeta diretamente nas oportunidades e possibilidades dos esportistas, que são influenciadas pela afinidade e proximidade que tem com o técnico. Apesar das histórias carregarem suas particularidades, idealizam a proposta de Portelli (1996) quanto ao compartilhamento do sentido que promovem, mesmo que não perspectivando atribuir tais aproximações a eventuais disposições coletivas.

No entanto, compreendemos que esse sentido compartilhado de maneira desproposita, afeta a concepção da memória coletiva (HALBWACHS, 2013), visto que, por mais que essas experiências não se repitam de maneira igual, dão subsídios para a discussão do problema e de como as histórias se assemelham, mesmo em contexto espaço-temporal diferentes. Ao pensar que os dois colaboradores passaram por essas situações em contextos distintos, compreendemos esse compartilhamento social acerca da problematização da figura do treinador.

As narrativas demonstram que o estabelecimento das relações interpessoais é relevante para além da questão técnica, nas quais a inserção na coletividade e as ações realizadas no grupo influenciam na sua trajetória dentro da equipe. As relações de poder estabelecidas principalmente com o técnico são fundamentais na trajetória escolhida por cada agente. Portanto, o futebol se torna um espaço de disputas nas quais geralmente o técnico é politicamente mais forte, já que tem o poder de escolha dos atletas que compõem a equipe. Porém, essa relação de poder pode se inverter quando um grupo de futebolistas se mostra insatisfeito com as atitudes do treinador e passam a criar estratégias para reduzir as influências do comandante.

As memórias reiteram a importância do comando técnico ser transparente nas razões que determinam suas escolhas, minimizando os erros causados pela subjetividade pessoal, que busca outras motivações que não a esportiva para estabelecer a avaliação e seleção dos que compõem o grupo de atletas. No primeiro caso, notamos a atribuição parcial da culpa pelo seu insucesso à forma como seu técnico se relacionava com os atletas. O discurso propõe uma ideia da conduta que os treinadores deveriam seguir, como acabam falhando e permitindo que outras variáveis além do desempenho influenciem na trajetória dos esportistas.

Para o jogador 1, apesar da relevância do papel do treinador, sua função é tratar a todos com ética e igualdade. Essa percepção acerca do técnico desconsidera sua formação humana carregada por subjetividades, que tem suas preferências e é influenciado pelas mesmas. Em contrapartida, apesar de a história manifestar esse ressentimento, compreende que em um grupo numeroso é difícil conseguir manter todos focados nos objetivos da equipe, haja vista o conflito de interesses que se estabelece nesse meio.

Notamos que esses vínculos interdependentes estabelecem uma hierarquia que promove a instabilidade na relação, já que o treinador é detentor do poder de

escolha dos atletas, mas se torna dependente do desempenho desses para que seu trabalho seja reconhecido. As experiências expostas nas memórias desses atletas determinam que, se o treinador não propicia mecanismos de controle do grupo, corre o risco de fracassar. Por isso os discursos compactuam com a ideia do senso comum de que a gestão é relevante no processo de constituição de uma equipe vencedora.

Por vezes, as questões técnicas são relegadas ao segundo plano, visto que essa balança de poder é determinante no desenvolvimento do trabalho. Aspectos subjetivos como o posicionamento político, religioso ou de afinidade influenciam para que alguns alcancem uma carreira profissional representativa. Demonstrando assim, a interferência da subjetividade desses agentes e, identificando através da história oral, que o futebol é um espaço de relações sociais que permitem adentrar e se manter nesse espaço. Os relatos seguem:

Sim, isso existe, isso existe muito. Eu já vi treinador que pega, que acaba pegando dinheiro de jogador por ter empregado jogador ali, isso acontece, isso acontece muito, tem muito treinador empresário hoje em dia. Futebol hoje virou uma empresa, futebol hoje virou negócio, virou dinheiro, futebol é muito sujo, não é mais um esporte, sempre foi um esporte bom de se jogar, mas viver ele mesmo ali dentro, você vê o que acontece, você vê que hoje em dia é um mundo em que ou o cara é forte e bate de frente com todo mundo e tenta ganhar o seu lugar ou, não assim bater de frente né, porque hoje em dia é contato, digo bater de frente em campo mesmo para você conseguir o seu espaço e fora ter um contato bom, porque se não tiver, hoje em dia tem muito jogador bom que está desempregado (JOGADOR 5, 2016).

Nesse caso, observamos que suas vivências acrescentadas à sua posição atual nesse espaço, credenciam as críticas que elabora e demonstram como sua retirada para o ostracismo mudou sua perspectiva de compreensão do futebol, evidenciando como as oralidades tratam da percepção do sujeito sobre a realidade vivida. É disso que ele trata quando encerra a história afirmando que não basta talento – como ele identifica em si mesmo – tem que ter contato, já que muitos atletas qualificados tecnicamente – como ele – acabam desempregados. Outro colaborador afirmou:

E muito time é assim, muito time contrata só os de empresário, contrata o treinador que contrata os dele. Eu até entendo o treinador contratar os caras que ele tem confiança, tem que levar os caras que ele tem confiança, mas muitas vezes não é de confiança, é porque vai ganhar em cima. E como tem muito treinador que ganha em cima de jogador também, tem treinador que leva o cara e fala: “você vai vir ganhando tanto, mas tanto é meu”. Muita coisa acontecia, no Paraná acontecia, tem diretor, gerente de futebol, tem de tudo. [...] tem histórias até desses caras de nome, eu não sei porque eu não

trabalhei com esses caras [...]. É, Luxemburgo é um dos caras que mais falam, mas nesses times, quer ver para time pequeno assim, é muito fácil acontecer isso, igual acontecia lá, tem um treinador que foi lá para o Luverdense na época, pessoal que ganhava, ele saiu do Rio Grande do Sul e foi lá para o Luverdense, pessoal que jogava a segunda do gauchão ganhando dois, três “contos”, o cara falou: “você vai vir aqui ganhando dez, quer? Mas quatro é meu e seis é seu” [...]. Claro, acaba aceitando (JOGADOR 4, 2016).

Da mesma forma, o jogador 4 apresenta argumentos que certificam suas experiências, tanto que ele cita que essa prática era corriqueira quando atuava no Paraná Clube, enfatizando também o exemplo de um treinador do Luverdense que se aproveitava da mesma situação. No entanto, ele não expõe os nomes que porventura tenham participado desse tipo de esquema e pensamos que isso está relacionado ao fato de ainda ser atleta profissional e não querer se comprometer com esse tipo de polêmica, reiterando a perspectiva de Thompson (1992) quanto ao contexto em que está inserido e as condições de produção do discurso.

A partir de Smith (2012) pensamos que esse atleta se demonstra como um dos mais incisivos na abordagem do problema, evidenciando a necessidade de tratar sua compreensão da verdade, mas de forma a não comprometer sua imagem e a de outros indivíduos que porventura fossem prejudicados com a associação a esse tipo de polêmica. Portanto, suas reações, seus gestos e até o sarcasmo com que conduz sua narrativa, atribuem a representatividade de seu discurso. Os colaboradores continuam:

E de questão de treinador que eu vejo, tem muito esquema hoje em dia [...] eu sou empresário, tenho tal jogador aqui, quero colocar ele aí, o técnico fala: “então, o salário dele vai ser 20 mil, 10 é meu” [...]. Porque para ele não vai dar tanta diferença de nível no clube, porque esse jogador que está entrando é do mesmo nível de um outro, só que esse outro não tem esquema com ele, entendeu? [...] um dia a gente estava lá tomando uma cerveja e o cara do Santos estava puto [...]. Falou: “porra, o Santos me ofereceu um salário de 200 mil, me chega o Luxemburgo com 90 mil no contrato e fala que eu tenho que assinar esse contrato e ainda dos 90 mil eu tenho que dar 20 mil para ele porque senão eu não jogo mais no Brasileiro [...] tanto que ele não assinou o contrato do Luxemburgo, assinou o de 200 mil, por causa do dinheiro, e não jogou mais no Brasileiro e ele estava arrebatando, foi para o banco e não voltou mais, até o Luxemburgo sair, não voltou (JOGADOR 3, 2016).

Assim, história que outras pessoas contam a gente escutava toda hora, que nem, por exemplo, e do Luxemburgo é o que mais escuta, todo mundo conta. O próprio Alex mesmo contou, porque assim, é a história de um que vai passando para o outro. Contou para um outro amigo meu que é jogador também, que na época que ele estava arrebatando, o Luxemburgo ligou para ele: “Então, vamos para a Copa? vamos para a seleção?”. “Vamos”. “Então, é 200 mil para a convocação”. Aí o Alex disse que comentou: “não

meu, eu quero ir pelo meu mérito”. Daí ele: “não, é pelo teu mérito, você está jogando para caralho, você vai por causa disso, só que todo mundo tem que passar 200 mil na minha mão senão não vem, todos vão pagar”, ele falou. (JOGADOR 3, 2016).

Assim como os demais, o jogador 3 apresenta um discurso polêmico que condiz com suas experiências nesse contexto. Por estar fora do meio futebolístico atualmente, não tem a mesma cautela dos demais, como quando comenta do caso em que Luxemburgo seria um dos técnicos que cometiam esse tipo de prática abusiva. Além dele, o jogador 4 cita o mesmo treinador, mas reitera que suas histórias perspectivam os acontecimentos vividos por tabela (POLLAK, 1992), não podendo atestar a veracidade dos fatos.

Ressaltamos que não buscamos verdades no trabalho com as fontes orais, mas os significados que a narrativa propõe para os assuntos abordados. Nesse caso, a compreensão dos atletas sobre os prejuízos dessa prática, atribuem representatividade a questão, tanto que o jogador 3 apresenta subsídios a fim de atestar a procedência de suas memórias.

Funciona assim, clubes de fora por exemplo, tem o técnico lá: “vou te colocar no clube, então 10% do seu salário é meu”. Isso é por contrato de boca as vezes: “então eu vou arrumar agora pra você jogar na Espanha, só que vou ter que encaixar no clube que eu estou. Estou te levando, mas 20% do salário seu é meu”. Isso acontece, mesma coisa eu estou num time lá, o meu amigo quer ir para fora do Brasil: “tá, vou arrumar um contrato bom, mas 20% do salário é meu” (JOGADOR 1, 2016).

O jogador 1 também compreende a estrutura que permeia essa prática, na qual a demanda é atendida, visto que os atletas acabam aceitando essas condições. Isso mostra como as relações de poder pressupostas pela hierarquização afetam a dinâmica do contexto futebolístico e como esse atleta entende o problema, já que os esportistas se submetem a isso devido à competitividade atrelada ao excesso de “pés de obra” disponíveis para poucas instituições com calendário anual.

A partir da ideia de Halbwachs (2013) percebemos a formação de uma memória coletiva a respeito da inserção de técnicos de futebol que se aproveitam da posição que ocupam para obter vantagens financeiras em cima de atletas. Apenas um dos cinco colaboradores não mencionou essa prática, denotando a representatividade dessa questão na relação entre treinadores e esportistas. Em suma, os discursos



apresentam a mesma estrutura no que se refere ao processo social enraizado quanto a este tipo de prática no meio futebolístico.

Percebemos que as narrativas evidenciam a representatividade negativa dessa prática, o que nos instiga a pensar primeiramente na estrutura como um espaço no qual determinadas ações são realizadas em benefício de um grupo reduzido – os técnicos – e que pela ótica dos atletas se compreende um problema de caráter coletivo, já que 80% dos entrevistados se colocam como vítimas das disputas de poder que estabelecem com indivíduos dotados de capital simbólico nesse meio.

Ao pensar nas semelhanças, notamos também aquilo que Portelli (1996) define como compartilhamento de significados, já que as histórias retratam o mesmo problema, a partir da compreensão dos prejuízos que os atletas têm com essa prática que julgam comum e ilícita, mas que acompanha as especificidades de cada discurso, já que cada história é singular e se apresenta a partir da subjetividade de cada colaborador.

Observamos também aquilo que Pollak (1992) define como acontecimentos vividos por tabela, em que os colaboradores apresentam histórias das quais que ouviram falar a respeito dessa prática. Esses discursos que tratam de histórias contadas por outros indivíduos propõe esse compartilhamento de acontecimentos que não compreendemos pela veracidade, mas pelo significado que cada sujeito faz acerca do problema, mesmo sem ter vivido diretamente alguma experiência a respeito.

O compartilhamento expressa uma memória coletiva (HALBWACHS, 2013), visto que os sujeitos se apresentam em espaços e tempos diferentes, sem ter conhecimento do discurso dos outros colaboradores, e mesmo assim, abordam um mesmo sentido acerca da compreensão de um problema que não afeta apenas os quatro integrantes que mencionaram a questão nessa tese, mas possivelmente, parte da comunidade de atletas profissionais que partilham desse meio. O jogador 3 acrescenta:

Hoje em dia eu acho que está pior do que na época em que eu jogava, porque hoje em dia assim, esse negócio do esquema do técnico antigamente era um ou outro que fazia, hoje em dia eu acredito que quase todos fazem, entendeu? A não ser aquele que está lá num time de ponta e pensando em ganhar um campeonato, mas mesmo assim, ele não vai fazer com todos os jogadores, mas vai fazer com uns três ou quatro, colocar no elenco pra deixar no banco, mas vai fazer, vai tirar um dinheiro dele, entendeu? (JOGADOR 3, 2016).

A história oral permeia a reinterpretação do passado no presente, de modo que a memória é uma reorganização das concepções do sujeito acerca de suas experiências em forma de narrativa (PORTELLI, 2010a). O jogador 3 aborda suas percepções aproximando suas vivências à realidade atual, fazendo um comparativo no qual entende que o esquema envolvendo treinadores aumentou devido à dinâmica recorrente da prática em que não existe fiscalização ou regulamentação por parte das instituições responsáveis por organizar e gerir a modalidade.

Enquanto figura externa a essa realidade, sua capacidade de compreensão do campo atinge outra perspectiva, já que atualmente reinterpreta o problema apresentando argumentos, mesmo não estando inserido nesse espaço. Portanto, o tempo em Candau (2014) deve ser pensado, já que o lapso temporal entre os fatos e o tempo presente compreende a aquisição de novas experiências que evidenciam a representatividade da questão para o jogador 3.

A partir de Thompson (1992) entendemos que, por estar fora desse espaço, sua subjetividade manifesta uma sinceridade que polemiza, primeiro porque defende sua compreensão daquilo que viveu e considera relevante falar, e segundo porque sua posição fora desse contexto o condiciona a abordar os temas polêmicos através do sarcasmo, já que sua história não evidencia frustração quanto ao encerramento de sua trajetória profissional. O jogador 4 relatou:

De saber de treinador, um treinador chegou eu jogava aqui no Paraná ainda, o treinador chegou de manhã, de tarde eu já cai, já não era mais titular, nem para o banco ia porque ia trazer o dele, e foi e trouxe. Muita loucura também de treinador, de pegar treinador doido da cabeça, treinador que queria me bater, de treinador essas coisas, loucura. Esse Lisca [...] totalmente louco, louco, louco das ideias [...] de chegar num dia e era a final da Copa Mato Grosso [...] ele foi e falou assim oh, ele estava falando do 9, e o 9 tal, o 9 batia falta aqui e não sei o que, e foi falar que: “se tiver pênalti, ele vai bater no seu canto esquerdo”. Eu falei: “Beleza, se o 9 for bater, vou no canto esquerdo”. Só que ele tinha falado do 2, não do 9. Teve pênalti aos 44 do segundo, o 2 foi bater, então eu achei, era o 9, então eu não sei onde ele vai bater, é o 2, fui para o direito, o 2 foi e bateu no esquerdo. Fomos para o vestiário, ele foi doido para cima de mim, pra me bater. (JOGADOR 4, 2016).

A relação com o treinador passa pela necessidade de compreender como esses sujeitos são dotados de responsabilidade e como o futebol é um espaço no qual o talento não é a única variável que interfere na inserção ou manutenção de um atleta, já que a estrutura é determinante ao estabelecer condições para que a subjetividade

individual influenciada por outros agentes inseridos nesse meio colabore na tentativa de estabilizar uma carreira instável.

Apesar de ainda estar em atividade, a polêmica é narrada a partir do sarcasmo, reiterando que a reinterpretação do passado no presente, permite transformar o sofrimento causado pelo problema em uma memória positiva. Como promulga Portelli (1996), essas especificidades do discurso e a representação que o esportista faz do técnico, abre precedentes para pensarmos no compartilhamento de sentidos a respeito desse tipo de história.

A narrativa não apresenta cuidados excessivos quanto ao risco de uma declaração polêmica, o que nos leva a compreender a representação que a história tem para o sujeito, expressando sua formação narrativa a partir dos detalhes com que aborda o discurso, suas reações, gestos e a entonação da voz (SMITH, 2012) ao revelar os bastidores que viveu com esse treinador. Nesse sentido, a subjetividade aponta para especificidades na fonte oral, que nos permite circular entre o macro-histórico e o micro-histórico, compreendendo o significado individual e coletivo que um fato como esse proporciona. Ele continua:

De pegar treinador que em seis dias eu pedi para ir embora do time da Barbarese, outro treinador esse, o Celso Teixeira. [...] falei: “eu não aguento mais esse cara”. Chegaram de manhã lá, eu falei, estava contando esses dias para o meu pai essa história de novo. Cheguei lá, a gente jogou, ele me pedia para cair, 10 minutos de jogo ele falava: “você olha pra mim, a hora que eu fazer aqui oh (barulho das mãos batendo), você cai no chão”. Ele pegava, tuff, batia, caia no chão, 10 minutos de jogo. Com 20 minutos de jogo eu já tinha levado cartão amarelo, de tanta cera. Acabou o jogo, com 52 minutos, os caras viraram para 2x1 o jogo, 52 do segundo tempo. Ele acabou quebrando tudo, queria bater nos caras no vestiário. Chegou no outro dia de manhã, eu fui pedir para o meu gerente: “oh, não aguento mais, não vou atrapalhar o trabalho do cara, se você gosta do trabalho do cara, beleza, mas olha, eu não vou conseguir trabalhar com o cara. Faz minha rescisão, paga meus dias trabalhados aí, estou indo embora, vou voltar para o Paraná, eu tinha contrato com o Paraná ainda, estava emprestado. Vou voltar para o Paraná, lá eu decido o que eu faço (JOGADOR 4, 2016).

A narrativa se mostra representativa já de início, quando afirmou que contou a mesma história para o pai pouco tempo atrás. Demonstrando através de Portelli (2010a) como as memórias marcantes são aquelas que de alguma forma afetaram a vida do indivíduo em um determinado momento de sua carreira, visto que expõe com riqueza de detalhes, evidenciando o significado que atribui para o acontecimento e como busca reinterpretá-lo atualmente.

Delgado (2003) propõe que o tempo, a memória, o espaço e a história se entrecruzam, já que a memória é reconstituída sem que o autor possa alterá-la, mas atribui novo sentido as experiências que viveu e o tempo modifica sua percepção acerca do passado. Nesse caso, apesar dos fatos se concretizarem por um discurso polêmico e por tratar de uma história marcante que em princípio era considerada negativa, mas que é reconsiderada devido a sua posição atual no espaço.

Ressaltamos ainda a ideia de Smith (2012) quanto às rupturas que ocorrem no discurso de maneira a modificar os rumos da história. É o que ocorre quando ele afirma que não conseguia mais continuar na União Barbarense e pediu para sair, mas que devido às circunstâncias e as reclamações de outros companheiros, determinaram que quem deveria ser mandado embora era o técnico, destacando essa reviravolta na história. O jogador 4 continua:

Aquela rixinha, coisa chata e aí não rendia. Daí que a gente começou a falar que tem momento no futebol que você não precisa ser treinador, você não precisa ser preparador físico, não precisa ser auxiliar, não precisa ser gerente, você precisa só não atrapalhar os caras, precisa deixar os caras jogarem. Eu sou muito disso aí assim, de querer, mas tem vezes que você precisa ser chato, porque jogador é um bicho mala (a questão de colocar-se fora da categoria, a opção verbal do narrador), folgado, e assim, é complicado esse negócio para o treinador principalmente, de saber a hora que ele precisa ser, e saber a hora que ele não precisa ser, aí é complicado. Eu vejo assim, principalmente em treinador novo, mesmo o nosso treinador que está começando agora, ele tem 33, 34 anos, eu vejo isso, de ele saber entender a parte que precisa e a parte que não precisa. Saber dosar o momento que ele precisa xingar o cara e o momento que ele precisa passar a mão na cabeça e ele está aprendendo bastante, está melhorando (JOGADOR 4, 2016).

Observamos como analisa a figura do técnico de forma ampla, visto que está de um dos lados dessa relação e mesmo assim compreende as dificuldades que o treinador passa em sua profissão. Esse entendimento da posição do técnico na constituição de uma equipe, parte da tentativa de se exteriorizar da comunidade de atletas, já que o tempo verbal de sua narrativa evidencia que ao falar da conduta de sua categoria profissional, não se inclui, deixando a entender que não se enquadra nas atitudes que alguns companheiros de profissão assumem.

A sua narrativa é um tanto quanto idealista, perspectivando se fazer entender como alguém que conhece as dificuldades que permeiam a carreira desses dois agentes representativos, bem como o estabelecimento das relações e conflitos entre esses. Seu idealismo é um tanto quanto compreensível, por ser um dos colaboradores que apresentaram maior entendimento da trajetória atlética como algo que deve ser

controlado, já que a instabilidade causada pelo excesso de profissionais disponíveis os tornam substituíveis.

Reiteramos o que Smith (2012) observa acerca da formação narrativa, enfatizando a maneira como encontra argumentos que façam sentido em sua história e a forma como quer que entendamos suas experiências. A partir de Thompson (1992) refletimos que as fontes orais transcendem a perspectiva simplista de análise dos conteúdos da transcrição, aprofundando no contexto em que a entrevista está inserida, bem como na posição que o indivíduo ocupa atualmente no tempo e no espaço. O jogador 4 segue afirmando:

Teve caso lá no Oeste de treinador, que o presidente mandou embora o treinador no vestiário, porque tirou o jogador dele. Chegou, o cara jogou, chegou no intervalo, cara falou: “oh, eu vou tirar o Mazinho”, o Mazinho que foi para o Palmeiras, jogou aqui no Coritiba, estava no começo do aqui. “Vou tirar o Mazinho”. Ele falou: “não, Mazinho vai sair? Não, não”. “Não, vai sair, já tirei ele”. “Se ele não voltar, você também não volta”, o presidente lá, o Sidão. “Não, ele vai voltar”. “Não, não volta, se ele voltar eu não volto”, o treinador falou. “Então tá bom, você não volta, mas ele volta”. Aí ele mandou embora o treinador. “Então vai embora, tchau”. Mandou ele embora no vestiário. Sim, segundo tempo o treinador não voltou. Essa é a história, pode procurar na internet. O treinador foi o Paulo Comeli, até que treinou aqui, foi um dos treinadores que não deu muito certo, me tirou aqui do Paraná, esquemeiro também, de pegar dinheiro de jogador, essas coisas. Assim, assim na cara dura, não. Eu não estava no Oeste nesse dia, eu cheguei um ano depois, aí o pessoal que estava lá no Oeste que me contou essa (JOGADOR 4, 2016).

Essa história remete à concepção de Pollak (1992) quanto aos acontecimentos vividos por tabela, nos quais o indivíduo não viveu as experiências, mas reconta casos que ouviu de companheiros de profissão. Nesse sentido, é relevante pensarmos na forma como ele aborda essa narrativa, a representatividade que atrela a situação, como se realmente tivesse presenciado o fato. Além do que, a riqueza de detalhes com que aborda o tema também dão indícios do sentido que o indivíduo atribui a uma história que nem era sua.

A narrativa nos propõe ainda o caráter polêmico do fato e a perspectiva de que as memórias mais sublimes são aquelas que acreditamos serem passíveis de apresentar um conflito no percurso da trajetória (SMITH, 2012). Isso é pressuposto nas fontes orais, já que uma história com reviravoltas promove o interesse no tema. Além disso, a narrativa acrescenta representatividade por se tratar de um atleta que teve certo reconhecimento ao atuar por clubes da série A do Campeonato Brasileiro, o que determina na visão do colaborador a relevância do fato, ao ponto de narrar a

história situando os agentes que participam dela. As fontes orais tem essa característica de criar roteiros, nos quais o discurso se constitui no conflito, que nesse caso, nos proporcionou uma visão dos bastidores do futebol. O jogador 1 acrescenta:

Teve técnico, que falando na gíria, era mais boleirão que jogador, que ele fazia mais festa do que o jogador mesmo (risos) e aí quando o time está bem, está ganhando, é aquele churrasco com todo mundo, comissão técnica, presidente, abraço, tudo certo, alegria no planeta e aí ninguém está aí com nada, principalmente esses clubes pequenos, essas cidades menores que você tem contato direto, muito amor, paixão naquele momento, o clube da cidade que ganhou do clube grande, então todo mundo participava e tem outros que totalmente profissional, fora dali não tinha contato muito, existe perfil diferente de técnico [...] (JOGADOR 1, 2016).

Com base nas reações do colaborador compreendemos que essa narrativa apresenta um caráter sarcástico quanto à análise da figura do treinador no processo de constituição e desenvolvimento de um clube. A formação narrativa expressa essa característica da reinterpretação do passado no presente, já que ao lembrar das relações estabelecidas socialmente, permite uma nova ideia acerca das experiências vividas, mesmo as vivências caracteristicamente negativas, dependendo do contexto em que o sujeito se insere e como concebe os fatos que passaram (PORTELLI, 2010a; THOMPSON, 1992). Nesse caso, expõe as dificuldades de lidar com determinados treinadores, mas que por não estar mais inserido no meio, repensa os fatos, ressignificando a história de forma nostálgica, transformando o sentido negativo em memórias positivas.

A celeuma é assim percebida quando entrecruza as particularidades do sujeito, suas escolhas, sua forma de pensar e agir (PORTELLI, 1996; THOMPSON, 1992; SMITH, 2012), com a dependência da estrutura, que deveria atender a demanda. O atleta é responsável por sua preparação esportiva, mas depende do desempenho de seus companheiros e de seu técnico para obter sucesso na sua trajetória. Portanto, a narrativa que julga os demais agentes que compõem esse meio, evidencia a interação entre os aspectos individuais e coletivos no que se refere a história. O jogador 5 observou:

Não, esses todos eu nunca tive problema, Geninho foi um cara que me ajudou muito, foi o cara que me subiu para o profissional, o cara que brincava comigo, que falava que eu tinha que melhorar minha marcação, porque eu atacava muito bem e marcava pouco [...]. [...] Waldemar Lemos também que depois chegou no Atlético-PR, isso em 2009 ainda, me ajudou bastante. Antônio Lopes por mais que eu não tenha jogado com ele, foi um cara que eu nunca

tive problema, foi um cara que, o treinador tem as opções dele, ele tem as opções, eu não posso chegar lá e falar: “oh, eu quero jogar e você tem que colocar eu”, tem que mostrar isso dentro de campo e se dentro de campo meu futebol não agradava ele, escolheu outro, optou por outro, eu tinha só que respeitar e esperar a minha chance de novo. Depois trabalhei com o Carpegiani, tive pouco tempo para trabalhar com ele, não tive muita oportunidade de trabalhar com ele, foram praticamente duas semanas, eu acho que seria uma pessoa que eu ia me dar muito bem porque era uma pessoa que gostava de mim, me deu uma oportunidade, mas infelizmente eu me machuquei e outros treinadores que eu trabalhei também não tive problema com nenhum [...] (JOGADOR 5, 2016).

Com base em Thompson (1992) entendemos que as fontes orais se consolidam a partir do contexto em que o sujeito está inserido e das condições de produção do discurso. A narrativa do jogador 5 se enquadra nessa concepção, pois apresenta aspectos de um discurso oficial, que não quer se prejudicar expondo as relações que estabeleceu com os treinadores que passaram em sua carreira. Essa formação narrativa, em que ele trata de pormenorizar eventuais problemas com treinadores, fugindo de polêmicas, diz respeito ao fato de ser atleta profissional em atividade e pretender novas oportunidades em clubes renomados. Além disso, sua formação no Coritiba e no Atlético-PR notabilizam sua preparação para discursar sem se comprometer.

A frustração expressa em seu discurso reflete sua compreensão de que o desfecho negativo de sua carreira é determinado por suas escolhas enquanto fazia parte desse grupo seleto de esportistas da série A. Sua autoconsciência evita polêmicas inclusive quando relembra o fato de ter sido deixado de lado por Antônio Lopes, não atribuindo o desvio de sua trajetória aos técnicos que passaram em sua carreira.

A partir de Smith (2012) observamos que esse discurso não se trata só da formação narrativa do atleta, mas da forma como quer que compreendamos sua história, reiterando que a oralidade parte da seleção das memórias que o sujeito elabora, a fim de se fazer entender. Nesse caso, a história deixa de observar o entrecruzamento dos aspectos subjetivos com a estrutura e denota uma maneira de expor sua versão dos acontecimentos, que objetiva evitar conflitos com agentes dotados de poder nesse meio do qual ele ainda faz parte.

### **3.3 A relação entre atleta e empresário**

Uma das questões mais abordadas midiaticamente diz respeito às relações empresariais instituídas no futebol. A figura do empresário de atletas se estabeleceu como uma oportunidade e se consolidou como uma necessidade nesse campo, já que alguns indivíduos não conseguem conceber vínculos diretamente com os clubes.

Nesse sentido, a discussão acerca dessa figura consolidada no meio futebolístico passa pela compreensão do estabelecimento de relações profissionais e éticas, já que o senso comum demonstra que tais figuras acabam por se aproveitar de situações específicas para obter vantagem, desconsiderando a necessidade da interdependência com os atletas para desempenharem seu trabalho. Além de procurarem inverter os valores dessa relação, se considerando fundamental nesse processo, quando na verdade, deveriam ser tratados como um dos agentes da estrutura futebolística que trabalha em função dos atletas.

Essa inversão de valores somada ao desconhecimento dos bastidores do futebol por parte dos atletas e a capacidade de negociação desses indivíduos, determinam sua consolidação nesse espaço. Nesse sentido, compreender a relação entre ambos a partir das memórias dos esportistas, pode nos proporcionar uma nova forma de observação das circunstâncias (que não só esportivas) pelas quais se determinam a escolha e contratação de futebolistas, além da instituição de outros conflitos. Acerca de tais questões, o jogador 2 afirmou:

É que assim, a minha relação com o meu empresário sempre foi muito próxima porque eu jogava com o filho dele na AABB desde os 7 anos, então minha ligação com ele foi muito próxima, foi muito boa, foi sempre muito aberta, coisa que eu não vi com outros empresários. Eu tive também esse ponto positivo porque eu tive um percurso próximo a família deles e eles da minha família, então ficou muito bom o relacionamento. Qualquer transação, qualquer movimentação, qualquer proposta, então ficava muito próximo a gente, então a gente sabia praticamente de tudo quanto a isso (JOGADOR 2, 2016).

O colaborador apresenta novamente a instituição familiar como referência, já que atribui a confiança depositada no empresário à proximidade de sua família. A relação desses dois agentes se consolidou e desde a infância, os atletas em formação já tem essa figura como responsável por gerenciar sua carreira, tornando sua imagem indissociável dos atletas e imprescindível devido à facilidade que tem para negociarem contratos, facilitando a vida extracampo devido à rede de contatos que construíram ao longo do tempo.



Essa figura é notabilizada por buscar os próprios interesses, o que os tornam pouco confiáveis nesse meio. Nesse caso, o estabelecimento de um vínculo familiar com o empresário, visto que esse era conhecido de sua família, promoveu uma relação de confiança, demonstrando o extrapolar desse limiar profissional e evidenciando novamente a relevância que os atletas atribuem à instituição familiar e sua influência nas relações estabelecidas nesse espaço.

Baseados em Bruner (2014) compreendemos como as especificidades tornam a narrativa singular em nosso contexto de análise, já que ao relatar essa proximidade e com o empresário e o sentimento familiar com que a relação se estabelecia, ele relembra que essa interação não se consolidava com outros agentes da área com os quais ele e seus colegas tenham convivido, evidenciando uma exceção na história retratada.

No caso do colaborador, que atualmente é estudante de ensino superior, notamos que a percepção dessa relação depende do contexto de inserção dos indivíduos no tempo presente (THOMPSON, 1992). Para estabelecer uma relação de confiança, foi necessário criar uma espécie de vínculo familiar e quando essa relação se consolidava de outra forma, suas memórias construíram a partir da subjetividade e das influências sociais nessa, o estereótipo do empresário sem credibilidade.

Percebemos como a relação entre empresário e atleta deve ser compreendida pelas especificidades de cada história, visto que o senso comum cria estereótipos tentando personificar coletivamente a categoria desses sujeitos. A experiência positiva promove uma contrapartida na exposição negativa atribuída pela mídia, tentando refletir cada história de acordo com seu contexto estrutural. Acerca disso, ele continua:

O que eu sei é assim, muitos empresários eles cobram 10% do seu salário, no meu caso nunca cobrou. O que eu sei é que quando está a negociação ele pegava a parte dele, mas também nunca fiquei sabendo os valores que foi, isso não sei mesmo. Também no Acadêmica quando o empresário português me levou sei que pegou uma quantia, também não sei o valor, mas desses 10% que muitos empresários que a gente ouve, muitas vezes aparece matérias na TV, nunca foi cobrado meu, mas parece que tem direito os agentes FIFA a 10% do seu salário, para mim nunca foi cobrado (JOGADOR 2, 2016).

Devemos considerar as particularidades da história, atentando para o sentido de compartilhamento social que promove. Recaiós então na discussão acerca da memória coletiva em Halbwachs (2013) visto que as especificidades acerca de uma

questão macro-histórica percebem as influências da individualidade na comunidade, assim como a coletividade interfere no individual.

A história reflete a ausência de participação dos futebolistas nas negociações, acarretando duas situações: a primeira diz respeito à desinformação desses sujeitos em um momento profissional relevante, já que ele é o principal agente desse processo, gerando renda para outros profissionais envolvidos; por segundo, a possibilidade de ser ludibriado em uma transação, reafirmando esse estigma da falta de honestidade dos empresários no futebol.

A narrativa demonstra a falta de inserção dos atletas, que necessitam maior envolvimento e discernimento a fim de entender sua posição nesse espaço, impedindo que a relação de poder estabelecida desequilibre em favor do empresário, que deveria trabalhar em função do esportista. Baseados em Portelli (2008) percebemos que as memórias revividas no momento da entrevista, não modificaram sua percepção em relação às experiências passadas, já que a narrativa é destituída de reflexão e o lapso temporal não promoveu uma nova compreensão acerca do tema, reafirmando esse estigma da falta de informação pelos esportistas e possibilitando que os empresários se beneficiem dessa posição.

O discurso propiciado pelo enredo trágico, não indica mudança de postura em relação ao contexto estrutural, se colocando como vítimas de um processo social do qual são protagonistas, mas não assumem essa condição. Dando continuidade à essa ideia do envolvimento do atleta no processo de negociação, o jogador 5 afirmou:

Ah cara, eu posso dizer para você que tudo tem o seu lado bom e o seu lado ruim, todos tem o bom trabalhador e o trabalhador que não é tão bom, entendeu? O profissional justo e honesto e o profissional que é sacana. Eu digo que hoje assim, muitos dos contatos que você tem, jogador acaba empregando jogador, mas se você não tiver um contato bom com um empresário, você não consegue se empregar, porque eles tem contato com todo mundo, eles tem contato com diretor, com presidente, com treinador, são amigos de treinadores, são amigos de, então hoje em dia eu acho que o empresário ele faz uma diferença, ele pode não ser o teu empresário, mas ele vai te empregar ali, normalmente eles cobram os 10% deles porque tem muito empresário que vive disso, na verdade o empresário vive disso, ele vai lá, emprega o cara e alguns exigem parte do salário, esses que não são assinado com o atleta, eles só vai lá, faz a intermediação, coloca você no clube, ele exige uma parte do seu salário (JOGADOR 5, 2016).

Essa história apresenta aproximações e distanciamentos quanto à narrativa anterior, que nos fazem compreender como o compartilhamento de sentidos apresenta argumentos que satisfazem um discurso representativo, que sofre

interferências sociais, mas não reincidente fatos, já que cada acontecimento ocorre em tempo e espaço distintos e se consolida como uma versão da história elaborada a partir da reinterpretação das memórias de quem viveu tais experiências.

A fonte oral então apresenta um exercício de compreensão de aspectos individuais que superam a análise simplista de conteúdo, aprofundando a discussão para a compreensão do contexto, das reações, dos gestos e da entonação da voz (SMITH, 2012). Nesse sentido, o atleta ainda em atividade reinterpreta os fatos a partir de sua realidade no tempo presente, compreendendo que a figura do empresário é necessária, visto que atualmente necessita desse contato para se empregar, evidenciando que sua representatividade foi afetada ao adentrar o ostracismo.

Além do que, o estudo da oralidade nos permite pensar nas aproximações que Barros (2011) propicia quanto às categorias de tempo, espaço, história e memória, já que ambas se entrecruzam na determinação do contexto em que a entrevista é realizada. No caso do jogador 5, o desemprego notabiliza a necessidade do empresário, fazendo com que seu discurso relativize os prejuízos causados por esses agentes, ponderando que existem profissionais competentes e incompetentes em todas as profissões.

As aproximações entre os discursos do jogador 1 e do jogador 5, no sentido de apresentar a dinâmica da relação financeira em que esportista e empresário se consolidam, tratam de um processo social que permeia a realidade de outros agentes não contemplados nessa pesquisa, perspectivando novamente o entendimento da memória coletiva (HALBWACHS, 2013). Entretanto, as especificidades observadas diferenciam o contexto em que ambos explicam essa relação financeira com seus representantes, visto que o jogador 5 já pagou valores referentes a esse serviço, enquanto o jogador 1 reconhece a prática, mas não as viveu, identificando essas experiências a partir dos acontecimentos vividos por tabela idealizado em Pollak (1992) e reiterando a ideia de Nora (1993) de que a memória é a representação do vivido. O jogador 5 continua:

Outros que tem contrato assinado, ele vai lá, trabalha para você o tempo todo e espera você ser vendido para ganhar a parte que ele investiu, mas eu acho assim, empresário ajuda muito para empregar hoje, porque ele tem muito contato, ele vai atrás de empregador, ele vai atrás de diretor, só que como ele vai, outros também né, então o cara tem que ser um cara forte e ter um contato bom, eu acho que empresário ajuda muito, claro, que foi o que eu também falei para você, jogador está empregando muito jogador, as vezes o cara está ali, o empresário indica para um treinador e o treinador não te

conhece, aí o cara vai chegar e vai falar com o teu amigo que tá lá dentro: “[...] Como é que é o Everton? É bom? Da para eu trazer? Posso trazer mesmo? Vai ajudar a gente?” E aí acaba empregando o cara entendeu? Não tem hoje que eu possa te dizer ajuda ou não ajuda, é preciso, faz parte, é preciso, porque sem contato, você ter que ligar e resolver as vezes é meio difícil. Porque as vezes você mesmo ligando, o cara já pode: “ih, jogador tá me ligando? Tá desesperado querendo emprego”, agora quando chega um empresário na frente falando: “oh tem um jogador aqui, que está assim, assim, desse jeito”, já olha diferente, entendeu? É assim. Exige, não tem como você fazer as coisas sem o empresário, você até consegue, mas os caras estão ali para isso, é o trabalho deles (JOGADOR 5, 2016).

A ideia de Candau (2014) quanto a posição do indivíduo no espaço se reflete na narrativa, já que ao sair da realidade de destaque do Atlético-PR, ele passa a depender mais do empresário, atribuindo representatividade a essa figura, devido à necessidade de inserção nesse mercado de trabalho competitivo. Como está desempregado, seu discurso atesta a imprescindibilidade desse agente, que se consolidou pela capacidade comunicativa, facilitando o contato em busca por oportunidades de trabalho.

A partir de Bruner (2011) observamos que a compreensão do “eu” é de ordem coletiva e individual, em que as singularidades do sujeito assumem também um compromisso com a comunidade em que está inserido. Essa é a ideia que o jogador 5 passa ao conceber a figura do empresário como essencial no futebol, já que ele identifica esse agente como parte do meio, em que a função está consolidada e é determinante para a dinâmica do posicionamento dos atletas profissionais no mercado de trabalho, refletindo que a inserção empresarial nesse espaço se trata de um processo histórico-social complexo. O jogador 2 relatou:

É na verdade assim, o que realmente fica sabendo, o contrato nosso que eu fico sabendo é a luva, o que a gente recebe para assinar e o teu tempo de contrato com os valores, é a única coisa que a gente ficava sabendo. Daí no caso, opção de compra, essas coisas, que como na minha transição do Paraná para o Porto foi muito complicada porque eu era jovem, então foram muitas porcentagens que meu empresário queria, porque daí ele ligou eu a um clube, ele vendeu uma parte, a outra ele ficou com ele, então isso na verdade eu ficava meio distante até porque eu era jovem, acreditava e confiava e confio até nele, não tenho problema algum com ele nesse momento, tivemos esse problema quando eu fui para o Acadêmica, mas em relação as porcentagens que ele apresentava para o clube, isso a gente não tinha ideia. Eu só ficava sabendo do meu valor, do tempo de contrato e a luva mesmo que eu recebia durante esse tempo que eu estive. Para mim sempre foi à vista, nunca foi parcelado, mas eu sei de amigos meus que parcelaram, depende do valor, depende do contrato e depende da transição do agente com o presidente (JOGADOR 2, 2016).

Visto em Thompson (1992) que as memórias são um esforço de constituição social, percebemos como essa relação entre atleta, empresário e clube é obscura na interface da subjetividade e do compartilhamento de situações que identificam o tema. O sujeito comprova o desconhecimento do processo de negociação e atribui um sentido coletivo a isso quando compreendemos que essa realidade afeta outros esportistas inseridos nesse meio.

Por mais que as memórias sejam dotadas de subjetividade e caracterizadas por um contexto estrutural específico, compactuam com o senso comum no retrato de histórias semelhantes, se enquadrando no que Halbwachs (2013) determina como memória coletiva, já que culturalmente é promovida a discussão de questões similares no meio futebolístico. Percebemos que a formação humana reflete negativamente nessa celeuma, visto que a persuasão empresarial, característica dos sujeitos que trabalham na área, deslumbram os atletas com os valores aos quais terão direito ao assinar o contrato, se empolgam pela mudança no patamar social, esquecendo do processo de negociação como um todo.

Nesse caso, o estabelecimento da relação familiar, que evidencia um vínculo de confiança entre esses agentes, aparenta ser prejudicial, já que o atleta acaba não exercendo participação efetiva nas negociações. Ainda acerca dessas questões:

Ah, eu sei de um atleta aqui que hoje em dia ele está no Atlético-MG, não vou falar o nome, saiu de um clube aqui de Curitiba, foi vendido para a Europa, foi vendido por 1 milhão e o atleta só recebeu R\$12 mil, então é complicado, a gente sabe que o maior produto da negociação é o atleta e o qual que ficou com a minoria da parte. Então é complicado essa parte, até do Thiago Silva quando ele foi para o Porto, não me lembro, ou quando ele foi até para o Dínamo, que ele saiu do Porto e foi para o Dínamo os empresários brigaram porque um ficou com uma parte do outro, o outro ficou com uma parte, não sei, a mais e o outro falou que ia pagar e não pagou, então isso acontece, é complicado, é difícil, mas o meio em que a gente vive, viveu e vive que é o futebol acontece essas coisas, é triste, mas acontece (JOGADOR 2, 2016).

Ao relatar que na negociação de um atleta conhecido, esse recebeu a menor parte do valor da transação, reconhece a falta de transparência dos demais envolvidos no negócio. Porém, atesta também essa falta de informação característica de algumas experiências retratadas, que compactuam com a memória coletiva (HALBWACHS, 2013) de que o meio empresarial no futebol se consolida pela obscuridade, mas que há uma parcela de responsabilidade por parte dos atletas que equilibram as relações de poder.

Além disso, demonstra que não há o que fazer e que os empresários e dirigentes se beneficiam da situação de forma irreversível, cabendo aos atletas se conformarem com as condições as quais são submetidos. Suas memórias reinterpretam as experiências de forma semelhante aos acontecimentos, justamente por não conseguir mudar sua compreensão a respeito do tema, não perspectivando uma transformação desse contexto e notabilizando a aceitação pela reincidência desse tipo de fato. Essa vitimização do atleta está posta em uma medida social, atribuindo representatividade ao problema, mas sem propor soluções.

Assim, ele expõe a categoria como vítima de uma estrutura consolidada, da qual o atleta se distancia devido à falta de interesse em participar efetivamente das discussões referentes a outras questões que fazem parte do meio esportivo. Essa estigmatização dos esportistas é aceita e internalizada por eles próprios, mostrando que o contexto histórico, por vezes, não altera a forma como os esportistas compreendem determinadas situações no futebol. O jogador 4 afirmou:

(Jogador manja quanto o empresário tá levando, sabe da negociação?). O jogador? Uma porcentagem bem pequena, uma porcentagem muito pequena. É um ponto assim bem complicado de lidar assim, porque tem muito jogador “burro”, muito jogador. Não quero falar assim “burro” de tapado, mas “burro” de não conhecer, de ler o contrato e não conseguir entender o contrato, de às vezes o cara colocar no contrato uma pegadinha para ele e ele achar que está tranquilo. [...] ele só fala o que o jogador vai ganhar né [...] ele fala: “nesse contrato aqui, se aparecer um negócio para fora, você vai ganhar 200 mil, mas ele não fala que se aparecer um negócio para fora ele vai ganhar 2 milhões [...] eles vê muito a parte deles, porque muitas vezes em uma negociação, eles tem que tirar dinheiro para mais 40, que vai dar errado, esse é o problema assim (JOGADOR 4, 2016).

O jogador 4 compreende em partes a conduta dos empresários, notabilizando seu discurso pelas particularidades de sua formação narrativa em relação aos demais. Sua maneira de analisar os fatos concebe o politicamente correto e essa forma de lidar com as questões evidenciam o contexto em que se insere atualmente, já que sua carreira profissional tem em torno de 10 anos e suas experiências nesse período condicionam seus discursos. Além do que, através da entrevista notamos seu caráter politizado, já que tenta racionalizar acerca dos temas propostos pelo pesquisador. O jogador 3 relatou:

Então isso acontecia direto, e de empresário cara, é a mesma forma, empresário tenta fazer esquema com o técnico, às vezes o empresário que tem já moral, porque assim, geralmente o empresário pede 10% do salário

do jogador quando arruma um time, quando ele tem muita moral e sabe que vai te colocar num lugar ele pede 30 (%). “Não, você está sem time, eu vou te colocar no São Paulo, eu quero 30%, não quero mais 10”. É a forma dele negociar, entendeu? Mais ai eu não sei até que ponto é errado, porque se ele está me pegando sem time nenhum e me colocando em um time bom, talvez não seja tão errado assim. Só que ele não está treinando, nem nada, fez duas ligações e resolveu, está empresariando no caso. E os esquemas de empresário acho que é mais isso, e muitas vezes é falar para o jogador que vendeu o passe por 100 mil e vendeu por 300, muitas vezes acontece isso, recebe por fora o restante. (JOGADOR 3, 2016).

No caso do jogador 3, percebemos o discurso de quem se encontra fora do contexto futebolístico, porém, pormenoriza as ações dos empresários em relação às mesmas atitudes dos treinadores, já que o primeiro se responsabiliza por essa mediação oficial entre atleta e clube, enquanto identifica o segundo como oportunista nesse processo.

Assim, ao aproximarmos as narrativas acerca desse assunto, percebemos que as histórias refletem o compartilhamento de sentidos, já que se concretizam em fatos diferentes, tempos e espaços distintos, e as especificidades de cada caso estabelecem como cada agente reflete suas experiências e de como as compreende no tempo presente.

Porém, mesmo que a ideia de Portelli (1996) contradiga Halbwachs (2013) quanto à memória coletiva – já que a segunda trata do compartilhamento de semelhanças entre as histórias e a primeira do compartilhamento de sentidos que as narrativas promovem – pensamos que a coletividade assume um papel relevante, refletindo acerca das questões macro-históricas do futebol, visto que ao apresentar dados semelhantes, contemplam o processo social em que esses fatos se enquadram e como é possível pensar em sua reincidência em outros contextos.

Além disso, a formação narrativa é percebida nas diferenças entre os três discursos que abordam o mesmo assunto. A história do jogador 2 promove o atleta como vítima da estrutura e defende a categoria dos atletas de forma a representar explicitamente esse posicionamento. As memórias do jogador 4 constroem seu roteiro refletindo a posição de ambos os agentes envolvidos, porém, sem deixar de evidenciar a tendência em atender as necessidades de sua categoria. Enquanto o jogador 3 entende a posição do empresário, porém notabiliza sua posição como ex-esportista ao enfatizar as irregularidades cometidas por esses sujeitos. Ele afirmou:

Uma coisa assim que acontecia muito, o jogador está em tal time, está jogando bem, quer ser vendido, paga tanto para a CBF, para o técnico ou para alguém pra ser convocado, o passe dele vai triplicar, quadruplicar, vai aumentar muito e daí faz uma venda melhor. Então para o empresário é um investimento, eu pago 200 mil para o, por exemplo o caso do Alex, eu pago 200 mil para ele ser convocado e depois eu vendo ele por não sei quantos milhões, então 200 mil não é nada (JOGADOR 3, 2016).

Como observamos anteriormente, entendemos a partir de Bosi (2003) que a história oral não se interessa pela busca da verdade absoluta, mas compreende o contexto em que as versões expostas se enquadram, e assim, aborda as conjunturas que atribuem representatividade para que o discurso seja proferido de uma determinada forma. É dessa maneira que observamos a narrativa do jogador 3, já que sabemos de antemão que ele não viveu o ambiente da seleção brasileira profissionalmente e seu relato pode ser pensado pela exposição dos acontecimentos vividos por tabela (POLLAK, 1992), visto que ouviu acerca dessa prática empresarial e passou a incorporar esse fato histórico em suas memórias e na sua compreensão acerca do tema.

A referência ao pagamento por convocação para a seleção brasileira, atesta uma memória velada apresentada inclusive pelo senso comum, já que não se vai ao fundo da questão para investigar se os indícios podem ser levados em consideração. Porém, como o que nos interessa é a razão pela qual esses dados foram observados, entendemos que de alguma forma eles fazem parte de uma conjuntura social que abre a possibilidade de discutirmos esse tipo de problema no meio futebolístico.

Nesse sentido, as referências quanto à compreensão de diversas irregularidades por parte de empresários, credencia pensarmos que as particularidades do jogador 3 é influenciada por um processo social que colabora para que sua formação narrativa o conduza ao discurso polêmico, compreendendo que as relações estabelecidas com diversos sujeitos e experiências, condicionam a seleção das memórias que aborda em seu discurso.

É notável que sua posição atual nesse contexto propicia uma liberdade de expressão que talvez não fosse possível se ainda estivesse inserido no meio do futebol. Portanto, como propõe Smith (2012), é compreensível que as reações, os gestos e a ironia que compõe sua narrativa determinem as características de um discurso polêmico, que não teme as consequências, já que não faz parte desse espaço e está disposto a falar o que viveu e como compreende suas experiências no tempo presente. O colaborador continua:



Então, na verdade foi muito uma época assim, de que todo jogador queria jogar fora do país e quase ninguém da minha idade tinha oportunidade de ir ainda, depois que começou a ir meninos de 15, 14, 13, mas até aquela época, antes de ser profissional você não tinha a oportunidade de ir e daí começou a surgir bem na minha época e como no Atlético-PR a probabilidade de profissionalizar, no Coxa também, era bem pequena, porque tinha muito jogador bom, muito empresário forte [...]. Então apareceu umas oportunidades assim e eu resolvia ir e todas as vezes também, o empresário falava que era algo certo, que ia chegar e assinar contrato, nunca ele falou: “você vai chegar lá e fazer teste (JOGADOR 3, 2016).

O que diferencia sua narrativa da do jogador 5, por exemplo, é que esse não passou pelos mesmos obstáculos para se inserir no Atlético-PR, denotando como cada trajetória apresenta indícios do que toma como representativo para a construção da narrativa.

Nesse sentido, observamos que o empresário, muito embora participe da gestão da carreira de atletas promissores, tem participação mais efetiva com aqueles que buscam uma colocação profissional nesse meio e, conseqüentemente, tomam maior representatividade nas histórias em que suas ações são determinantes para a narrativa. Essa é a diferença entre as memórias selecionadas pelo jogador 3 e o jogador 5 no início de carreira, em que o segundo não se interessa pelo tema.

Além disso, as memórias do jogador 3 promovem o entrecruzamento da subjetividade com a estrutura, na qual as reviravoltas de sua carreira estão condicionadas as suas ações, bem como à influência dos empresários, já que apesar de assumir a responsabilidade por sua trajetória, manifesta a postura antiética desses agentes, que historicamente notabilizaram negativamente essa categoria. O jogador 4 relatou:

Acho que depende do empresário, eu conheço uns empresários que ajudam muito, porque tem uns atletas que parece que eles tentam atrapalhar a carreira deles próprios, uns caras que são cabeça dura demais e tem uns empresários que são bons assim. Eu acho que ainda existe empresários que, mas tem muito cara falcatrue, muito cara que acaba atrapalhando bem mais do que ajuda. Eu até entendo eles assim, porque eles trabalham para ganhar o deles e acabam não vendo o que o jogador quer, muitas vezes nem pensa na vontade do jogador, essas coisas assim (JOGADOR 4, 2016).

Essa narrativa promove novamente aproximações e afastamentos que nos levam a observar o entrecruzamento entre a subjetividade e a estrutura, pensando então nas influências do individual no grupo e da coletividade nas individualidades de

cada sujeito inserido em um determinado espaço e tempo (HALBWACHS, 2013; PASSERINI, 2011). É nesse sentido que as reflexões de Candau (2014) são pertinentes quanto à localização espacial e temporal do indivíduo, tanto no momento em que ocorre o fato, quanto no instante em que seleciona as memórias que pretende utilizar para representar sua versão da história.

Portanto, mesmo ao pensarmos inicialmente nos distanciamentos que uma análise singular possa estabelecer em relação à coletividade, devemos considerar que as fontes orais são produzidas de acordo com esse entrecruzamento da subjetividade e da estrutura, bem como as influências que ambas as categorias coordenam, tornando essencial que observemos os detalhes do discurso.

O atleta então notabiliza o que Smith (2012) define como formação narrativa, expondo a representação daquilo que acredita, propiciando um roteiro de acordo com a seleção das memórias que pretende revelar, fazendo o interlocutor compreender a sua ideia, da maneira como almejou que entendesse. São relações sociais que se determinam pela interação entre os sujeitos, que compartilham tempos e espaços diversos e que compreendem as memórias como algo representativo que merece ser revelado. O atleta continua:

Até hoje a gente vê, não só na base do Paraná. Isso aí é complicado, futebol virou negócio, ainda tem pessoas com uma índole boa, que ainda tem caráter, mas é o que eu falo dos políticos do Brasil, quando você se vê com tanto dinheiro na sua frente, porque as vezes uma venda de um jogador, uma negociação de um jogador você ganha mais dinheiro do que tanta gente ganhou na sua vida inteira. Então tem até hoje, tem história de você querer contratar um, mas ter que levar outro para, tem muito isso. Se você for pegar, se você entrar, procura por negociação no futebol agora, vai ver, contratou quatro, os quatro do mesmo empresário, provavelmente o cara só queria um ou dois, mas teve que levar os quatro, tem muito disso daí (JOGADOR 4, 2016).

Essa formação narrativa que posiciona o jogador 4 como um esportista diferenciado na compreensão do futebol é retratada novamente em seu discurso acerca dos empresários, já que entende a condição em que esses sujeitos se inserem ao trabalharem com negociações envolvendo altos valores e que isso não provoca um desvio de conduta somente nesse agente, mas em quaisquer outros que porventura fossem colocados na mesma posição, já que ele atrela a conduta desses indivíduos com princípios como caráter e honestidade.

É aquilo que Bosi (2003) revela acerca da proposta das fontes orais não se identificar pela veracidade dos fatos, mas a verdade versada pelo colaborador, que vem carregada de juízo de valor e determina sua compreensão da conduta dos indivíduos que fazem parte de sua história. É assim que o jogador 4 reage ao questionamento polêmico ao qual se propõe o tema, entendendo o limiar entre a regularidade e a irregularidade a partir da sua formação humana e consequentemente, das experiências que viveu.

O atleta não propõe um julgamento entre certo e errado, mas analisa o meio a partir da posição e dos valores que o empresário sustenta, tomando decisões que podem afetar socialmente o meio futebolístico, como nas negociações em que condiciona a contratação de um atleta a inclusão de outros que o clube porventura não tivesse interesse. Esse tipo de conduta vai estar atrelado aos princípios profissionais que cada agente vai apresentar quando colocado nessa situação e que vai definir seu posicionamento regular ou irregular a partir da compreensão de quem analisa o fato. O jogador 1 afirmou:

Na lei atual eu teria um empresário, ele que negociaria, faria um tumulto danado, ou ia tentar ver uma situação para que eu saia, ia tentar se esforçar um pouco mais para fazer esse meio campo, mas eu na época, “beleza, se for para o Santos, se não for agora, mas tomara que dê certo”. Mas não tinha essa, hoje parece que o menino com dezesseis, dezessete tem mais malícia, ele, o pai, todo mundo já está certinho: “ah não deu ali”, que nem, tem o caso de um amigo nosso, da família que está no Coxa, se não der, o Coxa queria assinar um contrato com ele, ele: “não, só assino mais um ano”, a mãe, o pai dele. Mas já vendo uma questão, não deu ali, já tem lá, já é automático, é muito rápido. Eu pequei nesse aspecto por não ter essa assessoria, por não ter um plano B. Eu não ficava no plano B: “não, vai dar tudo certo e deixa” e já tinha que ter um plano B. E para os caras já alarmam: “oh piá foi para o Santos, o piá é bola, não, tem que ir pra outro time, não deu no Santos, está no Corinthians”. Só que não tinha, não falava nada, falava: “beleza, está bom” (JOGADOR 1, 2016).

A história de que não tinha empresário, compreende uma nova visão dessa figura no futebol brasileiro. Sua posição no tempo e no espaço na época evidenciam as dificuldades de um atleta sobreviver sem assessoria, observando um outro contexto nessa discussão, já que o empresário é estigmatizado negativamente no meio esportivo. Ele reitera que na época, nem todos os atletas tinham assessoria especializada, como ocorre com atualmente, fazendo um paralelo entre o período de suas experiências e o contexto atual no qual estaria inserido se ainda estivesse em atividade, reinterpretando seu passado no presente, construindo hipóteses de como

teria uma postura diferente caso se encontrasse na mesma situação, enfatizando que a memória é a representação do vivido e está em constante transformação (NORA, 1993).

A característica da memória ressignificar o passado no presente notabiliza a frustração quanto à forma de pensar sua trajetória e reinterpretá-la em sua realidade atual (PORTELLI, 2008; 2010a). A formação humana é constantemente atualizada a partir das novas experiências vividas e influencia o processo de conscientização e compreensão dos acontecimentos, apontando a frustração observada na narrativa e aspirando fazer diferente.

Notabilizou também que a estrutura impõe condições que podem favorecer ou desfavorecer a inserção dos indivíduos no campo futebolístico. Nesse caso, a estrutura que não estabelecia obrigatoriamente uma relação entre atleta e empresário, impediu o sujeito de conseguir melhores oportunidades que permitissem permanecer nesse cenário por mais tempo.

Ao compreender as diferenças dessa problemática no passado e na atualidade, imagina como as coisas poderiam ser distintas em sua carreira, retratando a necessidade de refletirmos o contexto do passado e do presente para entendermos sua narrativa. Permite observarmos também, como a estrutura é dinâmica e afetada pelos diversos tipos de relação estabelecidos, nas quais cada agente busca satisfazer os próprios interesses nesse campo representativo culturalmente, socialmente e financeiramente.

Ele reitera ainda as diferenças na legislação, que na época se consolidava pela lei do passe, segundo a qual tinha vínculo efetivo com o clube, não havendo a mesma liberdade de escolha observadas na Lei Pelé, que proporciona maior poder aos atletas no gerenciamento da carreira. Além da consolidação do empresário no futebol ter proporcionado essa assessoria que anteriormente não se concretizava. Ele continua:

[...] se eu tivesse um empresário ele ia falar: “não, você está louco, esse piá estava no Cruzeiro, vai ficar na reserva? Nem pensar, pode dar o passe já vamos para outro clube”. Não vai no Rio Branco, vai na Caldense. “Não, não, fulano não pode ficar no banco”. E já começa, faz um tumulto e acontece isso. E eu não, eu ficava quietinho, tipo aceitei o banco, nem viajava com o time, ganhava mais do que os piás que estavam indo, mas faltou. Hoje o moleque é condicionado a chutar o balde, o empresário chega assim: “agora você vai fazer um tumulto pra sair, você não pode ficar no banco”. Tem que ser assim, muito rápido, você está no Cruzeiro, não posso ficar no banco do Rio Branco,

foi loucura minha aceitar (indignação), tinha que ter fechado o tempo, ter saído, mas fica esperando, “ai, vai que melhora” (JOGADOR 1, 2016).

A narrativa evidencia que a orientação para as ações deveriam partir de um empresário, enfatizando a consolidação dessa figura no futebol. Além de demonstrar que essa relevância, por defender os direitos dos atletas se notabiliza pela falta de conhecimento desses indivíduos quanto a gestão de suas próprias carreiras e da necessidade de se posicionar nessa relação de poder que estabelece com agentes e instituições inseridas nesse meio. As memórias denotam o capital simbólico que tornam os empresários imprescindíveis nesse meio, já que ele se mostra perdido por não compreender a dinâmica das relações nesse espaço amplo e representativo socialmente.

Ao compreendermos o que Candau (2014) nos revela acerca da posição do sujeito no tempo e no espaço, conseguimos entender que essa preposição se refere a sua localização no momento dos acontecimentos e no contexto da entrevista. Ao pensarmos na condução dos fatos e em sua inserção atualmente nesse cenário, compreendemos a frustração quanto ao passado vivido.

As reações são então componentes importantes no processo de identificação da formação narrativa e da compreensão do sujeito quanto ao tema (SMITH, 2012), sendo que no trecho exposto, o sentimento de frustração quanto à sua trajetória demonstra a perspectiva de um atleta sem empresário, mas que compartilha da ideia de que esses agentes são capazes de colaborar com os esportistas, já que encontrou dificuldades no gerenciamento de sua carreira. Acerca disso, o jogador 4 relatou:

Eu estava na categoria de base ainda, até porque meu primeiro contrato já foi na lei atual, não tinha mais aquele lei de passe. Foi eu mesmo, nunca tive empresário, até porque nenhum bom veio atrás de mim, se tivesse um cara bom, mas só veio os barca furada, aí eu não. [...] até era meio complicado para mim, porque chegava fim de ano, eu que tinha que correr atrás das coisas, e queira ou não queira, o empresário abre muita porta para você. [...] o empresário tem os dois lados, tem a parte boa que é quando você está desempregado e precisa dele, e a parte ruim quando você está empregado e ele precisa de você. Então agora, no momento que eu estou empregado, eu acho bem mais tranquilo estar sozinho do que com um cara que fosse atrapalhar. Mas assim, depois de um tempo foi, eu foi ficando mais tranquilo quanto a isso, porque futebol ele é muito mais contato [...] (JOGADOR 4, 2016).

Ao afirmar que não tem relação contratual fixa com empresários, contrapõe a narrativa anterior que mostra a indispensabilidade de um agente que facilite o

encaminhamento e atenda às necessidades do atleta. Percebemos isso a partir das características que a história oral propõe em seu método de análise, na qual segundo Barros (2011) o posicionamento do sujeito no tempo e no espaço promove as particularidades de cada discurso. É o caso de ambos, visto que o jogador 4 concede a entrevista logo após renovar o contrato com a Luverdense e o jogador 1 narra acerca de uma trajetória encerrada no esporte profissional, na qual ele atribui que a falta de apoio empresarial foi determinante para o encerramento precoce de sua carreira.

Ao identificar as dificuldades pelas quais passou ao cuidar das questões extracampo, o jogador 4 compreende a representação que o empresário tem no meio futebolístico por sua facilidade no contato com as instituições e evidencia sua vontade inicial de contar com esse serviço, mas que atualmente analisa os benefícios e malefícios dessa relação a partir de sua posição no contexto como atleta.

Observamos que a subjetividade permeia sua percepção do tema, identificando o que seriam esses benefícios e malefícios por ter sua carreira conduzida por um empresário. Ele reinterpreta suas experiências de acordo com o tempo presente e dá indícios de que as memórias buscam nas conjunturas do passado sua compreensão dos fatos no presente, demonstrando que o lapso temporal entre o acontecimento e a entrevista atribui uma aquisição histórico-social capaz de transformar o discurso (PORTELLI, 2010a; NORA, 1993). Acerca disso, o jogador 5 afirmou:

[...] tem muito cara que promete coisa e não cumpre, vamos supor, um empresário te promete um salário altíssimo num clube, você está ali empolgado e as vezes as coisas acabam não acontecendo [...]. Tem muito cara que engana, aconteceu até esses tempos atrás com um amigo meu [...] estava na Alemanha e voltou para cá [...] aí apareceu um cara que falou que ia dar um emprego para ele no Rio Branco de Americana [...]. Aí eu até falei para ele: “cara, o cara está te prometendo isso, que você vai ter que dar o dinheiro para ele, para daí você pegar sua transferência e ir jogar no clube”, ele falou: “é, ele falou que manda a passagem e tudo [...]”. “Não, então [...] pede para ele te mandar a passagem primeiro, vai para o clube, dá o dinheiro para o cara e pronto, aí você vai estar com o cara lá”. “Mas ele quer que eu mande o dinheiro antes, daí eu falei: “cara, não mande o dinheiro antes de você ir para o clube porque vai dar problema para você, pode ser que o cara seja confiável, pode ser que ele não seja” [...] depois de duas semanas ele me ligou: “Po, o cara sumiu com o meu dinheiro” [...] então muita coisa assim acontece, os caras vão em cara mais novo que tem o sonho de jogar de tudo quanto é forma e tiram dinheiro deles [...] já vi isso acontecer várias vezes e várias vezes de gente chegar e me contar também [...]. Comigo graças a Deus não aconteceu, não tive essa experiência [...] (JOGADOR 5, 2016).

A história permite que nos apoiemos em Pollak (1992) ao se tratar de um acontecimento vivido por tabela, já que o fato diz respeito a uma experiência vivida por um companheiro de profissão. Ele tenta apresentar a história como literal, por se tratar de um tema polêmico que poderia lhe causar prejuízos, visto ser um atleta em atividade. Ao não conseguir abordar o tema pela ficção, constrói a narrativa através da história de seu companheiro de profissão. Ele seleciona essa memória e a considera representativa dentre tantas outras que afirma saber em relação à questão. Trata os fatos detalhadamente, partindo de suas experiências nesse meio para aconselhar o colega a se proteger do empresário, figura contestada pelos próprios colaboradores nessa pesquisa.

Ao abordar a polêmica, manifesta maturidade quanto as questões do futebol, que propiciam a compreensão de que o tempo e o espaço propostos por Candau (2014) influenciam nas experiências vividas e na forma como esses indivíduos reinterpretam suas memórias e transformam a realidade. Se outrora o jogador 5 não media as consequências de seus atos, atualmente demonstra que os obstáculos passados o fizeram amadurecer e conceber o campo futebolístico a partir da complexidade que lhe é inerente e que desconhecia por não ter vivido o ostracismo no início da carreira.

Mesmo que não tenha vivido um fato semelhante, as dificuldades passadas em anos de carreira e o contato com diversos agentes de áreas distintas da modalidade o atribui um capital simbólico que permite circular por temas dos quais apenas ouviu a respeito. Sua narrativa reitera ainda que a representatividade das histórias selecionadas estão ligadas ao interesse que esse tipo de fato tem para as discussões referentes aos bastidores do futebol e demonstra como as fontes orais tratam acerca da identificação de conflitos que constem na temática abordada, caso contrário não teriam sentido em serem promovidos. Como explica Bruner (2014):

Nós superamos Esopo: a grande narrativa é um convite para descobrir problemas, não uma aula para resolvê-los. Ela diz respeito aos dilemas, às estradas por onde se caminha – mais aos nossos passos do que ao lugar onde se chega (p. 30).

Portanto, para que uma história seja passível de lembrança é necessário que a experiência tenha sido surpreendente, visto que os relatos não buscam a resolução de problemas, mas a exposição desses. A história é posta a partir do contexto em que

os fatos acontecem, desencadeando uma conclusão que pode ser positiva ou negativa. Logo, ao pensarmos que a cultura é a moeda da narrativa, acreditamos que ela se baseia na expectativa do cumprimento das normas socialmente pré-estabelecidas e em suas transgressões, que recaem em uma tentativa de justificar o desfecho histórico vivido (BRUNER, 2014).



## **4. DA FORMAÇÃO AO PROFISSIONAL: A REALIDADE DOS ATLETAS**

Nesse capítulo pretendemos abordar os significados atribuídos pelos colaboradores quanto à própria inserção no contexto do futebol, bem como as dificuldades e perspectivas que passaram nas categorias de base, na transição para a categoria principal e na carreira profissional.

### **4.1 A entrada no contexto de ação futebolística**

O trabalho com fontes orais carrega em si uma responsabilidade de observar dois pontos determinantes para compreensão do fenômeno que se pretende estudar, que dizem respeito aquilo que Portelli (1996; 1997) e Smith (2012) compreendem como subjetividade individual e a representação social que uma determinada coletividade implica as questões em pauta. Portanto, o sujeito é dotado de um processo cultural que se relaciona com suas necessidades específicas e que determinam o rumo de sua trajetória ao longo da vida. É a subjetividade em consonância com a estrutura que determinam a posição e a dinâmica dos sujeitos no espaço em que competem mutuamente.

Esse é o caso dos sujeitos que pretendem se tornar atletas de futebol profissional e passam por um percurso competitivo em uma prática marcada pelo excesso de pés-de-obra (DAMO, 2005). Trata-se então de uma cultura que perpassa gerações e atribui a carreira esportiva representativa como objetivo de vida desde a infância, depositando suas esperanças em alcançar o sonho de ser um esportista reconhecido socialmente e financeiramente.

Nesse sentido, queremos iniciar nossas discussões com um assunto introdutório que permeia a inserção inicial nessa carreira. Refere-se à compreensão de como e quando se consolida esse objetivo nas memórias de sujeitos que conseguiram alcançar o profissionalismo, mesmo que não chegando à condição estável e consolidada que pretendiam. Logo, essa discussão trata de percorrer o caminho inicial pelo qual não existem certezas e que as responsabilidades começam na infância, necessitando uma leitura prematura das diferenças entre jogar futebol por prazer e encará-lo como profissão. Acerca disso, os colaboradores afirmaram:

Comecei a jogar bola com 7 anos na escolinha do meu pai, que você até jogou com ele na escolinha né? Na escolinha do Nino, comecei com 7 anos na escolinha do Ipiranga e pequeno, não levava nada sério ainda, mas sempre gostei muito, e aí comecei a me destacar entre os meninos mais novos, daí depois com 10 anos, no colégio que eu estudava, no Bagozzi tinha um time de futsal que era o Cultural, meu professor de educação física na época era o treinador do time de futsal, ele me levou para lá, e jogando lá eu acabei sendo visto pelo professor Miro e pelo Aramis do Coritiba, a base do Coritiba, lá no Coxa eu comecei com 10 anos, com 10 anos eu já fui para o Coritiba. Comecei no pré-mirim, joguei lá o pré-mirim, pré-infantil, ganhamos vários títulos lá com o professor Miro, com o professor Aramis, e nesse meio tempo também jogava na escolinha do meu padasto, do meu pai, aí com 15 anos surgiu a oportunidade de eu ir para o Atlético-PR, mas antes disso já tinha ido para a seleção brasileira sub-15 pelo Coritiba, convocado pela seleção, e aí acabei indo para o Atlético-PR com 15 anos, daí de lá até 2012, de 2005 à 2012 fiquei no Atlético-PR (JOGADOR 5, 2016).

Isso tudo passou, fui chamado depois para ir para o Paraná Clube já com 9 anos, o professor Orlandinho me chamou, inclusive a gente treinava aqui na frente, onde é o supermercado. Já começou minha carreira, já vivia praticamente do futebol e pensava só em ser jogador de futebol. Depois fui para o J. Malucelli, o antigo Malutrom, depois voltei para o Paraná Clube, e com 16 anos já vivia do futebol, já pensava em ser jogador profissional, inclusive assinei meu primeiro contrato profissional com 16 anos no Paraná Clube (JOGADOR 2, 2016).

Bom, vamos dizer assim, não sei se foi uma escolha. Não sei se eu escolhi o futebol, foi algo que aconteceu na minha vida. Foi aquela coisa de criança, de querer jogar futebol, e foi tudo uma sequência, não digo que eu escolhi, mas foi uma continuidade de coisas que foram acontecendo e acabou acontecendo, e graças a Deus aconteceram. Acredito que não foi eu, como eu falo, acredito que não foi eu que escolhi o futebol, foi o futebol que me escolheu. Então, minha trajetória começou cedo, eu jogava em escolinha, jogava aqui na Hauer, no Clube dos Oficiais. Mas o meu início no futebol foi aqui na Vila [...]. Onde eu estudava num colégio aqui em baixo chamado Newton Ferreira da Costa. Teve um teste aqui para a base do Paraná Clube, era pré-mirim, pré-infantil, tinha 10 anos de idade na época, e eu fiz o teste aqui, eles treinavam aqui no campo do Vila Fanny, na minha vila, e eu fiz o teste e passei e desde os 10 anos eu fiquei no Paraná até os meus 22 anos de idade. Mas já tinha, jogava aqui no Vila Fanny, mas como goleiro eu comecei a jogar ali mesmo, porque eu era meio goleiro, até hoje eu gosto de jogar um pouquinho na linha e aqui até teve uma história que tinha outro rapaz que queria fazer o teste no gol e eu não queria deixar, porque eu sabia que na linha eu não tinha muita chance, mas no gol eu tinha, daí chorei no dia, briguei com o cara. E aí eu fiz o teste no gol e passei, e aí acabei saindo um tempinho do Paraná, no infantil, mas depois voltei, mas o que eu me lembro bem é dessa história, de ter começado aqui no Vila Fanny (JOGADOR 4, 2016).

Com base na memória coletiva (HALBWACHS, 2013), entendemos que essa se consolida no ponto de convergência das histórias desses três indivíduos, que é a forma como chegaram até as categorias de base de um clube e como suas trajetórias se encaminharam sem maiores dificuldades para que isso ocorresse. Converte a favor também o fato de que o início de ambos aconteceu em escolinhas enquanto

ainda eram crianças e que demonstraram um interesse inicial, mas sem maiores responsabilidades.

As trajetórias iniciais desses três têm mais algumas questões em comum. No que diz respeito a nossa compreensão de que tem suas particularidades, entendemos também que são dotadas de uma representação social que pode ser percebida por essa caracterização da narrativa através de uma trajetória simples, do menino que jogava futebol pelo sentimento de prazer que a prática proporcionava e que naturalmente se encaminhou para o meio competitivo devido a essa identificação com a modalidade na infância.

Essa concordância das subjetividades pode ser pensada pelo conceito de memória social de Smith (2012) que nos ajuda a entender essa ideia generalizada do que é uma trajetória inicial no futebol, permeada pelo sentimento de praticar a modalidade sem aparentemente intencionar algo a mais, mas que acontece devido à expressão do talento e da capacidade de se diferenciar dos demais em nível competitivo e que através do incentivo de familiares e treinadores acabam se encaminhando para o profissionalismo.

Essa é a representação que as histórias promovem e que dizem respeito à ideia impregnada pelo senso comum e por parte da imprensa de que existe uma forma brasileira de jogar futebol. E mesmo compreendendo que a prática massiva desse esporte é parte de uma educação cultural que nos foi impetrada, não é somente isso que enquadra esses sujeitos no esporte de alto rendimento.

No caso do jogador 5, sua história está permeada por essa ideia do menino que começa cedo e que não tem maiores responsabilidades com a prática, mas que toma o desejo de se tornar um atleta profissional e se vê capacitado a chegar nesse nível. Sua trajetória difere de muitos roteiros brasileiros, já que foi encaminhado precocemente às categorias de base do Coritiba, e lá permaneceu até sair para o Atlético-PR e se profissionalizar, demonstrando potencial desde a categoria pré-infantil e não passando maiores dificuldades para se encaminhar nesse meio.

O próprio atleta notabiliza sua trajetória demonstrando um sentimento de naturalidade, que permeia a compreensão do processo pelo qual passou. Nesse sentido, ele se enquadra como uma exceção à regra, pois não é comum atletas jovens ganharem destaque midiático antes de alcançarem a categoria profissional. Porém, se aproxima das outras duas histórias pois se notabilizaram por uma trajetória linear

e que não demandou problemas consideráveis e passíveis de serem expostos nas narrativas acerca de suas inserções nas categorias de base.

O jogador 2 teve trajetória semelhante, já que após iniciar sua trajetória no futsal da AABB, encaminhou-se precocemente às categorias de base do Paraná Clube, não indicando qualquer dificuldade inerente a essa inserção inicial no futebol de alto rendimento. As singularidades de sua história dizem respeito a como reinterpreta suas memórias de quando era criança, compreendendo que desde sua entrada nesse meio esportivo competitivo com 9 anos de idade, já objetivava fazer carreira profissional.

Nesse sentido, o jogador 2 aborda sua história de forma a reviver sua trajetória no presente, momento em que busca dar continuidade a esse percurso futebolístico profissional em outra função, tanto que ao encerrar a carreira, iniciou os estudos no curso de Educação Física.

O tempo na visão de Delgado (2003; 2010) apresenta representações do passado, conjecturas sobre o presente e perspectivas para o futuro. É assim, um processo dinâmico que permeia a história humana em suas rupturas, continuidades e descontinuidades. Portanto, nos ajuda a compreender a carreira atlética a partir de suas experiências passadas, a reinterpretação dessas no momento da entrevista e a tentativa de se localizar nesse espaço posteriormente em uma nova função.

Esse processo de compreensão do tempo nos leva a entender a lógica da carreira do jogador 2, que teve que abandonar o futebol profissional por uma lesão no joelho, mas que demonstra em sua história o sentimento de satisfação, significando as experiências que viveu de forma a objetivar sua continuidade na modalidade, em uma ruptura da trajetória atlética para um recomeço do percurso enquanto técnico, como percebemos implicitamente em sua narrativa.

Nesse sentido, passado e presente proporcionam indícios através da subjetividade do indivíduo, que nos ajudam a compreender, tanto a inserção do sujeito no meio futebolístico, como sua retirada desse quadro e a eminente entrada no ostracismo, quanto ao seu objetivo de adentrar novamente nessa realidade e dar continuidade à trajetória em uma nova perspectiva. Portanto, o estudo da oralidade promove essa interação entre os fatos e o tempo presente, bem como possibilita compreendermos a história na relação dos acontecimentos com a localização do sujeito no espaço no momento de sua narrativa.

O discurso do jogador 4 retrata esse processo de interação com as outras duas histórias, já que não teve grandes dificuldades para entrar no meio futebolístico, necessitando de apenas um teste para isso. Sua narrativa então demonstra a naturalidade com que as coisas aconteceram e suas reações bem humoradas no momento em que relembra esses acontecimentos denotam a tranquilidade com que sua trajetória se iniciou no futebol e como, conseqüentemente, ele compreende sua transição para o profissional, até o momento atual de seu percurso.

Assim como os demais, ao não alongar tanto a narrativa a respeito de sua inserção na modalidade, reforça a ideia de que as dificuldades para ingressar nesse meio foram insignificantes, o que demonstra que a representatividade das experiências para o narrador são determinadas pelo nível de importância que eles atrelam às suas memórias e conseqüentemente, a sua capacidade de lembrar as memórias mais marcantes (THOMPSON, 1992).

O colaborador se aproxima dos outros dois atletas ao contemplar sua iniciação na infância, jogando futebol no bairro em que morava e na escola em que estudava. Perspectivando também a discussão da inserção massiva no futebol e a alta concorrência por uma carreira popular e representativa devido à transmissão cultural pela família e pelos sujeitos próximos ao atleta, aliado ao desejo de uma trajetória promissora socialmente e financeiramente. Em outra concepção, nossos colaboradores afirmaram:

Na verdade meu pai era professor de Educação Física, era não, ele é ainda, e apaixonado pelo futebol, ele tinha uma escolinha, então por isso eu comecei tão cedo, com 7 anos já treinava com ele. Na verdade tinha uma escolinha que treinava 3 vezes por semana, e eu e meu irmão que é 3 anos mais velho, treinávamos 3 vezes por semana lá e nos outros dois dias ele fazia um trabalho a parte. Então desde cedo ele tinha a escolinha dele e uma coisa que foi bem assim, de tão apaixonado que ele era pelo futebol, é até engraçado, que hoje eu tiro sarro dele, que quando eu tinha meus 9 anos e meu irmão tinha uns 12, ele veio com uma pergunta para nós assim, explicando que o futebol era difícil, que o futebol era cheio de caminhos complicados, mas se a gente realmente queria aquilo, com 9 anos, parecia que ia tomar uma decisão para a vida já. "E aí porque se vocês quiserem, eu vou apoiar vocês em tudo". E daí lógico, a gente criança já disse que sim, imagina (JOGADOR 3, 2016).

A narrativa despreocupada demonstra o sentimento de alegria pelas experiências vividas no futebol e são compreendidas também pelo fato de que entende que o tempo, como propõe Delgado (2003), representa rupturas em uma trajetória, e que seu entendimento trata de posicionar o sujeito no momento em que

narra sua história, consequentemente permeando sua formação narrativa e os sentimentos que demonstra no momento em que discursa. É com nostalgia que as memórias são revisitadas pelo jogador 3, no sentido de explicar seu início precoce no futebol, atrelando a esse fato a influência do pai durante a infância e a consequente iniciação em escolinhas que proporcionassem uma oportunidade profissional futuramente.

A história se aproxima das demais até aqui apresentadas ao retratar a ideia de que iniciou sua trajetória no esporte ainda na infância, mas difere quando enfatiza que a influência do pai determinou uma iniciação precoce no futebol de alto rendimento, tanto que além de treinar em escolinha, realizavam trabalhos específicos nos dias livres, que na ótica do pai, serviam para prepará-los e inseri-los nesse meio profissional competitivo.

Seu estado de ânimo e suas reações no momento da narrativa indicam um sentimento de despreocupação com as implicações que a evocação dessas memórias poderia proporcionar, já que era o único colaborador da pesquisa que não atuava em qualquer função esportiva na época da entrevista, além de compreender satisfatoriamente sua retirada desse espaço, sem ressentimento quanto ao encerramento de sua trajetória na modalidade, constituindo atualmente carreira em outra área profissional.

Esse contexto que o estudo com a oralidade promove, trata de esclarecer os aspectos convergentes e divergentes entre as narrativas e denotam as aproximações que vão determinar a constituição e a dinâmica da estrutura, mas que são abordadas com profundidade quando compreendemos as especificidades oriundas da subjetividade de cada indivíduo e das particularidades que cada história trata. Portanto, cada memória apresentada é dotada de sentidos e significados que constituem preocupações individuais, mas que são influenciadas socialmente pelos grupos em que circulam (SMITH, 2012; BOSI, 2003).

Nesse sentido, compreendemos quando Delgado (2003) se refere à relação entre memória, história, tempo e espaço na reconstrução das experiências vividas. Muito embora as narrativas apresentem aproximações que denotam características e problemas de uma determinada coletividade, como perceberemos ao longo dessa tese, são esses aspectos citados pelo autor que diferenciam e especificam os acontecimentos que estamos analisando através das fontes orais.

As características da subjetividade de cada indivíduo e de cada história representam a riqueza que Portelli (2016) atribui ao estudo da memória por meio das oralidades e que distingue essa fonte das demais, bem como contempla hipóteses que não conduzem à história verídica, mas a versão da história vivida que colabora com o estudo em questão e que determina sua formação narrativa, através das memórias que consegue evocar, do tempo em que passou por essas experiências, o tempo no qual se insere atualmente, e do espaço em que se localiza no momento da entrevista.

São esses aspectos que tornam a narrativa cômica, já que ele vive uma realidade diferente atualmente como cabeleireiro e não apresenta ressentimento quanto as suas experiências no futebol. Logo, ele não culpa o pai por querer realizar o próprio sonho na figura dos filhos, mas compreende essa situação de forma que relembra a passagem com nostalgia, denotando que atualmente brinca a respeito dessa tentativa de inserir precocemente o desejo nele e em seu irmão de adentrarem o meio futebolístico competitivo. Nesse sentido, o jogador 1 afirmou:

Então, na verdade, como meu pai já jogou antigamente no Ferroviário, ele gostava muito de me levar para o campo, jogava nos campos amadores lá de Pato Branco, veteranos, ele sempre me levava para o campo, só que eu na verdade não gostava muito logo no início [...]. Por volta dos dez anos eu comecei a atuar no Grêmio lá de Pato Branco, que é um time de futsal e de goleiro, mas de goleiro largado, reserva, sabe, ia para os jogos, vários jogos, desde os dez, onze anos já começava a participar de competições, campeonato brasileiro de Foz de Iguaçu, já viajei com onze para doze anos, paranaense de futsal, mas como goleiro. Aí surgiu a oportunidade ali por volta dos onze anos, de um jogo do time A, como eu jogava para o time B, sempre tinha uma equipe reserva da cidade ali do Grêmio Futsal, e eu no segundo tempo entrei na linha na nossa equipe que era a B, consegui vencer a equipe A, daí eu abandonei, não queria mais jogar no gol e comecei a jogar na linha, mas meio tarde em relação aos meninos da minha idade e que tinham mais talento, mais técnica, por isso que eu ia para o gol, porque não tinha tanta habilidade e aí comecei, através do técnico Joel lá de Pato Branco a trabalhar mais de pivô no futsal e uma característica assim [...] aí pintou de jogar o futebol de campo e no futebol de campo eu me dava muito bem no físico, fisicamente eu rendia muito mais (JOGADOR 1, 2016).

Como afirmamos anteriormente, as memórias evidenciam, com a ideia de Halbwachs (2013), a memória coletiva, na qual a reincidência das semelhanças nas histórias retratam um perfil sociocultural de como esses indivíduos se inserem no futebol e como superam a concorrência em uma profissão de alta procura. O estereótipo do menino que inicia a carreira por meio das escolinhas ainda na infância e que constrói o desejo de se tornar atleta profissional através do prazer pela prática,

se repete em quase todos os discursos e denotam como historicamente essas carreiras iniciam e como esses sujeitos anônimos se identificam como vencedores por alcançar a profissionalização que muitos tentam, mas nem todos conseguem.

Muito embora a trajetória do jogador 1 tenha se iniciado sem muita perspectiva e sem a mesma motivação dos demais, percebemos como o início da carreira é prematuro no futebol, atuando primeiramente no futsal e passando para o futebol de campo, contando com o incentivo de familiares e indivíduos próximos, além de professores de Educação Física que apreciam a prática esportiva na escola, até por se tratarem de profissionais de uma época em que o esporte ainda era supervalorizado na educação formal e às vezes até mesmo utilizado como único conteúdo das aulas.

Percebemos então como a identidade cultural que se formou na sociedade brasileira contempla a ideia de que os meninos se apropriam do futebol em diferentes espaços e que somente após serem vistos em um contexto de menor responsabilidade competitiva é que são levados para instituições especializadas na formação profissional de atletas e na inerente orientação e aperfeiçoamento visando o alto rendimento.

Nesse sentido, Delgado (2003) afirma que a temporalidade aborda a dinâmica do que é específico, mas também compreende as vivências individuais como parte de uma multiplicidade de experiências que se entrecruzam no tempo conferindo singularidade, pluralidade, e de certa forma, homogeneidade, já que os discursos se caracterizam pelas aproximações e distanciamentos no retrato da realidade temática pesquisada. Dessa forma, nossos colaboradores relatam:

[...] daí de eu e mais 2 ficou só 2 mesmo, não chegou a ficar os 3 no Coxa. Ai eu fiquei por uns 2 meses, ali era bem complicado pelo seguinte, tinha muita influência de um rapaz que era do jornal, que daí ele tinha um filho que jogava também e ele sempre publicava matéria sobre a categoria de base do Coxa no jornal dele e tal e aí sempre tinha uma influência ou outra de fora. [...] nisso teve uma hora que eu cobrei o lateral para um meia, ele estava sozinho e pegou e deu um chutão para frente e caiu no pé do treinador e o treinador já fez o contra-ataque e eu falei: “pra que isso? Mas pra que isso?” para o jogador do meu time que “estourou” sozinho, podia ter dominado, saído jogando e o técnico achou que era para ele, daí ele parou o treino na hora, imagina, eu tinha 10 para 11 anos de idade, nem ia falar uma coisa dessas para um treinador. Aí ele parou o treino na hora e falou um monte de coisa, me deu um monte de dura e me mandou para fora do treino. Aí passei no teste do Paraná, fiquei uma semana lá e passei no teste, aí eu pedi dispensa no Coxa, eles deram, fui para o Paraná. Aí no Paraná eu fiquei 3 anos, ali foi bacana, fiquei 3 anos, inclusive a gente jogou contra o Coxa, a gente ganhou do Coxa, uma vitória de 3x0, foi massa, eu estava de capitão já, estava



jogando de volante na época, me recuaram um pouquinho, comecei a jogar de volante (JOGADOR 3, 2016).

[...] daí uma vez o Londrina, tinha doze anos, só que fiquei cinco minutos, joguei, não peguei na bola e assim, dava aqueles duzentos piás na peneira e aí [...] até que pintou a oportunidade de fazer teste no Atlético-PR, o Xavá, o técnico lá de Pato Branco fez uma carta de recomendação e aí cheguei no Atlético-PR, treinava lá em São José, acho que era, aí eu cheguei só que muito mais forte. [...] fui mais ou menos, daí a hora que teve que fazer um coletivo principal, ia ser na antiga baixada, choveu e não deu pra fazer, simplesmente dispensou e aí [...] o meu pai: “não, vamos insistir, vamos insistir ali, eu conheço alguém que pode, você vai tentar pelo menos no Paraná”. E aí ele conhecia um cara que jogou com ele no Ferroviário e me levou no Paraná Clube, daí eu cheguei no Paraná Clube, no infantil do Paraná Clube, aí fiz o teste no Paraná, fiquei umas duas semanas de teste e aí o Paraná falou assim: “não, você pode ficar, a gente gostou de você, só que não pode alojar” (JOGADOR 1, 2016).

Ambas as histórias convergem na questão da iniciação no futebol de alto rendimento de forma diferente dos outros três colaboradores apontados no início desse capítulo. Para esses dois indivíduos a entrada em equipes de base foi conturbada, passando por peneiras e oportunidades diversas até alcançarem a profissionalização. Percebemos isso devido à proporção que o assunto tomou nas referidas narrativas em relação às outras, sendo permeadas pelo vai e vem de quem pretende se inserir nesse meio, mas passa por dificuldades devido ao excesso de pés de obra no futebol (DAMO, 2005).

Portanto, compreendemos que as memórias que nos são passadas tratam-se daquelas mais significativas (PORTELLI, 2010a). Para alguns é mais relevante dar ênfase as celeumas percorridas ao longo da carreira nos clubes pelos quais jogaram, já que a entrada no nível competitivo não se constituiu um problema. Enquanto que para outros é preciso evidenciar as dificuldades para adentrar nesse meio e só após identificarem isso na narrativa, conseguiram dar sentido para o restante da história que nos contam.

Percebemos então, a partir da perspectiva de Smith (2012), que as narrativas que nos são contadas tratam da exposição de problemas que precisam ser compreendidos para que a história faça sentido. Por isso as lembranças positivas e negativas são as retratadas durante a entrevista, já que marcam o início na busca por um objetivo, que sofre uma ruptura pelas dificuldades encontradas, mas que chega ao fim com a solução encontrada, mesmo que essa não satisfaça o narrador.

Na história do jogador 3, percebemos a descrição minuciosa dos acontecimentos, na qual ele relata com detalhes a concorrida peneira pela qual

inseriu-se nas categorias de base do Coritiba, conquistando a vaga de titular na equipe. Logo após acontece a primeira ruptura em sua história ao relatar as constantes mudanças de posições, o que ele atribui ao fato de possíveis benefícios concedidos a atletas interligados a agentes representativos politicamente dentro do clube. A situação piora quando um mal-entendido com o treinador acontece durante o treino e ele acaba sendo preterido, passando a integrar a equipe de suplentes. A história então sofre uma nova reviravolta, já que ele deixa o Coritiba e passa em um teste nas categorias de base do Paraná Clube, tornando-se capitão do time, encerrando a narrativa ao enfatizar o êxito contra o ex-clube, identificando seu discurso a partir de um enredo da vitória.

A estrutura da narrativa do jogador 1 é semelhante, já que ele relata estar se destacando no futebol de campo de maneira a iniciar em peneiras visando a entrada em algum clube com vista a profissionalização. A primeira ruptura de sua história passa pela frustração de dois testes em que não teve êxito, um no Londrina e outro no Atlético-PR, o que ele atribui ao fato de ter tido pouca oportunidade na primeira tentativa e por sequer terem possibilitado a realização do jogo-treino no último dia de teste no clube de Curitiba. A nova ruptura, e consequente reviravolta, inicia-se no seu período de testes no Paraná Clube, no qual é aprovado e alcança o objetivo inicial de adentrar o meio futebolístico em busca da profissionalização.

Com base em Delgado (2003), entendemos que as duas narrativas retratam a história a partir de temporalidades e espaços diferentes, mesmo que tenham adentrado a mesma instituição, no caso, o Paraná Clube, a diferença de idade e a época em que ingressaram nas categorias de base são distintas, promovendo as singularidades que cada discurso pode proporcionar de acordo com a subjetividade de cada indivíduo. Porém, ambos os discursos vão de encontro à ideia de Bruner (2014) a respeito da formação narrativa, em que a sequência dos fatos, os detalhes, a ironia e a tragédia determinam como o indivíduo apresenta a história em uma sequência de rupturas que dão sentido ao que estão falando.

Além do que, o sentimentalismo implícito em cada narrativa demonstra como esse período foi representativo na história desses indivíduos no futebol. No caso do jogador 3, suas lembranças demonstram certa nostalgia com o fato de compreender que sua história é vencedora perante as dos demais, que não conseguiram alcançar o objetivo de inserção nas categorias de base de clubes como o Coritiba F.C. e o

Paraná C., enfatizando sua posição de referência nessas duas instituições pelas quais passou.

No caso do jogador 1, o sentimento também é de nostalgia, mas com ênfase na superação dos obstáculos que apareceram ao ser dispensado nas duas primeiras tentativas no Londrina e no Atlético-PR, respectivamente. Logo, adentrar o Paraná Clube, para o atleta se tratou da perseverança, da vontade e da motivação em vencer em uma modalidade representativa e concorrida, e é assim que ele identifica sua trajetória, já que deixa claro que não era tão qualificado tecnicamente, mas que superava os demais pela preparação física e pela dedicação em aperfeiçoá-la frequentemente para se encaixar nessa realidade.

#### **4.2 Os problemas na formação de atletas nas categorias de base**

Entendemos que a estrutura da formação de atletas nas categorias de base do futebol brasileiro expõe um modelo competitivo que evidencia as falhas no desenvolvimento desses sujeitos que se submetem a excessivas cargas de treinamento ao longo da infância e adolescência (DAMO, 2005). A preferência por atletas maturados precocemente, mostra que desde as categorias inferiores o trabalho apresenta equívocos no que concerne à preservação da saúde dos esportistas e isso é um problema grave se levarmos em consideração que a maioria desses sujeitos nem sequer chega à categoria profissional e acabam sofrendo consequências desse preparo inadequado. Observamos o trecho a seguir:

Aqui na verdade no Brasil, eles não pensam na formação do atleta, inclusive você vê, pega um jogador na categoria de base, eles querem ver se vai chegar no profissional, chega um momento que eles não veem esse objetivo, ou não vê essa intenção do atleta ou até deles nesse atleta, eles já pegam e afastam e não estão nem aí mais para o atleta, esquece primeiro do profissional, caráter, que é um humano normal, que precisa de um tempo para uma formação, um treinamento correto, para depois lá na frente pensar na vitória. Uma coisa que eu acho errado é que desde o começo, primeiro esquece dos estudos, aqui um menino de categoria de base até hoje a exigência já está maior, mas mesmo assim ele está longe, esquece dos estudos, esquece tudo pra poder jogar no profissional e o clube ainda não obriga, deixa ele, só que a partir do momento que chega com 19, 20 anos vê que não vai jogar no profissional, dispensa, daí aquele moleque perdeu 10 anos da vida dele, se não tiver uma sorte pra fazer essa transição do júnior para o profissional e acertar num clube, vai ficar desempregado, não estudou e depois vai ter que iniciar a vida tudo de novo e o futebol hoje em dia, você chega na formação tem 30, 40, 50 meninos, eles sabem que vai chegar um ou dois e continuam só vendo o resultado, esquecem do atleta mesmo em geral (JOGADOR 2, 2016).

As memórias do jogador 2 evidenciam sua experiência vivida no início dos anos 2000, quando era atleta do Paraná Clube, porém, suas observações dizem respeito ao desfecho de sua carreira e sua atual formação enquanto estudante de Educação Física, logo, o ex-atleta fala com o conhecimento de causa de alguém que sofreu com a má formação das categorias de base, além de ter o conteúdo enquanto profissional da área para embasar sua crítica, ou seja, sua memória resgata os fatos passados, porém os reinterpreta com suas ideias no presente (BOSI, 2003; PORTELLI, 2010a).

Percebemos então, que a formação atlética no Brasil é embasada na política de resultados e não no desenvolvimento adequado das capacidades coordenativas de acordo com a maturação e seu referido período de aquisição e progressão de habilidades e cargas. O anseio pela formação que venha suprir a lógica interna e externa de “pés-de-obra” (DAMO, 2005) acarreta em uma série de problemas estruturais e subjetivos que nos fazem pensar os fundamentos para uma base formativa inadequada.

No caso estrutural, é notório que o investimento financeiro despendido para a formação dos sujeitos entra em contradição com a necessidade imediatista de retorno. Sabendo que os atletas irão demorar alguns anos para terem em vista – ou não – seu aproveitamento na categoria profissional, os responsáveis balizam o trabalho pela lógica da aquisição de resultados desde as competições de base. Empregam o mesmo princípio de rendimento imputado aos atletas profissionais, porém, esquecem que os indivíduos em formação ainda não têm condições físicas, técnicas, táticas e psicológicas para adquirir o padrão de cobrança semelhante aos esportistas já formados na modalidade.

A partir de Patai (2010), notamos como a narrativa se torna representativa para o jogador 2, demonstrando como compreende o “Eu” através das experiências passadas e de sua posição espacial no presente. Entendendo que as instituições negligenciam o lado humano do esportista, não o preparando para a vida, já que sua referência de observação é apenas reaver o investimento financeiro realizado, pois o clube necessita de fontes de renda para se manter em funcionamento. No caso vivido e exposto, a falta de um projeto que pense no indivíduo como um todo e a impossibilidade de, por vezes, dar prosseguimento na carreira, inviabiliza outras

perspectivas a esses sujeitos, já que dedicaram parte considerável de seu tempo ao futebol, abdicando e não tendo incentivo para realizar sua formação acadêmica em paralelo à prática futebolística.

Compreendemos que esse contexto acerca da estrutura não diz respeito a uma realidade única e definida, mas como propõe Portelli (1996) a subjetividade expõe conjunturas sociais, como no caso do problema na formação dos jovens em parte das instituições que o consideram enquanto um “produto” mercantilizado (DAMO, 2005), esquecendo das necessidades do ser humano que dará continuidade a outros projetos após o encerramento de sua trajetória esportiva.

Bruner (2014) revela que as memórias são dependentes do que fomos no passado e do que somos atualmente. Ressaltamos, portanto, que a realidade exposta diz respeito ao contexto vivido por esse ex-atleta em meados dos anos 2000 e que sua memória preconiza a forma como percebe os fatos que presenciou durante os anos de sua formação, acreditando que sua história, em partes, tomou um rumo diferente daqueles que não conseguiram alcançar o profissionalismo.

Como afirmamos anteriormente, a subjetividade do jogador 2 propõe que sua visão crítica advém da relação entre sua experiência enquanto atleta e sua percepção do campo esportivo enquanto futuro profissional de educação física, já que consegue tensionar algumas ideias referentes a essa temática da formação. Nesse sentido, sua memória é influenciada pela subjetividade, já que não levou em paralelo a vida atlética e acadêmica, sendo que atualmente, se considera atrasado no que concerne à formação profissional escolhida após encerrar sua carreira. Em contrapartida, o mesmo colaborador reconhece as dificuldades passadas pelos clubes em relação a essa celeuma nas categorias de base:

Hoje eu vejo que para manter, dar condições para, não adequadas, mas para você manter um clube, tem muitas despesas, então vejo também as dificuldades dos clubes, que é manter. Você vê, a maioria não, alguns clubes até estão deixando de lado as categorias de base, porque não estão vendo o rendimento, porque você vai lá, vai ter que dar alimentação durante 10 anos para um atleta no alojamento que de repente nem vai te render, então muitas vezes eles já estão até terceirizando para empresários, terceirizando para outros clubes que só mexem com categorias de base. Esse é um meio no qual a dificuldade financeira que a gente está passando obriga, o Paraná Clube quantas vezes a gente ouve que já terceirizou a categoria de base, que já por alimentação, ou até por um atleta que está jogando no profissional, por porcentagem de passe, dos direitos federativos, mas a tendência é essa, porque um clube ficar mantendo o atleta até chegar no profissional para ter um rendimento são muitos anos, conta aí 10 anos, se ele entrar nos 10 e jogar no 20, com 20 anos vai 10 anos mantendo o atleta (JOGADOR 2, 2016).

Daí vem além da lei, da mudança da lei em favorecer o atleta, eu acho que também para manter uma categoria de base durante 10 anos, 20 atletas, 30 atletas, muitas vezes até 40 atletas, 50 atletas, mais os profissionais que estão envolvidos, é muito dinheiro, então tudo atrapalhou para o clube, que além de eles terem as despesas, ainda eles ficam com um pé atrás e aquele atleta de repente, já vai perder o atleta, ou já vai ser vendido, porque ainda tem os 6 meses, porque antes de 6 meses para acabar o seu contrato você já pode assinar com outro clube, então tudo piora e o clube fica com as mãos atadas, dependendo somente da decisão que o atleta vai ter naquele momento (JOGADOR 2, 2016).

Notamos como a complexidade de tais relações expõe a fragilidade na estrutura de base do futebol brasileiro, já que a falta de organização dos clubes, implica em problemas financeiros que afetam diretamente a formação de atletas (DAMO, 2005). A partir de Portelli (1996) e Smith (2012) percebemos que a subjetividade implícita na experiência de nosso colaborador, reflete a sua interpretação atual desse problema, já que consegue identificar alguns pontos das adversidades enfrentadas pelas instituições que gerenciam esse esporte.

Nesse sentido, reiteramos a discussão da mudança da lei como um dos tópicos relevantes para retratarmos o imbróglio da falta de investimentos na base. Com a entrada em vigor da Lei Pelé, o poder dos clubes sobre os atletas diminuiu, de forma que a negociação dos contratos profissionais passa a determinar o período de tempo que o sujeito fica vinculado à instituição, estando livre para negociar com outra agremiação quando encerrado o vínculo e diminuindo as possibilidades de rendimentos para os clubes através dos direitos econômicos, conforme o contrato chega perto do fim (SOARES, MELO, DA COSTA, BARTHOLO, BENTO, 2011).

A partir disso, todo o investimento feito na formação desses atletas não garante retorno financeiro aos clubes, primeiro porque esses não detém o poder de outrora sobre os sujeitos, e segundo porque necessitam constantemente estar em negociação para manter os esportistas no clube. Para isso, algumas vezes cedem porcentagens que teriam nos direitos econômicos de determinados atletas, que usam desse fator para negociarem sua permanência e, conseqüentemente - com a aquisição de uma fração dos direitos econômicos - recebem parte da verba em um futuro negócio, deixando as instituições formadoras com o poder de negociação prejudicado e com ganhos insuficientes, que talvez, justifiquem em partes esse contexto de menores investimentos nas categorias de base (CAVALCANTI, CAPRARO, 2015).

Além disso, o alto investimento não corresponde somente à parcela desses atletas que futuramente chegarão ao profissional e implicarão nessa problemática da negociação dos direitos econômicos. Existem aqueles que acabam passando anos de formação, rendendo gastos à instituição e não chegam sequer a profissionalizar, o que resulta em um investimento sem retorno. Nesse sentido, alguns clubes, como no caso do citado Paraná, preferem terceirizar as categorias de base, abdicando de futuros ganhos na negociação de atletas, porém, economizando nas despesas com o processo de desenvolvimento atlético. Nessa celeuma referente à formação, nossos colaboradores abordam outra questão:

Lá no Cruzeiro tinha a casa do juvenil, a casa dos juniores, e o remendado do infantil. Era só um segurança que ficava 24h. [...] só que assim, eu mesmo, as vezes não dormia em casa, era aberto, você faz o que você quiser, só que você presta conta. Quem tem moral, é aquela coisa [...] o cara vai passar a mão na sua cabeça [...] e não vai punir o cara, então a galera, imagine. E alguns com salário bom já, pra juniores, dezesseis, dezessete anos já ganhando bem, imagine (JOGADOR 1, 2016).

[...] uma coisa que está errada também, muitas vezes um jogador de categoria de base já ganha bem, primeira coisa que eles fazem é comprar um carro, nem tem carteira, então acho que falta uma estrutura, não só da família, que muitas vezes nem está tão presente, que a gente vê aqui no Paraná, Atlético, Coritiba, Paraná Clube, já tem jogadores com 13, 14, 15 anos morando nos alojamentos, sem uma estrutura psicológica para eles. Então do que eles vivem? Praticamente só do futebol, então o primeiro dinheiro que eles ganham é comprar o celular, é comprar um carro depois que ganha um pouco mais, é comprar cordão de ouro e isso daí fica a culpa da comissão, dos dirigentes que deveriam fazer palestras, deviam não somente falar com o jogador que deu problema [...] é muito difícil isso, você vê, se perguntar para 10, todo mundo acha: “eu vou jogar futebol e vou ficar rico”, é o que eles falam e esquecem do treinamento (JOGADOR 2, 2016).

A semelhança nos discursos em relação à conduta inconsequente dos atletas, perspectivam tempos e espaços diferentes quanto as especificidades de cada discurso, porém, apresentam um compartilhamento social que diz respeito à ideia de Halbwachs (2013) quanto a memória coletiva, já que, apesar das experiências terem sido retratadas em contextos distintos, se assemelham pelo padrão de comportamento estabelecido entre os sujeitos de um mesmo grupo, nesse caso, a comunidade dos jogadores de futebol.

Em outro sentido, podemos pensar também no conceito de memória popular de Smith (2012), no qual, pressupõe-se uma linguagem semelhante em que os acontecimentos retratam desfechos coletivos e no qual a cultura de uma determinada

comunidade cria estereótipos de uma conduta profissional a ser seguida. Nesse caso, que os desvios desse padrão de comportamento poderiam explicar os fracassos de alguns atletas nas categorias de base de clubes renomados.

Nesse sentido, o discurso dos colaboradores denota através de suas vivências, o quão relevante é uma preparação adequada para esportistas em desenvolvimento e como a estrutura e o contexto no qual esse sujeito vai estar inserido são decisivos na determinação do sucesso na formação de jovens atletas. Na questão estrutural, não basta dar condições materiais para que desenvolvam seu potencial, tem que haver uma base psicológica e social, a fim de prepará-los para a vida adulta, e não somente para o esporte.

O apoio psicológico é relevante no sentido de proporcionar condições para um controle adequado do emocional desses atletas, já que alguns saem de casa precocemente para tentar a vida esportiva. Longe da família e sem uma estrutura mínima que lhes auxilie na construção de suas carreiras, podem perder a oportunidade de conquistar esse objetivo, além de encerrar a trajetória esportiva sem outra perspectiva profissional.

Percebemos assim como a formação precisa ser tratada com cuidado por parte dos profissionais que nela trabalham. Os atletas em fase de desenvolvimento que começam a se destacar precisam ser auxiliados a reconhecer o contexto em que estão inseridos e como ainda precisam se dedicar para alcançar seus objetivos. O reconhecimento financeiro na juventude, os faz pensar e agir de forma inconsequente, já que lhes falta experiência para administrar essa transformação repentina de vida. Algumas atitudes então são compreensivas, e nesse caso, como afirmou o jogador 2, a responsabilidade pelos rumos tomados na carreira de determinados jovens é da instituição, que na ausência da família, carecem de programas estruturados que promovam um ambiente saudável para o pleno desenvolvimento desses sujeitos em formação

A partir de Bruner (2014) compreendemos que a reinterpretação da realidade apresentada na exposição das memórias de nossos colaboradores, novamente remetem a sua capacidade de repensar tais questões com a carga de experiência vivida entre o momento de sua formação futebolística até a presente entrevista. Nesse sentido, notamos como tais experiências nos ajudam a entender a problemática da formação, tanto pela ideia da estrutura presenciada nos anos em que atuaram nas



categorias de desenvolvimento, quanto atualmente na subjetividade de suas narrativas. Continuando acerca da temática:

É que na época assim, ele tem uma estrutura boa com certeza, mas não é que tem muita atenção em cada atleta individualmente, são muitos atletas, então só aqueles casos especiais realmente: “ah esse está dando problema, precisamos”. Eu porque tenho uma formação boa em casa, pai e mãe: “sempre tem que continuar estudando”. O Cruzeiro tinha uma parceria com um cursinho vestibular, se quisesse você tinha cursinho de graça, mas a maioria que tinha, fazia que ia pra escola, o outro fazia que estava indo, e daí até começou a ter um acompanhamento pedagógico dentro lá, só que tinha e não tinha. Era meio que cada um por si, porque quando você é juvenil, juniores, você é adulto quase, você se vira nos trinta (JOGADOR 1, 2016).

No Paraná já, no juvenil eu treinava praticamente de manhã ou de tarde, os dois períodos, até porque eu já fazia parte do elenco juvenil e já jogava alguns jogos pelo júnior, já ia para o banco, então era praticamente a semana toda no caso treinava dois períodos e no final de semana tinha jogo, então era bem corrido, era cansativo e eu conseguia estudar a noite [...] mas a gente aguentava até porque o pai obrigava, porque se fosse só por mim, eu já tinha abandonado, certeza. Mas agradeço hoje também meus pais por estar sempre ali em cima: “não, vai estudar, vai estudar, porque o futebol pode acontecer coisas que você pode acabar a carreira muito cedo” e isso ele sempre me falou, então o ensino médio eu consegui concluir. Que era cansativo e muitas vezes a gente chegava na escola, um ou outro professor ajudava porque já sabia, a gente conversava ou até mesmo o clube conversava com o diretor, com os professores, que era muito puxado manter e eles sempre davam uma ajuda [...] (JOGADOR 2, 2016).

Nesse sentido, notamos nos dois primeiros casos citados, como o contexto da formação humana teve a influência da família, reiterando nosso discurso de anteriormente, de que o atleta em desenvolvimento não tem condições psicológicas de tomar as decisões referentes a sua vida. Nesse caso, se os pais não tivessem insistido na continuidade dos estudos, ambos poderiam não haver concluído o ensino médio e conseqüentemente, não teriam posteriormente ingressado no ensino superior.

Além disso, a partir de Thompson (1992) consideramos que as histórias são reveladas partindo do contexto de cada sujeito no presente, que expõe seu passado pensando as conjunturas dos fatos a partir de sua inserção atual na sociedade em que vivem e na sua colocação dentro da comunidade a qual discutem. Nesse ponto, os dois primeiros colaboradores que discursam fora da estrutura, por já terem encerrado a carreira, identificam a relevância de terem dado continuidade aos estudos e conseguirem se enquadrar na sociedade após sua trajetória esportiva. Essas duas

histórias poderiam ser apresentadas de forma diferente caso esses sujeitos ainda estivessem inseridos no futebol profissional.

Além disso, identificamos que, nas memórias do jogador 2 a única intervenção do clube era no sentido de tentar facilitar a vida dos atletas perante à direção e os professores da escola, já que a carga de treinamento diário impedia uma dedicação razoável a vida acadêmica. No entanto, como o próprio atleta notabiliza, estudar ou não, ficava a cargo dele e de sua família, o que nos leva a refletir acerca das responsabilidades dos clubes formadores, já que a partir dos casos aqui apresentados, compartilham da ideia de que existe uma lacuna na falta de intervenção das instituições quanto ao processo de formação humana desses indivíduos.

Assim, sem o apoio, uma base muito forte, é bem difícil depois. Uma base escolar para você continuar estudando, o pensamento de se formar e depois ir pra faculdade. Eu via que a maioria que jogava comigo e morava na casa, a vida era 100% futebol, não tinha plano B. Sempre com esse pensamento, pensei em fazer educação física, então já estava certo, mesmo que parasse agora ou antes, eu ia fazer. Já a grande maioria não, nem tinham feito o ensino médio. Ou então faziam a escola à noite, treinavam de manhã e de tarde e apareciam na escola, só pra aparecer, não que estudavam realmente, eram poucos, sempre tem um ou outro também (JOGADOR 1, 2016).

Percebemos que o sujeito estava preparado para a possibilidade de não se profissionalizar, se constituindo como uma exceção dentre os colegas, bem como, demonstrando maturidade para entender que o esporte profissional não disponibiliza espaço para todos, cabendo a si preparar-se para a vida posterior à prática futebolística.

Nesse sentido, apesar da maioria dos exemplos serem negativos nessa relação entre desenvolvimento escolar versus desempenho esportivo, notamos outra exceção – citada pelo jogador 1 – nesse processo, demonstrando que apesar da estrutura não dar o suporte individualizado adequado, a subjetividade do sujeito (THOMPSON, 1992) também influencia no sentido de conscientemente decidir levar em paralelo a vida esportiva e acadêmica, demonstrando através de suas memórias a maturidade que lhe permite atualmente ser formado no ensino superior e exercer uma nova profissão.

Apesar de já ter terminado o ensino médio quando atuava pelo Cruzeiro, sua experiência evidencia ainda uma responsabilidade parcial do clube para com os estudos desses esportistas em desenvolvimento, entretanto, não havia um rigor no

acompanhamento, o que demonstra falhas nesse processo de formação humana, já que a instituição inclusive disponibilizava profissionais da área da educação para esse auxílio. Em outro caso, o jogador 5 afirmou:

Não, prejudicou demais, porque enquanto eu estava jogando só no Coritiba ou no Atlético eu ainda conseguia ir para a escola, mas depois que eu comecei a viajar muito com a seleção eu perdia muita aula, eu ficava um mês na aula, pegava a matéria da prova, mas quando ia fazer a prova, não conseguia fazer a prova porque estava viajando, ou senão, eu perdia toda a matéria da prova e chegava só para a prova, então pra mim foi difícil, eu ainda não terminei os meus estudos. A escola que eu estudei não aceitava, ali no Lysimaco, eu não sei, a diretora não gostava, ela falava para mim: “ou você estuda ou você joga bola, você tem que escolher um dos dois”, falava assim para mim, daí eu falava: “não posso escolher um dos dois, se eu for escolher algum, eu vou escolher o futebol, isso sem dúvida. Eu só preciso terminar o meu estudo, eu só quero saber se vocês conseguem me ajudar com isso”, e ela não me ajudava de maneira nenhuma, eu acho que ela não gostava muito da ideia da pessoa largar os estudos para jogar futebol (JOGADOR 5, 2016).

O colaborador não menciona a família nesse processo e, como característica de sua narrativa como um todo, ele assume a responsabilidade pelo fato de não conseguir aliar as duas coisas. Além do que, sua história trata de um contexto diferente dos demais, já que ele passou pelas categorias de base da seleção brasileira, o que lhe tomava parte do tempo em viagens e competições, logo, promoviam outros pontos de divergência nessa tentativa de conciliar o futebol com a educação formal.

Nesse sentido, por ainda viver esse contexto, mesmo que em condição inferior de outrora, ele defende que sempre quis terminar os estudos, mas que por dificuldades impetradas pela estrutura, não teve condições de fazê-lo e ainda reitera que caso tivesse que escolher entre as duas situações, optaria pelo futebol, já que mesmo passando dificuldades na carreira, revela que ainda acredita poder atuar profissionalmente em alto nível. Em outro caso:

Então cara, até o segundo ano do segundo grau eu fui me virando, fazia transferência, estudava nas cidades e eu bem na escola, sabe? Apesar de bem preguiçoso, eu tinha sorte, entendia rápido as coisas e ia bem. Mas daí no terceiro ano, que eu estava com 16, 17 acho, que foi a primeira vez que eu fui para a Espanha, daí eu tive que largar o terceiro ano, aí eu fui, e fui voltar a fazer só quando eu parei de jogar bola com quase 20, que daí eu fiz pelo CEBEJA eu acho, daí eu fiz dessa forma, terminei ali acho que em três meses, fiz o terceiro ano, porque eu tive que realmente parar e lógico, não dava para ter o mesmo desempenho que muita gente que estava ali, podia ir todo dia certinho. Me virava para passar, a verdade era essa, me virava para passar, era o que fazia, o básico para passar (JOGADOR 3, 2016).

O discurso desse colaborador – cujos pais são professores – se detém a buscar argumentos que justifiquem seu rendimento na fase escolar e como esse período apresenta particularidades para aqueles que se inserem na carreira esportiva de rendimento. Ele reitera isso quando afirma que sua ida para a Espanha enquanto ainda era estudante atrapalhou seu último ano de ensino médio, dando a entender que a prioridade naquele momento era a prática do futebol. Apesar de também construir sua narrativa de fora da estrutura, não apresenta indícios acerca da relevância dos estudos em sua vida, embora afirme em outro momento que se sentia atrasado em relação aos demais, por não ter priorizado sua educação.

A partir do conceito de memória popular de Smith (2012) compreendemos que existem semelhanças nos discursos de uma determinada comunidade – no nosso caso, a dos atletas pouco conhecidos – na qual os colaboradores partilham de algumas dificuldades em suas histórias, o que de certa forma, nos ajudam a pensar e construir análises da estrutura do futebol brasileiro. Entretanto, há que se ressaltar que cada discurso possui particularidades que são consideradas e analisadas de acordo com o contexto de cada experiência.

Essas aproximações e afastamentos tratam da subjetividade (PORTELLI, 1996), que é afetada pela representação social que se faz de tais questões e que porventura influenciam em como cada agente constrói sua narrativa. Portanto, cada história se concretiza com determinadas particularidades, dizem respeito ao mesmo assunto, na mesma comunidade, porém em contextos distintos.

Em tese, mesmo as memórias sendo parte da especificidade de cada sujeito e as histórias vividas em contextos diferentes, aproximam a discussão acerca de um mesmo tema, observando a perspectiva de Halbwachs (2013) quanto à memória coletiva e mostrando a lacuna de organização dos clubes para com a formação humana de seus atletas jovens, levando em consideração que parte desses indivíduos não chega à categoria principal e precisaria de uma recolocação social que possibilitasse ter uma carreira em outra profissão.

Esse problema de ordem estrutural denota a falta de perspectiva e o atraso na vida profissional de sujeitos que tem sua carreira futebolística interrompida devido ao excesso de pés-de-obra (DAMO, 2005). Entretanto, as memórias expostas nos apontam que o direcionamento dessa formação não leva em consideração todos os aspectos do desenvolvimento humano. Ao propiciar treinamentos intensos em dois

períodos durante parte considerável da semana, desconsideram o fato de que esses sujeitos, além de necessitarem de tempo para estudar, não têm o período adequado de recuperação, podendo a médio e longo prazo, causar lesões e prejudicar o progresso das capacidades e habilidades motoras (BARBIERI, BENITES, MACHADO, 2007). Em contrapartida a essa concepção, o jogador 4 aponta:

Para mim foi tranquilo, pra gente que morava na cidade era um pouco mais tranquilo, pra quem morava lá, até conseguia aliar também, mas pra mim foi tranquilo, eu fui me adequando assim, até o infantil que a gente trabalhava, treinava à tarde, eu estudava de manhã. Depois que a gente começou o juvenil, a treinar de manhã, as vezes à tarde, aí eu fui estudar a noite e consegui, terminei o ensino médio, não fui para a faculdade de preguiçoso mesmo, porque devia ter continuado, era pra ter terminado já. Me matriculei, fiz todas as coisas e não fui para frente. Mas para mim foi tranquilo, acho que dá para conciliar, ainda mais na categoria de base, pelo menos para mim deu (JOGADOR 4, 2016).

A partir de Thompson (1992) entendemos que as histórias são conduzidas de acordo com a representatividade que cada colaborador atribui as suas experiências. Assim, notamos como a narrativa não apresenta a mesma ênfase que as demais ao tratar da conciliação entre a carreira nas categorias de base no Paraná e os estudos. Suas reações quanto à discussão dos problemas que a dualidade entre escola e clube representam denotam a naturalidade com que compreende que as duas responsabilidades deveriam se entrecruzar sem maiores problemas.

Além disso, sua narrativa notabiliza a perspectiva de Bruner (2014), em que a representatividade e a descrição detalhada de fatos relacionados ao assunto, partem da exposição de problemas que afetaram a trajetória do sujeito em um determinado momento. Logo, como essa questão da conciliação entre futebol e estudos não se concretizou em uma relação de conflito, seu discurso acaba sendo curto, denotando que a compreensão que faz da problemática está ligada à relevância que atribui ao tema.

Sua compreensão acerca das particularidades de sua história são percebidas no momento em que ele afirma que essa questão foi bem resolvida, o que nos faz refletir que ele entende que mesmo que seu discurso seja dotado de particularidades através das quais ele constrói sua formação narrativa, é visível que se enquadra em um contexto no qual o processo social pode contradizer sua perspectiva a respeito do problema, assim como pode propiciar a ideia de Portelli (1996) de que quando um fato

se concretiza individualmente, abre possibilidades de compartilhamento por parte da comunidade na qual o sujeito está inserido. Ele continua:

É, a gente tinha uma estrutura até, é que assim, pra mim é mais fácil de dizer porque eu sou daqui da cidade, então pra mim era mais tranquilo, acabava o treino eu vinha pra casa. Para o pessoal que morava lá nem sempre era tão bom. Peguei vezes dos caras ter que comerem de marmita, passar fim de semana e não ter comida, ter que dar um jeito de ir buscar, os caras que moravam lá no Boqueirão na época. Mas tinha uma estrutura para se treinar, não era mil maravilhas, mas para nós estava bom demais. Era uma coisa, não tinha a estrutura dos outros times daqui da capital, não tinha um CT tão adequado assim, mas por incrível que pareça era um time bem mais vencedor do que está sendo o Paraná agora com as categorias de base que tem uma estrutura muito boa lá no CT agora. Então que acho que tinha uma estrutura até razoável, tinha e eu acho que tinha um trabalho, um material humano bom pra caramba, porque o pessoal que trabalhava lá nas categorias de base do Paraná estão até hoje trabalhando no futebol em outros times, todo mundo bem assim. Não de jogador assim, mais de staff mesmo, pessoal era bom (JOGADOR 4, 2016).

A narrativa é permeada por aquilo que Pollak (1992) identifica como acontecimentos vividos por tabela, já que ele mesmo afirma que não teve maiores dificuldades nas categorias de base, devido a sua residência ser na mesma cidade que a de seu clube de formação. Nesse sentido, as informações conflituosas quanto a essa discussão ele encontra nas experiências que ouviu falar de companheiros com quem atuou no Paraná Clube, denotando a pouca representatividade que atribui ao assunto, pois como não os vivenciou diretamente, acaba não construindo um significado que pudesse conceber em um discurso mais efetivo.

Como percebe Smith (2012), é por isso que as fontes orais estão diretamente relacionadas ao contexto em que são produzidas, bem como as reações e os sentimentos são expostos, a fim de propiciar indícios de como o colaborador concebe a temática abordada, como compreende os fatos que aconteceram consigo e quais as diferenças na sua formação narrativa ao expor uma história alheia. Logo, observar os detalhes que permeiam a construção da pesquisa através da história oral, implica entender os procedimentos que a diferenciam da simples utilização de entrevistas.

A narrativa então perspectiva a circulação entre as dificuldades e as perspectivas que advém do coletivo com quem o jogador 4 compartilhava tais experiências. Portanto, mesmo ponderando as dificuldades com alimentação que alguns companheiros passaram nos alojamentos do clube e a falta de um centro de treinamento adequado para as atividades, reinterpreta suas vivências de maneira nostálgica e positiva, já que a ruptura do problema estava no fato de que apesar das

circunstâncias, conseguiram formar um grupo vencedor. Nesse sentido, o jogador 3 descreveu:

Aí assim, no Inter de Limeira passei no teste, bacana, ia disputar o Paulista, apesar de ser um time pequeno, mas o Paulista, um campeonato melhor de ser disputado, bem melhor. Só que a estrutura lá era péssima! Nossa, lá os caras, o campo primeiro que era quase que de terra, aí você ia tomar café da manhã os caras misturavam água no leite no café da manhã, tanto que teve um dia lá que deu desarranjo em todo mundo, não teve nem treino, porque misturaram muita água no leite no café, aí teve um almoço lá que os caras pegaram uma massa de macarrão caseira e não tinham dinheiro pra colocar molho, fazer o molho, colocaram o do miojo, o pozinho do miojo, cara aquilo endureceu que virava o prato e não caia, entendeu? Não caia de jeito nenhum, então ali estava bem complicado de ficar mais por causa disso sabe e condição de treinamento, tudo mais, não recebia nada, aí eu resolvi sair (JOGADOR 3, 2016).

Ao contrário da narrativa anterior, o jogador 3 manifesta a representatividade que atribui a sua experiência de forma que compreendemos que isso advém de sua participação efetiva no fato, que ao gerar conflito, passa a fazer sentido e se torna relevante a ponto de ser uma das memórias selecionadas para a exposição de sua trajetória no futebol. Nesse sentido, a partir de Bruner (2014) entendemos que o significado atrelado ao evento e à condição problema que ele proporciona propiciam os elementos necessários para o seu relato no momento da entrevista.

Portanto, as memórias mais sublimes dizem respeito àquelas em que o indivíduo compreende sua representatividade sobre o tema e que possivelmente se localizam nas extremidades entre as lembranças positivas e negativas, notabilizando a reinterpretação do sujeito a respeito da experiência vivida. E nesse ponto pensamos no que Passerini (2011) afirma sobre o limiar de compreensão da memória como realidade e como imaginação, no qual o sujeito pensa que vai adentrar em um clube com a oportunidade de disputar um campeonato competitivo e se destacar, quando na verdade as dificuldades básicas de sobrevivência se sobressaem e frustram sua intenção de vencer no futebol.

Ao identificar a maior parte das dificuldades como de caráter extracampo, subentende que o problema apresenta uma gravidade que transcende as condições de treinamento e passa a discutir a estrutura de modo geral, reiterando a superação de obstáculos, bem como o possível compartilhamento social de acontecimentos semelhantes, que podem determinar parte da dinâmica de planejamento e organização de clubes inexpressíveis.

Com base em Smith (2012) identificamos que as reações do jogador 3 proporcionam um discurso sarcástico, reiterando sua perspectiva bem resolvida quanto ao fim de sua trajetória esportiva e retratando um acontecimento polêmico em que sua reinterpretação define tais dificuldades através da ironia. Porém, essa descontração só é possível devido à reconstrução das memórias passadas serem realizadas no tempo presente, transformando fatos dolorosos em lembranças positivas. Em contrapartida o jogador 2 afirmou:

É, eu acho que isso atrapalhou muito sabe, que o esforço que você faz no salão, o impacto é muito grande, eu jogava praticamente dos 7, eu joguei dos 7 aos 15 anos direto, isso era, descansava mesmo era 1 dia, 2 dias no máximo. Então num longo tempo isso aí ia prejudicar, claro que foi quase 8 anos treinando forte, e isso junto com o futebol de campo, então é muito treino, é muita exigência nos treinamentos, então claro que ia acabar afetando de alguma maneira [...] (JOGADOR 2, 2016).

Notamos a influência que o indivíduo atribui à carga excessiva de treinamento no encerramento precoce de sua trajetória no futebol. Ao relatar anteriormente que nas categorias próximas ao profissional o volume e a intensidade aumentaram concomitantemente e apontar que durante boa parte de sua vida esportiva acumulava a prática do futebol com o futsal, evidencia que esse excesso pode ter afetado seu desempenho quando atleta profissional.

Pensamos então que o desenvolvimento inadequado da relação volume e intensidade pode ser um agravante na acumulação de cargas de treinamento, que a médio e longo prazo podem colaborar na ocasião de lesões agudas e crônicas. As teorias de treinamento para jovens atletas preconizam um mínimo de 24 horas de repouso entre uma sessão de treino e outra, a fim de recuperar o organismo para a próxima sobrecarga (BARBIERI, BENITES, MACHADO, 2007), o que nesse caso não ocorreu, contribuindo para que sua vida atlética pudesse ser reduzida a longo prazo.

Nesse sentido, percebemos a formação narrativa em Bruner (2014) quanto ao sentimento de frustração e culpabilidade expressos na sequência dos fatos, nos detalhes com que relata suas experiências, já que ele busca em seu processo de desenvolvimento, encontrar uma explicação para o encerramento precoce de sua trajetória profissional. Notamos que o desfecho de sua vida esportiva concorre entre a subjetividade de como reinterpreta suas experiências e o rumo que elas proporcionaram para sua carreira, bem como, a influência da estrutura nesse processo.



Como sua carreira profissional se encerrou devido às lesões, todas as explicações abordadas ao longo da entrevista denotam como sua trajetória poderia ter sido diferente se os acontecimentos tomassem outro direcionamento. Em paralelo a isso, como já afirmamos anteriormente, colabora com a formação narrativa proposta por Smith (2012) e Bruner (2014), o fato de nosso colaborador ser estudante de educação física, acrescentando argumentos obtidos através de sua formação acadêmica e consequentemente, ressignificando suas memórias através de sua percepção no tempo presente.

Apresentando algo acerca de questões já retratadas e que corroboram para a relevância da argumentação quanto a rotatividade dos atletas nas categorias de base e a falta de um auxílio que lhes encaminhem nesse processo de formação, o jogador 1 afirmou:

Eu vejo agora pela experiência trabalhando, trabalhei um ano no Paraná Clube nas categorias de base, é muita gente, roda, a rotatividade é muito grande, é momento, eu estava bem dois meses antes, depois não estava bem. Não encaixei naquele clube, dizer: “ah porque eu me machuquei”, eu não vejo por esse lado, foi, faltou mais maturidade, faltou um acompanhamento melhor talvez, faltou, mas é momento mesmo. Foi momento de eu estar, tanto que aconteceu partidas cruciais que definem a vida, eu joguei contra o Uberlândia, a gente perdeu o jogo, eu joguei contra o Vila Nova e Cruzeiro não pode perder para o Vila Nova e eu estava naquela partida. Então se você estava, vai sobrar pra alguém, e era eu no momento, entendeu? Tinha os jogadores que tecnicamente chegaram muito mais longe, mas estavam no lugar certo e na hora certa, depois na Taça Belo Horizonte foi campeão, jogando um 83 que era dois anos mais novo. Por exemplo, o Augusto Recife entrou no meu lugar e foi campeão, aí: “vamos comprar ele, dois anos mais novo”, então é muito momento. “Ah eu lesionei”, mas acontece, podia ter voltado muito bem, dois jogos eu poderia ter me recuperado e a coisa teria acontecido (JOGADOR 1, 2016).

O sentimento de culpabilidade, frustração e conformismo podem ser identificados no discurso do ex-atleta a partir da ideia de Smith (2012) e Bruner (2014) acerca da formação narrativa, que para além da transcrição, é compreendida através das reações, expressões corporais e entonação da voz. Ele atribui o resultado às ações subjetivas e ao momento conturbado do clube no qual estava inserido. Sendo que entende esse contexto estrutural como secundário na razão pela qual não conseguiu se firmar no elenco do Cruzeiro.

Em uma escala de análise das problemáticas que o levaram ao fracasso nesse período de sua carreira, ele destaca indiretamente a falta de apoio que lhe proporcionasse a maturidade necessária para administrar o momento e tomar

decisões que mudassem seu rumo. Ao contrário do jogador 2, não acredita que as lesões sejam responsáveis pelo seu insucesso, pois acredita que estava sujeito a isso e que as circunstâncias, como o mal desempenho – seu e do clube – após a sua recuperação, e a consequente rotatividade de atletas em um clube como o Cruzeiro, determinaram o rumo de sua história.

Mesmo que o colaborador não compreenda dessa forma, sua história se aproxima de outras no sentido de que um desvio – a lesão após sua chegada no clube – em sua trajetória, prejudicaram o andamento que outrora pudesse levá-lo a uma carreira de sucesso em um clube de renome. Isso ocorre porque a estrutura apresenta uma mobilidade – como descrito pelo próprio ex-atleta – em sua dinâmica, já que a rotatividade de “pés-de-obra” permite a agremiação selecionar os sujeitos dentre tantos outros disponíveis.

É uma lógica competitiva que perde a representatividade do lado humano desses sujeitos que chegam a clubes expressivos. Portanto, nem sempre a qualidade técnica é o que sobressai nessa rotatividade, já que esportistas em potencial se perdem no caminho imprevisível das lesões, da falta de auxílio e da imaturidade. Situações que se entrecruzam entre a subjetividade e a estrutura na qual está imerso, já que cada experiência é singular, cada atleta reage de forma diferente a determinadas vivências e o resultado exposto no contexto estrutural depende dos diversos indivíduos envolvidos no espaço e no tempo (CANDAU, 2014). O ex-atleta continua:

Acontece isso também, mas no meu caso ali no Cruzeiro foi o momento que infelizmente eu não entrei na partida certa, no momento certo, porque se eu tivesse jogando de titular e tivesse sido campeão naquela época, eu teria jogado a Taça São Paulo, o Cruzeiro foi bem na Taça São Paulo também, eu estava no elenco. Eu joguei a Taça BH, só que fiquei no banco, aí jogou um outro. Porque tem 30 do juniores, mas tem o juvenil embaixo, tem jogador que está no meio do caminho, que não é o ano dele, o ano bom, ele está ali já, muita gente, cada um tem sua história lá e só jogador, só seleção. Cruzeiro era na época que formou a Toca dois a melhor estrutura, era muita gente. Veja, categoria de base do Paraná Clube hoje, você pega doze anos, tem 40, que tá ali, então é mais ou menos isso (JOGADOR 1, 2016).

Apoiado em Smith (2012) percebemos que a narração de fatos dolorosos acaba retratando algumas ideias simbólicas do que poderia ter sido diferente, caso os acontecimentos tivessem tomado outro sentido, sendo que a determinação do “Eu”

nesse tempo histórico de forma abstrata permite compreender o sentimento de frustração por essa não concretização da história de uma forma distinta.

Esse sentimentalismo reforça a ideia de que a rotatividade de atletas nos clubes renomados permitem a evasão de indivíduos que poderiam ser melhor aproveitados, se a formação de base não fosse tão massiva, gerando lacunas no que se refere ao processo de desenvolvimento individual.

A quantidade de atletas disponíveis nesses clubes com boa estrutura permite uma variabilidade de escolhas, mas isso pode ser controverso se pensarmos que o número de variáveis a ser controladas nesse processo de formação impede que o desenvolvimento do trabalho seja criterioso, a ponto de reduzir as possibilidades de erro na seleção dos jovens atletas mais preparados para ingressarem na categoria profissional. O ex-atleta continua relatando:

O Rio Branco de Andradas não tinha juniores, ele tinha o elenco de jogadores, mas era um clube só profissional, então eu só voltei para o juniores no Cruzeiro, a gente só fazia treinos contra o profissional, não cheguei jogar profissionalmente no Cruzeiro justamente porque não consegui me firmar pra estar acontecendo isso. Eu tinha contrato profissional, vamos dizer que na época minha situação de salário era um dos maiores do juniores, não daqueles que estavam no profissional, mas não consegui essa. Joguei algumas partidas no time A, estava bem, tinha moral por já ter jogado algumas partidas no profissional, alguns nem tinham jogado no profissional ainda, só que não consegui ir pra disputar aquela Copa Nordeste, aí fiquei no banco de jogadores mais novos, aí chegou um mais novo, eles não vão esperar pra ver se vai dar, eles não tem essa paciência que as vezes deveriam ter um pouco mais, chegou um mais novo, eles: “ah vamos descartar ali, vamos pegar outro mais barato”. E tem muito jogador, tinha toda hora (JOGADOR 1, 2016).

No que se refere ao ressentimento do atleta, percebemos que esse narra a sequência dos fatos em detalhes e isso lhe causa um desconforto, já que, as memórias mais acessíveis se encontram nas extremidades dos acontecimentos positivos e negativos (POLLAK, 1989). Portanto, a sucessão de eventos que permearam a história denotam essa dinâmica na formação de atletas em clubes de expressão e como isso se estabeleceu de forma insatisfatória em sua trajetória no Cruzeiro. Além disso, ele nem sequer passou todo o período de base nesse clube, que o contratou após ele já ter se profissionalizado em uma equipe interiorana, mostrando que mesmo com toda a estrutura para a formação, os clubes se encontram abertos ao mercado de jovens que possam se enquadrar no elenco.

Porém, ao mesmo tempo, possibilitam a inserção de novos atletas nas categorias finais de desenvolvimento, acabam cortando outros esportistas que

realizaram todo esse decurso nas categorias menores, demonstrando que a manipulação das variáveis desse processo de formação, por vezes foge do controle, devido à ausência de critérios, principalmente nas faixas etárias iniciais, a fim de controlar tais variantes e conseguir diminuir a margem de erro na seleção e manutenção desses atletas até chegarem à equipe principal.

Percebemos ainda que para esse ex-atleta, o fato de já ter atuado na categoria profissional é um indício de que se encontra à frente dos demais colegas no processo de transição entre os juniores e os profissionais. Esse pensamento está atrelado ao simbolismo por já ter passado pelas incertezas do que seria atuar na equipe principal, já que essa transição se concretiza como um rito de passagem (CAVALCANTI, 2013) em que alguns atletas acabam correspondendo às expectativas e outros não.

Portanto, aqueles que já passaram por tal experiência e por algum motivo retornaram a equipe de juniores, pensam que tem alguma vantagem que os condiciona a retornar a equipe principal. O colaborador então apresenta dois trechos para pensarmos essa questão da transição da base para o profissional:

Se machucou, você está lá com os machucados, depois no profissional é diferente, mas na categoria de base é categoria de base, os mais novos respeitam os mais velhos e cada um “se vira nos trinta” ali, e cada um querendo a posição do outro. Tem o amigo, mas não é teu amigo também. Imagina, da mesma posição, se precisar, ô louco, três, quatro, ou mais, não deu conta vem outro. Por exemplo, o Gomes, o goleiro, que depois foi seleção brasileira, ele era terceiro reserva, ele não jogava, menos moral do que eu quando cheguei lá, zero. O Jeferson tinha mais moral que ele, tanto que até hoje, mas era um outro goleiro que na época se perdeu, saía pra balada e tal, e começou a achar que era o titular, quando viu, o mundo dá voltas e o cara de largado passou a goleiro (JOGADOR 1, 2016).

Mesmo no Cruzeiro, quem a gente achava que era e não foi, e aquele que a gente achava que não era, foi. O Maxwell, era um cara, que está agora no PSG, na época era um cara simples, não era um cara “nossa senhora, é o talento”, cara simples ali, mas sempre determinado, cabeça bem estruturada, familiar e tal, foi mantendo o padrão e chegou. E daí você via uns caras que se perdiam, teve o Zé Roberto que foi para o Cruzeiro, o cara não parava ali, citar nomes né (risos), o cara não parava na concentração e era um talento e ainda foi, mesmo assim vai, mesmo assim o cara consegue chegar, imagina se talvez o cara se poupasse um pouco de certas situações. Mas é que o menino sai muito cedo de casa, que nem, eu sei com quatorze, é muito fácil se perder, isso que eu não morava na república. Quem mora ali meu deus (risos), eu não sei como é que vai, é muito fácil se perder (JOGADOR 1, 2016).

A transição para o profissional é um período em que poucos atletas têm consciência da necessidade de estar bem preparado. É o momento de decisão entre

iniciar uma carreira bem sucedida e se perder dentre tantos outros que buscam a mesma chance. O colaborador expõe os bastidores de um clube renomado, que na época formou atletas que posteriormente chegaram a seleção brasileira, portanto, apresenta informações acerca da incerteza entre alcançar o sucesso ou cair no ostracismo.

A partir de Thompson (1992) compreendemos a representatividade de sua narrativa de acordo com o interesse do indivíduo em lembrar os fatos, além do que, Smith (2012) e Bruner (2014) nos alertam para a formação narrativa no sentido de entendermos os significados que atribui a sua história. Portanto, na reinterpretação de suas memórias se sobressai a estrutura, já que seus exemplos identificam a coletividade no que se refere ao padrão de comportamento dos jovens atletas.

Alguns desses esportistas são titulares e carregam uma expectativa por parte dos especialistas, profissionais e torcedores no contexto de ação futebolístico (SOUZA, 2014), acreditando que o talento é o fator de determinante para a profissionalização. Porém, a assinatura de contratos profissionais já na categoria juvenil e o início de uma vida financeira estável, bem como a elevação do ego e a diminuição do desempenho, fazem alguns desses sujeitos perderem espaço para outros que, emocionalmente equilibrados, continuam em busca de seus objetivos em uma profissão de ampla concorrência.

Como retratamos anteriormente, esses jovens precisam ser independentes e responsáveis em um período no qual necessitam de auxílio e ainda estão moldando a personalidade. Longe da família e sem um controle efetivo do clube em suas ações, acabam desvirtuando a trajetória de suas carreiras. Alguns até conseguem chegar, mas como observou o jogador 1, acabam não desenvolvendo todo o potencial.

Como observamos anteriormente, a estrutura não é afetada devido à demanda de atletas disponíveis, o que acarreta em uma seleção de esportistas que conseguem aliar o bom desempenho nas variáveis referentes ao desenvolvimento físico, técnico, tático e emocional, em que a última se mostra significativa ao longo das narrativas no que concerne a esse processo de amadurecimento para uma profissão na qual a concorrência e a pressão são elevadas. Ainda acerca da transição para a categoria profissional, nosso colaborador afirma:

Então, quando você está na casa que morava uns trinta mais ou menos, então pessoas do Brasil inteiro ali, e aí acontece de um menino de dezesseis,

dezessete, estava ganhando um salário mínimo, e de repente ele vai para trinta, quarenta vezes o que ele ganhava, aí ele não sabe administrar, aí começa outras amizades, o cara começa a ter convite pra isso e para aquilo, e é difícil um menino nessa fase entender esse processo e algum ou outro acabava se perdendo um pouco mais, talvez até conseguiu ir pra frente mesmo assim, mas um ou outro acabava ficando pelo meio do caminho. Como aconteceu um caso lá, não vou citar nome, mas tinha um goleiro que era titular na época, achou que era o cara com dezessete anos e aí começou a sair, começou festar, e fazia a coisa acontecer do jeito dele, foi caindo, caindo, terceiro reserva que estava ali meio de bobeira pegou a vaga e depois chegou na seleção brasileira (JOGADOR 1, 2016).

No juniores era cada um por si, tinha dois, três piás mais amigos ali, dois, três ali, eu ficava mais ali e não era, porque o cara tem a noção que ele está no clube grande e sabe que dali para ir para o profissional muda a vida. O Maicon, primeira vez que ele foi para o profissional ele chegou no quarto e falou: “agora eu estou rico, pegou a correntona, e (som batendo no peito) agora eu sou rico cara”. Tipo era um negócio muito assim, oito ou oitenta, está ali que nem, ganhando quinhentos reais e de repente você está ganhando vinte, cabeça do piá, piá né, estou com a minha chuteirinha aqui e de repente fui no shopping e comprei a melhor, e daí os outros “nossa, pô, tal” [...] (JOGADOR 1, 2016).

Notamos como esse rito de passagem é um momento difícil de ser assimilado pelos atletas (CAVALCANTI, 2013; CAVALCANTI, CAPRARO, SOUZA, 2011), já que, junto com a mudança de categoria, se faz necessária uma modificação na postura e um amadurecimento repentino, devido à elevação dos ganhos financeiros e consequentemente das responsabilidades. Porém, como observado nas experiências retratadas, alguns acabam se perdendo devido a essa falta de referência para administrar esse momento da carreira.

O discurso apresenta particularidades, mas trata de um compartilhamento social no que se refere às experiências vividas. A história expõe essa relação competitiva entre os atletas nas categorias de base, na qual, o estabelecimento de um pensamento individualista é a referência no processo de desenvolvimento em um clube renomado. A compreensão dos atletas e o desamparo da instituição elevam as dificuldades nesse período da carreira, no qual esses sujeitos recorrem apenas a própria consciência na tomada de decisões e acabam se precipitando.

A elevação do capital econômico e a saída do ostracismo levam alguns sujeitos com potencial a perderem a chance de ultrapassar o limiar entre a categoria de base e o profissional. Consequentemente, possibilitando uma situação controversa, na qual aquele que gerou expectativas termina fracassando e o que era desacreditado acaba sendo promovido, demonstrando como a estrutura futebolística

é um espaço dinâmico em que a subjetividade dos agentes também é responsável por determinar essa imprevisibilidade imposta à estrutura.

Entretanto, entendemos que essa mudança não atinge a todos que chegam e acabam apresentando mudanças de comportamento devido à transição entre a categoria de base e o profissional, o que significa, como afirmou nosso entrevistado, uma mudança de vida. Existem casos de esportistas que, promovidos, mudam o comportamento, e mesmo assim conseguem ter uma carreira de sucesso, inclusive jogando pela seleção brasileira e disputando Copa do Mundo.

Segundo Bruner (2014) a memória depende do que fomos no passado e como reconstruímos um “eu” que não existe mais. Na narrativa fica nítida a ideia de que essa fase de transição é decisiva para a carreira e que, na visão do colaborador, os que se preservam tem mais possibilidades de alcançar o objetivo. Porém, isso não assegura sucesso na profissão, já que mesmo em menor proporção, alguns atletas que não tem base para sustentar esse processo transitório, conseguem alcançar uma carreira profissional reconhecida.

É nessa linha que a memória de nosso colaborador trata sua própria história. Ele conviveu com alguns indivíduos que conseguiram chegar a categoria profissional e se tornaram atletas de nível de seleção, enquanto ele, teoricamente esteve perto, mas falhou. Nessa perspectiva, percebemos um sentimentalismo que culpabiliza implicitamente a instabilidade da estrutura, que não pode ser considerada a única responsável pelo insucesso (como o entrevistado aparenta notabilizar), mas que colaborou para que o objetivo não se concretizasse e consequentemente, a história mudasse de rumo. Em contrapartida, o jogador 5 afirmou:

Sim, quando eu estava no Coritiba, antes de eu sair eu jogava no juvenil, eu era infantil, mas jogava no juvenil, daí fui para o Atlético na metade do ano, eu tinha machucado o joelho, mas era uma lesãozinha normal, nada grave, tratei, voltei no final do ano eu acho que 2015 (2005), daí eu joguei e 2016 (2006) eu fiz o contrato profissional, é, 2006, eu tinha 16 anos. É, 2005 eu tinha um pré-contrato com o Atlético-PR, que logo que eu sai do Coritiba eles fizeram um pré-contrato comigo e aí com 16 anos eu assinei o meu primeiro contrato profissional, não ganhava mal, ganhava bem para um menino de 16 anos, ganhava 2500 na época, era um salário bom, já ajudava muito em casa, já podia pagar conta, já podia, já era um salário bom, eu tinha a casa que eles tinham me dado, então não tinha gasto nenhum com casa e esse foi o meu primeiro contrato profissional que eu lembro com 16 anos, já com 16 quando faltava alguém no profissional eles puxavam a gente menino do juvenil para treinar e já iam colocando a gente para nós já irmos se acostumando com o profissional, para o atleta quando tiver a hora certa subir, então o meu primeiro foi com 16, o meu primeiro contrato profissional (JOGADOR 5, 2016).

Com base em Patai (2010) refletimos que a narrativa é representativa e identifica como o indivíduo compreende o “eu” que não existe mais. As memórias do jogador 5 tratam com detalhes o momento em que estabeleceu sua transição das categorias de base para o profissional. Nesse período, sua história era marcada pela trajetória promissora, sendo que por ser conhecido e disputado desde as primeiras categorias por Coritiba e Atlético-PR, sabia que não teria tantas dificuldades para alcançar o profissionalismo, que se concretizou na assinatura de seu primeiro contrato em 2006.

Mesmo sabendo de sua condição dentro nesse contexto, retrata essa memória da passagem ao profissionalismo com o sentimento de alegria por ter alcançado na época o que ele denomina de sonho. Essas passagens reverberam momentos de virada na vida do sujeito que passam de uma determinada condição para outra e representam sua localização nessa perspectiva de ser um escolhido dentre tantos outros que desejam alcançar esse objetivo.

Mesmo em uma posição inferior atualmente nesse espaço, relembra essa passagem com sentimento de nostalgia e satisfação, como se pudesse retornar ao passado e reviver suas conquistas, reiterando a ideia de Bruner (2014) quanto a formação narrativa permeada pelo enredo heroico e pelo sequenciamento detalhado dos fatos. Seu discurso diz respeito também a ideia de Smith (2012) que semelhantemente afirma que a memória busca nos acontecimentos positivos uma forma de revivê-los, mas entendendo conscientemente que essa realidade não lhe pertence mais. A entrevista do jogador 5 demonstra que sua motivação para ainda estar em atividade diz respeito a sua vontade de tentar voltar a esse período em que era destaque em uma modalidade representativa na sociedade brasileira.

A narrativa ainda deixa exposto como a memória é falha (BOSI, 2003) já que por diversas vezes em que o sujeito tenta localizar sua trajetória por datas acaba errando de maneira inconsciente, como quando tentou determinar o período de sua profissionalização que aconteceu em 2006 e não 2016, como cita. Porém, essa questão se torna irrelevante quando observamos o detalhamento desse processo de transição de sua carreira e como lembrar isso alterou o sentimento de frustração para nostalgia.

Ah eu fiquei feliz pra caramba, era o que eu mais queria, era ter um contrato profissional de atleta de futebol, era o meu sonho ter um contrato, porque eu



sempre, desde pequeno eu joguei bola para isso, para virar um jogador de futebol. Eu via Marcelinho Carioca jogando no Corinthians, eu queria ser igual a ele, eu queria estar onde eles estavam, esses jogadores, onde esses jogadores pisaram eu queria pisar também, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, sempre sonhei em jogar futebol profissional e quando eu tive o primeiro contrato profissional, ali eu já, ainda adolescente, moleque, eu falei: “ah, agora eu sou profissional né. Agora eu já posso até atuar no profissional, se precisar de mim algum dia lá eu já posso atuar porque eu já tenho contrato”. Então eu me senti o cara mais feliz da vida, do mundo, na minha vida po foi demais, porque isso aconteceu logo depois que sai do coxa também. Eu sai do coxa e eles já tinham comunicado a mim e a minha família que em 2016 (2006), logo que eu fizesse 16 anos eu já assinaria o contrato profissional e foi o que aconteceu, meu contrato já estava batido já, desde 2015 (2005), eles mostraram para mim o contrato para mim, para minha mãe e para o meu pai e eu já sai do Coritiba sabendo que em 2016 (2006) eu iria virar um atleta profissional (JOGADOR 5, 2016).

Ele reitera esse momento de ruptura que nos trabalhos com a oralidade se caracterizam como o período de uma mudança significativa na trajetória (SMITH, 2012) e que incidem em um novo momento profissional e pessoal. Quando ele expõe suas lembranças tentando descrever seu sentimento, notabiliza essa vontade de passar para um grupo seletivo, no qual ele apenas admirava, mas no qual ele buscava se inserir e dividir o espaço.

A narrativa, por mais que seja individual e subjetiva, diz respeito ao que Portelli (1996) discute sobre a representação social que se faz de um tema e que observamos quando o narrador descreve seus sentimentos a respeito dessa conquista, recaindo em um discurso estereotipado quanto a essa ideia de sonhar com a carreira, estar no meio de outros esportistas reconhecidos, ser reconhecido como esses sujeitos e conquistar aquilo que eles conquistaram.

Essa narrativa reitera que a influência social circulada na estrutura colabora com a subjetividade individual, determinando assim aquilo que ele pensa e o sentido que gostaria de transmitir em uma situação de entrevista (PORTELLI, 2008). Ressaltamos também o fato de que esse atleta, mesmo não fazendo mais parte do círculo midiático em que se enquadram os clubes de elite, tem suas estratégias de discurso preservadas desde quando era contratado do Atlético-PR e consequentemente teve orientações de como se portar perante uma entrevista.

Por outro lado, ressalta-se o fato de que sua colocação atual no cenário futebolístico possibilitou com que permitisse utilizarmos seu nome em nosso trabalho, o que propicia uma outra ideia a respeito da sua posição de achar que não precisa ocultar sua própria história, mas mostrá-la e interpretá-la de acordo com suas convicções no presente (PORTELLI, 2010a). Esse comportamento se explica também

pela autoconsciência do sujeito ao narrar sua história, compreendendo que a estrutura influencia nos rumos que sua trajetória tomou, mas entendendo também que a subjetividade o denomina como o autor de seu próprio percurso.

### **4.3 Aspectos positivos e negativos da carreira profissional**

Nesse momento, pretendemos analisar as expectativas e os percalços passados por esses atletas, compreendendo a realidade em que estavam inseridos durante suas passagens pelos diversos clubes nos quais atuaram, refletindo e contrapondo suas histórias individuais a uma série de indagações acerca do que pensamos sobre o contexto do futebol brasileiro de modo geral.

Na lógica competitiva que permeia a tentativa de inserção desses sujeitos na carreira futebolística é notório que a transição das categorias de base para o profissional eleva o capital simbólico desses atletas, proporcionando a ideia do heroísmo implícito aos sujeitos que superam diversos obstáculos até alcançar o objetivo (CAMPBELL, 1997; CAVALCANTI, 2013).

O sentimentalismo, proporcionado pela conquista inicial, vem acompanhado de um acréscimo nas responsabilidades, bem como do patamar financeiro, além de uma maior inserção na mídia esportiva devido à representatividade do futebol na sociedade brasileira. Nesse sentido, é relevante pensarmos acerca dessa transição e compreendermos como a inserção dos sujeitos no contexto futebolístico profissional influencia no processo de mudança de vida por qual passam atletas jovens e que precisa ser administrado para que a trajetória em uma carreira instável seja duradoura e possibilite com que o sujeito tenha chegue aos clubes tradicionais. Acerca disso:

Sim, sim, eu acredito que sim pelo menos, na verdade uma parcela de jogadores da série B é muito maior, mas a média não é tão maior assim, a média de times assim, são alguns times que pagam muito bem, mas, como é que eu posso dizer, é como eu disse para você, o futebol ele foi se tornando, as cifras foram aumentando muito e acho até que na série B não aumentou tanto, mas como aumentou nos outros âmbitos série A, acabou aumentando também para esse lados aqui, mas eu acho que os valores são bons, são condizentes com o que o jogador de futebol passa. É uma profissão psicologicamente muito desgastante, esse meio público é meio complicado, você ser, não você ser público, mas você ser, como é que eu vou conseguir dizer isso, você está sendo avaliado todos os jogos, todos os dias, é desgastante. Ainda para quem tem um pouco de cabeça é mais tranquilo, mas para quem, para a molecada que vem meio descabeçado é, você pode ver que é muito jogador doido da cabeça, que faz burrada nesse mundo, que não aguenta (JOGADOR 4, 2016).

A partir de sua experiência na Série B do Campeonato Brasileiro, ele toma como base sua localização nesse espaço para afirmar que os valores pagos nesse nível de atuação são bons e que acabaram se elevando, pois acompanharam a inflação dos valores da Série A. Segundo ele, essa perspectiva não abrange todas as instituições pertencentes a segunda divisão, o que nos leva a hipotetizar que da Série C em diante os valores não se aproximam do que recebem atletas da elite.

Levando em consideração que a maior parte dos atletas em atividade não se enquadra nas duas primeiras divisões, a narrativa suscita nossa compreensão de que a maioria dos esportistas profissionais, localizados nos clubes de séries inferiores e de equipes que disputam apenas campeonatos regionais, não possuem condições econômicas favoráveis e conseqüentemente se mantém no futebol com a perspectiva de eventualmente chegar a um clube renomado a fim de mudar de vida.

Apoiados em Portelli (1996) compreendemos que a narrativa do jogador 4 apresenta uma dinâmica de via dupla, já que sua subjetividade perspectiva a respeito de sua carreira e o padrão econômico em que se estabelece no nível de atuação em que se enquadra. Mas também compreende a influência da coletividade na sua formação discursiva, representada pelos indivíduos que compartilham do mesmo espaço e pelas informações que advém do meio externo e influenciam em seu entendimento acerca do tema.

Além disso, como afirma Halbwachs (2013), a subjetividade do indivíduo colabora na identificação de uma memória coletiva e nos permite ampliar a compreensão desses padrões econômicos no futebol a partir da referência estabelecida no discurso. Essa perspectiva inclusive ultrapassa os limites analíticos do tema referente ao padrão financeiro dos atletas e recai no processo de gestão e organização dos clubes, bem como a questão financeira influencia na representatividade social promovida pela modalidade, ambos já abordados.

Ressaltamos ainda, que as particularidades dizem respeito à posição do indivíduo no tempo e no espaço, que nesse caso, se identifica em um atleta de contrato renovado com a Luverdense, clube que se estabilizou na Série B do Campeonato Brasileiro. Até por isso, suas reações quanto a esse tema são bem humoradas, sem detalhes significativos, mas enfatizando que os valores recebidos

são satisfatórios e justificando que condizem com o desgaste público causado pela representatividade social da modalidade.

No caso do jogador 5, esse teve uma trajetória na base que o credenciou a uma carreira profissional promissora que foi frustrada por eventos que o levaram a clubes de menor expressão e que ele aborda em sua narrativa ao retratar comparativamente os contextos de grandes e pequenos clubes pelos quais passou, como segue:

Profissionalizei no Atlético-PR em 2009, subi para o profissional em 2009, fui campeão paranaense, joguei brasileiro, Copa do Brasil, Copa Sul-americana, o paranaense que a gente acabou sendo campeão em 2009, acabei me lesionando depois em 2010, tive problema de lesão no joelho no Atlético-PR em 2010 e aí as coisas começaram a ficar um pouco mais difíceis para mim dentro do clube, um pouco antes também já estava ficando difícil, aí acabei voltando em 2011, mas com pouca oportunidade de jogar, praticamente não joguei o ano de 2011, aí em 2012 eu optei por sair do Atlético-PR que foi quando eu comecei a rodar mesmo, sofrer um pouco mais no futebol, porque as coisas ali no Atlético-PR, enquanto você está ali dentro, você não vê o que é realmente o futebol, porque ali as coisas são muito fáceis né?! Ali você tem tudo, ali é um clube de série A que te dá uma estrutura fenomenal, uma estrutura de outro mundo, que esconde, que mascara o que é o futebol de verdade e ali eu saí e comecei a rodar (JOGADOR 5, 2016).

A narrativa evidencia a diferenciação entre o futebol vivido por um grupo seleto de atletas que estão em clubes da série A do Campeonato Brasileiro e que por ventura sequer conhecem o cotidiano da maioria que vive nesse mesmo espaço em um contexto diferente.

Como propõe Thompson (1992), as memórias levam em consideração o contexto e as condições em que foram produzidas. Dessa forma, o discurso quanto as suas experiências no Atlético-PR, manifestam atualmente sua negligência quanto à compreensão da realidade em que o futebol se apresenta para a coletividade, que permanece em condições desfavoráveis nesse meio.

Sua narrativa então promove a ideia de que suas experiências nesse espaço podem ser pensadas tanto pela ótica de quando integrava o lado visível da estrutura, quanto de sua perspectiva atual no ostracismo. Proporciona a ideia de que a oralidade permite o aprofundamento nas questões que norteiam o futebol, demonstrando como o trabalho com entrevistas propicia subjetivamente um contexto inexplorado. Além de evidenciar a ideia de Halbwachs (2013) de que apesar da individualidade e especificidade da história ser notabilizada, tem uma representatividade coletiva que nos faz pensar na comunidade que compartilha de semelhanças com esse discurso.

A narrativa que nos é contada permite pensarmos no limiar entre sucesso e ostracismo no futebol, na ruptura entre o bom e o ruim, na compreensão limitada que as fontes oficiais oferecem ao falar de futebol profissional e na reflexão de um outro lado que inclui a maior parte dos indivíduos que praticam a modalidade profissionalmente. O discurso então compreende a separação entre o futebol que passa na televisão e os benefícios da representatividade social e financeira adquirida por alguns, enquanto outros lutam por dignidade em uma profissão pouco reconhecida por seus direitos trabalhistas.

Percebemos também o sentimento de frustração de quem não valorizou a estrutura quando teve oportunidade, e que lamenta não ter conhecido profundamente o espaço antes, de forma que pudesse ter atitudes diferentes que não lhe conduzisse para fora desse contexto. Ao narrar seu passado no presente, notamos como o lapso temporal influencia na reinterpretação dos fatos (PORTELLI, 2010a), já que a história retrata o deslumbramento do atleta jovem que atua em um clube renomado entrecruzando com a culpabilidade e o ressentimento de quem gostaria que as coisas tivessem sido diferentes. Acerca das instabilidades que o futebol expressa, o jogador 1 revelou:

Aí meu tio, que estava morando no Mato Grosso, me arrumou pra jogar no Tangará da Serra, daí fui lá, mais uma cartada, Tangará da Serra, no Tangará fui bem, só que, campeonato mato-grossense né, aí o Tangará foi bem, aí deu uma polêmica que o último jogo foi comprado, a gente perdeu o último jogo, na primeira divisão do campeonato mato-grossense. Daí, joguei ali, até pintou, se quiser ficar no Tangará ou nos times do Mato Grosso tinha, mas eu não, não era atrativo campeonato mato-grossense, preferi voltar para cá, aí pintou mais uma cartada, foi com o Luciano que agora é técnico do Paraná, fui lá no Iguaçu de Nova Vitória. Cheguei no Iguaçu de Nova Vitória bem também, só que daí, chega no começo de dezembro tem 40 jogadores, vou ficar com 30, daí vem outros sabe, fiquei ali, meio sem receber, numa sina. Daí o clube falou que não podia pagar minha transferência internacional, não tinha dinheiro pra pagar a transferência, falei: “não dá”. Daí eu praticamente parei, voltei a estudar na federal, praticamente essa é a história na bola (JOGADOR 1, 2016).

Quando o jogador 5 narra acerca de sua rodagem por clubes de menor expressão e lamenta as condições de trabalho propostas, ele se refere a mesma ideia exposta pelo jogador 1, na qual os atletas trabalham sem receber salários, não tem estrutura adequada para treinar, morar e se alimentar, que se constituem como condições básicas para qualquer trabalhador.

Nesse sentido, a concepção das dificuldades que passam se enquadra na memória coletiva expressa por Halbwachs (2013) em que mesmo contemplando as especificidades de cada história, as narrativas retratam problemas complexos que podem atingir a coletividade, o que nos permite pensar a dinâmica do futebol de forma a compreender a macro-história a partir da micro-história.

Percebemos então como o contexto de ação futebolístico proposto por Souza (2014) se constitui em um espaço amplo de relações que não podem ser contempladas em sua totalidade pela mídia ou por qualquer outro meio de discussão. Portanto, é um espaço no qual a dinâmica das interações influencia na trajetória de cada agente e as relações de poder constituem as posições e a mobilidade de cada sujeito nas constantes resoluções de conflitos de interesse dentro desse campo.

Provavelmente por isso, o ressentimento está implícito nos discursos, já que ao abordarmos o tema por meio da história oral, buscamos rupturas na história que nos permitam aprofundar as discussões acerca dos problemas que circulam esse meio e que o tornam representativo não somente para o senso comum, mas para aqueles que adentram e tentam constituir capital simbólico para se manter nele. É uma dinâmica histórico-social que não atinge apenas o futebol, mas é negligenciada neste por acharem que esse espaço não compartilha da lógica capitalista que rege o mercado de trabalho brasileiro.

O futebol ainda tem um adendo, já que sua representatividade social e cultural emana uma quantidade de “pés-de-obra”, que excedem a demanda das instituições esportivas e enquadram a modalidade numa lógica competitiva até mesmo nesses níveis em que o futebol profissional é praticado em condições precárias. Portanto, os atletas, mesmo em clubes menos representativos, se consideram vencedores por conseguirem alcançar o profissionalismo, se mantendo em atividade com a perspectiva de tentar uma oportunidade melhor.

A história do jogador 1 é uma dessas de quem restringiu as possibilidades antes de desistir da carreira. Ao acumular decepções, define o momento de ruptura na sua trajetória, chegando a um limite em que não conseguia mais dar continuidade nesse objetivo, por entender que as condições oferecidas já não satisfaziam suas necessidades e o desejo de estar nesse meio já não superava os problemas característicos desses clubes de menor expressão. O retrato disso ele expressa a seguir:

Daí tentei no Irati ainda, estava bem no Irati, a estrutura do Irati boa na época, clube bem organizado, só que não estava rolando mais. Ai acabou não rolando mais de ir, não estava mais com vontade, tinha perdido a minha juventude toda investida no futebol. Porque eu era um cara 100% disciplinado, não saia assim, não fazia, era muito foco, até os vinte e poucos, depois quando eu cheguei a jogar perto de casa que era mais complicado, mas antes era 100%, treinava por conta. Sempre fui, nas férias nunca parava de treinar, treinava por conta dois períodos, de manhã e de tarde, físico sempre primeiro, tanto que jogava de meio campo, mas ali não estava e a estrutura era boa, tinha tudo para acontecer de novo e não rolou (JOGADOR 1, 2016).

Antes de ir para o Iguaçu de Nova Vitória, o jogador 1 ainda teve a oportunidade de jogar no Irati, clube do interior do Paraná com relativo destaque no cenário regional na primeira metade da década passada. Nessa passagem, ele reitera que o clube dava condições para que ele desenvolvesse seu potencial e novamente conseguisse atuar em alto nível, porém, sua motivação no futebol já não era mais a mesma, já que se julgava um atleta enquadrado na perspectiva do código de conduta que o senso comum atribui aos profissionais desse ramo e que, mesmo assim, não conseguiu o sucesso que esperava na profissão.

Sua narrativa notabiliza que até a estrutura convergiu para que houvesse uma ruptura positiva em sua carreira e pudesse retomar uma trajetória representativa financeira e socialmente, mas sua subjetividade o fez perceber que não queria mais viver no meio futebolístico profissional. A partir da ideia de formação narrativa de Smith (2012), notamos em suas ações corporais a exaustão, ao abordar as inúmeras tentativas de se manter no futebol, utilizando até mesmo da ironia quando trata de enumerar essa circularidade pelo que denomina de “mundo da bola”.

Portanto, a concepção de Portelli (1996) acerca da subjetividade das possibilidades reitera o fato de que por mais que esse tipo de acontecimento em termos semelhantes ainda não tenha ocorrido com outros indivíduos, pode vir a acontecer e deve assim ser pensado nas discussões do futebol, já que não é a história específica de um indivíduo que determina o padrão de referência dos acontecimentos na modalidade, mas indica a potencial reincidência de desvios, reiterando a falta de perspectiva causada pelas desordens nesse meio complexo construído por relações humanas.

Ele reitera ainda que toda sua trajetória se notabilizou pela disciplina com que encarava a carreira no futebol, e pela compreensão de que somente com dedicação

e empenho poderia alcançar o sucesso em uma profissão concorrida devido à popularidade e à representatividade. Apesar da frustração por não alcançar o sucesso almejado, a exposição de suas memórias não promove arrependimentos, evidenciando que sua percepção atual acerca das experiências vividas está resolvida, alertando para a imprevisibilidade que caracteriza o futebol de alto rendimento, no qual não é somente a condição atlética que define a posição do indivíduo nesse espaço, pois a isso se acrescenta o desempenho, as relações humanas que denotam interesses e necessidades, bem como a estrutura na qual se insere.

Portanto, a oralidade se mostra uma ferramenta para análise e discussão das questões do futebol, já que ela permite pensar o contexto, os sentimentos, o tempo e o espaço (CANDAU, 2014), além de tudo que envolve o indivíduo, sua história e suas reações corporais ao reinterpretar suas memórias (SMITH, 2012). Permite aprofundar questões tratadas superficialmente pelo senso comum e ampliar as discussões de um campo macro-histórico a partir de uma perspectiva micro-histórica. O colaborador continua:

Aí vamos lá, aí começou o segundo campeonato mineiro, e nesse segundo campeonato mineiro que foi que eu comecei jogar mesmo, daí veio o Ivancir, ex-jogador do Corinthians, que era o técnico do Rio Branco de Andradas, nesse eu comecei meio no banco, e ele começou me lançando nos jogos do Rio Branco de Andradas. Nesse ano, o Rio Branco estava bem no campeonato mineiro, aí eu tive a oportunidade de jogar contra os times grandes da capital, joguei contra o América, Atlético Mineiro, Cruzeiro no Mineirão e em casa, e aí com dezoito eu fiz uma boa partida no Mineirão contra o Cruzeiro, e em casa também a gente empatou e perdemos de 1 a 0 no Mineirão e empatou em casa, ganhou do América, eu joguei [...] e daí antes de acabar o campeonato mineiro já começou, já dava mais entrevista no clube [...] daí já aumentaram meu salário, na época por causa da venda, digamos que eu ganhava dois salários mínimos, aumentaram cinco, seis vezes por causa do valor do passe, que era conforme o teu salário [...]. [...] aí nesse meio tempo eu nunca tive um empresário, não tive alguém por trás, porque geralmente hoje o menino já com quinze, não existe sem empresário, só se for o pai e aí eu dependia muito do clube, o que o clube ia fazer, “ah o clube acha que é melhor isso ou aquilo”, o pai ficava sabendo, ficava contente, mas nem se metia (JOGADOR 1, 2016).

A perspectiva de cada atleta no futebol denota as especificidades e singularidades de cada história, mesmo que a memória individual tenha a perspectiva de influenciar-se pelo contexto social em que está inserido e consequentemente seja afetada pelo coletivo (BARROS, 2011; BRUNER, 2014). Nesse sentido, a narrativa permeia uma história de quem inicia a carreira em um clube de menor expressão e que busca na atuação contra instituições representativas demonstrar potencial que o



credencie a chegar em um clube renomado. Seu discurso então trata de enaltecer o fato de superar as dificuldades e obter rendimento satisfatório, almejando assim através do empenho e da dedicação conseguir outras oportunidades no futebol.

A narrativa demonstra como identifica em sua história uma trajetória vencedora, de quem conseguiu ser visto de maneira diferente pelos clubes expressivos de Minas Gerais. É uma narrativa diferente da do jogador 5, que também contempla sua história como de sucesso, mas pelo fato de ter alcançado o profissionalismo em um grande clube paranaense, o que lhe possibilitou jogar competições de alto nível contra equipes da série A do futebol brasileiro.

Portanto, a formação narrativa desses sujeitos apresenta semelhanças na forma como se identificam nesse meio, porém, suas histórias são distintas, compreendemos portanto que a temporalidade necessita ser pensada, como propõe Delgado (2003), mas que a maneira como cada sujeito reinterpreta sua memória evidencia como se enxerga dentro do contexto futebolístico.

As memórias enquanto reinterpretação do passado no presente possibilitam que o indivíduo compreenda o contexto em que estava inserido em um outro momento - no qual não estava mais imerso no meio futebolístico profissional - e lhe permite identificar questões pertinentes à sua carreira, que não percebia no momento em que viveu tais experiências, reiterando a ideia de Portelli (2010a) quanto à modificação das fontes orais com o passar do tempo, já que se trata de uma versão atualizada. É o caso do jogador 1, quando afirma que sua mudança de *status* dentro do Rio Branco vinha acompanhada da necessidade de esperar o que o clube iria propor para sua carreira, acompanhado do fato de que atualmente compreende que se tivesse um empresário, todas as suas necessidades seriam melhor atendidas.

É a busca do indivíduo de aproximar as experiências do passado com o contexto do presente, perspectivando a própria história a partir da dinâmica que se compactua na atualidade, mas que no caso retratado, fica evidente pelo fato do sujeito entender e pormenorizar os efeitos que suas experiências teriam hoje, e que tiveram no momento em que aconteceram. É um exercício de ir e vir, em busca de compreender a própria história, sem dissociá-la de sua colocação no tempo e no espaço em que faz a narrativa.

Esses detalhes, que permeiam a oralidade, nos possibilitam ampliar as discussões e compreender o tema pela ótica do conteúdo, como das oscilações

permitidas pela subjetividade de quem está falando, no momento em que discursa, no contexto em que narra, nas dificuldades e perspectivas que a estrutura oferecia no instante em que os fatos ocorreram e como a individualidade influi na forma de pensar, formar a narrativa e expressá-la através de sentimentos, gestos e entonação da voz (SMITH, 2012). Sendo assim:

Começaram a pegar no pé em 2010, acabei sendo afastado, depois do campeonato paranaense porque o time não foi bem, o time não ganhou e quando o time não ganha tem mudança e quem não agrada, futebol é assim, fica para trás. Eu fui afastado, aí foi uma época difícil para mim porque até então nunca tinha acontecido isso na minha vida, as coisas para mim desde quando novo as coisas aconteceram rápido, daí como aconteceram rápidas, foram rápidas e boas, nunca foram ruins assim, nunca tinha acontecido alguma coisa negativa na minha vida dentro do futebol. Sempre fui visto como destaque do Atlético-PR ou do Coritiba, onde seja, onde eu estava era um jogador de destaque da equipe, seleção brasileira e cotado como uma das maiores promessas na época da idade e aí em 2010 você chega depois do campeonato paranaense e é afastado, como é que fica a cabeça do cara? [...] ia treinar segunda, quarta e sexta no Atlético-PR, ia das 2 às 3 para ninguém ver, ninguém podia te ver que você estava ali treinando (JOGADOR 5, 2016).

Nesse caso, os detalhes da narrativa expõem o sentimento de quem parece estar revivendo os fatos ao reinterpretá-los atualmente. Além disso, as experiências de quem tinha vivido apenas a ascensão causada pelo futuro promissor com que era alçado ao futebol evidencia esse deslumbramento característico dos esportistas que se estabelecem em uma posição de destaque nesse meio.

A frustração e a culpabilidade estão consolidadas na narrativa de um sujeito que não se conforma com o fato de não ter o discernimento de que suas experiências proporcionaram ao longo desse lapso temporal entre fato e entrevista, notabilizando como a localização do sujeito no tempo e no espaço (CANDAU, 2014) influencia a autoconsciência quanto as atitudes e as consequências que geram ao prosseguimento de sua carreira.

Ele então identifica a ruptura de sua condição dentro do Atlético-PR quando foi afastado do elenco principal, deixando de ser visível para todos que acompanhavam sua trajetória e passando ao ostracismo que nunca havia vivido, ao não ser identificado pelos torcedores e pelos profissionais de imprensa, e a ser preterido pela comissão técnica do clube, presenciando situações que mudaram a sua posição dentro desse contexto de ação futebolístico (SOUZA, 2014).

Suas memórias dão conta da complexidade que a carreira atlética no futebol tem, já que o indivíduo passa anos por diversas categorias inferiores até alcançar o objetivo de se profissionalizar, e ao chegar nesse ponto, acredita que sua capacidade técnica é o suficiente para manter a posição no espaço. Porém, a própria narrativa do atleta demonstra que o futebol é um ambiente cíclico e efêmero, já que ao não corresponder às expectativas, acaba sendo preterido. As necessidades não são apenas técnicas, se trata da postura profissional, do empenho, motivação, da condição física e emocional, bem como de situações que fogem ao controle do próprio atleta, como as lesões.

Essa história então denota que o atleta de futebol profissional além de capacidade técnica, tem que ter capacidade intelectual para compreender a instabilidade do meio competitivo, no qual o “pé de obra” é excessivo devido a representatividade popular desse esporte na sociedade brasileira (DAMO, 2005). E nesse sentido a reinterpretação do jogador 5 quanto a sua condição antes e depois do afastamento demonstra a falta de maturidade que naturalmente atinge parte da coletividade de atletas jovens que se inserem em clubes representativos no futebol nacional.

A história desse atleta passa a ideia que o senso comum divulga com frequência acerca do deslumbamento do jogador de futebol. Além do que, nos traz um panorama da realidade de alguém que viveu diferentes momentos e que compreende uma ascensão e um declínio nos quais oscilam seu capital simbólico nesse espaço. Reflete também o fato de que a estrutura das categorias de base dos grandes clubes abarca uma série de indivíduos que se destacam nas categorias menores, mas que não tem maturidade psicológica suficiente para se inserir em meio a profissionais experientes, que já tem noção de como funciona a estrutura desse meio competitivo. O jogador 2 relatou:

Depois os resultados do Coritiba não vinham ajudando, teve a troca do treinador que foi depois para o Estevam Soares, daí eu já estava iniciando os treinamentos, já estava bem no grupo, já estava indo para o jogo, já entrava nos jogos, daí o que me atrapalhou foi que em um jogo na Copa do Brasil contra o Náutico em Recife, era intervalo, a gente estava perdendo o jogo, o Estevam Soares me chamou, falou que eu ia entrar, que eu ia ser o segundo volante dele e tal, me encheu de moral e passou 10, 15 minutos eu fui expulso, não me lembro, 10 minutos. Então aquele fato foi algo marcante para mim no Coritiba negativo, então os resultados já não vinham, fui expulso, tive problemas depois também que a torcida, depois que eu fui expulso foi no aeroporto, foi no treino, o presidente daí também me deu uma multa, daí

depois também foi eliminado. [...] e depois já teve o afastamento e meu nome estava incluso e eu fiquei treinando mais um mês, dois meses separado com alguns atletas, eram dezesseis atletas mais ou menos que estavam separados nesse tempo e a gente treinava uma hora no Couto Pereira [...] (JOGADOR 2, 2016).

Com base em Halbwachs (2013) observamos aproximações entre as histórias do jogador 2 e do jogador 5, que se enquadram na ideia de memória coletiva, já que ambos os fatos tratam de histórias marcantes referentes ao afastamento dos elencos de Coritiba e Atlético-PR, respectivamente. Esse ponto central manifesta a problemática por uma ótica ampla, segundo a qual as medidas tomadas pelos clubes tratam da combinação de fatores entre a subjetividade dos sujeitos e a estrutura precária oferecida pelos clubes em termos de organização e planejamento.

Nesse sentido, a narrativa perpassa a ideia de Bruner (2014), ao reiterar que as fontes orais permeiam rupturas que modificam os rumos da história e determinam a mobilidade e a oscilação dos indivíduos no contexto em que nos retratam. Nesse caso, ao relatar que após a troca de treinador no clube teve uma chance em um jogo da Copa do Brasil em que o comandante lhe deu moral e confiança para que desempenhasse a função designada, demonstra uma reviravolta positiva após recuperação de uma lesão, mas que torna sua situação complicada novamente ao ser expulso no jogo e consequentemente colocar-se em posição desfavorável novamente na instituição.

Ressaltamos também que a memória coletiva, na perspectiva de Halbwachs (2013), contempla ainda a necessidade de compreender que sua formação parte das especificidades vividas por cada indivíduo, demonstrando assim uma reincidência de memórias semelhantes que contemplam uma celeuma social a ser pensada, criticada e resolvida. Ao pensar na subjetividade implícita a cada esportista, consideramos que apesar do tema propor uma ideia ampla sobre a discussão e reiterar que essa pode atingir ainda uma coletividade não enquadrada nessa pesquisa, considera que as narrativas em si possuem peculiaridades que as conduzem para a compreensão dos afastamentos desses dois atletas.

Diferentemente do jogador 5, o jogador 2 apresenta um ressentimento em relação à dinâmica da estrutura no que se refere à velocidade com que as coisas foram acontecendo. Porém, se entrecruza com o contexto que determina sua reinterpretção acerca do passado, bem como as consequências que advém de suas ações na época, como no caso do afastamento no Coritiba.

A narrativa expõe a interação entre o individual e o coletivo, compreendendo o fato de que as especificidades do sujeito influenciam na coletividade, assim como o contexto proposto pelas relações sociais estabelecidas no espaço influenciam na trajetória de cada agente pertencente ao grupo (HALBWACHS, 2013; SMITH, 2012; PASSERINI, 2011). Ao reinterpretar suas memórias no presente, ele entende essa co-responsabilidade no insucesso de sua trajetória no Coritiba, tanto que cita a cobrança da torcida e os maus resultados do clube, no qual o primeiro compreendemos ser de cunho subjetivo e o segundo de parecer estrutural.

Portanto, compartilhamos das ideias de Delgado (2010) ao afirmar que o passado reproduzido no presente, interpõe as particularidades da vida e sua interação com os processos sociais. Cada lembrança então, recai no significado que o colaborador impõe ao acontecimento e como enxerga os fatos no momento da entrevista, reiterando a ideia de que os estudos com fontes orais propiciam lapsos, esquecimentos e omissões, além de novamente perspectivar a noção de tempo como fator relevante na narrativa, onde o presente, o passado e o lapso temporal entre esses colaboram com a formação narrativa que o indivíduo constrói. Acerca disso, o jogador 1 complementa:

No Rio Branco, voltei, mas aí voltei, quando você vai para um time grande, é difícil voltar para um time do interior. Cheguei no final do ano, eles estavam montando o time, é diferente a estrutura no clube grande, você volta para o pequeno e quer ser o rei ali, aí aconteceu que eu não estava indo bem, não estava bem psicologicamente, tanto que nunca tinha acontecido, mas no segundo treino eu meio que briguei no treino e daí o supervisor falou para eu ir para casa e só voltar em janeiro. Daí já tinha feito rescisão de contrato, já recebia de novo pelo Rio Branco. Aí voltei, o técnico Alemão, ex-jogador, quando eu voltei, primeiro jogo, ele me levou para o jogo, entrei contra o América-MG, ele disse que eu não fui bem e depois começou não me convocar mais, não pegava nem banco, ficava ali na casa do atleta, não estava mais indo para o jogo, não estava sendo convocado e aí o Rio Branco bem no campeonato mineiro, dando oportunidade pra piá que era meu reserva e aí pegou uma birra interna que eu não me dava mais com o técnico, não sei, faltou maturidade na época [...] (JOGADOR 1, 2016).

A narrativa é carregada de ressentimento e frustração, já que ao enfatizar memórias dolorosas o indivíduo revive as experiências de forma a transmitir seus sentimentos através dos gestos e da entonação da voz (SMITH, 2012). O discurso demonstra a rememoração de algo que não se concretizou como desejava e que retrata parte de uma trajetória que poderia ter sido diferente caso ocorresse no

presente, visto que o sujeito se julgava imaturo na época para administrar a ruptura causada por sua saída do Cruzeiro e o retorno ao Rio Branco de Andradadas.

A narrativa evidencia as particularidades que o fizeram agir de forma prejudicial à sua condição no clube interiorano, mas se entrecruza com a perspectiva de que a estrutura foi determinante para que sua situação mudasse dentro dessa instituição, uma vez que o treinador acreditava que o atleta não estava rendendo o suficiente para se manter na equipe. Portanto, com base em Portelli (1996) compreendemos que a dinâmica proposta pelos estudos das oralidades pressupõe um entrecruzamento a partir das singularidades que a história denota, porém perspectivando fazer parte de um processo dinâmico no qual as relações de poder influenciam na posição e no deslocamento dos agentes nesse meio social.

O sujeito não se conformou por retornar a uma condição inferior da que viveu no Cruzeiro, por acreditar que sua condição anterior garantiria capital simbólico para lhe manter titular do Rio Branco e porque essa ruptura repentina lhe tirou de uma realidade estruturada para uma com menos condições, afetando seu estado psicológico. Além de compreender também que suas ações se acrescentam as escassas oportunidades que o treinador lhe proporcionou, segundo ele devido à relação conturbada que passaram a ter após essa reviravolta em sua trajetória.

Nesse sentido, Delgado (2003) esclarece que a história é contemplada por diferentes temporalidades nas quais o sujeito está inserido, expressa o coletivo através das experiências individuais e pode ser compreendido pela dimensão temporal coletiva e pela temporal individual. É o que notamos ao aproximarmos as narrativas do jogador 5 e do jogador 1, que mesmo ao retratarem narrativas em tempo e espaço distintos, passaram por dificuldades semelhantes quanto à posição no contexto dos clubes em que se localizavam, sendo que a subjetividade e a estrutura agem dinamicamente no estabelecimento das relações e no posicionamento dos indivíduos nesse meio.

Dessa forma, no que se refere às especificidades de cada história, Candau (2014) enfatiza que o tempo e o espaço são categorias que devem ser pensadas e tensionadas no trabalho com fontes orais. E nesse sentido, a posição do jogador 5 no momento da entrevista se difere do jogador 1, pois o primeiro se encontra desempregado e em busca de uma nova oportunidade profissional, enquanto o segundo já encerrou sua carreira, se formando em Educação Física devido essa

proximidade com o esporte. Logo, a narrativa do jogador 5 expõe um sentimento de frustração por não ter conseguido manter sua condição no Atlético-PR e por querer retomar essa perspectiva futuramente. Enquanto o jogador 1 também se mostra frustrado, porém, pensando que poderia ter tido outra sorte no futebol, porém, refletindo a ruptura de sua trajetória como atleta e a necessidade de tentar se localizar nesse meio em uma nova função.

E nisso assumiu um treinador, o Carpegiani no Atlético-PR, e era um treinador que gostava de mim [...]. “As coisas vão mudar e eu vou ter uma outra chance” e foi o que aconteceu, ele chegou, e no primeiro dia que ele chegou me botou para treinar de volta com a equipe, com o grupo, treinei bem, depois de uma semana já estava de titular, e aí teve a parada para a Copa e nessa parada para a Copa a gente ia viajar para um torneio em Londrina que disputou o São Caetano, o Corinthians, o Londrina e o Atlético [...] um dia antes da viagem a gente fez um amistoso [...] acho que não deu nem 10 minutos tocaram uma bola na lateral esquerda e eu só fui antecipar para receber a bola, só que o passe do cara foi fraco, no que eu dei o passo para frente meu joelho distorceu e eu machuquei [...] infelizmente acabou 2010 numa possível volta para o grupo num ano que o time foi muito bem no Campeonato Brasileiro, que o time ficou em quinto, Neto saiu para fora, saiu para a Fiorentina, Rodolfo foi para o São Paulo, enfim, vários jogadores que jogavam juntos, que jogavam ali com a gente se destacaram e foram para clubes maiores e clubes bons do futebol e eu continuei no Atlético (JOGADOR 5, 2016).

Assim, no Coritiba o que aconteceu, eu tive já na pré-temporada, o treinador era o Márcio Araújo, daí eu iniciei a pré-temporada, eu tive uma lesão no quadril e eu tive que ficar um tempo parado e iniciei o tratamento, na verdade isso também foi um momento bem complicado, pois além dessa dor que eu estava sentindo, eles não estavam detectando da onde surgiu essa dor, porque eu fiz ressonância não estava saindo e eu não conseguia colocar o pé no chão, então foi um período que também atrapalhou (JOGADOR 2, 2016).

Smith (2012) nos apresenta o conceito da análise sintagmática como sendo a história contada estruturalmente com um início, rupturas ou transições, uma virada e a conclusão. Atribui destaque para os fatos de maior relevância, podendo se abster de assuntos periféricos e possibilita ainda a elaboração de hipóteses que ocorreram ou não, mas que necessitam ser narradas para uma compreensão completa da história. Em partes, isso se concretiza em algumas falas, é o “se” dos entrevistados, quando nos apresentam pressuposições de que algo diferente pudesse tê-los conduzido a rumos distintos na carreira.

Esse tipo de análise é pertinente, pois entender os caminhos possíveis nos faz refletir sobre os rumos tomados, principalmente em se tratando de futebol, no qual não preexiste uma fórmula para uma carreira de sucesso, mas o direcionamento que

as histórias apresentam nos mostra o quão subjetivo é o esporte de rendimento em um país em que a competitividade por espaço é considerável. Fica evidente por parte de nossos entrevistados que “o mundo da bola” exige requisitos além do talento para que a carreira tome a trajetória esperada. Em partes, as exigências são de responsabilidade dos próprios atletas, porém, em alguns momentos foge do poder que lhes é dado dentro das relações que estabelecem nessa comunidade.

Essa instabilidade do futebol e as mudanças repentinas que ocorrem na carreira de um atleta podem ser percebidas na narrativa acima, já que a história é novamente retratada com detalhes e deixa explícito os rompimentos que levam o jogador a um bom momento e em seguida, novamente a um momento de dificuldade dentro do Atlético-PR. Ao perceber essas rupturas e retratá-las em sua narrativa, o indivíduo demonstra uma capacidade de descrição que nos permite compreender a influência da subjetividade no sucesso e no fracasso, assim como a interferência da estrutura no estabelecimento das relações dinâmicas dentro do espaço.

A questão a ser discutida então é a relação da subjetividade com a estrutura, para compreendermos o desfecho dessa história e de sua possível relação com a ideia de uma memória coletiva (HALBWACHS, 2013). Ao retratar que a mudança de técnico poderia lhe beneficiar dentro do clube, já que o Carpegiani era adepto declarado de seu futebol, percebemos como a figura do treinador é relevante para determinar a posição do atleta dentro da estrutura. Essa mudança contextual retratou uma ruptura na história, que do ostracismo passou novamente a ser uma figura relevante para o clube e conseqüentemente para os torcedores, demonstrando como a configuração do espaço é determinante na localização do sujeito nesse meio.

Além do que, outros indivíduos que participam diretamente dessa celeuma, se influenciam mutuamente nessa dinâmica, como companheiros de clube, outros integrantes da comissão técnica e dirigentes. Até mesmo a formação de opinião da mídia e dos torcedores acabam dando indícios da trajetória que um indivíduo pode seguir dentro de um clube representativo socialmente como o Atlético-PR. Entretanto, a estrutura não determina isoladamente a condição do sujeito, já que aliada à subjetividade determina a situação do sportista nesse contexto.

No caso do jogador 5, fica exposta essa relação entre estrutura e subjetividade, já que a chegada de Carpegiani mudou sua condição de afastado para titular, mas teve que comprovar sua capacidade para adentrar o espaço que um dia



lhe pertenceu. As memórias do atleta então promovem a ideia de que o futebol é um ambiente que institui disputas de poder como qualquer outro espaço social no qual se encontra uma coletividade de indivíduos e que a subjetividade de todos e sua localização - no que Candau (2014) categoriza como tempo e espaço - promovem a dinâmica estrutural.

Nesse sentido, compartilhamos da ideia de Smith (2012), que afirma que as narrativas são mais do que palavras ordenadas em uma sequência lógica que geram um documento a ser utilizado, tratam da emoção promovida por esse processo de lembrança de experiências intensas e afloram nas expressões corporais, transmitindo significados, e não apenas fotos, através do tom de voz. É o que percebemos no momento em que o atleta relata nova ruptura em sua trajetória pelo Atlético-PR, quando em um amistoso acabou lesionando o joelho e, frustrado com a perda da nova oportunidade, demonstra certo abatimento pelo acontecido no momento da entrevista.

No instante em que as coisas caminhavam para um desfecho positivo da história houve uma nova ruptura, e o atleta sai da condição de titular da equipe para o ostracismo do departamento médico. Isso nos leva a algumas observações: 1) a instabilidade do futebol é oriunda também da imprevisibilidade pela qual se caracteriza e que acaba mudando o contexto de acordo com os fatos; 2) em um espaço de ampla concorrência, uma lesão grave prejudica a condição de um indivíduo que necessita se consolidar novamente nesse meio; 3) a estrutura é relevante ao ponto de pensarmos que as coisas poderiam ser diferentes caso a lesão não acontecesse.

As memórias ainda compreendem a frustração pela lesão que lhe impossibilitou disputar o Campeonato Brasileiro de 2010 e consequentemente estar no grupo que fez boa campanha e conseguiu transferências para outros clubes de renome nacional e internacional, dando um salto qualitativo na carreira, enquanto ele permaneceu no clube. Essa ideia compactua com a compreensão da memória a partir da suposição de situações que poderiam ter ocorrido caso a história se concretizasse de maneira diferente (SMITH, 2012). Isso parte da necessidade do indivíduo de acreditar que sua trajetória sofreu um desvio e que, se isso não tivesse ocorrido, poderia estar vivendo experiências semelhantes às de alguns de seus companheiros que conseguiram novas oportunidades.

Além do que, esse cruzamento de histórias visa demonstrar a representatividade de sua narrativa, já que por determinado período ocupou o mesmo

espaço de indivíduos que permanecem em evidência no futebol. Essa necessidade de propiciar uma referência visa comprovar sua capacidade nesse espaço de ampla concorrência, no qual atualmente não se localiza, mas que se sente capaz de voltar a fazer parte. É por isso que o estudo da oralidade é importante, tanto para pensarmos o conteúdo da palavra falada, quanto para entendermos as reações do indivíduo e como essas implicam na versão historiográfica que está sendo contada (SMITH, 2012). O atleta continua:

[...] fui para lá, no Northland da Dinamarca, fiquei, cheguei lá, treinei, fiz uns treinamentos lá e o combinado era o Atlético pagar o meu salário por empréstimo, o Atlético só pagaria o meu salário e o clube não teria nada, direito nenhum em mim, só teria o meu trabalho, mas aí com os treinamentos que eu fiz lá os caras acho que perceberam que podiam ganhar alguma coisa e aí pediram para o Atlético uma porcentagem do meu passe, que pagariam meu salário, mas eles queriam comprar uma parte do meu passe, caso eu fosse bem no clube eles teriam em uma venda um ganho também e aí começou a briga entre Atlético-PR e Northland e eu treinando lá na Dinamarca, fiquei um mês lá nesse vai e não vai, fica ou não fica e acabou que não deu certo porque o Atlético não aceitou a proposta do clube, tive que voltar embora [...] então posso dizer que em 2011 o Atlético me atrapalhou e muito [...] porque esse clube que eu não fiquei no mesmo ano foi campeão da Copa Dinamarquesa e no outro ano disputou a Champions League, então foi uma oportunidade que eu perdi. Estou vendo você com a jaqueta do Chelsea, eles caíram na chave do Chelsea, tomaram goleada lá, 5 do Chelsea, perderam, que seja, é uma Champions League, jogar era uma outra oportunidade, era uma outra vitrine enorme para você aparecer e eu na época com 21 anos [...] (JOGADOR 5, 2016).

O narrador apresenta a ideia que Bosi (2003) denomina de lembrança pura, já que apresenta um momento singular e único que poderia ter vivido caso a estrutura concordasse com a motivação subjetiva do indivíduo. Os detalhes de sua ida para o time dinamarquês e o imbróglio entre os clubes - que resultou no seu retorno ao Atlético-PR, segundo o atleta - lhe tirou a possibilidade de vivenciar a conquista da Copa Dinamarquesa pelo Northland e consequentemente a chance de disputar uma Champions League no grupo do Chelsea, o que implicitamente gerou uma série de dúvidas quanto ao desfecho de sua carreira, já que era jovem e acreditava que poderia ter uma nova ruptura positiva em sua trajetória.

A narrativa compartilha também da ideia de Bosi (2003, p. 20), que afirma: “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção ‘é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais’”. É o caso do jogador 5, que recorda sua história de forma intensa, como se quisesse reviver o passado, buscando constantemente suprir essa

necessidade através da suposição de como as coisas poderiam ter sido diferentes, mas com a consciência de que essa realidade não lhe pertence no momento.

A frustração é evidente também por causa da constante necessidade de reviver o passado, como se pudesse voltar atrás e refazer a história. A exposição da memória por esse viés é característica de um sujeito que não aceita os rumos de sua trajetória, e que, no caso do jogador 5, ainda segue a carreira profissional acreditando que possa haver novamente uma ruptura positiva que lhe coloque no caminho do qual acredita que nunca deveria ter saído. Esse ressentimento, no entanto, se estende ao Atlético-PR, o qual o atleta responsabiliza por acabar impossibilitando que pudesse vivenciar novas experiências em outro contexto.

Vale ressaltar também que a não efetivação de sua transferência para o Northland se trata de uma tentativa de enquadramento de memória (POLLAK, 1992), já que o poder atrelado ao clube dono dos direitos econômicos e federativos do atleta acaba por vezes impedindo que ele siga sua vontade na carreira e tenha que aceitar determinadas condições que lhe são impostas, não tendo respeitada a sua necessidade de trabalhar e de buscar novas oportunidades. Essa realidade é também de outros indivíduos que vivem a mesma dificuldade por se enquadrarem nessa lógica, em que não tem controle total de suas carreiras devido à legislação, que de certa forma flexibilizou o poder implícito aos clubes, mas que ainda detém o controle nas decisões, respaldados pelos contratos.

Novamente a ideia de Halbwachs (2013) de que as especificidades de uma história nos ajuda a pensar acerca da coletividade, já que o problema enfrentado por esse atleta em específico pode concentrar as mesmas dificuldades de outros indivíduos. Além do que denota novamente a influência da estrutura nos rumos que a trajetória pode tomar, recaindo na análise sintagmática de Smith (2012), ao retratar hipóteses do que poderia ter sido diferente caso o clube tivesse lhe negociado, característica do sentimento de insatisfação ao retratar memórias sobre as quais não teve o poder de decisão para determinar os rumos.

A narrativa do jogador 5 reitera a ideia de Bruner (2014), já que é detalhista ao ponto de tornar-se dramática devido a essas rupturas repentinas na história. Quando as coisas parecem que vão acontecer, algo sucede e impossibilita dar continuidade à expectativa criada no início de sua trajetória, e levanta questões importantes acerca das relações de poder estabelecidas nesse espaço e como essas

são determinantes para as condições da prática esportiva de alto rendimento. É por isso que o futebol tornou-se um campo de discussões humanas, já que as celeumas que envolvem o seu entorno refletem as condições de inserção e dinâmica dos agentes do contexto de ação futebolístico, pensado através dos profissionais, especialistas e torcedores (SOUZA, 2014). Nesse sentido, o jogador 1 afirmou:

Eu, no caso de não ver uma perspectiva de jogar em alto nível, na série A ou na série B, então você ficar jogando numas equipes que não tem uma estrutura e ficar naquela: “ah será que uma hora vai acontecer, será que uma hora eu vou para um time melhor”. Daí eu optei: “não, opa, tenho que saber a hora de parar” e visualizar outra situação, porque eu tinha condições e formação, e sabia que tinha potencial pra fazer outra situação, eu via outros colegas meus que não tinham outra saída: “não deu, vai ter que dar em outro lugar, vou ter que ficar jogando em time pequeno porque é a minha renda. É difícil parar, vou trabalhar no que? Será que eu vou ter uma estrutura para estudar?”. Eu tinha uma estrutura para estudar, no começo aqui meus pais me ajudavam financeiramente pra estudar, e eu já com 25, 26, então, e outros não tinham. As vezes o cara já casou, tinha esposa com filho já novo e eu não, então eu pude parar, estudar, ia, fazia com o apoio da família, tinha um plano B, os outros, vários continuaram, tão até hoje jogando. Tem o grupo da equipe: “ah está aonde? Ah, estou no...”. Ganha-se mais ou menos, vai se mantendo dependendo da divisão, mas e o futuro depois? 35, 36. Vai insistindo e não vê outra saída e aí acontece dele parar, eu vi casos de amigos meus parar porque na cidade ele conheceu alguém ali que ia dar um emprego pra ele porque ele jogava bola e ia jogar para o time da indústria. Que nem, tem alguns amigos meus que estão trabalhando em empresas grandes por causa do futebol (JOGADOR 1, 2016).

Ao contrário do jogador 5, o jogador 1 não atua mais profissionalmente e tem uma perspectiva diferente de sua vida no futebol. Essas duas histórias caminham em extremidades opostas, no qual o sujeito justifica sua saída desse meio devido à percepção de que não conseguia mais continuar passando dificuldades básicas, atuando em equipes desorganizadas e que não tinham o mínimo de estrutura para manter as atividades em nível profissional.

Sua condição atual reitera como o contexto temporal e espacial de Candau (2014) influem na reinterpretação das memórias e dissociação entre as subjetividades aqui apresentadas. No caso do jogador 1, sua perspectiva de atuação profissional ao passar no vestibular para Educação Física da UFPR manifesta a compreensão do encerramento de sua trajetória no futebol, visto que mesmo em idade avançada, sabia que teria apoio familiar para se manter até iniciar a nova carreira.

Tal situação foi inclusive exposta pelo próprio entrevistado, demonstrando que tanto a estrutura, como a subjetividade de suas escolhas e necessidades acabaram influenciando no rumo de sua trajetória. Essa visão colabora na compreensão de que

no caso do jogador 5, sua condição atual enquanto atleta profissional e a necessidade de sustentar a família indicam a falta de outras perspectivas não relacionadas a sua carreira atual. Além disso, o jogador 5 acredita que ainda pode atuar em alto nível nos clubes de série A e B do Campeonato Brasileiro, ao contrário do que idealiza o jogador 1 a respeito de suas condições de inserção nesse nível competitivo.

Como afirma Barros (2011) percebemos que a memória se trata de um processo dinâmico, interativo, complexo e ativo, já que diversos fatores condicionam a formação narrativa, reinterpretando o passado de acordo com a subjetividade e o contexto estrutural no momento da entrevista. Segundo Patai (2010), é uma ação conjunta entre o colaborador e o pesquisador, em que as influências mútuas determinarão aquilo que pretende discursar, como o indivíduo gostaria que sua história fosse percebida, assim como compreendemos aquilo que nos foi dito e como analisamos a reinterpretação desse sujeito considerando todos esses aspectos.

É por isso que as duas histórias convergem para a discussão do tema das dificuldades e perspectivas no futebol e divergem nas especificidades que cada uma retrata. Porém, denotam a dimensão daquilo que Portelli (1996) trata sobre a subjetividade propiciar condições individuais que se diferenciam em cada caso, mas que também são influenciadas pelo processo social que cada experiência carrega, já que está inserida em um contexto no qual diversos agentes interagem e estabelecem relações. O jogador 1 continua:

É bem pouco, eu até tive sorte de jogar nessa equipe de juniores, se for ver, cinco, seis chegaram na seleção brasileira, é um número muito grande, só que eu tive um período, não posso dizer que joguei muito tempo no Cruzeiro. Mas nos outros clubes, Paraná Clube que jogou comigo no infantil, quem que eu lembro é o Ilan que era um ano mais velho, do juvenil, e mais ou menos, tem destaque nacional, mas os outros é o que eu falo, são os sofrendores da bola. Tem amigo meu jogando até hoje, que nem meu primo, ele está no Mato Grosso jogando, outro foi pra não sei aonde, volta, para, fica seis meses num clube, daí fica seis meses sem receber, daí vai pra lá, vai pra cá. Hoje você tem que jogar na A e na B, na C você já está correndo o risco, então são poucos, muito poucos (JOGADOR 1, 2016).

Cada colaborador vai retratar a sua versão da história de acordo com suas experiências ou as vivências de seus conhecidos, que Pollak (1992) define como acontecimentos vividos por tabela. Logo, o sujeito vai falar a respeito daquilo de que tem conhecimento de causa, e é disso que trata o trabalho com as fontes orais, da concepção do entrevistado acerca do que em conjunto abordamos nessa dialógica.

Nesse sentido, o colaborador vai abordar as dificuldades que é se manter no futebol de alto nível nos apresentando a perspectiva por dois ângulos diferentes.

Primeiro, ao pensar em sua passagem no infantil do Paraná Clube, identificou apenas um atleta que recebeu relativo destaque na categoria profissional. Segundo, nos juniores do Cruzeiro jogou com 5 ou 6, que posteriormente foram convocados para a seleção brasileira. No segundo caso, ele chega a enaltecer as condições de trabalho e a estrutura que potencializaram esse resultado, mas que mesmo assim, quantitativamente, constituem um número reduzido de atletas que alcançam o sucesso em vista dos outros que ficam para trás. No primeiro caso isso fica ainda mais evidente, já que os esportistas da categoria infantil ainda estão longe de chegar ao profissional e consequentemente podem se perder com mais facilidade pelo caminho.

O sujeito retrata os fatos com a experiência de ter vivido nesse contexto, identificando a dinâmica do espaço de acordo com sua capacidade analítica desse processo de relações interativas, que se define por diferentes variáveis e pela constante mobilidade de cada agente nesse espaço pré-determinado. Portanto, como observa Portelli (1996) a subjetividade das possibilidades reitera a especificidade de cada narrativa, porém, mesmo que um fato não se repita, denota possíveis reincidências na constituição de casos semelhantes. O colaborador continua:

Então, você vai aprendendo, no começo é muito difícil, quando eu fui, aqui eu ainda morava com meus tios, daí meus pais vinham para cá com frequência, em Curitiba. Mas quando eu fui para Minas, daí ficou mais difícil mesmo, era mais um ambiente com pessoas mais velhas, eu estava com dezesseis para dezessete, e na minha casa morava com cara de trinta, trinta e cinco, vinte e oito, cara que já tinha rodado muito no futebol, e aí é meio complicado entender no começo, eu senti bastante no começo, foi difícil mesmo porque no começo eu levava dura só, “juvenil e tal”, meu deus do céu, aí depois você vai pegando moral, como eu contei, você vai pegando uma amizade, vai ficando mais fácil. Daí tem os caras que vão chegando da tua idade também, sempre tinha os amigos da cidade que eram mais ou menos da minha idade, daí a gente vai criando um círculo de amizade e vai ficando melhor a convivência, mas no início quando tinha o pessoal fazendo teste, formando o elenco, cada um querendo o seu, é complicadinho no começo, mas depois chega a acostumar, e depois quando tinha férias contava os dias, as horas pra ir para casa. Nossa, dava qualquer brecha, pegava o bonde e ia pra Pato Branco passear (JOGADOR 1, 2016).

O início da trajetória profissional no futebol parte da ideia de Smith (2012) a respeito das rupturas que ocorrem na narrativa, no qual o percurso muda de direção e a história toma novo rumo. Nesse caso, o atleta trata acerca de seu início no futebol afirmando que apesar das dificuldades, enquanto ainda morava em Curitiba com

familiares não teve tantos problemas como quando se profissionalizou em Minas Gerais ainda menor de idade e passou a viver em um espaço com pessoas desconhecidas.

Essa transição imposta pela mudança de cidade e pela profissionalização demandam memórias detalhadas das dificuldades passadas, que novamente volta a ter uma reviravolta quando o indivíduo se adapta ao desconhecido e passa então a se apropriar desse espaço de forma a compreender a dinâmica do grupo em que estava inserido, convivendo conforme as regras estabelecidas, permeadas por disputas de poder, nas quais as relações colaboram em determinar a forma como o sujeito é visto pela coletividade e na maneira como se enxerga dentro desse meio.

A subjetividade se entrecruza com a estrutura em uma relação de conflitos de interesse que determinam o posicionamento do sujeito e sua mobilidade no espaço. Portanto, ao pensar o atleta como indivíduo, que tem suas capacidades e necessidades, compreende-se que esse se enquadra no contexto do qual participa, o que influencia na forma como pensa e como quer que os demais compreendam sua forma de pensar, denotando novamente a ideia de Portelli (1996) acerca da subjetividade individual como um processo de construção colaborado pelas relações sociais. Acerca de tais questões, o jogador 4 afirmou:

Tem, a maioria é assim. De um tempo pra cá até me considero um líder e tal, mas não foi de início assim, acho que foi mais pelo tempo de clube, por eu ser dos mais, depois de um tempo que eu, no começo eu acho que eu não era um dos líderes assim, porque tinham os caras que era de mais tempo. Mas eu tenho mais de 100 jogos pelo clube, então a partir de um tempo que você vai, você cria uma identidade. Fui o primeiro goleiro do Luverdense a fazer um gol, os caras tem um negócio assim, fui o goleiro que subiu o time, e aí eu acho que a liderança veio mais por isso, não foi uma coisa imposta, foi mais pelo tempo, de você ir ficando, ir chegando gente, vai chegando gente, então quem está, tempo é posto, você está num local, você chega, você vai querer, você vai, como eu posso dizer, você vai primeiro ver como é o lugar, então quem está ali é que está mandando no negócio. Então eu vejo mais ou menos por esse lado assim, e eu me considero, eu sou cristão, sou evangélico, então eu faço umas reuniões, chamo o pessoal, então isso também deu uma, principalmente com a molecada que subiu da base, que eu levava a molecada para a igreja e tentava fazer. Então acho que isso fez com que eu fosse um pouquinho líder da molecada porque eu tentava ajudar, conversar com os meninos para não fazer, não para não fazer, mas para tentar dar uma maneirada, porque não adianta, a molecada vai fazer bobagem, não tem como, não aguenta, ainda mais aqui, os caras são daqui do sul, vão lá para o interior do Mato Grosso, moram num alojamento com quatro em cada quarto, o dia inteiro falando bobagem, vai chegar um fim de semana de folga que os caras não vão ficar o dia inteiro dentro do quarto assistindo Faustão, os caras vão fazer (JOGADOR 4, 2016).

Ao narrar acerca de sua liderança na equipe do Luverdense, compreendemos que estabelecer o papel de referência no grupo parte do capital simbólico que adquire com o tempo. Ele evidencia que a posição de um esportista na coletividade parte do que aborda Delgado (2003) acerca da temporalidade, reiterando que a memória se concretiza na retomada do passado a partir da perspectiva do presente, levando em consideração o lapso temporal entre o fato e o momento da entrevista como um período de aquisição de novas experiências que proporcionam uma reinterpretação dos acontecimentos.

É dessa temporalidade que a liderança trata, de compreensão da dinâmica e aquisição de experiências no lapso temporal entre a chegada no clube e o momento em que estabelece essa representatividade devido ao período em que o indivíduo se localiza no espaço. Assim ele compreende que sua história no clube o credencia a ser ouvido, dotando seu discurso de significado até mesmo por outros agentes envolvidos com a instituição.

Além disso, as conquistas pessoais e coletivas durante esse período são argumentos para credenciar sua figura como representativa no clube. Demonstrando que o entrecruzamento entre a subjetividade - por ter sido o primeiro goleiro da Luverdense a marcar um gol - e a participação na estrutura - por ter ajudado a subir a equipe da Série C para a Série B do Campeonato Brasileiro - dão indícios da aquisição desse capital simbólico que o habilita a essa condição de liderança.

Observamos então a compreensão de Halbwachs (2013) quanto às influências das ações individuais no grupo e como a coletividade afeta a individualidade em um processo social dinâmico e móvel, em que cada sujeito contribui com sua subjetividade para alterar a estrutura. Além do que, cada história vai contemplar os fatos de um grupo a partir do sentido que o indivíduo atribui, e é nesse ponto que as fontes orais satisfazem essa nova concepção historiográfica, de buscar memórias que contribuam para refletirmos os aspectos positivos e negativos do futebol.

O jogador 4 utiliza essa representatividade para ajudar os companheiros inexperientes, tentando passar através das experiências no futebol, sua compreensão acerca dos cuidados que uma carreira pública necessita, em um meio imprevisível e competitivo em que se manter não depende apenas da técnica, mas da forma como estabelece relações e administra os fatos durante a trajetória.



Ao justificar que essa experiência o credencia a colaborar com a carreira de companheiros menos experientes, que porventura deixam casa e família para morar em um alojamento, passa a ideia de que as condições nas quais esses esportistas acabam se inserindo, muitas vezes não oportunizam o desenvolvimento do sujeito, reiterando as dificuldades que passam em busca de sucesso profissional no futebol. Acerca disso, o jogador 3 afirmou:

Cara, teve clube assim que nem, poucos clubes que era bacana, que você tinha um lugar legal e tal e teve clube assim por exemplo, tudo muito básico, que nem, na Portuguesa Santista mesmo, antes de eu ir para o apartamento, antes de começar o campeonato a gente ficava embaixo do estádio, embaixo da arquibancada do estádio, então era beliche, eram dois beliches por quarto, aqueles armários de metal, assim, de lata, uma portinha para cada um que cabia ali, sei lá, umas quinze camisetas ou então umas sete, oito camisetas, umas calças jeans e já era. E era o espaço que a gente tinha, e assim, muita gente diferente, de estado diferente, de forma de pensar diferente. Então, você dava sorte de cair com umas pessoas bacanas ou você não conseguia dormir, porque “nego” estava vendo DVD na cama do lado, porque tinha uma modinha do DVD portátil, comprava lá na 25 de março e ficava com o DVD portátil em cima da cama escutando pagode e ou outro não sei o que, um pagode aqui, o outro rock ali, rock era o que menos tinha, o outro sertanejo, então era uma zona, para você dormir era foda (JOGADOR 3, 2016).

O sentimento de nostalgia permeia as memórias do colaborador, já que ele evidencia ter bem resolvido o fim de sua trajetória como atleta profissional. Sua narrativa detalhista (BRUNER, 2014) apresenta um entrecruzamento entre as dificuldades que permearam sua passagem na Portuguesa Santista e o saudosismo de quem reconhece que tais experiências foram benéficas para sua formação humana e para se tornar o indivíduo que se tornou. Sua história contempla uma entrevista bem humorada, que compreende o futebol como um período de aprendizado. Portanto, a reinterpretação de suas memórias é permeada pela autoconsciência, entendendo os percalços inerentes a essa prática, visto que segundo Portelli (1996) a subjetividade individual é influenciada pelo contexto social no qual o sujeito está inserido.

Ele reitera os aspectos positivos da experiência de conviver com indivíduos diferentes em um espaço pequeno e desconfortável, sem ter o pleno controle de seus pertences e sem conseguir se organizar. Porém, idealiza que isso não era um problema, já que se enquadrava no contexto desorganizado do grupo, entrava nas brincadeiras e compreendia que tudo que viveu, fazia parte do meio futebolístico.

Além disso, ele não faz questão de detalhar a ruptura que se deu em sua carreira na Portuguesa Santista ao sair do alojamento e morar em um apartamento

alugado pelo clube, evidenciando sua necessidade de rememorar aquilo que de fato foi representativo em sua trajetória e demonstrando como as extremidades entre os acontecimentos positivos e negativos tratam daquilo que lembramos e da representatividade que atribuímos às experiências passadas (THOMPSON, 1992). E mesmo quando evidencia a estrutura básica do clube, não faz de forma negativa, apenas expõe o ambiente e como se estabeleciam as relações nesse espaço. Nessa mesma linha:

É que cada uma é diferente assim de outra, não tem como. Mas tem memórias de times que você tem só memórias ruins, como São Bento de Sorocaba que eu peguei uma época horrível do time porque não tinha estrutura nenhuma, a gente morava numa chácara, os 28 jogadores dentro de duas casas, coisa que não tinha, não tinha comida, tinha que comer salsicha. É, essas coisas assim, de não receber, de pegar o ônibus, descer pela estrada de terra e o ônibus atolar e a gente ter que empurrar o ônibus para ir treinar. E não ter campo para treinar. Chover e ter que treinar na grama da frente da casa lá, porque não tinha lugar para treinar. Mas tem locais também, como Atlético de Sorocaba que tem uma estrutura top pra caramba, tem um CT lá agora que foi usado para a Copa do Mundo, que foi o reverendo Mun lá que fez. Tem outros clubes, aí tem o Oeste de Itápolis que tem um campo, no meio, um monte de casas assim, um estádio construído lá, mas que entrou um cara louco que tem dinheiro e que conseguiu fazer loucura e subiu o time com dinheiro. Só que quando não quer, não paga, quando quer paga, quando quer, entra e joga dinheiro na sua cara, quando acha que você está errado, vai, leva os seguranças para você rescindir com o cara (risos) e você não tem direito a nada e manda o cara embora e não paga (JOGADOR 4, 2016).

A história novamente promove aproximações e afastamentos que compreendem uma análise dos problemas estruturais do futebol, bem como das especificidades que cada narrativa pormenoriza, propiciando a ideia de Portelli (1996) quanto à compreensão das possibilidades de uma história singular se reconstituir através de outro agente, em um novo contexto espacial e temporal.

Compreendemos então a contraposição entre a compreensão das possibilidades de Portelli (1996) e a memória coletiva de Halbwachs (2013) quanto a tentativa de entender as histórias compartilhadas pelo processo social, mas pensamos ser possível aproximá-los, já que acreditamos que suas ideias não são excludentes. Nesse sentido, a narrativa é passível de ser refletida a partir da reincidência desse tipo de problema na estrutura do futebol, assim como suas particularidades permitem entender que, por mais que sua história não seja enquadrada coletivamente, pode ser reconstituída em um outro momento.

O sentimento do atleta quanto a essas memórias pode ser compreendido pelo contexto atual de sua carreira, uma vez que relembra as histórias com a perspectiva de quem passou dificuldades, mas se encontra em uma posição favorável atualmente no futebol. A descrição das experiências negativas – maioria no relato – atribui sentido a essa superação de obstáculos, em que os problemas passados em sua trajetória são mais significativos para determinar a amplitude de sua conquista e, consequentemente, justificar sua localização nesse espaço no instante da entrevista.

Sua posição no presente favorece a exposição de sentimentos positivos, mesmo ao lembrar fatos dolorosos, como na descrição detalhada de suas experiências no São Bento e no Oeste, enfatizando a ideia de Smith (2012) quanto à relevância das reações do indivíduo na análise de fontes orais. No entanto, apesar das narrativas do jogador 4 e do jogador 3 se aproximarem pelas reações positivas ao retratarem suas histórias e tratarem de enfatizar as dificuldades em clubes de pequena expressão pelos quais passaram, apresentam diferenças devido a singularidade de cada discurso. Nesse sentido:

Têm várias, tem a União Barbarense que é um time que eu tenho um carinho grande pra caramba porque eu fui lá e os caras me acolheram, mas também não tinham estrutura, moravam debaixo da arquibancada, com barata, rato e caia lagartixa na sua cabeça à noite e acabava a luz e pagava meio assim, não pagava, mas um lugar que eu gostei, porque lá, aqueles times do interior que eu joguei, na União Barbarense, no Ituano eu acabei não jogando, e no São bento também não, e lá no Atlético Sorocaba também não joguei, no Oeste eu acabei jogando, a gente foi até campeão do Interior lá e que não tinha estrutura. No Ituano agora eles estão, eu cheguei bem na época que entrou o Juninho Paulista lá, então foi uma época de transição, mas um time bem organizado também, bem arrumado e o Operário eu também peguei uma época bem conturbada assim, me pagaram tudo, foi uma época que e sai lá do Luverdense pra vim pra cá, porque eu ia casar e queria estar mais perto de casa. Foi no Operário aqui, foi uma época de transição também, é, o Operário Ferroviário, uma época de transição deles assim, até depois disso que eles começaram a se estruturar aí para ser campeão paranaense (JOGADOR 4, 2016).

Tentando contemplar memórias de todas as suas experiências no futebol, ele narra algumas sem muita profundidade, demonstrando que essas não se tornaram tão significativas. Os clubes em que aprofunda suas lembranças tem relação com o sucesso que tiveram em um determinado momento no futebol, mesmo sem esse atleta estar presente nessas conquistas. É o que percebemos quando ele cita o Ituano e a chegada de Juninho Paulista ao clube, que tempo depois levaram a equipe do interior ao título do Campeonato Paulista, assim como no caso do Operário de Ponta Grossa,

em que enfatiza as dificuldades pelas quais o clube passava e que os credenciaram a conquistar o Campeonato Paranaense posteriormente.

O atleta então busca associar suas experiências aos clubes que em algum momento histórico tornaram-se representativos e estiveram em evidência, mostrando haver uma relação direta entre sua história e as conquistas dessas instituições. É a tentativa de se localizar na história do futebol procurando dar sentido as suas vivências nesse espaço e notabilizando a compreensão do significado que a carreira tem para si e que gostaria de se fazer entender pelo pesquisador.

Ao associar sua passagem pelo Operário, evidencia que sua chegada ao clube paranaense aconteceu devido à proximidade de seu casamento e a vontade de querer ficar mais perto de Curitiba, para que pudesse se dedicar a esse evento e consequentemente estar mais próximo da família nesse momento marcante de sua vida. Dessa forma, as relações familiares se tornam significativas na busca por dar sentido a essa trajetória no clube do interior do Paraná.

Nesse sentido, concordamos com Thompson (1992) quando este afirma que a memória é a seleção de coisas que o indivíduo tem interesse de narrar e como ele gostaria que essas experiências fossem compreendidas. Portanto, esse processo dialógico compactua com a ideia de Portelli (1997) de que a oralidade permite uma compreensão diferente do que propõe o documento escrito, já que esses fatores emocionais e contextuais implícitos na narrativa só podem ser observados na gravação da fonte oral.

Portanto, o caso do jogador 4 retrata subjetivamente a relevância que atribui a sua trajetória, selecionando aquilo que gostaria de narrar e relacionando as dificuldades e perspectivas da carreira de acordo com as relações sociais estabelecidas em cada experiência. Ser titular ou reserva não determina o significado que atribui para cada vivência, mas a relação entre os fatos positivos e negativos nessas passagens pelos clubes citados, acabam notabilizando alguns acontecimentos em detrimento de outros. Ele continua:

Já estava um tempo no Luverdense, já tinha jogado 2013, subido, jogado 2014 na série B, não que eu estava com vontade de sair, querendo sair, mas eu recebi uma proposta do Red Bull para ganhar mais do que eu ganhava no Luverdense e cheguei para o meu presidente e levei a proposta para ele: “oh, vou ganhar tanto no Red Bull” e a primeira coisa que ele falou: “vai, não vou te segurar, por esse valor eu não tenho como, nem como”. Foi o que eu disse na época, se ele fala que queria ficar comigo, eu ia dar uma balançada, eu não sei o que eu iria fazer, se ele fala: “oh, eu vou baixar o salário, mas eu

quero ficar com você, eu preciso que você fique aqui”, pode ser que eu desse uma balançada. Depois eu fiquei sabendo que ele queria no outro ano dar uma segurada, conter custos, estava pagando, sei lá, um terço do salário que eu recebia, para o goleiro que foi para lá [...]. Mas meu pensamento de ir para o Red Bull foi de, primeiramente eu recebia um tanto no Luverdense, fui receber mais no Red Bull, e se eu ficasse no Luverdense eu ia baixar o salário, e no pensamento principal era jogar um Campeonato Paulista com uma visibilidade boa, jogando contra os times de São Paulo, que as vezes você faz um jogo só contra os times grande bom, você consegue ir pra outro time. Não deu certo porque o rendimento não foi bom, mas se os planos ocorrem tudo do jeito que eu tinha pensado tinha sido bom (risos), não aconteceu (JOGADOR 4, 2016).

Nesse caso, a narrativa é dotada de significado, primeiramente pelos detalhes com que o colaborador trata do assunto, segundo pela compreensão que passa acerca de seus sentimentos quanto a transferência da Luverdense para o Red Bull e por último pelas justificativas que o fizeram concretizar essa mudança.

A partir de Bruner (2014) compreendemos que essa descrição detalhada mostra o sentido que tais memórias promovem para o entendimento da história, percebendo sua condição de poder de escolha nesse contexto de sua carreira, na qual perspectivava que tal mudança pudesse proporcionar um novo cenário. Observamos através da narrativa que a posição no tempo e no espaço lhe atribui esse poder de escolha, perspectivando uma oportunidade em um clube tradicional após disputar o Campeonato Paulista, mas que quase recusou essa proposta financeira vantajosa devido ao sentimentalismo atribuído ao período em que esteve na Luverdense.

A subjetividade e a estrutura determinam como ocorre essa mudança na carreira do jogador 4, já que sua transferência partiu do recebimento da oferta, do aval da Luverdense e do aceite do atleta, enfatizando a perspectiva de Halbwachs (2013) quanto à mútua influência dos aspectos individuais e coletivos na consolidação dos fatos. Reiterando ainda a perspectiva de Portelli (1996) quanto à ingerência social na subjetividade individual, já que o esportista foi até o presidente do clube para dialogar e a partir da posição da instituição, tomou sua decisão.

As justificativas então são narradas a fim de dar sentido a mudança, compreendendo porque deixou um clube que disputava a Série B do Campeonato Brasileiro por um clube que disputaria apenas o Campeonato Paulista. Nesse ponto, identifica as condições financeiras oferecidas, o tempo de contrato e a oportunidade de atuar contra os clubes tradicionais de São Paulo como fatores decisivos para que aceitasse deixar a transferência.

Ao identificar que sua hipótese não se concretizou devido a seu desempenho insatisfatório no Red Bull, sua reinterpretação desse insucesso de forma cômica reitera a influência da posição do indivíduo no tempo e no espaço no instante da entrevista (CANDAU, 2014). Além disso, perspectiva novamente a ideia de Smith (2012) quanto à relevância na identificação das reações e emoções, permitindo um aprofundamento na subjetividade e como essa pode colaborar na compreensão de questões amplas da estrutura.

Bruner (2014) nos mostra ainda, que mesmo a narrativa literária não se contradiz completamente com o contexto. Pelo contrário, a ficção aparenta completar o cotidiano, dando vida a história e elevando o discurso para além do que foi, nos apresentando também o que não foi e o que poderia ter sido. Em continuidade com as ideias do autor, percebemos que a história oral não está no extremo entre literatura e direito, ou seja, entre o figurado e o real, haja vista não buscar a verdade absoluta e nem se tratar de uma ficção infundada. A oralidade está a meio termo, o que significa analisar as razões do discurso, intentando para o seu contexto. E é nesse sentido que observamos a história do jogador 4, em que ele compreende e dá sentido aos fatos entrecruzando o que aconteceu, o que não aconteceu e o que poderia ter acontecido.

Portanto, memória e imaginação se constituem na fonte de reconstrução do passado e do futuro. Mesmo nos momentos em que elaboramos ideias ficcionais, não deixamos a realidade, mas a pensamos em suas possibilidades que não se concretizaram. Logo, não é possível contar histórias em sua totalidade, mas também não é viável se desvencilhar das experiências vividas e é por isso que memória e imaginação estão imbricados de forma salutar uma à outra (BRUNER, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos em abordar o futebol e a carreira futebolística como tema macro-histórico, evidenciamos a necessidade de pensá-lo por um viés inédito do que já foi produzido. Inicialmente apresentamos algumas obras reconhecidas que trataram da modalidade por diferentes propostas. Acreditamos que tais pesquisas demonstram como esse esporte se desenvolveu ao longo da história, perspectivando áreas distintas quanto à amplitude de relações estabelecidas nesse espaço.

Dessa forma, pensamos que nossa contribuição em analisar o futebol, e mais especificamente, a carreira futebolística através das fontes orais, proporcionou uma compreensão diferente desse espaço, já que circulamos entre o macro-histórico – ao abordarmos as questões através do compartilhamento social dos discursos e da identificação de problemas que afetam esse meio – e o micro-histórico – nos quais as particularidades de cada história nos forneceu indícios para discutir esse contexto de maneira reflexiva.

Ao circularmos nessas duas perspectivas, evidenciamos o entrecruzamento da estrutura com a subjetividade, notabilizando as relações estabelecidas a partir das memórias que nos foram expostas. Se tratou então de compreendermos a influência que a subjetividade teve nas ações de cada colaborador, bem como a estrutura afetou nas decisões, na forma de pensar e agir desses indivíduos. Esses dois extremos nos revelaram sua aproximação com aspectos da coletividade e de como entendermos que as relações sociais afetam as experiências apresentadas, assim como a individualidade propõe novas formas de percepção da comunidade.

Além disso, o futebol se consolida como um meio propício para entendermos a sociedade, já que sua representatividade social evidencia as relações estabelecidas nesse meio e como cada agente se comporta ao fazer parte desse espaço. As fontes orais nos colocam dentro da estrutura, promovendo a reflexão das experiências de quem viveu esse ambiente e pode repassar sua interpretação acerca dos fatos vividos e como esses acontecimentos o condicionaram a chegar até aquele momento.

Assim, compreendemos que as oralidades promoveram uma versão da história que não pode ser contemplada nas fontes oficiais e que enriquece cientificamente as discussões do futebol, justamente por abordá-lo em uma perspectiva subjetiva, visto que os detalhes, as emoções, os ocultamentos, os gestos,

a entonação da voz e a reinterpretação que os colaboradores apresentaram em suas memórias, nos ajudaram a compreender a carreira futebolística através da realidade vivida por esses sujeitos.

Compreendemos que o número de entrevistas não foi significativo se pensarmos a quantidade de atletas profissionais disponíveis nesse cenário. Porém, sabendo que abordar a totalidade dos sujeitos seria inviável, consideramos os aspectos qualitativos que o entendimento de narrativas individuais nos proporcionaram para uma reflexão da coletividade. Dessa forma, as fontes orais acrescentaram uma nova percepção através da circularidade entre as influências da subjetividade e da estrutura na trajetória futebolística.

As fontes orais nos ajudaram a entender a visão do atleta quanto às dificuldades e perspectivas, as emoções, as reações a cada experiência e a forma de compreender a própria trajetória. Além de propiciar uma reflexão de como sua versão da história pode ser representativa nos debates referentes aos diversos problemas associados à modalidade, contradizendo o estigma de que a carreira esportiva é desprovida de responsabilidades.

Acrescenta-se ainda, a realidade contada por aqueles que viveram esse espaço e evidenciam que a maioria, apesar de buscar reconhecimento social e financeiro, passa por dificuldades que notabilizam o ostracismo, pouco discutido publicamente, nos mostrando também que a imprevisibilidade – que se caracterizou pela efemeridade com que o desempenho esportivo desses sujeitos foi avaliado – enfatiza que a manutenção nesse espaço não depende apenas do talento, mas do modo como se relaciona com os demais agentes, da capacidade de alcançar e aproveitar as oportunidades e na maneira como lida com as diferentes pressões oriundas da representatividade da modalidade.

Ao analisarmos a carreira do atleta através da oralidade, o compreendemos como uma fonte relevante no entendimento do funcionamento nesse espaço, visto que é protagonista na manutenção dessa dinâmica em evidência. Dessa forma, as relações estabelecidas por esses indivíduos promoveram uma avaliação do futebol, de sua inserção nesse meio e das influências e disputas de poder que estabeleceram com outros agentes dependentes do seu desempenho para continuarem em evidência nesse esporte.



Portanto, compreendemos a carreira do atleta a partir de sua inserção na modalidade, suas dificuldades e perspectivas nas categorias de base e no profissional, notabilizando ainda as relações estabelecidas com outros agentes representativos nesse contexto e que nos ajudaram a entender a dinâmica de funcionamento do futebol de forma ampla. Entendemos então, que tudo o que foi relatado reflete ao significado que os indivíduos atribuíram as suas experiências, e o discurso se tornou representativo devido às omissões, aos sentimentos e aos detalhes com que nos contaram suas histórias.

Analisamos então a carreira de atletas pouco midiáticos e que representam a maioria dos profissionais dessa área, como expomos no prólogo. Vislumbramos histórias que contradizem o senso comum, que notabilizaram uma série de questões através das fontes orais e que não teriam espaço publicamente, se tornando assim, nossa referência para a compreensão do futebol e da carreira futebolística de forma subjetiva e esclarecedora.

A subjetividade do atleta expõe sua compreensão acerca das experiências vividas e evidencia os sentimentos ao reinterpretar as memórias. A frustração, a culpabilidade e o ressentimento são inerentes às narrativas de quase todos os colaboradores, já que os que estão em atividade pretendiam estar em uma condição melhor, enquanto os aposentados acreditam que a carreira tomou um rumo distinto do que almejavam, principalmente devido aos erros que cometeram em sua trajetória. A exceção foi o jogador 3, que demonstrou ter resolvido a sua situação nesse contexto, tanto que é o único que não trabalha na área esportiva atualmente.

A estrutura complementa essa dupla verdade no sentido de promover as relações sociais estabelecidas nesse ambiente, visto que os demais agentes influenciaram nas ações dos colaboradores. Assim, a compreensão dos atletas quanto as suas experiências passou também pela influência que sofreram dos sujeitos próximos, denotando que a subjetividade foi afetada pela trajetória de outros indivíduos e do entendimento que esses elaboraram da realidade.

Compreendemos que o futebol abarca uma série de indivíduos que não tem a mesma representação midiática da minoria evidenciada pelos meios de comunicação. Portanto, esses atletas nos proporcionaram uma visão abrangente dessa comunidade, já que compartilharam fatos referentes às suas histórias e as de

seus colegas, evidenciando problemas que notabilizaram uma memória coletiva que atinge até mesmo aqueles que não participaram dessa pesquisa.

Pensando na resolução dos objetivos dessa pesquisa, compreendemos que a inserção desses atletas no futebol se consolidou de duas maneiras: no caso do jogador 2, do jogador 5 e do jogador 4, o início da prática ocorreu na infância, evidenciando o prazer pela prática em escolinhas de bairros, até serem descobertos em testes ou por observadores técnicos de clubes federados. Para esses, as memórias referentes à inserção nesse meio não foram representativas, visto que a subjetividade notabilizava a facilidade que encontraram para entrar no meio do futebol.

Já as histórias do jogador 1 e do jogador 3, denotam a representatividade que atribuem as suas memórias, visto que as narrativas detalhistas expõem os problemas que enfrentaram para conseguirem ingressar nesse meio, evidenciando nossa perspectiva inicial de que a inserção em uma prática competitiva requer a superação de obstáculos. Nesse ponto, a história do jogador 1 enfatiza aspectos da subjetividade, tais como, a frustração, o ressentimento e a culpabilidade por não agir de forma diferente em algumas situações, notabilizando o limiar entre alcançar uma trajetória de sucesso - como aqueles que jogaram com ele no Cruzeiro - e o encerramento precoce de sua carreira.

A subjetividade novamente evidencia o significado que atribuem as suas experiências quanto à trajetória nas categorias de base. Assim, nos casos do jogador 5, do jogador 4 e do jogador 2, não enfatizam esse período da carreira, justamente porque não passaram dificuldades que notabilizassem isso em suas histórias. Ao contrário do jogador 1 e do jogador 3, que dedicam um tempo considerável da narrativa para essa época, atribuindo sentido aos conflitos que permearam essa fase de suas trajetórias.

Porém, quando abordamos as dificuldades e perspectivas na carreira profissional, a situação se inverte, visto que o jogador 2, o jogador 5 e o jogador 4 construíram uma trajetória na categoria principal que atribuem representatividade às memórias positivas e negativas desse período. Nos casos do jogador 2 e do jogador 4, fica evidente ainda que ambos notabilizam os obstáculos passados nos clubes que atuaram, visto que nunca chegaram a ficar desempregados, com exceção do jogador 4 que ficou sem clube por um tempo insignificante depois que se desligou do Red Bull Brasil. Já o jogador 5, circula entre as memórias de seu tempo no Atlético-PR, nas

quais evidenciou os problemas vividos dentro do grupo de atletas, mas também compreendeu os conflitos que passou em equipes de menor expressão, assim como nos períodos em que se encontrou desempregado, concebendo como a memória é a representação do vivido.

Dessa mesma forma, observamos como os colaboradores atribuem significado as suas experiências no futebol europeu, visto que somente aqueles que efetivamente viveram esse espaço tiveram condições de nos apresentar essa realidade. A história do jogador 3 é notabilizada por essa vivência nas tentativas de atuar profissionalmente na Espanha e na Itália, além do que, os problemas que passou nesses períodos com os sujeitos que cruzaram seu caminho, atribuíram sentido para que enfatizasse essa fase de sua vida. Assim como o jogador 2, que viveu parte considerável da carreira em Portugal, mas que se diferenciou pelo fato de não ter passado dificuldades de sobrevivência como o jogador 3, evidenciando os obstáculos vividos devido à representatividade social de sua posição promissora no Porto e na Acadêmica.

O jogador 1 propôs outro campo de observação ao ressaltar sua história pela relação entre jogar e trabalhar no exterior, visto que as dificuldades em alternar as funções foram um dos motivos pelos quais acabou desistindo de continuar na Europa. Suas experiências proporcionaram ainda, uma ideia da organização do futebol na Itália, tanto que ao discutirmos essa questão no contexto brasileiro, ele tentou transferir esse modelo para pensarmos numa reforma da organização do futebol no Brasil.

Ao discursarem sobre a família, alguns evidenciaram a representatividade que essa instituição tem, tanto nos momentos positivos quanto nos negativos. O jogador 3 notabilizou a necessidade que seu pai tinha de realizar o próprio sonho nos filhos, enfatizando que suas vontades ficavam em segundo plano e que sua inserção no futebol se deu significativamente pela influência da figura paterna. Já o jogador 5 apresentou um discurso oficializado, já que por algum tempo esteve no Atlético-PR, representando o tema de acordo com a forma que queria ser compreendido. Ele enfatizou a presença da família, principalmente da mãe e posteriormente da esposa e filhos como a razão para sua mudança de comportamento após sair da posição representativa que ocupava, para adentrar o espaço dos esportistas pouco midiáticos. Os jogadores 1 e 2 enfatizaram a influência da família em todo o processo da carreira,

desde a necessidade de conciliar os estudos com os treinamentos, até nos conselhos referentes à postura nesse meio. Já o jogador 4 não atribuiu significado relevante à família no seu início de carreira, enfatizando a relação com a esposa e filho, bem como as dificuldades que passaram juntos perante uma profissão instável.

Quando discursaram a respeito das relações estabelecidas com treinadores, perceberam a inserção dessa figura de forma distinta. No caso do jogador 5, como ainda é um atleta em atividade e passou pelo Atlético-PR, evitou polêmicas ao retratar a convivência com os diferentes técnicos que passaram em sua carreira, enfatizando a posição de ambos nesse espaço e a sua postura respeitosa quanto a isso. Entretanto, as entrelinhas de seu discurso revelaram a insatisfação com a postura de Antônio Lopes quando ele estava em seu melhor momento no Atlético-PR em 2009, enfatizando essa tentativa de não se comprometer ao tratar da questão.

Já o jogador 4 e o jogador 1, subjetivamente trataram algumas histórias referentes a essa figura de maneira sarcástica, notabilizando os bastidores do futebol e como o treinador se configura como alguém que também tem sua forma de pensar e agir, influenciando na estrutura de acordo com sua posição nesse meio e atingindo a coletividade de atletas a partir de suas decisões. O jogador 2 e o jogador 3 não denotam representatividade suficiente que os fizessem compreender essa figura como significativa em suas histórias, muito embora o jogador 3 tenha atribuído a subjetividade dessa figura a causa de algumas experiências nas categorias de base não terem dado certo.

Ao retratarem as relações com empresários, os notabilizaram a partir de duas perspectivas: primeiro, pensando na consolidação desse agente a fim de atender as necessidades dos atletas, já que estabelecem contatos que propiciam novas oportunidades, as quais sem essa intermediação não seriam possíveis. Até mesmo o jogador 1 que não teve relação com esses indivíduos, compreendeu a relevância e a falta que fizeram em sua trajetória, além do que, nos outros casos, em algum momento esse agente esteve presente, mesmo no caso do jogador 4, que não tinha um empresário fixo, mas acabava por vezes necessitando de ajuda para se empregar.

Em segundo, entenderam que o empresário se aproveita de sua posição privilegiada nesse espaço, cometendo desvios de conduta nas negociações. Esses problemas atrelaram uma representatividade negativa a essa figura, que se consolidou em partes na compreensão dos colaboradores, já que alguns identificaram

que essa desconfiança é exagerada, visto que existem empresários competentes e incompetentes, como em qualquer outra profissão.

Quanto às experiências referentes à vida pessoal, evidenciou a estigmatização do atleta como baladeiro, visto que apenas o jogador 4 não se enquadrou nessa lógica, apresentando subjetivamente um perfil diferente dos demais. Por ter constituído família cedo e ser religioso, compreendia sua vida privada através das relações familiares, muito embora tenha tido um deslumbramento no início de sua carreira. No caso do jogador 1, ficou evidente que o atleta priorizou a carreira em detrimento de outras situações que pudessem desviar seu caminho, porém, quando percebeu que não alcançaria o nível almejado, passou a se enquadrar nesse estilo de vida boêmio que afeta a comunidade.

Os demais se enquadraram nesse estilo de vida atribuído aos atletas, tornando suas narrativas representativas devido a essa aproximação com uma vida desregrada fora de campo. As histórias do jogador 2 e do jogador 5 são as mais perceptíveis, visto que em um determinado momento estiveram em evidência, e eram reconhecidos publicamente nos lugares que frequentavam. Os dois então compreenderam que as relações efêmeras estabelecidas nesse período prejudicaram a continuidade de suas carreiras, denotando como a subjetividade se entrecruza com a estrutura na determinação da trajetória de indivíduos representativos no campo futebolístico.

Na reinterpretação de suas memórias, evidenciaram que a inserção nesse espaço impossibilitou que tomassem outro rumo, mas que ao analisarem a trajetória no tempo presente, perceberam como essa carreira instável é perspectivada por uma dinâmica mutável. O jogador 2, subjetivamente identificou que essa postura colaborou no encerramento precoce de sua carreira e que se pudesse, assumiria outro comportamento, a fim de mudar o percurso de sua história. Já o jogador 5, ainda inserido nesse espaço, refletiu que a ruptura positiva na carreira se deu quando constituiu sua família e que atualmente, devido a sua retirada dessa posição privilegiada, assimilou os erros cometidos, buscando uma nova oportunidade de se destacar novamente.

Ambos os discursos denotam o sentido que os colaboradores atribuem as suas memórias, já que foram experiências marcantes e que evidenciam uma parte significativa de suas histórias. Além do que, percebemos a subjetividade das

narrativas através da frustração, do ressentimento e da culpabilidade, pois entenderam que suas ações conduziram suas trajetórias ao ostracismo e que ao retornarem ao passado em busca de tais memórias, reviveram experiências dolorosas, que gostariam de poder modificar.

O jogador 3 atribuiu sentido as suas experiências quanto à vida pessoal, porém, evidenciando subjetivamente que não almejava ser o melhor esportivamente, mas ser representativo socialmente nesse espaço, aproveitando os benefícios que uma carreira profissional promovia nos espaços públicos em que circulava. Sua trajetória também é distinta pelo ponto de vista de não ter atuado em clubes de expressão e ter encerrado a carreira ainda jovem, já que a modalidade não apresentou perspectivas de crescimento e ele mesmo enfatiza que queria buscar novos rumos para sua vida. Ao contrário dos demais, não apresentou frustração, ressentimento ou culpabilidade em sua trajetória, justamente porque compreendeu que sua história se consolidou da forma como gostaria, não causando arrependimento pelas atitudes tomadas nesse meio.

Em suma, a estigmatização dos atletas como baladeiros é identificada em diferentes momentos nas fontes orais estudadas, evidenciando um compartilhamento social por indivíduos localizados em tempos e espaços distintos, o que nos levou a pensar sobre as possibilidades de reincidência dessa questão na coletividade, visto que a memória de um pode ser contemplada na semelhança a outros indivíduos que porventura não façam parte da pesquisa. Reiterando também que a subjetividade e a estrutura se entrecruzam e notabilizam as influências do individual na coletividade e do grupo nas ações singulares de cada agente integrante desse meio.

No que concerne às relações estabelecidas com os clubes, todos evidenciaram ter tido algum problema quanto a atrasos de salários, direitos de imagem, férias ou décimo terceiro, o que também enfatizou o caráter de compartilhamento social, visto que a tal realidade, perspectivada em casos distintos, em tempos e espaços diferentes, promoveu uma compreensão ampla da estrutura e permitiu pensarmos em um problema crônico que pode afetar mais indivíduos nessa comunidade. Além disso, promoveu a ideia de que a memória coletiva não está ligada à repetição dos fatos, mas nas semelhanças quanto à essência das questões, compreendendo que cada história é singular e subjetiva, mas aponta um entendimento macro-histórico da estrutura.

Já nas discussões referentes às polêmicas no futebol, compreenderam perspectivas relevantes no retrato da realidade, visto que o jogador 3 e o jogador 4 apontaram abertamente o problema através das experiências vividas enquanto atletas jovens. Para o jogador 3 isso foi mais evidente, visto que ele não está mais inserido na estrutura e se propôs a dialogar sobre tudo que atribuiu significado em sua carreira e que sua memória conseguiu notabilizar. As subjetividades enfatizaram as singularidades de cada caso, mas assim como em outros momentos, perspectivaram uma discussão social acerca desse problema e de possíveis reincidências silenciadas em diversas oportunidades.

O problema também é compartilhado pelo jogador 1 e pelo jogador 5, porém, eles se esquivaram a respeito do assunto e enfatizaram que esse tipo de situação não aconteceu com eles, se tratando de uma memória vivida por tabela. A subjetividade permeou o discurso de maneira que os sujeitos podem ter ocultado detalhes de que porventura sua memória não recordou, ou que conscientemente não queriam revelar. Identificando através de suas reações, como compreenderam essas polêmicas, evidenciando que os problemas se consolidaram nesse meio, mesmo que não tenham atribuído representatividade que os fizessem discursar abertamente sobre isso.

As fontes orais então se demonstraram como uma nova possibilidade de discussão acerca das questões referentes ao futebol e da carreira futebolística. Isso notabilizou o viés subjetivo que a pesquisa em história oral promove, reiterando que sua relevância parte justamente das singularidades de cada história, promovendo em alguns casos, aproximações que denotam uma memória coletiva e notabilizam os problemas estruturais por vezes discutidos pela mídia e pelo senso comum, mas que nesse caso, propiciaram um novo olhar por parte de quem está ou esteve inserido nesse espaço e pode discursar com propriedade a respeito da realidade vivida. Enfatiza-se ainda, que essa compreensão das memórias se constituiu a partir de sua reinterpretação no presente, ou seja, o passado é ressignificado a partir do lapso temporal entre os fatos e a atualidade, promovendo a subjetividade a partir dos sentimentos de frustração, culpabilidade e ressentimento, quando esses indivíduos acreditaram que poderiam modificar uma realidade que não os pertence mais, mas que também pode ser pensada através do entendimento de que sua trajetória se consolidou da forma como gostaria, enfatizando o sentimento de nostalgia ao revelar fatos significativos de sua história.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

ALBERTI, V. O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

ALEXANDRE, M. Representação Social: uma genealogia do conceito. *Comum*, Rio de Janeiro, v.10, nº 23, p. 122 a 138, jul./dez. 2004.

BARBIERI, F. A. BENITES, L. C. MACHADO, A. A. Especialização precoce: algumas implicações relacionadas ao futebol e futsal. In A. A. Machado (Ed.): *Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da Psicologia do Esporte*. Jundiaí: Fontoura, 2007.

BARROS, J. D' A. Memória e História: uma discussão conceitual. *Tempos Históricos*. v.15, n.1, p. 371 – 343, 2011.

BERGSON, H. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRUNER, J. *Fabricando histórias: Direito, literatura, vida*. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Editora Pensamento, 1997

CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.



CAVALCANTI, E. A. A mídia e o mito do herói: analisando as matérias do caderno de esportes da Folha de São Paulo a partir do caso Ronaldo. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, UFPR, Curitiba-PR, 2013. 136 p.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. *Motriz: Revista de Educação Física (Online)*, v. 15, p. 741-748, 2009.

CAVALCANTI, E. A. CAPRARO, A. M. SOUZA, D. L. Cai o pano: uma análise do encerramento da carreira de Ronaldo fenômeno a partir de duas mídias eletrônicas esportivas. *Movimento (UFRGS. Impresso)*, v. 17, p. 175-192, 2011.

CAVALCANTI, E. A. CAPRARO, A. M. Transferências internacionais no futebol: um estudo de caso comparativo entre os maiores clubes europeus e brasileiros. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 7, p. 3-15, 2015.

CAVICHIOILLI, F. R. CHELUCHINHAK, A. B. CAPRARO, A. M. MARCHI JUNIOR, W. MEZZADRI, F. M. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 631 – 647, out./dez. 2011.

COSTA, C. B. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. *História oral*, v. 17, n. 2, p. 47 – 67, jul. – dez. 2014.

DAMO, A. S. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre-RS, 2005. 435 p.

DAMO, A. S. Dom, amor e dinheiro no futebol espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.23, n. 66, fevereiro, 2008.

DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista História Oral*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 9 – 25, 2003.

DELGADO, L. A. N. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERREIRINHA, I. M. N. RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. RAP, Rio de Janeiro, 44(2), p. 367 – 383, Mar./Abr. 2010.

FINOTTI, M. A. Estilos de vida: uma contribuição ao estudo da segmentação de mercado. Dissertação (Mestrado em Administração) – Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, USP, São Paulo. 2004. 187 p.

FREITAS, C. M. S. M. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 3, p. 329–334, 2005.

GIULIANOTTI, R. Globalização cultural nas fronteiras: o caso do futebol escocês. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 39, p. 41-64, 2003.

GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano. 08, n. 13, 2008.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2013.

HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. Alceu, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

HELAL, R. SOARES, A. J. A invenção do país futebol: Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

JOUTARD, P. Reconciliar história e memória? In: Escritos Um. Revista da Casa de Rui Barbosa, ano 1, nº 1, 2007.

LE GOFF, J. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo história oral e memória. Cadernos CERU, n. 5, p. 52 – 60, 1994.

MONTENEGRO, A. T. História oral e memória: a cultura popular revisitada. 6º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NEGREIROS, P. J. L. C. A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40. Tese (Doutorado em história) – Departamento de história, PUC, São Paulo. 1998. 341 p.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: São Paulo, n. 10, p. 7 – 28, dez. 1993.

PASSERINI, L. A memória entre política e emoção. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PATAI, D. História oral, feminismo e política. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos históricos, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3 – 15, 1989.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo: Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, A. Ensaios de história oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010a.

PORTELLI, A. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, A. História oral italiana: raízes de um paradoxo. Revista tempos históricos, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 2, 2008.

PORTELLI, A. História oral e poder. Mnemosine: Rio de Janeiro, v.6, n. 2, p. 02-13, 2010b.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. Projeto História, n.14 p.25 – 39, fevereiro, 1997.

PRONI, M. W. Esporte – espetáculo e futebol – empresa. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1998. 275 p.

RÚBIO, K. O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SCHMIDT, M. L. S. MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, 4(1/2), p. 285 – 298, 1993.

SILVA, W. C. L. Biografias: construção e reconstrução da memória. *Fronteiras*, Dourados-MS, v. 11, n. 20, p. 151 – 166, jul. – dez. 2009.

SMITH, R. C. Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

SMITH, R. C. História oral na historiografia: autoria na história. *História oral*, v. 13, n. 1, p. 23 – 32, jan. – jun. 2010.

SOARES, A. J. G. MELO, L. B. S. DA COSTA, F. R. BARTHOLO, T. L. BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011

SOUZA, J. O “esporte das multidões” no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais. 2014. 432 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Curitiba, UFPR, 2014.

SZEREMETA, T. P. GONÇALVES, C. E. B. CAPRARO, A. M. SILVA, C. L. CAVICHIOILLI, F. R. O talento no futebol na perspectiva da bibliografia brasileira. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 18, n. 2, abr./jun. 2015.

THOMPSON, P. A voz do passado. São Paulo: Paz e terra, 1992.

TOLEDO, L. H. Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, USP, São Paulo. 2000. 348 p.

TONINI, M. D. Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, USP, São Paulo. 2010. 432f.

## GLOSSÁRIO

**CAMPO:** são âmbitos de socialização e sociabilidade nos quais se associam os agentes que voluntaria ou involuntariamente participam dos jogos políticos, econômicos e simbólicos que se organizam ao redor de determinados interesses (BOURDIEU, 2003).

**CAPITAL SIMBÓLICO:** O capital simbólico não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio (BOURDIEU, 1992).

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL:** O conceito de representação social situa-se nas fronteiras entre a sociologia e a psicologia. A origem provém do termo “representação coletiva”, desenvolvido por Durkheim. Este sociólogo teorizou que as categorias básicas do pensamento teriam origem na sociedade, e que o conhecimento só poderia ser encontrado na experiência social, ou seja, a vida social seria a condição de todo pensamento organizado e vice-versa (ALEXANDRE, 2004).

**ESTILO DE VIDA:** Pode-se traduzir como “um distintivo, ainda que reconhecível, modo de vida”. Essa definição carrega em si a “expressão” – no sentido de exprimir – isto é, ela tem que ser expressa caso contrário não poderia ser “reconhecida”. Também pode-se evidenciar que a “escolha entre alternativas” é incluída pela possibilidade de ser distintivo, isto é, de diferenciar um elemento dos demais. A partir desta definição, parece ser razoável inferir que, pelo menos do ponto de vista sociológico, o estilo de vida é observável, ou seja, dedutível por observação. Portanto, a partir da teoria sociológica, o Estilo de Vida consiste em comportamentos expressivos e que são observáveis (FINOTTI, 2004).

**RELAÇÕES DE PODER:** [...] a palavra poder, na esfera social, seja pelo indivíduo ou instituição, se define como “a capacidade de este conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou influência. O poder é a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter certo resultado (...)” (Blackburn, 1997: 301). Muito embora, de acordo com o autor, esse poder possa ser exercido de forma consciente ou não, e/ou, frequentemente, exercido de forma deliberada (FERREIRINHA, RAITZ, 2010).

## ANEXOS



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Nós, Professor Dr.º André Mendes Capraro e Everton de Albuquerque Cavalcanti, vinculados à Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) a participar de um estudo intitulado "Nem tudo que reluz é ouro": histórias de jogadores de futebol, subordinado ao projeto "QUE TEMPO BOM...NAQUELA ÉPOCA...: PERSCRUTANDO AS MEMÓRIAS E AS NARRATIVAS DO ESPORTE". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre os esportes.

a) O objetivo desta pesquisa é descrever e problematizar, por meio dos procedimentos metodológicos da História Oral híbrida ou pura, a maneira como atletas, técnicos, dirigentes e afins constroem uma memória sobre as suas respectivas experiências. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados.

b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, serão utilizados roteiros de entrevistas, abertos e fechados, com questões previamente estabelecidas, o que, no entanto, não impede a possibilidade de inserção de outras perguntas não previstas nos roteiros. O tempo estimado de duração das entrevistas será previamente combinado com os participantes da pesquisa.

c) Os locais e as datas de realização das entrevistas serão decididos conjuntamente com os pesquisadores, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade de escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para o registro das informações narradas, de preferência um local reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.

d) É possível que o(a) senhor(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada, os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento acerca do tema desta pesquisa são fundamentais para o avanço científico sobre o fenômeno esportivo, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio esporte.

f) O pesquisador Dr.º André Mendes Capraro, responsável por este projeto, docente do Programa de Pós-graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelo telefone (41) 9281-0910, ou pelo e-mail andrecapraro@onda.com.br. O grupo de pesquisadores vinculados a este processo, pode ser encontrado no Departamento de

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

*Diogo*



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, localizado na Rua Coração de Maria, n.º 92, BR 116 Km 95 – Cep.: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.

g) Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH, mediante ao parecer consubstanciado número 1.469.110. A inscrição do projeto junto ao CONEP (Comitê Nacional de Ética em Pesquisa) pode ser localizada no site "Plataforma Brasil" a partir do número de registro: 51225615.5.0000.5540. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH: cep\_ih@unb.br.

h) A sua participação neste estudo é voluntária e caso o(a) senhor(a) deseje não fazer mais parte desta pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

i) Seu nome e o conteúdo da gravação ou filmagem de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico, o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.

j) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para modificar, retirar e/ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhor(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação ou filmagem.

k) O(A) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.

l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e, pela sua participação no estudo, o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro ou outro benefício.

m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação ou filmagem de sua entrevista ficará sob a guarda do pesquisador Professor Dr.º André Mendes Capraro, junto ao Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (CEMEDEF/UFPR), por um período de dez (10) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise de conteúdo de entrevista transcrita.

n) Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

*Diogo<sup>2</sup>*





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



o) Autorizo, portanto, através deste, a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação as mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Eu, Diogo Soares Gomes, li e compreendi a natureza e os objetivos deste estudo, do qual concordei livremente em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios inerentes a minha participação. Eu estou ciente que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☒ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "i" e "o" deste termo).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, 01 de setembro de 2016

Diogo Soares Gomes  
(Assinatura do Participante)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Pesquisador)

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

Diogo





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Nós, Professor Dr.º André Mendes Capraro e Everton de Albuquerque Cavalcanti, vinculados à Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) a participar de um estudo intitulado "Nem tudo que reluz é ouro": histórias de jogadores de futebol, subordinado ao projeto "QUE TEMPO BOM...NAQUELA ÉPOCA...: PERSCRUTANDO AS MEMÓRIAS E AS NARRATIVAS DO ESPORTE". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre os esportes.

a) O objetivo desta pesquisa é descrever e problematizar, por meio dos procedimentos metodológicos da História Oral híbrida ou pura, a maneira como atletas, técnicos, dirigentes e afins constroem uma memória sobre as suas respectivas experiências. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados.

b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, serão utilizados roteiros de entrevistas, abertos e fechados, com questões previamente estabelecidas, o que, no entanto, não impede a possibilidade de inserção de outras perguntas não previstas nos roteiros. O tempo estimado de duração das entrevistas será previamente combinado com os participantes da pesquisa.

c) Os locais e as datas de realização das entrevistas serão decididos conjuntamente com os pesquisadores, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade de escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para o registro das informações narradas, de preferência um local reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.

d) É possível que o(a) senhor(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada, os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento acerca do tema desta pesquisa são fundamentais para o avanço científico sobre o fenômeno esportivo, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio esporte.

f) O pesquisador Dr.º André Mendes Capraro, responsável por este projeto, docente do Programa de Pós-graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelo telefone (41) 9281-0910, ou pelo e-mail andrecapraro@onda.com.br. O grupo de pesquisadores vinculados a este processo, pode ser encontrado no Departamento de

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

*[Assinatura]*  
1



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, localizado na Rua Coração de Maria, n.º 92, BR 116 Km 95 – Cep.: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.

g) Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH, mediante ao parecer consubstanciado número 1.469.110. A inscrição do projeto junto ao CONEP (Comitê Nacional de Ética em Pesquisa) pode ser localizada no site "Plataforma Brasil" a partir do número de registro: 51225615.5.0000.5540. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH: cep\_ih@unb.br.

h) A sua participação neste estudo é voluntária e caso o(a) senhor(a) deseje não fazer mais parte desta pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

i) Seu nome e o conteúdo da gravação ou filmagem de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico, o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.

j) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para modificar, retirar e/ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhor(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação ou filmagem.

k) O(A) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.

l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e, pela sua participação no estudo, o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro ou outro benefício.

m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação ou filmagem de sua entrevista ficará sob a guarda do pesquisador Professor Dr.º André Mendes Capraro, junto ao Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (CEMEDEF/UFPR), por um período de dez (10) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise de conteúdo de entrevista transcrita.

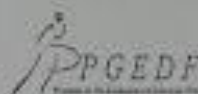
n) Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a), responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

2



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



O) Autorizo, portanto, através deste, a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação às mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Eu, Marcos Vinicius Tuxen, li e compreendi a natureza e os objetivos deste estudo, do qual concordei livremente em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios inerentes à minha participação. Eu estou ciente que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☐ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "f" e "o" deste termo).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba 25 de junho de 2016

Marcos Vinicius Tuxen   
(Assinatura do Participante)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Pesquisador)

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEPH  
Universidade de Brasília - Campus Universitário Darcy Ribeiro - Instituto Central de Ciências (ICC) - Centro -  
Mezanino - Departamento de Serviço Social, Sala B1 223  
Telefone: (61) 3397-2792  
e-mail: cep\_h@unb.br

*[Handwritten signature]*





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Nós, Professor Dr.º André Mendes Capraro e Everton de Albuquerque Cavalcanti, vinculados à Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) a participar de um estudo intitulado "Nem tudo que reluz é ouro": histórias de jogadores de futebol, subordinado ao projeto "QUE TEMPO BOM...NAQUELA ÉPOCA...: PERSCRUTANDO AS MEMÓRIAS E AS NARRATIVAS DO ESPORTE". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre os esportes.

a) O objetivo desta pesquisa é descrever e problematizar, por meio dos procedimentos metodológicos da História Oral híbrida ou pura, a maneira como atletas, técnicos, dirigentes e afins constroem uma memória sobre as suas respectivas experiências. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados.

b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, serão utilizados roteiros de entrevistas, abertos e fechados, com questões previamente estabelecidas, o que, no entanto, não impede a possibilidade de inserção de outras perguntas não previstas nos roteiros. O tempo estimado de duração das entrevistas será previamente combinado com os participantes da pesquisa.

c) Os locais e as datas de realização das entrevistas serão decididos conjuntamente com os pesquisadores, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade de escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para o registro das informações narradas, de preferência um local reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.

d) É possível que o(a) senhor(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada, os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento acerca do tema desta pesquisa são fundamentais para o avanço científico sobre o fenômeno esportivo, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio esporte.

f) O pesquisador Dr.º André Mendes Capraro, responsável por este projeto, docente do Programa de Pós-graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelo telefone (41) 9281-0910, ou pelo e-mail [andrecapraro@onda.com.br](mailto:andrecapraro@onda.com.br). O grupo de pesquisadores vinculados a este processo, pode ser encontrado no Departamento de

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: [cep\\_ih@unb.br](mailto:cep_ih@unb.br)



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, localizado na Rua Coração de Maria, n.º 92, BR 116 Km 95 – Cep.: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.

g) Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH, mediante ao parecer consubstanciado número 1.469.110. A inscrição do projeto junto ao CONEP (Comitê Nacional de Ética em Pesquisa) pode ser localizada no site "Plataforma Brasil" a partir do número de registro: 51225615.5.0000.5540. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH: cep\_ih@unb.br.

h) A sua participação neste estudo é voluntária e caso o(a) senhor(a) deseje não fazer mais parte desta pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

i) Seu nome e o conteúdo da gravação ou filmagem de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico, o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.

j) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para modificar, retirar e/ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhor(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação ou filmagem.

k) O(A) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.

l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e, pela sua participação no estudo, o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro ou outro benefício.

m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação ou filmagem de sua entrevista ficará sob a guarda do pesquisador Professor Dr.º André Mendes Capraro, junto ao Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (CEMEDEF/UFPR), por um período de dez (10) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise de conteúdo de entrevista transcrita.

n) Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

2





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



o) Autorizo, portanto, através deste, a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação as mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Eu, Raul Guilherme Martins, li e compreendi a natureza e os objetivos deste estudo, do qual concordei livremente em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios inerentes a minha participação. Eu estou ciente que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☐ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "i" e "o" deste termo).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Amélia, 24 de maio de 2016

Raul G. Martins  
(Assinatura do Participante)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Pesquisador)

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

②



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Nós, Professor Dr.º André Mendes Capraro e Everton de Albuquerque Cavalcanti, vinculados à Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) a participar de um estudo intitulado "Nem tudo que reluz é ouro": histórias de jogadores de futebol, subordinado ao projeto "QUE TEMPO BOM...NAQUELA ÉPOCA...: PERSCRUTANDO AS MEMÓRIAS E AS NARRATIVAS DO ESPORTE". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre os esportes.

- a) O objetivo desta pesquisa é descrever e problematizar, por meio dos procedimentos metodológicos da História Oral híbrida ou pura, a maneira como atletas, técnicos, dirigentes e afins constroem uma memória sobre as suas respectivas experiências. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados.
- b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, serão utilizados roteiros de entrevistas, abertos e fechados, com questões previamente estabelecidas, o que, no entanto, não impede a possibilidade de inserção de outras perguntas não previstas nos roteiros. O tempo estimado de duração das entrevistas será previamente combinado com os participantes da pesquisa.
- c) Os locais e as datas de realização das entrevistas serão decididos conjuntamente com os pesquisadores, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade de escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para o registro das informações narradas, de preferência um local reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.
- d) É possível que o(a) senhor(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada, os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.
- e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento acerca do tema desta pesquisa são fundamentais para o avanço científico sobre o fenômeno esportivo, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio esporte.
- f) O pesquisador Dr.º André Mendes Capraro, responsável por este projeto, docente do Programa de Pós-graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelo telefone (41) 9281-0910, ou pelo e-mail andrecapraro@onda.com.br. O grupo de pesquisadores vinculados a este processo, pode ser encontrado no Departamento de

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/HH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

1





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, localizado na Rua Coração de Maria, n.º 92, BR 116 Km 95 – Cep.: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.

g) Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH, mediante ao parecer consubstanciado número 1.469.110. A inscrição do projeto junto ao CONEP (Comitê Nacional de Ética em Pesquisa) pode ser localizada no site "Plataforma Brasil" a partir do número de registro: 51225615.5.0000.5540. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH: cep\_ih@unb.br.

h) A sua participação neste estudo é voluntária e caso o(a) senhor(a) deseje não fazer mais parte desta pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

i) Seu nome e o conteúdo da gravação ou filmagem de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico, o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.

j) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para modificar, retirar e/ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhor(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação ou filmagem.

k) O(A) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.

l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e, pela sua participação no estudo, o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro ou outro benefício.

m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação ou filmagem de sua entrevista ficará sob a guarda do pesquisador Professor Dr.º André Mendes Capraro, junto ao Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (CEMEDEF/UFPR), por um período de dez (10) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise de conteúdo de entrevista transcrita.

n) Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



o) Autorizo, portanto, através deste, a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação as mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Eu, Rafael Fúlton Sperotto, li e compreendi a natureza e os objetivos deste estudo, do qual concordei livremente em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios inerentes a minha participação. Eu estou ciente que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☒ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "i" e "o" deste termo).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, 18 de maio de 2016

(Assinatura do Participante)

(Assinatura do Pesquisador)

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Nós, Professor Dr.º André Mendes Capraro e Everton de Albuquerque Cavalcanti, vinculados à Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o senhor(a) a participar de um estudo intitulado "Nem tudo que reluz é ouro": histórias de jogadores de futebol, subordinado ao projeto "QUE TEMPO BOM...NAQUELA ÉPOCA...: PERSCRUTANDO AS MEMÓRIAS E AS NARRATIVAS DO ESPORTE". Trata-se de uma pesquisa que será realizada por meio de entrevistas, nas quais serão narradas as memórias sobre os esportes.

a) O objetivo desta pesquisa é descrever e problematizar, por meio dos procedimentos metodológicos da História Oral híbrida ou pura, a maneira como atletas, técnicos, dirigentes e afins constroem uma memória sobre as suas respectivas experiências. Tal estudo será realizado a partir de entrevistas e também por meio de uma discussão histórica sobre as memórias dos entrevistados.

b) Caso o(a) senhor(a) participe da pesquisa, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, serão utilizados roteiros de entrevistas, abertos e fechados, com questões previamente estabelecidas, o que, no entanto, não impede a possibilidade de inserção de outras perguntas não previstas nos roteiros. O tempo estimado de duração das entrevistas será previamente combinado com os participantes da pesquisa.

c) Os locais e as datas de realização das entrevistas serão decididos conjuntamente com os pesquisadores, entretanto, o(a) senhor(a) tem a prioridade de escolha. Sugere-se preferencialmente que a entrevista seja realizada em um ambiente que propicie boas condições para o registro das informações narradas, de preferência um local reservado que impeça interrupções e outras distrações que atrapalhem a sua concentração.

d) É possível que o(a) senhor(a) experimente algum desconforto, principalmente ao narrar experiências difíceis e desagradáveis pelas quais passou. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) poderá comunicar ao pesquisador no decorrer da entrevista, ou mesmo de forma antecipada, os temas sobre os quais prefere não falar, sem que isso afete o andamento natural da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras e/ou incômodos que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.

e) O(A) senhor(a) não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. No entanto, sua experiência e conhecimento acerca do tema desta pesquisa são fundamentais para o avanço científico sobre o fenômeno esportivo, podendo servir inclusive como um possível referencial teórico para futuros trabalhos, beneficiando a sua memória e a do próprio esporte.

f) O pesquisador Dr.º André Mendes Capraro, responsável por este projeto, docente do Programa de Pós-graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, pode ser contatado pelo telefone (41) 9281-0910, ou pelo e-mail andrecapraro@onda.com.br. O grupo de pesquisadores vinculados a este processo, pode ser encontrado no Departamento de

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br





Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Educação Física, da Universidade Federal do Paraná, localizado na Rua Coração de Maria, n.º 92, BR 116 Km 95 – Cep.: 80215-370, Jardim Botânico, Curitiba-PR.

g) Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH, mediante ao parecer consubstanciado número 1.469.110. A inscrição do projeto junto ao CONEP (Comitê Nacional de Ética em Pesquisa) pode ser localizada no site “Plataforma Brasil” a partir do número de registro: 51225615.5.0000.5540. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH: cep\_ih@unb.br.

h) A sua participação neste estudo é voluntária e caso o(a) senhor(a) deseje não fazer mais parte desta pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

i) Seu nome e o conteúdo da gravação ou filmagem de sua entrevista poderão ser divulgados em relatórios e publicações de caráter científico. Entretanto, caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, há no final deste termo de consentimento livre e esclarecido, um campo específico, o qual deve ser assinalado a fim de garantir a confidencialidade de sua identidade por meio da publicação codificada de qualquer dado ou informação concedida no decorrer de sua entrevista.

j) Após a transcrição de sua entrevista, o(a) senhor(a) terá acesso a esse documento para conferir as informações, com total liberdade para modificar, retirar e/ou acrescentar novos dados. Caso o(a) senhor(a) ou os pesquisadores acreditem ser necessário uma nova entrevista para complementar os dados já fornecidos ou para substituir os dados da entrevista anterior, um novo encontro poderá ser agendado de acordo com a sua disponibilidade para a realização de uma nova gravação ou filmagem.

k) O(A) senhor(a) poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelos pesquisadores.

l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e, pela sua participação no estudo, o(a) senhor(a) não receberá qualquer valor em dinheiro ou outro benefício.

m) O armazenamento das informações decorrentes da gravação ou filmagem de sua entrevista ficará sob a guarda do pesquisador Professor Dr.º André Mendes Capraro, junto ao Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (CEMEDEF/UFPR), por um período de dez (10) anos, contados a partir da data de sua autorização de uso, após a análise de conteúdo de entrevista transcrita.

n) Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



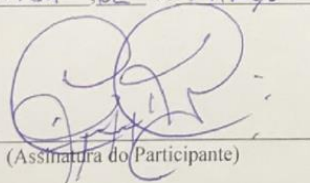
o) Autorizo, portanto, através deste, a utilização de meus dados (nome, etc.) bem como das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentação em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação as mesmas, pois reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho e os pesquisadores se comprometem a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito também, que os pesquisadores mantenham sob sua custódia as informações por mim fornecidas, e acordo desde já, que em caso de uma nova pesquisa ou o interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante a minha autorização formal.

Eu, GABRIEL CRISTONI LEITE, li e compreendi a natureza e os objetivos deste estudo, do qual concordei livremente em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios inerentes a minha participação. Eu estou ciente que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

☐ Solicito anonimato na publicação de meu nome ou de qualquer informação que possa revelar minha identidade ou me expor publicamente. (Ao assinalar este item fica resguardada a confidencialidade de seus dados, independente do disposto nos itens "i" e "o" deste termo).

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, 02 de Março de 2017

  
(Assinatura do Participante)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Pesquisador)

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH  
Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Instituto Central de Ciências (ICC) – Centro –  
Mezanino – Departamento de Serviço Social, Sala B1 683  
Telefone: (61) 3307-2760  
e-mail: cep\_ih@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** QUE TEMPO BOM...NAQUELA ÉPOCA...: perscrutando as memórias e as narrativas do esporte

**Pesquisador:** André Mendes Capraro

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 51225615.5.0000.5540

**Instituição Proponente:** Instituto de Ciências Humanas/UNB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.469.110

**Apresentação do Projeto:**

Nesse projeto, abordar-se-á o esporte manifesto pelas fontes orais, partindo de procedimentos teórico-metodológicos da História Oral, que, em suma, pode contribuir em uma perspectiva diferente das análises históricas tradicionais de fontes pré-existentis. A História Oral pode contribuir de forma singular, proporcionando até mesmo a construção de novas possibilidades de se olhar um determinado fenômeno esportivo, contribuindo assim para mudanças na realidade social do objeto estudado e atribuindo uma visão diferenciada da proposta pelos documentos oficiais, que geralmente permealas as pesquisas na história do esporte. Neste sentido, objetiva-se, nessa proposta, descrever e problematizar, por meio dos procedimentos metodológicos da História Oral híbrida ou pura, a maneira como atletas, técnicos, dirigentes e afins constroem uma memória sobre as suas respectivas experiências.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Geral:** Descrever e problematizar, por meio dos procedimentos metodológicos da História Oral híbrida ou pura, a maneira como atletas, técnicos, dirigentes e afins constroem uma memória sobre as suas respectivas experiências.

**Específicos:** Pesquisar o esporte em congruência com as Ciências Humanas a partir memória de agentes que vivenciaram ou testemunharam fatos/momentos históricos significativos. Debater o

**Endereço:** CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC - ALA NORTE - MEZANINO - SALA B1 - 606 (MINHOÇÃO)  
**Bairro:** ASA NORTE **CEP:** 70.910-000  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3307-2760 **E-mail:** ihd@unb.br



INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Continuação do Parecer: 1.469.110

uso dos relatos orais como material de análise e as principais matrizes teóricas da metodologia denominada História Oral. Diagnosticar o estado da arte dos estudos referentes ao esporte que tenham como proposta metodológica central o uso da entrevista.

Entender o fenômeno esportivo de acordo com uma faceta diferenciada da apresentada pelos documentos oficiais e demais tipologias de fontes. Refletir sobre o conceito de memória de vida, partindo do pressuposto que os discursos, lembranças e esquecimentos, apontam não para a verdade, mas sim, para a exposição e ocultamento consciente e inconsciente de experiências vividas ou testemunhadas. Repensar o esporte a partir de estudos de caso, apropriando-se como recurso complementar à História Oral, os preceitos da Micro-História. Ampliar a compreensão do campo esportivo através da coleta de depoimentos de referências acadêmicas em práticas esportivas específicas e/ou no fenômeno esporte em seu sentido mais amplo. Historicizar os períodos delimitados nos subprojetos, partindo-se da premissa de que é necessário para melhor compreensão dos relatos orais obtidos com os agentes elencados.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O pesquisador apresenta riscos mínimos para os sujeitos. Os benefícios são visualizados do ponto de vista teórico.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa busca congrega um conjunto de objetivos, que serão desenvolvidos por pesquisadores de diferentes níveis. Trata-se de um projeto amplo, desenvolvido ao longo de anos e que apresenta uma abordagem teórica comum, mas recrutamento dos sujeitos de forma diferenciada para cada objetivo específico. Trata-se de um projeto que utilizará metodologias qualitativas de coleta de dados.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O pesquisador apresenta os termos previstos na Resolução CNS 466/12. Os termos não apresentados são justificados.

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O pesquisador atendeu as pendências emitidas no parecer anterior.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC L ALA NORTE L MEZANINO L SALA B1 L 606 (MINHOÇÃO)  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-000  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3307-2760 E-mail: ihd@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS**



Continuação do Parecer: 1.469.110

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_628787.pdf	28/03/2016 15:43:09		Aceito
Outros	CartaEsclarecimentos_Pendencias_Capraro.pdf	28/03/2016 15:42:19	Rafael Orlando de Oliveira	Aceito
Outros	CartaEncaminhamento_Corrigida_Capraro.pdf	28/03/2016 15:40:56	Rafael Orlando de Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoFinal_Corrigido_Capraro.pdf	28/03/2016 15:40:20	Rafael Orlando de Oliveira	Aceito
Cronograma	Cronograma_Corrigido_Capraro.pdf	28/03/2016 15:39:49	Rafael Orlando de Oliveira	Aceito
Outros	DeclaracaoOrientacaoRafael_Capraro.pdf	22/11/2015 15:32:36	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	DeclaracaoOrientacaoMaria_Capraro.pdf	22/11/2015 15:32:12	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	DeclaracaoOrientacaoEverton_Capraro.pdf	22/11/2015 15:31:50	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	Instrumentocoletadados_Justificativa_capraro.pdf	22/11/2015 15:29:36	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	folhaderosto_justificativa_capraro.pdf	22/11/2015 15:29:00	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	AnaliseMento2_Capraro.pdf	22/11/2015 15:28:17	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	AnaliseMento1_Capraro.pdf	22/11/2015 15:27:50	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	ExtratoAta_Capraro.pdf	22/11/2015 15:26:57	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	EncaminhamentoAtaAprovacao_Capraro.pdf	22/11/2015 15:26:36	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	LattesRafael_Capraro.pdf	22/11/2015 15:25:34	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	LattesMaria_Capraro.pdf	22/11/2015 15:25:06	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	LattesEverton_Capraro.pdf	22/11/2015 15:24:38	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	Lattes_Capraro.pdf	22/11/2015 15:24:07	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	CartaRevisaoEtica_Capraro.pdf	22/11/2015 15:22:55	André Mendes Capraro	Aceito
Outros	TermodeAceiteInstitucional_Capraro.pdf	22/11/2015 15:22:23	André Mendes Capraro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Capraro.pdf	22/11/2015 15:11:14	André Mendes Capraro	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Capraro.pdf	22/11/2015	André Mendes	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC L ALA NORTE L MEZANINO L SALA B1 L 608 (MINHOÇÃO)  
 Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-000  
 UF: DF Município: BRASÍLIA  
 Telefone: (61)3307-2760 E-mail: ihd@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Continuação do Parecer: 1.469.110

Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Capraro.pdf	15:09:35	Capraro	Acelto
----------------	--------------------------	----------	---------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASÍLIA, 29 de Março de 2016

Assinado por:

Livia Barbosa  
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - ICC L ALA NORTE L MEZANINO L SALA B1 L 606 (MINHOÇÃO)  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-000  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (61)3307-2760 E-mail: ihd@unb.br